

THAÍS NASCIMENTO DO VALE

**TRADUÇÃO COMENTADA DAS *AGUAFUERTES GALLEGAS* (1935), DE
ROBERTO ARLT**

ASSIS

2012

THAÍS NASCIMENTO DO VALE

**TRADUÇÃO COMENTADA DAS AGUAFUERTES GALLEGAS (1935), DE
ROBERTO ARLT**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Antonio Roberto Esteves

ASSIS

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

V149t Vale, Thaís Nascimento do
Tradução comentada das *Aguafuertes Gallegas* (1935), de Roberto Arlt / Thaís Nascimento do Vale. Assis, 2012
203 f.

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr Antonio Roberto Esteves

1. Arlt, Roberto, 1900-1942. 2. Literatura Argentina – crônicas. 3. Tradução e interpretação. 4. Galícia (Espanha : Região) – Descrição e viagens. I. Título.

CDD Ar860

THAÍS NASCIMENTO DO VALE

TRADUÇÃO COMENTADA DAS 'AGUAFUERTES
GALLEGAS' (1935), DE ROBERTO ARLT

Dissertação apresentada à Faculdade
de Ciências e Letras – UNESP para a
obtenção do título de Mestre em
LETRAS (Área de Conhecimento:
LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 29/11/2012

COMISSÃO EXAMINADORA


Presidente: PROF. DR. ANTONIO ROBERTO ESTEVES - UNESP/Assis


Membros: PROFA. DRA. MARIA ZULMA MORIONDO KULIKOWSKI - USP/São
Paulo


PROFA. DRA. MAIRA ANGÉLICA PANDOLFI - UNESP/Assis

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, pelo apoio, incentivo
e compreensão em todos os momentos.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof.^o Antonio Roberto Esteves, pela confiança depositada em mim desde o curso da graduação, pela oportunidade de realizar este trabalho no mestrado e, principalmente, pela orientação, dedicação e amizade.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro.

À coordenação, docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura e Vida Social, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis/SP, que de alguma forma participaram desta caminhada.

Aos professores Márcio Roberto Pereira, Karen Peña, Sandra Aparecida Ferreira e Maria Rosa Lojo pela contribuição intelectual por meio das disciplinas ministradas.

Às professoras da banca examinadora da qualificação e da defesa, Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari, Maira Angélica Pandolfi e Maria Zulma Moriondo Kulikowski, pela leitura atenta do trabalho e pelos comentários realizados, os quais contribuíram para o enriquecimento do mesmo.

À Prof.^a Jeane Mari Sant'Ana Spera, pela revisão atenciosa do texto final e pelas sugestões apresentadas.

Aos meus pais, Edna Nascimento do Vale e Severino do Vale, ao meu irmão e à minha cunhada, Salvano Nascimento do Vale e Erica Passarelli, e aos meus avós maternos, Eva Gonçalves Nascimento e José Acir Nascimento, pelo carinho e apoio irrestrito.

Aos amigos, Brena Carla Martins dos Santos Nagao, Helton Marques e Rafaela Marques Rafael, pela amizade e pelas discussões durante o percurso empreendido.

“El hábito de viajar despierta una insaciabilidad de paisaje, necesidad compuesta de llegar y partir, y un solo miedo: quedarse.”

Roberto Arlt (1900-1942)

VALE, T. N. **TRADUÇÃO COMENTADA DAS AGUAFUERTES GALLEGAS (1935), DE ROBERTO ARLT**. 2012. 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

RESUMO

Esta dissertação consiste na tradução comentada do volume de crônicas *Aguafuertes Gallegas* (1935), de Roberto Arlt (1900-1942), um dos mais importantes e representativos escritores argentinos do século XX, que revolucionou a literatura da época, tanto no que se refere ao tratamento que dava às questões sociais e políticas como estéticas de sua obra. Arlt possui uma extensa produção literária, na qual encontramos contos, romances, peças de teatro, etc., no entanto, foi através das publicações em sua coluna diária, no jornal *El Mundo*, a partir de 1928, que ganhou notoriedade como escritor-jornalista. Tais textos se inserem no âmbito das narrativas de extração histórica (Trouche, 2006), uma vez que misturam uma série de tipos de narrativa que mantêm uma estreita relação com a intenção de reproduzir a realidade, tais como a crônica jornalística e o relato de viagem.

Em 1935, Arlt viaja à Espanha para acompanhar a tensa situação política que vivia aquele país nos primeiros anos de República, retornando à Argentina dois meses antes de estourar a Guerra Civil Espanhola. Resultado dessa visita são as vinte e sete águas-fortes que Arlt escreveu sobre a Galiza, região localizada no norte da Espanha, e que foram publicadas no jornal *El Mundo*, de Buenos Aires, de 19 de setembro a 3 de novembro de 1935. Compõe este trabalho um estudo introdutório sobre a vida e a obra do escritor, bem como comentários acerca dos textos traduzidos, as águas-fortes galegas na versão original e o texto traduzido ao português, acompanhado das notas sempre que necessárias para uma melhor compreensão dos textos.

Palavras Chaves: Roberto Arlt; *Aguafuertes gallegas*; tradução literária; literatura argentina.

VALE, T. N. **TRADUCCIÓN COMENTADA DE LAS AGUAFUERTE GALLEGAS (1935), DE ROBERTO ARLT**. 2012. 203 h. Disertación (Máster en Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

RESUMEN

Esta disertación consiste en la traducción comentada del volumen de crónicas *Aguafuertes Gallegas* (1935), de Roberto Arlt (1900-1942), un de los más importantes y representativos escritores argentinos del siglo XX. Arlt posee una extensa producción literaria en la cual encontramos cuentos, novelas, piezas teatrales, etc., sin embargo, fue a través de las publicaciones en su columna diaria, en el jornal *El Mundo*, a partir de 1928, que ganó notoriedad como escritor-periodista. Esos textos se insertan en el ámbito de las narrativas de extracción histórica (Trouche, 2006), una vez que mezclan una serie de tipos de narrativas que mantienen una estrecha relación con la intención de reproducir la realidad, tales como la crónica periodística y el relato de viaje.

En 1935, Arlt viaja a España para seguir de cerca la tensa situación política que vivía aquel país en los primeros años de República, retornando a Argentina dos meses antes del estallido de la Guerra Civil Española. Resultado de esa visita son las veinte siete aguafuertes que Arlt escribió sobre Galiza, región localizada en el norte de España, y que fueran publicadas en *El Mundo*, de Buenos Aires, de 19 de septiembre a 3 de noviembre de 1935. Compone este trabajo un estudio introductorio sobre la vida y la obra del escritor, así como comentarios acerca de los textos traducidos, y las aguafuertes gallegas en original y el texto traducido al portugués, acompañado de las notas siempre que necesarias para una mejor comprensión de los textos.

Palabras-clave: Roberto Arlt; *Aguafuertes gallegas*; traducción literaria; literatura argentina.

SUMÁRIO

1. ESTUDO INTRODUTÓRIO.....	10
1.1 ROBERTO ARLT: VIDA E OBRA.....	10
1.1.1 Nota biográfica.....	10
1.1.2 A obra arltiana.....	11
1.1.3 O escritor-jornalista.....	16
1.2 AGUAFUERTES GALLEGAS.....	22
1.2.1 A viagem à Europa.....	22
1.2.2 Vigo: séria e trabalhadora.....	25
1.2.3 Pontevedra: comercialmente morta.....	30
1.2.4 Santiago de Compostela: taciturna, secular, episcopal.....	32
1.2.5 Betanzos: festiva, semimarinheira e camponesa.....	33
1.2.6 A Coruña: cosmopolita e jovial.....	35
1.2.7 Percurso concluído.....	35
 2. A PRESENTE TRADUÇÃO.....	 37
 3. AGUAFUERTES GALLEGAS EM ESPANHOL / ÁGUAS-FORTES GALEGAS EM PORTUGUÊS.....	 42-43
3.1 Vigo, ciudad / Vigo, cidade.....	44-45
3.2 A lo largo del Miño / Ao longo do Minho.....	50-51
3.3 El gallego como trabajador del mar / O galego como trabalhador do mar.....	56-57
3.4 El encanto del paisaje gallego / O encanto da paisagem galega.....	62-63
3.5 Los fantasmas en el paisaje gallego / Os fantasmas na paisagem galega.....	68-69
3.6 El trabajo de la mujer en el norte / O trabalho da mulher no norte.....	74-75
3.7 Pontevedra, la solitaria / Pontevedra, a solitária.....	80-81
3.8 Trabajador gallego en campo americano / Trabalhador galego em campo americano.....	86-87
3.9 Apuntes marginales a Galicia / Apontamentos marginais à Galiza.....	92-93
3.10 Santiago de Compostela / Santiago de Compostela.....	96-97
3.11 El sepulcro de piedra / O sepulcro de pedra.....	102-103
3.12 Reminiscencias de Compostela / Reminiscências de Compostela.....	108-109
3.13 La campesina gallega / A camponesa galega.....	114-115

3.14 “El Pórtico de la Gloria” / “O Pórtico da Glória”	120-121
3.15 Fortalezas de la desesperación / Fortalezas de desespero.....	126-127
3.16 La vida paralizada I / A vida paralisada I.....	130-131
3.17 La vida paralizada II / A vida paralisada II.....	136-137
3.18 La ciudad de Betanzos / A cidade de Betanzos.....	140-141
3.19 Los benefactores de Galicia / Os benfeitores da Galiza.....	146-147
3.20 El ferial de Betanzos / A Feira de Betanzos.....	152-153
3.21 Ferial de Betanzos / Feira de Betanzos.....	158-159
3.22 Betanzos se divierte / Betanzos se diverte.....	164-165
3.23 La fiesta de los “Caneiros” / A festa dos “Caneiros”.....	170-171
3.24 La alegría de Betanzos / A alegría de Betanzos.....	176-177
3.25 La Coruña / A Coruña.....	182-183
3.26 “La Torre de Hércules” / “A Torre de Hércules”.....	188-189
3.27 Aspectos de la vida en La Coruña / Aspectos da vida em A Coruña.....	194-195

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	200
--	------------

1. ESTUDO INTRODUTÓRIO

1.1 ROBERTO ARLT: VIDA E OBRA

1.1.1 NOTA BIOGRÁFICA

No início do século XX, a cidade de Buenos Aires, com suas ruas retas, símbolo de modernidade, configura-se como destino de imigrantes vindos da Europa, principalmente espanhóis e italianos. Neste período, cerca de metade de sua população é estrangeira, dentre a qual figuram Carlos Arlt, de Posen, desertor do exército prussiano, e Catalina Iobstraibitzer, de Trieste, que no dia 26 de abril de 1900, deu à luz um menino, em *La Piedad* 677, na cidade de Buenos Aires: Roberto Arlt. Em 1903, nasce sua irmã, Luisa.

Arlt cresceu no bairro burguês San José de Flores, onde teve uma infância pobre. Desde a implantação da Lei 1.420 de 1884, o ensino primário era laico, gratuito e obrigatório na Argentina. Desta forma o Estado não só garantia a instrução básica a todos os argentinos, mas também a integração e nacionalização de filhos de estrangeiros (ROMERO, 2006). Embora Arlt afirmasse em suas autobiografias que tinha cursado até o terceiro ano da escola primária, o escritor chegou a concluir o quinto ano, que no sistema escolar argentino corresponde ao penúltimo ano do primário, aos catorze anos, quando dá por finalizado seus estudos.

Em muitas ocasiões, Arlt revela em sua obra a condição de leitor ávido, seja através de citações de escritores e obras, ou ainda quantificando os livros que leu: “comecei a ler romances aos 12 anos, tenho 28. Desta forma, faz dezesseis anos que leio uma média de cinquenta ao ano, o que significa seiscientos romances. Li muito mais, mas isto é o mínimo.”¹ (ARLT *apud* SAÍTTA, 2000, p. 62, tradução nossa). De fato, Arlt era um leitor voraz, e seu interesse incluía desde os clássicos aos folhetins, manuais e cadernos esotéricos. Nesse período, frequenta também as tertúlias literárias do bairro e numa delas conhece Conrado Nalé Roxlo, amizade que manterá por toda sua vida.

¹ “He empezado a leerlas a los 12 años, tengo 28. Así que hace dieciséis años que leo a un término de medio de cincuenta libros al año, lo cual significa seiscientos novelas. He leído muchas más, pero esto es el mínimo.” (ARLT *apud* SAÍTTA, 2000, p. 62)

Mais difícil, porém, que sua infância, foi sua adolescência. Arlt não se entendia bem com seu pai, que o expulsa de casa aos dezesseis anos. Neste período, Arlt desempenha diversas funções, como relata em uma de suas notas jornalísticas:

Houve uma época em que a vida foi dura para mim, e fiz, sucessivamente, o trabalho de vendedor de livraria, aprendiz de latoeiro, aprendiz de pintor, mecânico e vulcanizador. Dirigi uma fábrica de tijolos, depois fui, cronologicamente, corretor, diretor de um jornaleco e trabalhador no porto.” (ARLT *apud* SAÍTTA, 1999, p. 20, tradução nossa)²

Em 1920 Arlt se dirige a Córdoba, onde permanece por quatro anos. Nesse período, cumpre o serviço militar, conhece e casa-se com Carmen Antinucci em 1922, e em 1923 nasce sua filha, Mirta Electra Arlt.

Arlt já vinha publicando alguns artigos em revistas e jornais como *Don Goyo* e *Crítica*, quando tem seu primeiro livro, *El juguete rabioso*, publicado em 1926. Dois anos mais tarde começa a escrever suas notas diárias para o jornal *El Mundo*, para o qual colaboraria até o momento de sua morte.

Em maio de 1939 Arlt conhece Elizabeth Mary Shine, secretária do diretor da revista *El Hogar*, León Bouché. Arlt resolve dar início aos tramites de seu divórcio com Carmen, de quem já está separado há muitos anos, e que acaba morrendo em março de 1940. No ano seguinte Arlt se casa com Elizabeth no Uruguai. Roberto Arlt morre no dia 26 de julho de 1942. Meses depois nasce seu segundo filho, Roberto Arlt.

1.1.2 A OBRA ARLTIANA

A bibliografia de Roberto Arlt é bastante variada e inclui desde romances e contos a obras teatrais e crônicas jornalísticas. Segundo sua própria informação, ele escreveu seu primeiro conto aos oito anos e o vendeu por cinco pesos a Joaquim Costa, vizinho do bairro de Flores, “certa ou não, a história revela uma precisa e nada romântica vinculação entre literatura e dinheiro: esses cinco pesos ganhados com um conto funcionam como a fábula de

² “Hubo una época en que la vida fue dura para mí, e hice, sucesivamente, los trabajos de dependiente de librería, aprendiz de hojalatero, aprendiz de pintor, mecánico y vulcanizador. He dirigido una fábrica de ladrillos; después fui, cronológicamente, corredor, director de un periodicucho y trabajador en el puerto.” (ARLT *apud* Saíttá, 1999, p. 20)

origem de uma literatura pensada para o mercado e legitimada por ele.”³ (SAÍTTA, 2000, p. 17, tradução nossa). De fato, a relação entre escrever e receber por isso marcará toda a sua trajetória, principalmente no que se refere às produções jornalísticas, tendo em vista a necessidade de produção da nota diária, da qual o escritor irá reclamar em algumas ocasiões.

Seu primeiro conto, “*Jehová*”, é publicado em 1918 na *Revista Popular* (Nº 26, de 24 de junho de 1918) dirigida por Juan José de Soiza Reilly. Em 1919, o autor começa a escrever seu primeiro romance e, no ano seguinte, no dia 28 de janeiro, publica o ensaio “*Las ciencias ocultas en la ciudad de Buenos Aires*”, na *Tribuna Libre* (Nº 63, de 28 de janeiro), dirigida por Ernesto León Odena. Segundo Saítta, “*Las ciencias ocultas* é também uma espécie de autobiografia ficcional na qual Arlt narra uma experiência pessoal e exhibe uma privação cultural e uma ausência de formação intelectual que legitime sua literatura.”⁴ (2000, p. 22, tradução nossa). Em janeiro de 1922, Arlt publica o relato intitulado “*Recuerdos del adolescente*”, fragmento do primeiro capítulo de *El juguete rabioso*, no número 11 em *Babel, Revista de Arte y Crítica*, sob a direção de Samuel Glusberg.

Após o período em Córdoba, no qual cumpre o serviço militar obrigatório, e de volta a Buenos Aires em 1924, Arlt termina o último capítulo de *El juguete rabioso* cujo título original era “*La vida puerca*”. Após algumas tentativas fracassadas de publicar a obra, em 1925 são publicados na revista *Proa* dois capítulos: “*El rengo*” e “*El poeta parroquial*”. Publica também o conto “*La tía Pepa*” na revista *Los Pensadores*, em dezembro do mesmo ano.

Em janeiro de 1926, Arlt passa a colaborar na *Don Goyo*, da editora Haynes. Lançada em outubro de 1925, a revista era publicada às terças-feiras, sob a direção de Nalé Roxlo. Arlt publicou vinte e dois relatos⁵ que, junto a uma seleção de outros publicados por *El Hogar* e *Mundo Argentino*, foram reunidos em *El resorte secreto y otras páginas*, Roberto Arlt,

³ “*Cierta o no, la anécdota revela una muy precisa y nada romántica vinculación entre literatura y dinero: esos cinco pesos ganados con un cuento funcionan como la fábula de origen de una literatura pensada para el mercado y legitimada por él.*” (SAÍTTA, 2000, p. 17).

⁴ “*Las ciencias ocultas* es también una autobiografía ficcional, en la que Arlt narra una experiencia personal y exhibe una privación cultural y una ausencia de formación intelectual que legitime su literatura.” (SAÍTTA, 2000, p. 22)

⁵ *Epístola de los baúles* (26/01/1926); *Epístola de los genios porteños* (23/02/1926); *Mi traje y el teniente coronel* (02/03/1926); *El poeta triste* (23/03/1926); *El hombre feliz* (30/03/1926); *Espartaco Nasón* (20/04/1926); *Guía para místicos* (04/05/1926); *Epístola a un provinciano* (11/05/1926); *A un poeta bien vestido* (18/05/1926); *La aventura con el cosmético* (15/06/1926); *El gallinero matemático* (29/06/1926); *Episodios tranviarios* (13/07/1926); *Pensamientos de un propietario* (20/07/1926); *Un fantástico compañero de viaje* (31/08/1926); *El dinamitero* (07/09/1926); *Epístola de un L. C. erudito al jefe de policía* (05/10/1926); *Fantásticos proyectos para modernizar a Buenos Aires* (12/10/1926); *Nuestra policía, la mejor del mundo* (19/10/1926); *Cartas de pésame* (02/11/1926); *El ensanche de la calle Corrientes* (16/11/1926); *Autobiografía humorística* (14/12/1926); *El regimiento 8º ‘Cazadores de queso’* (01/02/1927).

Buenos Aires, em 1996, com recopilação e edição de Gastón Gallo e prólogo de Guillermo García.

Arlt segue colaborando nas revistas *Mundo Argentino*, *Ultima Hora*, *Claridad* e *El Hogar*. Em novembro de 1926, a obra *El juguete rabioso* é publicada pela Editora Latina, após ganhar um concurso de romances. Em 1927, o escritor começa a trabalhar como cronista policial no jornal *Crítica* e, no ano seguinte, retorna a editora Haynes para participar da fundação do jornal *El Mundo*, ao qual se dedicará até o momento de sua morte.

Em 1928, a revista *Pulso* publica “*La sociedad secreta*”, fragmento de seu segundo romance, *Los siete locos*. Em outubro do ano seguinte, o romance é publicado pela Editora Latina. Em março de 1930 Arlt viaja pelo Uruguai e Brasil, quando é avisado que deve retornar a Buenos Aires para receber o Terceiro Prêmio Municipal de Literatura por *Los siete locos*. Este romance teve ainda sua segunda e terceira edição, publicadas respectivamente em 1930 e 1931 pela editora *Claridad*. Em 1931 é publicada a segunda edição de *El juguete rabioso*, e também seu terceiro romance, *Los lanzallamas*, ambos pela mesma editora.

Roberto Arlt trabalha intensamente neste período. Além de sua coluna diária em *El Mundo*, e de seus romances, continua escrevendo artigos e ensaios para outras publicações, e chega a realizar algumas conferências. No dia 3 de março de 1932, “*El humillado*”, um fragmento adaptado de *Los siete locos* é representado por Leónidas Barletta, diretor do Teatro del Pueblo. Também estréia neste ano *Trescientos millones*, sua primeira peça teatral. No mesmo ano em que Arlt se inicia no âmbito teatral, ele publica o seu último romance, *El amor brujo*, pela editora Victoria.

Em setembro de 1933, é publicado o livro *El jorobadito*, pela editora Anaconda, que reúne nove contos anteriormente publicados em revistas e jornais como *El Hogar* e *Mundo Argentino*: “*El jorobadito*”; “*Escritor fracasado*”; “*Ester Primavera*”; “*La luna roja*”; “*Pequeños propietarios*”; “*Las fieras*”; “*Una tarde de domingo*”; “*El traje del fantasma*”; e “*Noche terrible*”. Nesse ano, uma seleção de sessenta e nove águas-fortes é recopilada e publicada no volume *Aguafuertes Porteñas*, pela editora Victoria, acompanhadas da seguinte nota:

A extraordinária popularidade que deram a Roberto Arlt suas cotidianas *Águas-fortes Portenhas*, publicadas ano após ano no diário *El Mundo* e ilustradas com as divertidas vinhetas de Bello, nos permitiu a ideia de escolher as melhores entre as mil e quinhentas escritas pelo autor e publicá-las em um volume. Apesar da pouca fé do autor no resultado desta recopilação, insistimos porque cremos que nestes esboços Roberto Arlt aparece em um dos mais ricos e vigorosos aspectos de sua originalidade.

Além disso, e isso é evidente, a obra deste autor interessa ao público, e suas *Águas-fortes* constituem o café da manhã de numerosos leitores do diário onde colabora. Nós mesmos formamos parte desse público que se pergunta porque motivo não apareceu um editor para organizar as melhores *Águas-fortes* e publicá-las sob a forma de um volume. Diante disso, insistimos e conseguimos que o autor nos autorizasse levar adiante esta seleção, que estamos certos que será acompanhada pelo êxito. (SAÍTTA, 2000, p. 87-88, tradução nossa)⁶

Nesta nota, percebemos tanto o prestígio do escritor em meio ao seu público leitor, principalmente no que se refere às águas-fortes diariamente publicadas no *El Mundo*, quanto a sua eficácia em demonstrar-se como um escritor improvisado e desacreditado, uma imagem que, embora fosse exibida por ele com certa regularidade, não pode ser tomada como real. De acordo com Saítta (1999):

São poucos os escritores da literatura argentina que se queixam tanto: expressões como ‘dizem que escrevo mal’, e ‘eu não tenho culpa de me chamar Roberto Arlt’ ou ‘curvei a escola primária até o terceiro ano, logo me expulsaram por inútil’, não fazem mais do que consolidar, em sua reiteração a imagem de um escritor incompreendido, nunca felizmente reconhecido por seus pares e pela crítica, cujos valores estariam além de uma escrita descuidada, cheia de imperfeições. (SAÍTTA, 1999, p. 7, tradução nossa)⁷

Desta forma, e embora o autor pudesse não estar totalmente convencido da ideia de recopilar suas águas-fortes portenhas em um volume, tal iniciativa se justifica pelos argumentos que compõem a nota da edição em questão, sendo o primeiro de vários volumes que, como veremos, posteriormente seriam organizados a partir da recopilação das águas-fortes produzidas pelo escritor.

Em 1934, a *Gaceta de Buenos Aires* publica *Escenas de um grotesco*, um esboço de sua peça teatral, *Saverio el cruel*, estreada dois anos depois, no dia 4 de setembro de 1936, no

⁶ “La extraordinaria popularidad que le dieron a Roberto Arlt sus cotidianas **Aguafuertes Porteñas**, publicadas año tras año en el diario *El Mundo* e ilustradas con las regocijantes viñetas de Bello, nos sugirió la idea de escoger las mejores entre las mil quinientas escritas por el autor y publicarlas en un volumen. A pesar de la pequeñísima fe del autor en el resultado de esta recopilación, hemos insistido porque creemos que en estos bocetos Roberto Arlt aparece en uno de los más ricos y vigorosos aspectos de su originalidad. Además, y esto es evidente, la obra de este autor interesa al público, y sus **Aguafuertes** constituyen el desayuno de numerosísimos lectores del diario en donde colabora. Nosotros mismos hemos formado parte de ese público que se ha preguntado por qué motivo no aparecía un editor que recogiera las mejores **Aguafuertes** y las publicara bajo la forma de un volumen. De ahí que recabáramos insistentemente del autor que nos permitiera llevar a cabo esta selección, que estamos seguros será acompañada por el éxito.” (SAÍTTA, 2000, p. 87-88)

⁷ “Son pocos los escritores de la literatura argentina que se quejan tanto: expresiones como ‘se dice de mí que escribo mal’, ‘yo no tengo culpa de llamarme Roberto Arlt’ o ‘he cursado las escuelas primarias hasta el tercer grado; luego me echaron por inútil’, no hacen sino consolidar, en su reiteración la imagen de un escritor incompreendido, nunca felizmente reconocido por sus pares y por la crítica, cuyos valores estarían más allá de una escritura desprolija, llena de imperfecciones.” (SAÍTTA, 1999, p. 7)

Teatro del Pueblo. Meses depois, no dia 8 de outubro, estreia também *El fabricante de fantasmas*, encenado pela Companhia de Carlos Perelli e Milagros de la Vega. São editadas, ainda nesse ano, as *Aguafuertes Españolas*, pela editora Lorenzo Rosso. Estréia no dia 30 de dezembro de 1937 a peça *La isla desierta* no Teatro del Pueblo. Em março do ano seguinte, também no Teatro del Pueblo, estreia a peça teatral *África*, resultado da viagem de Arlt por Tetuán e Tanger dois anos antes, como o próprio escritor afirmará ao justificar sua produção:

Depois de viver certo tempo em Tetuán e Tanger, cheguei à conclusão de que os filmes que tratavam de Marrocos ou da África não refletiam nunca a maravilha de sua paisagem (falta cor, ligeiramente alcançada em *El jardín de Alá*) nem tampouco reproduziam o espírito de sua população, a dramática capacidade de suas intrigas. [...] Na minha opinião, creio ter resolvido o problema teatral sem necessidade de inserir no argumento *África*, personagens europeus. Ao contrário, desfilam através de seus seis atos, personagens da mais diversa posição social, desde *El xej-el-clam*, ou seja, chefe de conversação que nos mercados relatam histórias de um dramático teor primitivista, até figuras de conspiradores panislamitas. Em *África*, se move uma multidão espessa e pintoresca, de língua solta, materialista, poética, cruel e com traços de estranha generosidade. Pode-se dizer que o argumento central destes seis atos seja a perseguição de uma vingança: o cumprimento do clássico *olho por olho, dente por dente* oriental. (ARLT *apud* SAITTA, 1999, p. 34, tradução nossa)⁸

Arlt estreia em 18 de julho de 1940 a peça *La fiesta del hierro* no Teatro del Pueblo. Durante sua viagem ao Chile, de janeiro a abril de 1941, Arlt publica pela editora chilena Zigzag, *El criador de gorilas*, livro composto por quinze contos africanos, sendo que alguns já tinham sido publicados em *El Hogar* e *Mundo Argentino*: “*La factoría de Farjalla Bill Alí*”; “*Halid Majid el achicharrado*”; “*Rahutia la bailarina*”; “*Los hombres fieras*”; “*La aventura de Baba en Dimisch Esh Sham*”; “*Ejercicio de artillería*”; “*Acuérdate de Azerbaijan*”; “*La cadena del ancla*”; “*Accidentado paseo a Moka*”; “*Desde la otra vida*”; “*El hombre del turbante verde*”; “*El cazador de orquídeas*”; “*Los bandidos de Uad-Djuari*”; “*Ven, mi ama Zobeida quiere hablarte*”; “*Historia del señor Jefries y Nassin el Egipcio*”.

⁸ “Después de vivir cierto tiempo en Tetuán y Tánger, llegué a la conclusión de que las películas que trataban de Marruecos o África no reflejaban nunca la maravilla de su paisaje (falta de color, ligeramente alcanzado en *El jardín de Alá*) ni tampoco reproducían el espíritu de su gente, la dramática capacidad de sus intrigas. [...] Por mi parte, creo haber resuelto el problema teatral sin necesidad de injertar en el argumento de *África* personajes europeos. En cambio, desfilan a través de sus seis actos, personajes de la más diversa calidad social, desde el *xej-el-clam* o sea jefe de conversación que en los zocos relata historias de un dramático tenor primitivista, hasta figuras de conspiradores panislamitas. En *África* se mueve una muchedumbre espesa y pintoresca, suelta de boca, materialista, poética, cruel y con rasgos de extraña generosidad. Podría decir que el argumento central de estos seis actos es la persecución de una venganza: el cumplimiento del clásico ojo por ojo, diente por diente oriental.” (ARLT *apud* SAITTA, 1999, p. 34)

Também é publicada neste ano a novela *Un viaje terrible*, na revista *Nuestra Novela* (nº 6, 11 de julho de 1941).

Nesse período, Roberto Arlt continua escrevendo suas águas-fortes para *El Mundo*, além de contos para outros jornais e revistas da época, termina de escrever a sua peça *El desierto entra en la ciudad* e consegue registrar a patente de uma de suas invenções: meias emborrachadas e, segundo ele, indestrutíveis. Na verdade, suas invenções nunca deram certo, seu reconhecimento deve-se exclusivamente a sua condição de escritor e jornalista.

1.1.3 O ESCRITOR-JORNALISTA

Na última década do século XIX e início do século XX, a Argentina experimentou um vertiginoso processo de modernização, impulsionado pelas relações comerciais, implantação de ferrovias, investimentos estrangeiros, expansão da agricultura e posteriormente da criação de gado, gerando uma demanda de mão-de-obra que foi preenchida pelos imigrantes. Estes foram incentivados, do lado europeu, tanto pelo crescimento demográfico como pela crise de suas economias agrárias tradicionais. (ROMERO, 2006).

A presença de imigrantes fez com que Buenos Aires se tornasse uma espécie de Babel, pois nela confluíam diversas línguas e costumes, onde uma verdadeira cultura de mescla se originava. No período seguinte, as décadas de 1920 e 1930, três acontecimentos foram fundamentais para a cultura popular moderna em Buenos Aires: a difusão do futebol como esporte nacional, o apogeu do tango, tanto em músicas, como em filmes e peças teatrais, e a implantação da rádio e dos diários de massa (SARLO, 2007). Com relação aos diários matutinos, *El Mundo*, da editora Haynes, inaugura o primeiro tablóide do jornalismo argentino em 14 de maio de 1928, no qual foi publicado o conto “*El insolente jorobadito*”, de Roberto Arlt. No dia 23 de maio de 1928 é publicado um segundo conto do escritor, intitulado “*Pequeños propietarios*”.

Embora já tivesse colaborado anteriormente com outros jornais e revistas, é a partir de sua participação em *El Mundo* que a condição de escritor e jornalista se fundem definitivamente na biografia de Arlt. Após os dois primeiros contos publicados, ele passa a escrever para uma coluna diária do jornal, que inicialmente teve como diretor Alberto Gerchunoff, antes, editor de *La Nación*. As primeiras sessenta e duas crônicas aparecem sem título e sem assinatura. Diante da perda de anunciantes e da diminuição das tiragens,

Gerchunoff renuncia à direção do jornal, que passa a ser dirigido pelo até então diretor da revista *Mundo Argentino*, Carlos Muzio Sáenz Peña (SAÍTTA, 2000). A partir de 5 de agosto de 1928 a coluna passa a ser publicada com o título de “*Aguafuertes Porteñas*”. A denominação águas-fortes, tomada das artes plásticas, consiste numa alusão à técnica de gravura obtida pela corrosão do ácido nítrico sobre uma placa metálica. Acerca da relação dos escritos arltianos com esta técnica de gravura, Horácio González comenta que:

Água-forte, como técnica pictórica, remete a uma lâmina gravada cujo molde se trata com ácido nítrico. Adequado sistema para implicar o que faz Arlt com a escritura: burilada coloquialidade, expressão airada das opiniões, desprezo impetuoso e definitivo pela estupidez, nevrálgica localização da linguagem em um arrebatado aqui e agora urbano, captação intrusa, esnobe, irônica, preenchida por tipos existenciais muito filigranados. Ácidas vinhetas e baixos-relevos, aptos para calibrar o juízo pessoal e colocá-lo como máscara preciosamente adornada de um artigo de jornal. (GONZALEZ, 2008, p. 63, tradução nossa)⁹

Também o escritor Ricardo Piglia comenta esta relação, quando afirma que “Arlt nomeou a maioria de suas crônicas usando o modelo de uma técnica gráfica (as águas-fortes, o ácido que fixa a imagem) porque quer fixar uma imagem, registrar um modo de ver.”¹⁰ (PIGLIA, 2009, p. 12, tradução nossa). De fato, essa intenção se realiza tendo em vista que mais do que relatar acontecimentos e descrever paisagens, Arlt acaba por demonstrar a sua visão particular dos fatos cotidianos e entretecê-la com os mais variados domínios do conhecimento.

Ainda com relação às primeiras águas-fortes, são publicados mais nove artigos sem assinatura até que, no dia 14 de agosto, publica-se “*El ‘affaire’ de la casa de gobierno*” com suas iniciais, R. A., e a partir de 15 de agosto, com a publicação de “*El hombre que ocupa la vidriera del café*”, os textos passam a ser assinados com o nome completo do escritor.

É através da publicação das crônicas em sua coluna diária que Arlt ganhou singular notoriedade como jornalista. Apesar de uma extensa produção literária, foi como jornalista que Roberto Arlt se tornou o redator mais cotado da época (LANUZA *apud* SAÍTTA, 1999),

⁹ “*Aguafuerte como técnica pictórica remite a una lámina grabada cuyo molde se trata con ácido nítrico. Adequado sistema para implicar lo que hace Arlt con la escritura: burilada coloquialidad, expresión airada de las opiniones, desprecio impetuoso y definitivo por la necedad, nervura localización del lenguaje en un arrebatado aquí y ahora urbano, captación sobradora, socarrona, chispeante de tipos existenciales muy filigranados. Ácidas viñetas y bajorrelieves, aptos para calibrar el juicio personal y ponerlo como mascarón preciosamente adornado de un artículo periodístico.*” (GONZALEZ, 2008, p. 63)

¹⁰ “*Arlt ha titulado la mayoría de sus crónicas usando el modelo de una técnica gráfica (las aguafuertes, el ácido que fija la imagen) porque quiere fijar una imagen, registrar un modo de ver.*” (PIGLIA, 2009, p. 12).

principalmente pelo grande número de leitores de suas crônicas, legitimando assim seu lugar de enunciação.

Se por um lado, aos dezenove anos, “o autor não sabia qual seria seu caminho efetivo na vida. Se seria comerciante, peão, empregado de alguma empresa comercial ou escritor. Sobre todas as coisas, desejava ser escritor”¹¹ (ARLT *apud* SAÍTTA, 2000, p. 21, tradução nossa), por outro, o trabalho intelectual, embora já consolidado na época, tinha sido preenchido principalmente por escritores com formação e linhagem, as quais Arlt, sendo filho de imigrantes, não possuía, sendo considerado por ele mesmo um “acidente” a sua inserção na literatura.

De fato, pode-se dizer, sobre esta ausência de origem e de formação, que “em torno da figura de Arlt não há nada: nem passado nacional, nem passado familiar, atrás de sua figura não há tradição, não há linhagem, não há antepassados nem pai. O escritor Arlt é, definitivamente, filho de suas obras”¹² (GRAMUGLIO *apud* SAÍTTA, 2000, p. 22, tradução nossa). É através de sua condição de jornalista profissional, portanto, que Arlt consolida um lugar próprio e torna possível a sua escritura, mas ao mesmo tempo, escrever ficção diante das demandas do jornal se torna algo penoso, como afirma no prólogo de *Los lanzallamas*:

Estou contente de ter tido a vontade de trabalhar em condições bastante desfavoráveis, para dar cabo a uma obra que exigia solidão e recolhimento. Escrevi sempre em redações barulhentas, acossado pela obrigação da coluna cotidiana.

Afirmo com orgulho que escrever, para mim, constitui um luxo. Não disponho, como outros escritores, de rendas, tempo ou tranquilos cargos públicos. Ganhar a vida escrevendo é penoso e duro. (ARLT, 1972, p. 5, tradução nossa)¹³

Apesar das várias queixas do escritor, com relação ao trabalho de cronista do *El Mundo*, essa condição proporciona a ele visibilidade diante dos leitores da época, páginas sempre abertas nas demais publicações da editoria para seus contos e anúncios de suas obras (SAÍTTA, 2000). Além disso, a prática do jornalismo acaba contribuindo também na sua

¹¹ “El autor no sabía cuál iba a ser su camino efectivo en la vida. Si sería comerciante, peón, empleado de alguna empresa comercial o escritor. Sobre todas las cosas deseaba ser escritor.” (ARLT *apud* SAÍTTA, 2000, p. 21)

¹² “En torno de la figura de Arlt no hay nada: ni pasado nacional, ni pasado familiar; detrás de su figura no hay tradición, no hay linaje, no hay antepasados ni padre. El escritor Arlt es, en definitiva, hijo de sus obras.” (GRAMUGLIO *apud* SAÍTTA, 2000, p. 22)

¹³ “Estoy contento de haber tenido la voluntad de trabajar, en condiciones bastante desfavorables, para dar fin a una obra que exigía soledad y recogimiento. Escribí siempre en redacciones estrepitosas, acosado por la obligación de la columna cotidiana. / Orgullosamente afirmo que escribir, para mí, constituye un lujo. No dispongo, como otros escritores, de rentas, tiempo o sedantes empleos nacionales. Ganarse la vida escribiendo es penoso y rudo.” (ARLT, 1972, p. 5)

produção literária, pois “se a obrigação de entregar uma nota diária limitava seu tempo para o trabalho de ficcionista, ao mesmo tempo o abastecia de temas e tipos humanos que não raro deslizavam da crônica jornalística para o texto literário.” (CARVALHO, 2009, p. 22).

Suas notas diárias empregam muitas vezes o lunfardo e termos coloquiais, narram acontecimentos e cenas do cotidiano e trazem comentários políticos, ainda que estes estivessem proibidos pelo diretor. A crise dos anos 30, que afeta todo o mundo, inclusive a Argentina, e os acontecimentos da política nacional refletem não só nas mudanças sociais da cidade de Buenos Aires, mas também na própria escrita arltiana, que “politiza seu olhar sobre a cidade” (SAÍTTA, 2000, p. 67). Em 1932, Arlt denuncia as más condições de uma instituição de menores infratores e meses depois empreende uma investigação que desencadeia uma série de notas sobre a precariedade dos hospitais públicos.

Se por um lado, como vimos, a crônica jornalística é uma constante na obra arltiana, a partir de 1930 começam a surgir textos que agregam ao teor jornalístico o interesse pelos roteiros de viagem. Em março desse ano o escritor realiza sua primeira viagem fora de seu país indo conhecer o Uruguai e logo depois o Brasil. Da viagem ao Uruguai, resultam as crônicas intituladas *Informaciones de viaje* e *Aguafuertes Uruguayas*. Já em terras brasileiras, Arlt produziu quarenta e duas crônicas intituladas *Notas de a bordo*, *Notas de Viaje* e *De Roberto Arlt*. De acordo com Ribeiro (2001), apenas quatro das crônicas produzidas no Brasil foram publicadas posteriormente em livros, a saber: “¿Para qué?” (3/4/1930); “Espérenme, que llegaré en aeroplano” (21/5/1930) e “Éste es Soiza Reilly” (31/5/1930), publicadas em *Nuevas aguafuertes porteñas* (Buenos Aires: Hachette, 1960), e “¿Pobre brasilera!” (4/5/1930), publicada por Omar Borré, em *Roberto Arlt. Su vida y su obra* (Buenos Aires: Planeta, 2000).

Três anos após a viagem ao Uruguai surgem novas oportunidades de viajar. Primeiro Arlt percorre a bacia do Prata junto com a tripulação de um navio de cargas e, durante este período, são publicadas as *Aguafuertes Fluviales* (1933). No ano seguinte, o escritor realiza uma viagem a Patagonia, da qual resultam as *Aguafuertes Patagónicas* (1934).

Entre fevereiro de 1935 e maio de 1936 Arlt realiza uma viagem à Espanha e ao norte da África. Durante esse período são publicadas em *El Mundo* as águas-fortes produzidas em terras estrangeiras, nas quais narra as paisagens e curiosidades que lhe chamam a atenção. Tais textos são publicados como *Aguafuertes Españolas*, *Africanas*, *Gallegas*, *Asturianas*, *Vascas* e *Madrileñas*. Depois de quase um ano viajando, Arlt retorna ao trabalho no diário, onde dedica algumas notas ao cinema, as quais rapidamente deixa de escrever devido a um mal estar entre ele e Calki (Raimundo Calcagno), por quem a página cinematográfica era

dirigida. Arlt fica afastado da editora durante seis meses. Neste período morre sua irmã, Luisa Arlt. Também neste período o escritor se dedica ao teatro, inclusive estreando uma peça no teatro comercial, *El fabricante de fantasmas*, cujas críticas não são positivas, o que o faz regressar ao Teatro del Pueblo.

Arlt retorna ao jornal em março de 1937 e a partir de outubro desse ano trata em suas notas da situação de desespero e pobreza da província de Santiago del Estero, ocasionada pela falta de água, para onde ele se dirige e relata um panorama bastante dramático. Desde sua viagem à Europa, Arlt modifica seu objeto de interesse e a forma de narrá-lo, pois além dos acontecimentos da vida portenha, também se dedica a escrever sobre o panorama internacional, sobretudo assuntos políticos e econômicos desde uma perspectiva mundial, interesse fortalecido com o estouro da Guerra Mundial em setembro de 1939. De acordo com Saítta, “as notas posteriores ao estouro da guerra revelam um Arlt antibelicista, pouco confiante nas decisões de seus contemporâneos, um Arlt cético, como sempre”¹⁴ (SAÍTTA, 2000, p. 203, tradução nossa). Ainda com relação às crônicas escritas após a experiência em terras espanholas, foram escritas quase trezentas crônicas, nas quais o escritor coloca em prática muito de seu saber literário. Segundo Corral:

Arlt reconstrói a notícia e a ficcionaliza em vários sentidos: interioriza o ponto de vista; introduz monólogos, diálogos entre atores políticos do momento, com personagens históricos e com outros ficcionais, encena encontros, inventa situações e interlocutores para dar corpo ao que seria um simples telegrama informativo. Existe uma grande variedade de procedimentos formais para “narrar” os acontecimentos. As crônicas mais literárias, nas quais predominam o exercício imaginativo do escritor e sua destreza estilística são, sem dúvida, as mais sedutoras. (CORRAL, 2009, p. 20, tradução nossa)¹⁵

Em “*Un mundo sin soñadores*”, publicada em 09 de novembro de 1938, por exemplo, Arlt desenvolve a crônica a partir de uma frase que supostamente teria sido pronunciada por Robert Ley, chefe da Frente de Trabalho Alemã, durante a Conferência do Trabalho de Genebra. A frase em questão, “na Alemanha, não deve haver lugar para os sonhadores”¹⁶ aparece como epígrafe da referida crônica, na qual, diante da notícia internacional, Arlt

¹⁴ “Sus notas posteriores al estallido de la guerra revelan a un Arlt antibelicista, poco confiado en las decisiones de sus contemporáneos; un Arlt escéptico, como siempre.” (SAÍTTA, 2000, p. 203)

¹⁵ “Arlt reconstruye la noticia y la ficcionaliza en varios sentidos: interioriza el punto de vista; introduce monólogos, diálogos entre actores políticos del momento, con personajes históricos y con otros ficticios, escenifica encuentros, inventa situaciones e interlocutores para dar cuerpo a lo que es un simple cable informativo. Existe una gran variedad de procedimientos formales para “narrar” los sucesos. Las crónicas más literarias, en las que predominan el ejercicio imaginativo del escritor y su destreza estilística, son sin duda las más seductoras.” (CORRAL, 2009, p. 20)

¹⁶ “En Alemania no debe haber sitio para los soñadores” (ARLT, 2009, p. 333)

imagina como seria um futuro em que os sonhadores não existissem, um futuro “sem bosques porque os bosques, de acordo com a economia dirigida, se converteram em jazidas de madeira”¹⁷ (ARLT, 2009, p. 332, tradução nossa), no qual toda a humanidade foi trocada por unidades geométricas e onde as escolas não são necessárias “porque na sua maioria, os trabalhadores manuais do mundo cúbico não necessitavam ler e escrever para cavar a terra, colher os cereais ou conduzir máquinas”¹⁸ (ARLT, 2009, p. 333-334, tradução nossa). O escritor narra esse mundo “sem sonhadores” e, por meio de imagens geométricas e orações breves, transforma em ficção aquele discurso da notícia internacional cujo desfecho encerra qualquer possibilidade de vida no mundo desejado por Ley e imaginado por Arlt: “E chegou um tempo em que o último descendente do doutor Ley disse: ‘Não restou um único sonhador sobre a terra. Se ignora o significado desta palavra’.”¹⁹ (ARLT, 2009, p. 334, tradução nossa). Nesse texto, é possível ver como Arlt constrói a crônica diária, ou seja, ao mesmo tempo em que parte de um acontecimento real, dá a ele contornos de ficção, mas que acaba remetendo-o novamente à realidade, uma realidade muito mais ampla à que deu origem à crônica, fazendo alusão ao próprio contexto social da época em que é produzida.

Em 1940, Arlt viaja novamente como jornalista e escritor, tendo o Chile como destino, que nesse período assistia ao triunfo da Frente Popular, levando à presidência Pedro Aguirre Cerda. Ele segue escrevendo suas notas diárias até que, em 27 de julho de 1942, é publicada sua última água-forte, “*El paisaje de las nubes*”, um dia após a morte do escritor.

Com relação à literatura argentina, é certo que muitos foram os escritores que se dedicaram também ao jornalismo, e neste rol insere-se Roberto Arlt. No entanto, de acordo com Saítta, “a história do jornalismo argentino e a história de Arlt coincidem e se superpõem. Ler uma sem ler a outra é empobrecer a ambas”²⁰ (2000, p. 70, tradução nossa). De fato, sua presença no diário *El Mundo* como jornalista profissional modifica o escritor Roberto Arlt e este interfere com seu saber literário nas linhas do jornalismo cotidiano argentino.

¹⁷ “Sin bosques, porque los bosques, de acuerdo con la economía dirigida, se habían convertido en yacimientos de madera.” (ARLT, 2009, p. 332)

¹⁸ “En su mayoría los trabajadores manuales del mundo cúbico no necesitaban leer y escribir para cavar la tierra, recoger los cereales o conducir máquinas.” (ARLT, 2009, p. 333-334)

¹⁹ “Y llegó un momento en que el último descendiente del doctor Ley dijo: ‘No ha quedado un solo soñador sobre la tierra. Se ignora el significado de esta palabra’.” (ARLT, 2009, p. 334)

²⁰ “La historia del periodismo argentino y la historia de Arlt coinciden y se superponen; leer una sin leer la otra es empobrecer a ambas.” (SAÍTTA, 2000, p. 70)

1.2. ÁGUAS-FORTES GALEGAS

1.2.1 A VIAGEM À EUROPA

Depois de alguns anos publicando sua notas diárias em *El Mundo*, Roberto Arlt recebe a notícia de que irá realizar uma viagem à Espanha, em fevereiro de 1935, para acompanhar de perto a tensa situação política do país. No dia anterior à viagem, Arlt escreve uma nota para o jornal, na qual anuncia sua partida:

Ainda não posso crer! Mesmo que lhes pareça um disparate. Sim, não posso acreditar, tanto tempo, com tanto ardor de anos e impossibilidades desejei essa viagem. Ah! E algo que não tenho vergonha de confessar. Não me atrevo a escrever uma palavra que possa, com sua referência, dar a imagem da arquitetura deste sonho. [...] E ainda que lhes pareça pueril, esta viagem parece-me extraordinária, tão riquíssima de possibilidades, que de hora em hora conto o tempo que me separa da quinta-feira em que embarcarei. (ARLT *apud* SAÍTTA, 1999, p. 32-33, tradução nossa)²¹

Roberto Arlt parte de Buenos Aires no dia 14 de fevereiro de 1935 e, no dia 23 de fevereiro, chega ao porto de La Luz, na Gran Canaria. A primeira região continental espanhola a ser visitada é a Andaluzia, na qual percorre as cidades de Barbate, Vejer de la Frontera, Granada, Sevilla, Algeciras, Cádiz, Málaga e Jerez. Também nesse período, o argentino realiza uma viagem ao norte de Marrocos, onde visita as cidades de Tanger, Tetuán e Ceuta, na época colônias espanholas. Deste primeiro percurso em terras estrangeiras são publicadas em *El Mundo* as *Aguafuertes Españolas* e as *Aguafuertes Africanas*.

Após percorrer o sul espanhol e o norte da África, naquele momento com forte ocupação espanhola, o escritor-viajante chega à Galiza em julho de 1935. Sobre a região galega, localizada no noroeste da península, Arlt escreve as vinte e sete *Aguafuertes Gallegas*, nas quais retrata as cidades de Vigo, Pontevedra, Santiago de Compostela, Betanzos e A Coruña. Em Astúrias, Arlt percorre as cidades de Oviedo e Gijón, sobre as quais escreve oito

²¹ “¡Y aún no puedo creerlo! Aunque a ustedes les parezca un disparate. Sí, no puedo creerlo, tan largamente, con tanto ardor de años e imposibilidades he deseado este viaje. ¡Ah! Y algo que no me avergüenzo de confesar: No me atrevo a escribir una palabra que pueda, con su referencia, dar una imagen de la arquitectura de este sueño. [...] Y aunque les parezca pueril, a mí este viaje se me antoja extraordinario, tan riquísimo de posibilidades, que hora tras hora le tomo el pulso al tiempo decreciente que me separa del día jueves en que me embarcaré.” (ARLT *apud* SAÍTTA, 1999, p. 32-33)

textos intitulados *Aguafuertes Asturianas*²², publicados entre 5 e 13 de novembro de 1935. Nelas, o escritor discute as questões políticas que deram origem à rebelião de outubro de 1934, quando os mineiros da região resistiram durante oito dias às tropas do governo central. Ao escrever uma nota que precede tais textos, o escritor ressalta que “estas águas-fortes carecem de epopéias brilhantes. São escuras e monótonas, como eram escuros e tediosos os dias da população refugiada nos subterrâneos. Porém, satisfazem a curiosidade das pessoas a quem interessa saber ‘como se viveu naqueles momentos’.”²³ (ARLT, 1999, p. 144, tradução nossa). De fato, “sua estadia na Galiza e em Astúrias marca os passos prévios e ainda titubeantes de quem, uma vez em Madri, em fevereiro de 1936, irá inteirar-se completamente da vida política espanhola, buscando dar respostas e antecipando catástrofes”²⁴ (SAÍTTA, 2000, p. 163, tradução nossa). Após sua passagem por Astúrias, Arlt percorre a província cantábrica de Santander, várias cidades bascas, Bilbao, Baracaldo, Guernica e San Sebastián, além de Eibar, em Navarra, e Saragoça, em Aragão, cujas observações são publicadas sob o título de *Aguafuertes Vascas*. Já se passara quase um ano desde a sua chegada em terras espanholas quando Arlt chega a Madri, a 16 de janeiro de 1936, e sobre a qual escreve trinta e cinco textos, publicados entre 24 de fevereiro e 27 de abril de 1936. Neles, o escritor argentino se ocupa da agitação política naquele momento, a partir, principalmente, da criação do Bloco Popular de Esquerda, cujo anúncio oficial ocorre no mesmo dia de sua chegada à cidade:

Reproduzido por todos os jornais da península, apareceu hoje, quinta-feira, o sensacional documento em que se noticia oficialmente a formação do BLOCO POPULAR DE ESQUERDA, cuja finalidade é concorrer em frente única às eleições para obter uma maioria de votos sobre a DIREITA, ainda dividida. (ARLT, 2000, p. 29, tradução nossa)²⁵

²² Oviedo con reminiscencias de Buenos Aires - Soldados, guardia de asalto, cañones y fusiles - Las personas temen hablar (05/11/1935); Quiero visitar una mina - No hay caso sin presentación oficial - Llegada a la mina de Llascare - Bajamos a 250 metros de profundidad (07/11/1935); En el interior de la mina - La posibilidad de ser enterrado vivo - Parálisis de la vida (08/11/1935); e El trabajo en la mina - Estrellas amarillas y sombras en la sombra - El venenoso aliento de la tierra (09/11/1935); Gijón, preciosidad cantábrica - El palacio de Revillagigedo - Muchachas que sonríen (10/11/1935); Remate y mercado de pescado - Un sistema rápido y equitativo - Greta Garbo entre cajones de peces (11/11/1935); La playa de Gijón - Dos kilómetros de arena flanqueados por rocas - Edificios rojos y mar azul (12/11/1935); e De Gijón a Santander - Alto en el pueblo de Llanes - Ríos que serpentean entre álamos (13/11/1935).

²³ “Estas aguafuertes carecen de brillantes epopéicas; son oscuras y monótonas, como eran oscuros y tediosos los días de la población refugiada en los subsuelos. En cambio, satisface la curiosidad de las personas a quienes les interesa saber ‘cómo se vivió en aquellos momentos’”. (ARLT, 1999, p. 144)

²⁴ “Su estadia en Galicia y Asturias marca así los pasos previos de quien, una vez en Madrid, en febrero de 1936, se sumergirá de lleno en la vida política española, intentando dar respuestas y vaticinando catástrofes.” (SAÍTTA, 2000, p. 163).

²⁵ “Reproducido por todos los periódicos de la península, apareció hoy jueves, el sensacional documento en que se da noticia oficial de haberse formado el BLOQUE POPULAR DE IZQUIERDA, y cuya finalidad es

Os comentários que se seguem versam sobre a situação na qual se encontra a Direita diante da união da Esquerda, os preparativos para as eleições, “O triunfo da Esquerda”, assim denominada a nota escrita pelo argentino no dia 16 de fevereiro, e publicada no dia 26 de fevereiro de 1936, no jornal *El Mundo*, na qual se lia: “quando estes artigos chegarem a Buenos Aires, com as diversas fotografias do ato eleitoral do domingo 16, em Madri, as notícias do triunfo da Esquerda espanhola serão meticulosamente conhecidas em nossa capital”²⁶ (ARLT, 2000. p. 55-56, tradução nossa). Narra ainda os acontecimentos políticos que pouco depois culminariam na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que estourou em julho daquele ano.

Arlt deixa a Espanha no dia 7 de maio de 1936 e, após uma breve passagem por Montevideú, regressa a Buenos Aires, aonde chega a 22 de maio de 1936. Publicam-se ainda, no jornal *El Mundo*, sete notas sobre a península espanhola: três sobre Madrid e Barcelona²⁷, três intituladas *Roberto Arlt opina sobre la actual situación española*, publicadas entre 20 e 23 de julho de 1936, nas quais, uma vez estourado o conflito, o escritor tece seus últimos comentários acerca do momento dramático enfrentado na Espanha. Publica ainda *Oviedo otra vez en llamas*, no dia 3 de agosto de 1936, texto no qual Arlt rememora seus dias em Oviedo e, diante da cidade transformada em quartel, seu diálogo travado na companhia de um capataz. O escritor-jornalista conta que, apesar dos estragos ainda visíveis, escutava do homem que o acompanhava que a cidade já estava reconstruída. Quase um ano depois, e diante dos acontecimentos mais recentes, Arlt questiona-se: “Que será de Oviedo agora?” (ARLT, 2000, p. 169, tradução nossa) e responde a si mesmo:

Novamente como ontem, meu amigo capataz da descarga, deve estar refugiado em um porão. Novamente como ontem, a população civil de Oviedo vive refugiada nos porões, abrindo buracos nos muros para se comunicar com seus vizinhos. Como ontem, algum audaz assoma a cabeça por uma clarabóia para mirar as grandes chamas que se elevam dos altos edifícios da rua central, enquanto as baterias leais do Monte Naranco atiram constantemente e as periferias acompanham a marcha dos mineiros, descalços ou calçados, que levam o corpo enrolado com cartuchos de

concurrir en frente único a las elecciones para obtener una mayoría de votos sobre las DERECHAS, aún divididas.” (ARLT, 2000, p. 29)

²⁶ “Cuando estos artículos lleguen a Buenos Aires, con las diversas fotografías del acto electoral del domingo 16, en Madrid, las noticias del triunfo de las Izquierdas españolas serán meticulosamente conocidas en nuestra capital.” (ARLT, 2000. p. 55-56)

²⁷ *Despedida de Madrid* (26/06/1936); *De Madrid hacia Barcelona* (30/06/1936) e *Barcelona la grande* (11/07/1936). Apenas as duas primeiras foram recopiladas por Saïta em “*Aguafuertes Madrileñas: presagios de una guerra civil*”.

dynamite, que acendem com as bitucas de seus cigarros... (ARLT, 2000, p. 170, tradução nossa)²⁸

Este texto encerra as produções do escritor acerca da tragédia espanhola. Em um relato publicado no ano de 1938, período mais dramático do conflito espanhol, Arlt confessa: “Alguém me perguntou por que tendo estado durante tanto tempo em terras da Espanha, tão pouco frequentemente me refiro a ela em meus contos. É que me parte a alma falar da Espanha e recordá-la como foi, e sabê-la tão despedaçada.”²⁹ (ARLT *apud* SAÍTTA, 2000, p. 19, tradução nossa).

1.2.2 VIGO: SÉRIA E TRABALHADORA

Creio conhecer as principais cidades da Espanha, com exceção de Barcelona, e em nenhuma me senti tão reprimido como aqui, em Vigo, pela seriedade das pessoas.

Na Andaluzia, pode-se fazer um elogio a uma moça, segui-la ou falar e gargalhar na mesa de um café sem que ninguém se sinta incomodado por isso. Aqui, em Vigo, no entanto, a atmosfera é tão naturalmente contida e moderada que ninguém se atreve a destoar. Lembro-me de Gibraltar. As mesmas características.

Vagabundeio a esmo por todas as partes. Curioso: pergunto, observo. Esta cidade galega é uma surpresa para nós argentinos. Talvez a mais violenta. (ARLT, 1999, p. 41, tradução nossa)³⁰

Com estas palavras, Arlt inicia sua série de *Aguafuertes Gallegas*, que descrevem a região da Galiza, no noroeste da Espanha, publicadas no Jornal *El Mundo* entre 19 de setembro e 03 de novembro de 1935, durante sua viagem ao país e ao norte da África. As

²⁸ “Nuevamente como ayer, mi amigo el capataz de la descarga, debe estar refugiado en un sótano. Nuevamente como ayer, la población civil de Oviedo vive refugiada en los sótanos, abriendo agujeros en los muros para comunicarse por una claraboya para mirar las grandes llamaradas que se elevan de los altos edificios de la calle central, mientras las baterías leales del Monte Naranco atruenan constantemente y los arrabales acompañan la marcha de los mineros, descalzos o en almadreñas, que llevan el cuerpo arrollado con pardos cartuchos de dinamita, que encienden en las colillas de sus pitillos...” (ARLT, 2000, p. 170)

²⁹ “Alguien me ha preguntado por qué habiendo estado durante tanto tiempo en tierras de España, tan poco frecuentemente me acuerdo de ella en mis cuentos; y es que se me parte el alma hablar de España, y recordarla cómo fue, y saberla tan despedazada.” (ARLT *apud* SAÍTTA, 2000, p. 19)

³⁰ “Creo conocer las principales ciudades de España, con excepción de Barcelona, y en ninguna me he sentido cohibido como aquí, en Vigo. Tan seria es la gente. / En Andalucía, uno puede echarle un piropo a una muchacha, o seguirla o hablar y reír a gritos en la mesa de un café sin que nadie se sienta molesto por ello, pero aquí, en Vigo, la atmósfera es tan naturalmente contenida y mesurada que nadie se atreve a desentonar. Me acuerdo de Gibraltar. Las mismas características. / Vagabundeio por todas partes. Curioso, pregunto, observo. Esta ciudad gallega es una sorpresa para nosotros los argentinos. Quizá la más violenta.” (ARLT, 1999, p. 41)

águas-fortes, gênero híbrido criado pelo escritor, inserem-se no âmbito das narrativas de extração histórica, uma vez que misturam uma série de tipos de narrativa que mantém uma estreita relação com a intenção de reproduzir a realidade, tais como a crônica jornalística e a literatura de viagem. Ao estabelecer um paradigma abrangente que pudesse abarcar o conjunto de narrativas nas quais ficção e história se entrecruzam, Trouche (2006) define o composto “narrativas de extração histórica” como “o conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora” (2006, p. 44). A dissolução de aspectos históricos nas linhas narrativas da literatura hispano-americana têm se mostrado uma característica recorrente na mesma, haja visto o número de escritores que se nutrem da matéria histórica para produzir suas obras literárias. Esse diálogo notável entre o discurso literário e o discurso histórico pode ser averiguado ainda, a partir da constatação de que há na teoria literária uma série de nomenclaturas, tais como romance histórico, metaficção historiográfica, ficção histórica, entre outros, a fim de classificar tais narrativas.

No âmbito da literatura, Trouche (2006) destaca três fatores que contribuem para a construção dessa tendência de relativização das fronteiras entre história e ficção: o interesse pelo passado, a permanência da questão da referencialidade, ou seja, das relações entre texto e contexto, e o movimento contínuo no sentido do autoquestionamento. A partir do século XX, esse interesse pela matéria histórica é retomado. No entanto, não se trata apenas de debruçar-se sobre o fato remoto, mas também de atentar ao fato contemporâneo (TROUCHE, 2006). De acordo com Alcmeno Bastos, não só o passado dos grandes feitos irá compor a escrita literária,

[...] Mas também a jornada cotidiana e cinzenta do homem comum. O ficcionista não se debruça nostálgico apenas sobre os tempos remotos, mas acompanha o nervoso pulsar da vida contemporânea, às vezes “antecipando” o que a história propriamente dita confirmará mais tarde. A substância histórica confunde-se com a política [...]. (BASTOS *apud* TROUCHE, 2006, p. 40)

Embora o teórico afirme que esta nova realidade se dê a partir da segunda metade do século XX, notamos sua presença nos escritos arltianos que, a partir de 1927, começa a retratar a vida cotidiana portenha e, anos mais tarde, buscará também retratar a vida nos países aos quais se desloca, englobando em seus textos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, etc.

Além da dissolução das fronteiras entre história e literatura que, como já vimos, nos permite compreender as águas-fortes como narrativas de extração histórica, cabe ressaltar também o caráter híbrido desses textos, em cujo cerne está a crônica jornalística, que por si só já constitui um gênero que nos remete a esse diálogo. Acerca da conjunção de características advindas de diversos gêneros, em seu texto “*La crónica: ornitorrinco de la prosa*”, Juan Villoro (2006) resalta tais características:

A crônica extrai do romance a condição subjetiva, a capacidade de narrar desde o mundo dos personagens e criar uma ilusão de vida para situar o leitor no centro dos acontecimentos; da reportagem, os dados imodificáveis; do conto, o sentido dramático no espaço curto e a sugestão de que a realidade ocorre para contar um relato deliberado, com um final que o justifica; da entrevista, os diálogos; e do teatro moderno, a forma de montá-los; do teatro greco-latino, a polifonia de testemunhas, [...]; do ensaio, a possibilidade de argumentar e conectar saberes diversos; da autobiografia, o tom memorioso e a reelaboração em primeira pessoa. (VILLORO, 2006, tradução nossa)³¹

Tais recursos se referem ao que se consagra como crônica jornalística. Se pensarmos que as águas-fortes emprestam características deste e de outros gêneros, temos então um jogo de estruturas distintas ainda mais complexo agindo para dar sentido a uma nova forma: a água-forte. Agreguem-se a isto outras características, sobretudo a descrição, advindas dos relatos de viagem, para compor as águas-fortes que serão resultantes da condição de escritor-viajante. No que diz respeito ao relato de viagem, mais do que narrar um deslocamento geográfico, notamos que este proporciona ao viajante uma aproximação a novas realidades que só são passíveis de vivenciar e relatar quando se atravessa a “fronteira”. Esta, portanto, não se configura como “o ponto onde algo termina, mas como os gregos reconhecem, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.” (HEIDEGGER *apud* BHABHA, 2007, p. 19)

A primeira cidade a ser visitada por Arlt é Vigo, sobre a qual escreve seis águas-fortes³². Como vimos no excerto que inicia a série de notas sobre a Galiza, o que chama a atenção do escritor é a seriedade das pessoas, o que esclarece mais adiante:

³¹ “De la novela extrae la condición subjetiva, la capacidad de narrar desde el mundo de los personajes y crear una ilusión de vida para situar al lector en el centro de los hechos; del reportaje, los datos inmodificables; del cuento, el sentido dramático en espacio corto y la sugerencia de que la realidad ocurre para contar un relato deliberado, con un final que lo justifica; de la entrevista, los diálogos; y del teatro moderno, la forma de montarlos; del teatro grecolatino, la polifonia de testigos, [...]; del ensayo, la posibilidad de argumentar y conectar saberes dispersos; de la autobiografía, el tono memorioso y la reelaboración en primera persona. (VILLORO, 2006)

³² Vigo, ciudad – Gente cordial, seria y reflexiva – Un contraste con Andalucía (19/09/1935); A lo largo del Miño – Recuerdo a los gallegos de Buenos Aires – Paisajes puros, suaves y plácidos (20/09/1935); El gallego

Tenho insistido que me chama a atenção a seriedade do galego, porém a seriedade a qual me refiro não é a da testa franzida, mas essa gravidade reflexiva, dissolvida na expressão do semblante, devido ao hábito de meditar. Isto é, gente franca e com a preocupação do ser humano, para quem a natureza é um permanente convite ao combate. (ARLT, 1999, p. 44, tradução nossa)³³

Como veremos, num primeiro momento, Arlt busca compreender o temperamento galego a partir da paisagem de encantamento que o recebe. Para o argentino, “na Galiza, o homem e a natureza formam um amálgama racial.”³⁴ (ARLT, 1999, p. 47, tradução nossa) de tal forma, que “o brumoso temperamento galego é inexplicável sem a paisagem”³⁵ (ARLT, 1999, p. 56, tradução nossa). Também perpassam desde as primeiras linhas de sua narrativa as comparações em relação à sua cidade natal: “As mulheres da pequena burguesia se vestem tão elegantemente como em Buenos Aires. São bonitas.”³⁶ (ARLT, 1999, p. 41, tradução nossa). Arlt reflete ainda a questão dos galegos que deixam seu país para viver em Buenos Aires, e como essa cenografia mágica deve lhes fazer falta: “Como lhes deve apertar o coração quando recordam sua Galiza!”³⁷ (ARLT, 1999, p. 45, tradução nossa). Nota-se que a viagem possibilita ao indivíduo colocar-se no lugar do *outro*, ou seja, do galego que vive na América. “Nesse sentido, há poucas dúvidas com relação à importância da viagem e de seus relatos na construção da identidade, seja individual, cultural, política ou ideológica.” (ESTEVEZ; ZANOTO, 2010, p. 15).

Ainda sobre esses galegos, o escritor irá afirmar: “e embora meu corpo esteja aqui, bloqueado pela paisagem galega, o meu pensamento se dilui lá em Buenos Aires, juntamente com todos os galegos, junto com todas as mulheres galegas que tem atravessado o grande oceano”³⁸ (ARLT, 1999, p. 46, tradução nossa). Retoma, portanto, além da situação na qual se encontra, ou seja, a de viajante, deslocado fisicamente de sua terra natal, a questão dos

como trabajador del mar – Un pueblo que vive de la pesca – Hombres de mar y tierra (23/09/1935); El encanto del paisaje gallego – Montañas azules y bosques de terciopelo – Una escenografía mágica (24/09/1935); Los fantasmas en el paisaje gallego – Supersticiones, leyendas y maleficios – El ensueño es inevitable (26/09/1935); El trabajo de la mujer en el norte – Mínimo por ciento de analfabetos – Cintas de castaño (28/09/1935).

³³ “He insistido en que me llamaba la atención la seriedad del gallego, pero la seriedad a que me refiero no es la del ceño fruncido, sino a esa gravedad reflexiva, disuelta en la expresión del semblante, por el hábito de la meditación. Es decir, gente franca y con la preocupación del ser humano, y para el cual la naturaleza es una permanente incitación al combate.” (ARLT, 1999, p. 44)

³⁴ “En Galicia, el hombre y la naturaleza forman una soldadura racial.” (ARLT, 1999, p. 47)

³⁵ “El brumoso temperamento gallego es inexplicable sin el paisaje.” (ARLT, 1999, p. 56)

³⁶ “Las mujeres de la pequeña burguesía visten tan elegantemente como en Buenos Aires. Son bonitas.” (ARLT, 1999, p. 41)

³⁷ “¿Cómo se les debe apretar el corazón cuando recuerdan a su Galicia!” (ARLT, 1999, p. 45)

³⁸ “Y aunque mi cuerpo está aquí, bloqueado por el paisaje gallego, mi pensamiento se destrenza allá en Buenos Aires, junto a todos los gallegos, junto a todas las mujeres gallegas que han cruzado el gran océano.” (ARLT, 1999, p. 46)

galegos distanciados de sua pátria e a presença da figura feminina. Neste ponto, é interessante notar que o processo empreendido pelo escritor recorre à memória para construir o texto, relacionando-a com a paisagem e os costumes na nova realidade. Tal constatação é enfatizada ainda pela recorrente frase empregada pelo argentino “Lembro-me dos galegos de Buenos Aires.”³⁹

Ao contrário do que ocorria com suas *Águas-fortes Portenhas*, no que diz respeito às mulheres, das quais se ocupara “para criticar a ideologia burguesa, uma figura dramática que o autor utiliza para alertar os leitores acerca dos perigos de seus pensamentos e de seus comportamentos” (DALL’AGNOL, 2010, p. 8), a figura feminina descrita nas águas-fortes galegas recebe um tratamento diverso. Arlt percebe nestas mulheres uma doçura e uma força que o deixa admirado, o que o leva a afirmar que essas mulheres são “extremamente femininas, mesmo aquelas que se ocupam de trabalhos pesados. Digo isso porque há aqueles cujo pensamento está preso ao falso conceito de que a mulher que trabalha em serviços masculinos se torna masculinizada”⁴⁰ (ARLT, 1999, p. 44, tradução nossa). Assim, o escritor exterioriza sua opinião em relação às mulheres galegas em alguns momentos de sua narrativa, evidenciando o trabalho feminino naquele contexto, a partir das observações pessoais que tece.

Se por um lado, como já mencionamos, o escritor encontra semelhanças entre a Galiza e Buenos Aires, o mesmo não ocorre quando a compara com a Andaluzia, região visitada antes de ir à Galiza⁴¹: “Perambulo, dou voltas; passo à Vigo antiga; observo como as pessoas conversam e na realidade estou procurando a razão desse contraste social tão grande que a Galiza oferece com a Andaluzia”⁴² (ARLT, 1999, p. 42, tradução nossa). Arlt percebe ainda que se detém a falar mais das pessoas da Galiza que de suas cidades, “é uma compensação pelo fato de que na Andaluzia falei mais das cidades do que dos seres humanos”⁴³ (ARLT, 1999, p. 44, tradução nossa). Inegavelmente, estar na Galiza lhe proporciona, mais do que conhecer ao galego que vive na Espanha, uma maior compreensão em relação àquele que se deslocou rumo à América.

³⁹ “*Me acuerdo de los gallegos de Buenos Aires.*”

⁴⁰ “*Las mujeres, terriblemente femeninas, aún las que se ocupan de trabajos pesados. Digo esto porque uno ha conformado el pensamiento al falso concepto de que la mujer que trabaja en labores masculinos se torna hombruna.*” (ARLT, 1999, p. 44)

⁴¹ Segundo Carvalho (2009), em sua dissertação de mestrado, os textos produzidos por Arlt no período em que percorreu a região de Andaluzia e o norte de Marrocos originaram noventa e quatro crônicas, publicadas no jornal *El Mundo* entre 08 de abril e 17 de setembro de 1935.

⁴² “*Ambulo, doy vueltas; paso al Vigo antiguo; observo cómo la gente charla, y en realidad estoy buscando la razón de ese contraste social tan enorme que Galicia ofrece con Andalucía.*” (ARLT, 1999, p. 42)

⁴³ “*En compensación de que en Andalucía he hablado más de las ciudades que de los seres humanos.*” (ARLT, 1999, p. 44)

1.2.3 PONTEVEDRA: COMERCIALMENTE MORTA

Sobre a cidade de Pontevedra, Arlt produz três águas-fortes⁴⁴, nas quais narra, sobretudo, seu perambular em uma cidade por ele definida como triste e solitária. Além dos comentários acerca das figuras femininas e das diferenças entre a Galiza e a Andaluzia, o escritor retoma a temática do galego que vive em Buenos Aires, mais precisamente aos significados dessa palavra a partir da transcrição de um diálogo com um comerciante: “O que a nós espanhóis nos choca, em Buenos Aires, é essa palavra ‘galego’, que em vez de definir uma origem provinciana, encerra um fundo depreciativo”⁴⁵ (ARLT, 1999, p. 71, tradução nossa). De fato, Arlt evidenciará um posicionamento dos argentinos cujo desapego pelo trabalho físico, visto como sintoma de uma suposta superioridade segundo os mesmos, e desvalorização da atividade galega é, na verdade, sintoma de debilidade. Segundo Arlt, “nós não valorizamos o galego por uma questão subconsciente de inveja. Nas terras onde nós continuamos sendo pobres, ele enriquece. Se nós argentinos tivéssemos que emigrar para a Galiza para ganhar a vida, morreríamos de fome.”⁴⁶ (ARLT, 1999, p. 70, tradução nossa).

De caráter descritivo, tais textos apresentam um detalhamento das estruturas arquitetônicas do local e impressões do viajante que evidenciam uma atmosfera de antiguidade: “tenho a sensação de estar no interior de uma ultrajante casa de compra e venda de móveis usados”⁴⁷ (ARLT, 1999, p. 66, tradução nossa). Para Arlt, “a cidade está morta. Definitivamente morta”⁴⁸ (ARLT, 1999, p. 66, tradução nossa) e sequer os preparativos para o comício que será feito pelo senhor Lerroux, político espanhol, mudam tal aparência. Essa é a primeira referência à política espanhola nas águas-fortes galegas, a qual prossegue logo adiante, transcrevendo a opinião de um vendedor de livros sobre o evento que ali se arma, segundo o qual: “Azaña e Lerroux são dois patifes com distintas máscaras e a mesma estrutura.”⁴⁹ (ARLT, 1999, p. 67, tradução nossa)

⁴⁴ *Pontevedra, la solitaria* (30/09/1935); *Trabajador gallego en campo americano – Mar bravo y montaña empinada – Reciedumbre gallega* (02/10/1935); *Apuntes marginales a Galicia – Finura de sensibilidad – Mujeres apasionadas y mimosas* (04/10/1935).

⁴⁵ “Lo que a nosotros los españoles nos choca en Buenos Aires, es esa palabra “gallego”, que en vez de definir un origen provinciano, encierra un fondo despectivo.” (ARLT, 1999, p. 71)

⁴⁶ “Nosotros no valoramos al gallego por una subconsciente razón de envidia. En las tierras donde nosotros continuamos siendo pobres, él se enriquece. Si nosotros, los argentinos, tuviéramos que emigrar a Galicia a ganarnos la vida, moriríamos de hambre.” (ARLT, 1999, p. 70)

⁴⁷ “Tengo la sensación de encontrarme en el interior de una desmesurada casa de compra y venta de muebles usados.” (ARLT, 1999, p. 66)

⁴⁸ “La ciudad está muerta. Definitivamente muerta.” (ARLT, 1999, p. 66)

⁴⁹ “Azaña y Lerroux son dos granujas con distinta careta y la misma garrota.” (ARLT, 1999, p. 67)

De acordo com Sofia M. Carrizo Rueda (2008), ao tratar das produções literárias de viajantes, há duas categorias narrativas sobre o tema: os relatos de viagem e a literatura de viagem. Apesar das dificuldades de delimitar o que pertence a uma categoria e o que pertence a outra, visto que de alguma forma elas se misturam, para Carrizo Rueda (2008), um dos principais elementos que permitiria estabelecer as diferenças existentes entre essas duas modalidades seria o uso particular da descrição. No caso dos relatos de viagem, sua função acabaria sendo a de apresentar “fragmentos de mundo” sem o objetivo de levar o leitor ao desenlace da trama, como ocorre com a literatura de viagem, podendo incluir ainda preocupações sociais, políticas ou ideológicas. Ainda acerca do relato de viagem, Carrizo Rueda apresenta a definição de como o concebe:

Trata-se de um discurso narrativo-descritivo no qual predomina a função descritiva como consequência do objetivo final que é a apresentação de um relato como um espetáculo imaginário mais importante que seu desenvolvimento ou desenlace. Tal espetáculo abrange desde informações de variados tipos até as próprias ações dos personagens. Devido à sua inseparável estrutura literário-documental, a configuração do material organiza-se em torno de núcleos de clímax que, em última instância, respondem a um princípio de seleção e hierarquização situado no contexto histórico e que responde a expectativas e tensões profundas da sociedade à qual se dirigem. (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 28, tradução nossa)⁵⁰

Notamos, portanto, que a partir da constatação de um evidente trabalho descritivo das paisagens por onde vagueia e as observações da sociedade espanhola, como os comentários sobre sua política, temática que tomará por completo o centro da atenção de Arlt nas águas-fortes asturianas e madrilenhas, permitem afirmar também a presença de características dos relatos de viagem nos textos de Arlt, uma vez que, como já mencionamos, suas águas-fortes se configuram como um gênero híbrido.

⁵⁰ “Se trata de un discurso narrativo-descriptivo en el que predomina la función descriptiva como consecuencia del objeto final que es la presentación del relato como un espectáculo imaginario, más importante que su desarrollo y su desenlace. Este espectáculo abarca desde informaciones de diversos tipos, hasta las mismas acciones de los personajes. Debido a su inescindible estructura literario-documental, la configuración del material se organiza alrededor de núcleos de clímax que en última instancia, responden a un principio de selección y jerarquización situado en el contexto histórico, y que responde a expectativas y tensiones profundas de la sociedad a la que se dirigen.” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 28)

1.2.4 SANTIAGO DE COMPOSTELA: TACITURNA, SECULAR, EPISCOPAL

Arlt segue seu perambular pelas cidades galegas e chega a Santiago de Compostela, sobre a qual são produzidas oito águas-fortes⁵¹. Nessas, notamos um trabalho descritivo da cidade ainda mais detalhado e que, diante das constatações feitas pelo escritor, resultam de sua imponência: “a violenta presença da cidade medieval é tão intensa, que logo se experimenta o terror de esquecer que ainda existem cidades alegres na terra.”⁵² (ARLT, 1999, p. 74, tradução nossa).

Assim como nas águas-fortes sobre Pontevedra, em Santiago de Compostela o argentino também irá encontrar uma paisagem triste que transfere para atmosfera psicológica de quem ali se encontra: “não se vive em Santiago, se perece”⁵³ e, mais adiante, “não se vive em Santiago, morre-se.”⁵⁴ (ARLT, 1999, p. 93, tradução nossa). Num local onde “é inútil procurar um detalhe terno, uma rua, uma só, onde a alegria esteja pintada na arquitetura”⁵⁵ (ARLT, 1999, p. 95, tradução nossa), a atmosfera da Idade Media está presente de tal forma, que inclusive a influência da igreja católica é quase que palpável diante das imagens que constrói: uma cidade sem árvores, onde o verde parece ser um sacrilégio, onde o sol molhado e triste, vindo talvez do purgatório o leva a imaginar que a humanidade ali vive exclusivamente destinada aos trabalhos de penitência religiosa.

Para Arlt, a história da Espanha, que tem sido descrita como história da decadência, reflete, na verdade, não decadência, mas paralisia, decorrente das duas formas patriarcais de economia da península: a do sul e a do norte. A situação econômica, segundo Arlt, involuntária no norte e voluntária no sul, é decorrente desse estancamento físico, que reflete ainda um apagamento espiritual. Dentre os diálogos que trava com a arte em geral, e com a literatura em particular, Arlt dialoga com alguns escritores espanhóis, dentre eles, Valle Inclán

⁵¹ *Santiago de Compostela - Ciudad triste, sin árboles, que se alegra en invierno bajo lluvia* (06/10/1935); *El sepulcro de piedra - Hacia la sombría Edad Media - La fuerza oscura* (07/10/1935); *Reminiscencias de Compostela - Ciudad de milagro y veneración* (10/10/1935); *La campesina gallega - Rudas jornadas en el campo - La tarea bajo la lluvia* (11/10/1935); *“El Pórtico de la Gloria” - Un prodigio de arte en veinte años de trabajo* (13/10/1935); *Fortalezas de la desesperación - Una ciudad en la que impera el sentimiento de la muerte* (14/10/1935); *La vida paralizada - Carros primitivos arrastrados por bueyes - Los españoles y España* (16/10/1935); *La vida paralizada - Dos españoles distintos: el de América y el de España* (18/10/1935)

⁵² “La violenta presencia de la ciudad medieval es tan intensa, que de pronto se experimenta el terror de olvidar que aún existen ciudades alegres en la tierra.” (ARLT, 1999, p. 74)

⁵³ “No se vive en Santiago, se perece.” (ARLT, 1999, p. 93)

⁵⁴ “No se vive en Santiago, se muere.” (ARLT, 1999, p. 93)

⁵⁵ “Es inútil buscar un detalle tierno, una calle, una sola, donde la alegría esté pintada en la arquitectura.” (ARLT, 1999, p. 95)

e Unamuno. Enquanto estes vinculam o temperamento e a psicologia galega à paisagem, Arlt o explica através de sua economia regional:

A musculosa psicologia do espanhol está prensada em um buraco de pedra, com um guarda civil de sentinela. Nestas circunstâncias, mencionar a influência da paisagem é pueril. [...] É que este viver sem esperança em cidades mortas, onde não há nada que fazer, este arranhar eternamente campos tão divididos que ocupam superfícies já irrisórias, esta dor de viver mal, temendo pelo granizo, pela tempestade, pela seca e pelas inundações, esta angústia permanente de não ver escapatória possível para o terrível problema econômico (que na Europa é um problema de séculos) modelou esse tipo humano sem esperança, sobre o qual a divagação dos intelectuais busca interpretações metafísicas. (ARLT, 1999, p. 102-103, tradução nossa)⁵⁶

Ele observa ainda que toda a força de trabalho presente no galego se desenvolve em terras de América, o que explica sua prosperidade econômica fora de suas terras, ao passo que o espanhol da Espanha se apresenta como um tipo estático de espanhol, “água-forte de cobre, roída por ácidos, e mais enxuta que um quadro de El Greco”⁵⁷ (ARLT, 1999, p. 102, tradução nossa).

1.2.5 BETANZOS: FESTIVA, SEMIMARINHEIRA E CAMPONESA

A cidade de Betanzos é refletida em sete águas-fortes⁵⁸, nas quais o escritor recupera seu entusiasmo ao narrar uma festa popular, a Feira de São Roque, que se inicia no dia 14 de agosto e termina no dia 18 com a festa dos “Caneiros”. Durante os dias de festa, ele relata a venda de mercadorias e os festejos populares, aos quais acrescenta suas observações: “Devo dizer que as festividades religiosas em certos povoados da Espanha, com exceção do

⁵⁶ “La musculosa psicología del español está prensada en agujero de piedra, con un guardiacivil de centinela. En estas circunstancias, mencionar la influencia del paisaje es pueril. [...] Y es que este vivir sin esperanza en ciudades muertas, donde no hay nada que hacer, este arañar eternamente campos tan parcelados que cubren ya superficies irrisorias, este dolor de vivir malamente, temblando por el granizo, por la tempestad, por la sequía y las inundaciones, esta angustia permanente de no verle escapatoria posible al terrible problema económico (que en Europa es un problema de siglos) ha modelado ese tipo humano sin esperanzas, en quienes la divagación de los intelectuales busca interpretaciones metafísicas.” (ARLT, 1999, p. 102-103)

⁵⁷ “Aguafuerte de cobre, roída por ácido, y más enjuta que un cuadro del Greco.” (ARLT, 1999, p. 102)

⁵⁸ La ciudad de Betanzos (20/10/1935); Los benefactores de Galicia - Filántropos desconocidos - La Biblioteca América (21/10/1935); El ferial de Betanzos - Hormiguea la multitud bajo el sol - Ruido y color (22/10/1935); Ferial de Betanzos - Bueyes inmensos y apacibles - Fiesta al concluir las ventas (24/10/1935); Betanzos se divierte - Baila y frasea la multitud - Merienda bajo los árboles (26/10/1935); La fiesta de los “Caneiros” - Bailes en el bosque y merienda en el río - Escenas de Doré (27/10/1935); La alegría de Betanzos - Mitad América, mitad España - Reminiscencias de la Argentina (30/10/1935).

cerimonial indispensável destinado a justificá-las, carecem por completo de religiosidade.”⁵⁹ (ARLT, 1999, p. 119, tradução nossa).

Novamente, recorre à memória para comentar a proximidade que a cidade apresenta em relação à Argentina, descrevendo-a como uma das cidades mais argentinizadas da Galiza e, logo em seguida, trata dos modismos argentinos que circulam por ali. Mais adiante, afirma que, “para o turista, curioso para ver costumes diferentes dos de seu país, a única decepção que produz estes festivais é a falta quase que completa de trajes tradicionais e música regional. Como mencionei em um artigo anterior, certas regiões da Galiza estão argentinizadas em excesso. Ou nós estamos mais espanholizados do que cremos”⁶⁰ (ARLT, 1999, p. 119, tradução nossa).

A paisagem vista é comparada às telas pintadas e a gravuras do francês Gustave Doré: “No anoitecer, o espetáculo adquire tintas infernais. A multidão humana deslizando-se pelas margens, se movimenta como fantasmas ao pé dos altos montes [...] e somos, então, transportados para as paisagens dantescas que Doré ilustrou na *Divina Comédia*”⁶¹ (ARLT, 1999, p. 126, tradução nossa). Por fim, retoma a proximidade entre as duas realidades: “A República Argentina é a segunda pátria do galego. Porque a pátria sentimental, a da ‘*morriña*’, é a Galiza. Com suas mulheres tão apaixonadas e doces, que somente o dialeto galego pode reproduzir esse sussurro mimoso que requer a inquietude amorosa.”⁶² (ARLT, 1999, p. 128-129, tradução nossa). Neste ponto notamos que, apesar das características de uma e outra cultura eventualmente se mesclarem, inclusive em relação aos modismos linguísticos, a questão da língua galega é retomada pelo escritor, como elemento que caracteriza a cultura galega. Arlt descreve-a como “dialeto galego”, no entanto, o galego, assim como o basco e o catalão em outras regiões, é reconhecido como língua co-oficial da Galiza, juntamente com a língua castelhana. A Real Academia Galega, fundada em 1906, celebra o dia das Letras Galegas a cada 17 de maio, forma de potencializar seu uso e reconhecimento como língua oficial.

⁵⁹ “Excuso decir, que las festividades religiosas en ciertos pueblos de España, salvo el ceremonial indispensable destinado a justificarlas, carecen por completo de religiosidad.” (ARLT, 1999, p. 119)

⁶⁰ “Como lo hago notar en un artículo anterior, ciertas regiones de Galicia están argentinizadas en exceso. O nosotros españolizados más de lo que creemos.” (ARLT, 1999, p. 119)

⁶¹ “En la anochecida, el espectáculo cobra tintes infernales. Las multitudes humanas, deslizando-se en las orillas y moviéndose como fantasmas al pie de los altos montes [...] nos transportan a los paisajes dantescos que Doré ha ilustrado en la *Divina Comedia*.” (ARLT, 1999, p. 126)

⁶² “La República Argentina es la segunda patria del gallego. Porque la patria sentimental, la de *morriña*, es Galicia. Con sus mujeres tan apasionadas y dulces, que sólo el dialecto gallego puede reproducir ese susurro mimoso que requiere la inquietud amorosa.” (ARLT, 1999, p. 128-129)

1.2.6 A CORUÑA: COSMOPOLITA, JOVIAL

Finalmente Arlt chega a A Coruña, última cidade galega sobre a qual escreve três águas-fortes⁶³, mostrando, ao contrário de Santiago de Compostela e Pontevedra, uma cidade de vivacidade e alegria. Descreve a paisagem com seus edifícios modernos e compara suas ruas às da capital argentina. O escritor destaca ainda aspectos históricos acerca desse panorama. Segundo ele, A Coruña é chamada “a Madri da Galiza”, devido, sobretudo, à forma como se vive ali: “uma Madri pequena, viva, cosmopolita, cuja jovialidade contrasta rudemente com a repousada gravidade de Vigo e o taciturno empaque da Compostela medieval”⁶⁴ (ARLT, 1999, p. 130, tradução nossa).

Arlt relata a impossibilidade que seria, para um escritor de romance, compor personagens que pudessem revelar a desigualdade de temperamento e geografia que há na Espanha, tamanha suas diferenças dentro de distancias relativamente curtas. Apesar de citar monumentos históricos, como a Torre de Hércules, o argentino escreve: “Sento-me em uma rocha. Não experimento, porém, essa melancolia romântica que normalmente se sente diante de velharias. A torre não me interessa nada. [...] Vou embora enquanto digo a mim mesmo: Ao diabo com as antiguidades.”⁶⁵ (ARLT, 1999, p. 136-137, tradução nossa). Demonstra, assim, o aborrecimento que lhe causa a paisagem das cidades que o remontam à Idade Média, principalmente de cidades vazias como Pontevedra ou Santiago de Compostela.

1.2.7 PERCURSO CONCLUÍDO

Este breve recorrido pelas águas-fortes galegas propôs-se a evidenciar o entrecruzamento entre história e literatura na produção arltiana, entrelaçamento inegável, se tomarmos como ponto de partida o fato de que todo gênero, de acordo com Bakhtin (1988), está constituído de uma dimensão lingüístico-textual e uma dimensão social. Para Trouche

⁶³ *La Coruña - Una ciudad que vive alegremente - Pasan las muchachas en dirección a la playa* (31/10/1935); *“La Torre de Hércules” - Una atalaya del mar - Por el camino de las legiones de Julio César* (01/11/1935); *Aspectos de la vida en La Coruña* (03/11/1935).

⁶⁴ “Un Madrid pequeño, vivaracho, cosmopolita, cuya jovialidad contrasta rudamente con la reposada gravedad de Vigo, y el taciturno empaque de la Compostela medieval.” (ARLT, 1999, p. 130)

⁶⁵ “Me siento en una roca. No experimento esa melancolía romántica que es de rigor sufrir en presencia de antiguallas. La torre se me importa un pepino. [...] Me marchó, al tiempo que me digo: Al diablo con las antigüedades.” (ARLT, 1999, p. 136-137)

(2006, p. 32), “uma das primeiras evidências postas para quem busca estudar as relações entre história e ficção é, certamente, a longevidade dessas relações e da discussão teórica que as envolve.”

Nessa perspectiva, é possível compreendermos as águas-fortes como gênero que se insere dentro do conceito de narrativas de extração histórica, visto que sua composição nutre-se da matéria histórica, refletindo o contexto social e histórico espanhol no início do século XX. Nota-se que no que se refere às narrativas que relatam a experiência do narrador enquanto viajante, cuja característica mais notável é a descrição das paisagens por onde passa, Arlt está escrevendo para um jornal, o que se traduz em certa objetividade, oscilando assim entre a reportagem e a criação literária.

É reportagem porque a matéria da escritura, como já foi dito, é um fato extraído da realidade cotidiana e, por isso, abundante em referências que são facilmente reconhecidas pelo leitor. É também criação literária porque a realidade é recriada pelo engenho do escritor. (CARVALHO, 2009, p. 20)

Ao recriar a realidade, os textos refletem ainda, impressões sucessivas do escritor acerca desse contexto, cuja desigualdade de temperamento por parte dos galegos e da geografia na Espanha é o fio condutor das observações relatadas. Ao final da sequência de águas-fortes galegas, Arlt evidencia uma vez mais tais diferenças:

A cidade de Vigo, ativa e séria. Discrição e parcimônia de gente que evita frivolidades. Pontevedra: comercialmente morta. Não se fala de negócios que não prosperam, mas de política... e nacional. Santiago de Compostela: taciturna, secular, episcopal. Cheira a incenso, possui a obscuridade dos refúgios para oração. Ali se enlouquece. Betanzos: festiva, semimarinheira e camponesa. Barulhenta. A Coruña: cosmopolita, jovial, com gente que fala pelos cotovelos e que não desgruda das mesas dos cafés, como em Madri. (ARLT, 1999, p.138, tradução nossa)⁶⁶

O escritor retoma, assim, as principais características por ele apreendidas durante sua estadia nas cidades da Galiza. Cabe mencionar ainda que essa série de águas-fortes proporcionou ao escritor, após sua chegada em Buenos Aires, o reconhecimento da coletividade galega na Argentina, reconhecimento mencionado numa nota do jornal *El Mundo*, publicada no dia 6 de junho de 1936:

⁶⁶ “Vigo, activo y serio. Discreción y parsimonia de gente que rehúye frivolidades. Pontevedra: comercialmente, muerta. No se habla de negocios que no medran, sino de política... y nacional. Huele a incienso, tiene oscuridades de refugio para oración. Se enloquece allí. Betanzos: festivo, semimarinero y campesino. Bullanguero. La Coruña: cosmopolita, jovial, con gente que charla por los codos y que no se despegas de las mesas de los cafés, como en Madrid.” (ARLT, 1999, p.138)

Uma comissão da Casa da Galiza, integrada pelo presidente desta instituição, D. Casto M. Insúa e os senhores Modesto Montes, Alberto Cernello e Fernando Pinheiro, visitou ontem à noite nosso companheiro de tarefas Roberto Arlt, para felicitá-lo em nome da coletividade galega residente entre nós, pelo acerto com que refletiu a vida da Galiza em suas águas-fortes. (*El Mundo*, 1936 *apud* SAÍTTA, 1999, p. 11, tradução nossa)⁶⁷

As águas-fortes galegas resultam, enfim, da conjunção entre as características advindas dos mais diversos gêneros, dentre os quais destacamos o relato de viagem e a crônica jornalística, tendo em vista a situação de interação, indispensável para a compreensão do sentido do enunciado, e as informações acerca da geografia e da história galega e dos mais diversos aspectos da vida de sua população: religião, costumes, festas populares, política etc.. Trata-se, portanto, de um panorama psíquico, social, histórico e turístico das cidades por onde passa, cujo teor jornalístico notoriamente dialoga com a arte literária.

2. A PRESENTE TRADUÇÃO

A primeira tradução de uma obra arltiana foi a do romance *Los siete locos* para o italiano em 1971 (*I sette pazzi*. Milão: Bompiani. Edição e prólogo de Juan Carlos Onetti). A partir daí, suas obras passam a ser traduzidas para as mais diversas línguas. Para o português, a primeira obra traduzida também foi o romance *Los siete locos* feita por Janer Cristaldo, em 1982, (*Os sete loucos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves). Posteriormente, foram traduzidos e publicados *El jorobadito* (*As feras*. São Paulo: Iluminuras, 1996. Tradução de Sérgio Molina), *Viaje terrible* (*Viagem terrível*. São Paulo: Iluminuras, 1999. Tradução de Maria Paula G. Ribeiro) e uma edição dos dois romances *Los siete locos* e *Los lanzallamas* (*Os sete loucos & Os lança-chamas*. São Paulo: Iluminuras, 2000. Tradução de Maria Paula G. Ribeiro), em um único volume no ano do centenário do nascimento do escritor (Frenkel-Barretto e Costa, 2007). Além destes, contamos ainda com a organização e tradução do livro de contos *Armadilha Mortal* (Porto Alegre, L&PM, 1997. Tradução de Sergio Faraco).

Os textos traduzidos para o português se referem, portanto, a contos e romances produzidos pelo escritor argentino. Com relação às crônicas publicadas no *El Mundo*, a única

⁶⁷ “Una comisión de la Casa de Galicia, integrada por el presidente de esta institución, D. Casto M. Insúa y los señores Modesto Montes, Alberto Cernello y Fernando Piñeiro, visitó anoche a nuestro compañero de tareas Roberto Arlt, para felicitarlo en nombre de la colectividad gallega residente entre nosotros, por el acierto con que reflejó la vida de Galicia en sus aguafuertes.” (*El Mundo*, 1936 *apud* SAÍTTA, 1999, p. 11)

tradução que encontramos se refere à dissertação de mestrado de Maria Paula Gurgel Ribeiro, “Tradução de águas-fortes portenhas, de Roberto Arlt”, em 2001. Apesar do fato de que parte considerável dos textos produzidos por Arlt em terras estrangeiras tenham sido posteriormente reunidos em livros, dentre os quais, configuram-se *Aguafuertes Españolas*, publicada inicialmente pela Fabril Editora em 1936, e composta pelas águas-fortes escritas sobre Cádiz, Marrocos e Granada, *Aguafuertes gallegas y asturianas* e *Aguafuertes madrileñas: presagios de una guerra civil*, ambas compiladas por Sylvia Saítta, e publicadas pela editora Losada, em 1999 e 2000 respectivamente, não há traduções destes para o português.

Assim, o objetivo desta tradução é divulgar junto ao público brasileiro uma parcela dos textos produzidos por Arlt na Espanha, tendo em vista a riqueza dos mesmos, que pode ser apreendida de seu teor narrativo-descritivo na representação tanto das paisagens espanholas, quanto de questões sócio-históricas da época. Dessa forma, para a presente tradução foram selecionadas as vinte e sete águas-fortes referentes à Galiza, apresentadas em sua versão original e também em tradução ao português. Pretende-se, assim, ampliar a divulgação da obra de Roberto Arlt que, embora se trate de um dos mais importantes e representativos escritores argentinos do século XX, ainda é pouco difundida entre os leitores brasileiros, principalmente quando se trata de suas águas-fortes, apesar de que tenha sido a partir destas que Arlt ganhou visibilidade em sua época.

Das várias conotações que pode ter a palavra tradução – interlingual, intralingual, sociolinguística e intersemiótica (RÓNAI, 1976) – cabe esclarecer que o trabalho empreendido se refere à tradução interlingual. No entanto, e como veremos, o processo tradutório, ao contrário do senso comum, não se restringe à ação de verter um determinado texto escrito em um idioma, língua fonte, em outro, língua alvo.

Em seu livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007), Antoine Berman retoma uma discussão recorrente no âmbito da tradução e, a partir da crítica das teorias tradicionais sobre o assunto, propõe a “tradução literal”, palavra por palavra, de um texto. Ao afirmar que o tradutor deve se preocupar com a literalidade de uma determinada obra a ser traduzida, Berman se refere à tradução da letra: não se trata do sentido tradicional de traduzir unidades linguísticas buscando o seu correspondente na língua alvo, mas sim de traduzir as ideias e mensagens do original, sem a intenção de negar o seu estranhamento na língua alvo. Ou seja, traduzir o “Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua.” (BERMAN, 2007, p. 69)

Quando pensamos na etimologia do verbo traduzir, em latim, *traducere*, isto é, “levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar”, parece claro que o sujeito do verbo em

questão é o tradutor, mas resta-nos dúvida de a quem se refere o objeto direto. Esta ambiguidade pode ser melhor entendida a partir dos dois princípios que norteiam o ato tradutório, segundo Friedrich Schleiermacher (2002): o da “estrangeirização” e da “domesticação”. Neste, o tradutor leva o autor do texto original até o leitor, ao passo que naquele, é o leitor quem é levado até o autor. Ainda de acordo com Paulo Rónai (1976), a escolha por esta ou aquela maneira de traduzir corresponde às exigências diversas do ato em si. Desta forma,

Conduzir uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico significa querer adaptá-la ao máximo aos costumes do novo meio, retirar-lhe as características exóticas, fazer esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa. Conduzir o leitor para o país da obra que lê significa, ao contrário, manter cuidadosamente o que essa tem de estranho, de genuíno, e acentuar a cada instante a sua origem alienígena. (RÓNAI, 1976, p. 4)

Dentre os que defendem a “estrangeirização”, estão Schleiermacher (2002) e Berman (2002, 2007), para os quais, o texto traduzido deve proporcionar ao leitor essa condição a fim de manter os valores culturais do texto fonte. Berman (2007) foca a relevância do “outro” ao consolidar a sua ética da tradução. Assim, “o objetivo ético, poético e filosófico da tradução consiste em manifestar na *sua* língua esta pura novidade ao preservar sua carga de novidade” (BERMAN, 2007, p. 69).

Segundo o teórico francês, que também é tradutor e inclusive traduziu, junto com Isabelle Berman, duas obras do argentino Roberto Arlt para o francês, a saber, *Les sept fous* (*Los siete locos*) e *Le jouet enragé* (*El juguete rabioso*), é uma má tradução aquela que “sob pretexto de transmissibilidade, opera uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (BERMAN, 2002, p. 18). Berman (2007) evoca ainda treze tendências deformadoras dos textos a partir de suas traduções: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, o empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares, a destruição das locuções e idiotismos, o apagamento das superposições de línguas.

Considerando tais observações, seria oportuno refletir sobre o processo tradutório das águas-fortes galegas a partir das particularidades com as quais nos deparamos. Como mencionado anteriormente, os textos traduzidos são resultantes da condição de viajante do

escritor argentino, ou seja, são relatos de viagem. No entanto, tais relatos são produzidos com um objetivo e destinados a um público bem definido, ou seja, sua publicação no jornal *El Mundo*, pensando em leitores argentinos. Temos, portanto, textos que agregam ao teor jornalístico o interesse pelos roteiros de viagem, cuja descrição é a característica predominante.

Ao narrar sua trajetória, poderíamos dizer que Arlt “traduz” aos leitores argentinos uma nova realidade: trata-se de uma tradução intralingual, não abarcada pela teoria discutida anteriormente. Uma realidade espanhola acaba sendo traduzida, de certo modo, para o leitor argentino. Para isso, o processo narrativo empreendido pelo escritor faz uso de comparações e analogias a fim de descrevê-lo, resgatando a experiência histórica através da memória para construir o texto, uma vez que confronta o cenário presente às suas reminiscências individuais.

Desta forma, o escritor-viajante utiliza-se de referências que podem facilmente serem assimiladas pelos leitores, ou seja, a partir de comparações entre o novo e o familiar. Vejamos um exemplo: “*Las mujeres de la pequeña burguesía visten tan elegantemente como en Buenos Aires. Son bonitas.*”⁶⁸ (ARLT, 1999, p. 41). Também podemos perceber tal uso a partir do trecho seguinte:

Los cines son pequeños y modernos. Nada de sillas de paja de cocina. El público trabajador es muy asiduo de los espectáculos públicos. La función se desarrolla en silencio. Me acuerdo de los "gallineros" andaluces y de la algarabía que se arma allí. Aquí se observan las ordenanzas. No se fuma. (ARLT, 1999, p. 43)

Arlt compara a nova paisagem àquelas já descritas em relatos anteriores, pressupondo um público leitor contínuo. Para a tradução dos comentários acerca dos cinemas da Galiza em relação aos da Andaluzia, propomos a seguinte versão:

Os cinemas são pequenos e modernos. Nada de cadeiras de palha de cozinha. O público trabalhador é muito assíduo dos espetáculos públicos. A sessão se desenrola em silêncio. Lembro-me dos “puleiros” andaluzes e da baderna que se arma ali. Aqui são respeitadas as advertências. Não se fuma. (ARLT, 1999, p. 43, tradução nossa)

Nota-se, portanto, uma atitude escritural que recorre à memória daquilo que é compartilhado entre o escritor e seus leitores, seja através da realidade portenha, ou ainda

⁶⁸ “As mulheres da pequena burguesia se vestem tão elegantemente como em Buenos Aires. São bonitas.” (ARLT, 1999, p. 41, tradução nossa).

através de outras realidades já descritas por ele em textos anteriores. Também é recorrente o uso de inserções de vocabulário característico da língua do local visitado pelo escritor, ou seja, o galego, o qual foi mantido em nossa tradução. Como vimos, Arlt “leva” seus leitores a este novo ambiente que é a Galiza, e embora recorra aos elementos familiares e aos costumes do público alvo para transmiti-lo, mantém o foco na transmissão da cultura estrangeira, refletindo essa realidade essencialmente diversa, mas que muitas vezes surpreende por certa proximidade. Desta forma, Arlt faz uso de expressões que são comuns aos argentinos, mas que, no entanto, são desconhecidas dos leitores brasileiros, porém traduzi-las ao português seria acomodá-las à língua alvo, empobrecendo o texto em questão. Portanto, preferiu-se mantê-las tal como estão no original, explicitando seu significado no próprio texto, ou quando necessário, a partir do uso de notas que acompanharão o texto traduzido. Traduzir, neste caso, tem como objetivo tornar acessível em português um texto originalmente escrito em espanhol da Argentina, mantendo seus traços culturais, o interesse pela cultura do outro, a qual o autor se propôs a descrever. É necessária a compreensão, por parte do tradutor, de todo o contexto no qual ele o havia escrito, isto é, sua vida, sua produção literária e jornalística, e o ambiente sócio-cultural em que viveu, fazendo com que o resultado do trabalho alcançasse os objetivos propostos para o mesmo, sem descaracterizar seu original.

Assim, com relação à qual postura adotar diante de tais textos, ao vertê-los ao português, cujos leitores estão distantes física, temporal e culturalmente das duas realidades descritas pelo escritor, parece-nos claro que o princípio mais adequado às traduções em geral, e a esta em particular, é o da “estrangeirização”, tratando de levar o leitor ao autor, reconhecendo e valorizando a cultura de partida. Não poderíamos, e provavelmente sequer conseguiríamos, negar essa “estrangeirização”, pois trata-se de uma obra que justamente tem no seu cerne o interesse pelo “outro”, pelo diferente, pelo desconhecido. Tentar aproximá-lo da cultura alvo seria, ao mesmo tempo, negar o estranhamento do texto e o interesse do leitor por algo diferente.

AGUAFUERTES GALLEGAS

ÁGUAS-FORTES GALEGAS

Vigo, ciudad - Gente cordial, seria y reflexiva - Un contraste con Andalucía
(El Mundo, 19 de setiembre de 1935)

Creo conocer las principales ciudades de España, con excepción de Barcelona, y en ninguna me he sentido cohibido como aquí, en Vigo. Tan seria es la gente.

En Andalucía, uno puede echarle un piropo a una muchacha, o seguirla o hablar y reír a gritos en la mesa de un café sin que nadie se sienta molesto por ello, pero aquí, en Vigo, la atmósfera es tan naturalmente contenida y mesurada que nadie se atreve a desentonar. Me acuerdo de Gibraltar. Las mismas características.

Vagabundeo por todas partes. Curioso, pregunto, observo. Esta ciudad gallega es una sorpresa para nosotros los argentinos. Quizá la más violenta.

Las mujeres de la pequeña burguesía visten tan elegantemente como en Buenos Aires. Son bonitas.

La gente es cordial, pero seria. Hablan de Buenos Aires como de Galicia. No hay casi familia gallega que no tenga parientes en la Argentina. Pero el gallego, más que enorgullecerse de su ciudad, se enorgullece de su sociedad, de su tipo humano. "La ciudad es moderna" dicen, y no insisten más en ello. Pero a mí, esta ciudad moderna de calles anchas, limpias, de comercios holgados, de edificios de seis pisos de altura, contruidos con bloques de piedra, me intriga. Ambulo, doy vueltas; paso al Vigo antiguo; observo cómo la gente

Vigo¹, cidade - Gente cordial, séria e reflexiva - Um contraste com a Andaluzia²
(*El Mundo*³, 19 de setembro de 1935)

Creio conhecer as principais cidades da Espanha, com exceção de Barcelona, e em nenhuma me senti tão reprimido como aqui, em Vigo, pela seriedade das pessoas.

Na Andaluzia, pode-se fazer um elogio a uma moça, segui-la ou falar e rir aos berros na mesa de um café sem que ninguém se sinta incomodado por isso. Aqui, em Vigo, no entanto, a atmosfera é tão naturalmente contida e moderada que ninguém se atreve a destoar. Lembro-me de Gibraltar⁴. As mesmas características.

Vagabundeio a esmo por todas as partes. Curioso: pergunto, observo. Esta cidade galega é uma surpresa para nós argentinos. Talvez a mais violenta.

As mulheres da pequena burguesia se vestem tão elegantemente como em Buenos Aires. São bonitas.

As pessoas são cordiais, porém sérias. Falam de Buenos Aires como da Galiza⁵. Quase não há família galega que não tenha parentes na Argentina⁶. Mas o galego, mais do que se orgulhar de sua cidade, se orgulha de sua sociedade, de seu tipo humano. “A cidade é moderna”, dizem, e não insistem mais nisso. Mas a mim, esta cidade moderna de ruas largas, limpas, de comércios amplos, de edifícios de seis andares, construídos com blocos de pedra, me intriga. Perambulo, dou voltas; passo à Vigo antiga; observo como as pessoas

¹ A cidade de Vigo pertence à província de Pontevedra, situada na comunidade autônoma da Galiza. No início do século XX, a região experimentou um desenvolvimento acelerado, como se pode constatar a partir de suas cifras, dentre as quais está o fato de que em 1858 entraram no porto de Vigo 3 navios, ao passo que em 1927 foram 2.681.

² Região da Espanha localizada na parte meridional do país divide-se em oito províncias: Almería, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga e Sevilha. Possui marcas culturais particulares, em especial, pelo fato de ter sido a região onde mais tempo permaneceram os muçulmanos e por ter sido a porta de saída dos barcos que conquistaram a América por onde entrou toda a riqueza americana, material e cultural.

³ Jornal da Editora Haynes, circulou diariamente em Buenos Aires entre os anos de 1928 a 1967. Nele Arlt trabalhou desde sua fundação até sua morte em 1942.

⁴ Antiga possessão inglesa, atual território autônomo, localizado no extremo sul da Península Ibérica. Trata-se de um penhasco voltado para o Mediterrâneo.

⁵ Região da Espanha localizada ao noroeste da península, a Galiza está dividida em quatro províncias: A Coruña, Ourense, Lugo e Pontevedra. Limita ao norte com o mar Cantábrico, ao sul com Portugal, a oeste com oceano Atlântico e a leste com Astúrias e León. Nessa região se desenvolveu uma cultura particular com língua própria, o galaico-português, que mais tarde se desdobraria nas línguas portuguesa e galega. Por localizar-se às margens tanto do Cantábrico, quanto do Oceano Atlântico, a região desenvolveu atividades relacionadas ao mar, em especial a pesca. Uma das regiões mais pobres da Espanha, foi berço de um dos processos emigratórios mais importantes da península, em especial rumo à América, com predileção pela Argentina.

⁶ Nota-se que, apesar do deslocamento geográfico à Espanha, Arlt faz o caminho inverso quando recorre às imagens e aos acontecimentos de sua terra natal para tecer os comentários acerca da população da Galiza. Essa aproximação faz com que seus relatos sejam mais facilmente apreendidos por seus leitores argentinos. Além disso, em outras ocasiões, essa aproximação ocorre devido aos laços familiares que unem tais territórios, resultado da imigração massiva de galegos na Argentina.

charla, y en realidad estoy buscando la razón de ese contraste social tan enorme que Galicia ofrece con Andalucía. Porque la ciudad andaluza, en sus barrios obreros, está atestada de basura, y aquí, en Galicia, los barrios obreros son limpios. Porque el andaluz se embriaga y el gallego no bebe. Porque el café andaluz, a pesar de su nutrida concurrencia, carece de orquesta, y en Vigo, los cafés un poco importantes, con menos clientela, costean una orquesta. ¿Por qué los niños andaluces son tan bullangueros y atrevidos y el niño gallego es seriecito, o sus formas de alegría se desenvuelven en relación a su edad?

Aquí, en la pensión donde vivo, hay un centro artístico. Se reúnen en él muchachas y varones. Tienen piano. Ensayan coros. Cualquiera día de estos concurriré a una fiesta que organizan, porque una noche me detuve en la puerta para observarlos ensayar y me invitaron a pasar, y pienso asistir al primer canto coral que den.

Vigo, ciudad. Vigo, ciudad. Y ciudad puerto. Bajo por las callecitas de piedra hacia la Lonja del Pescado. De las ventanas, por las cuerdas, cuelgan ropas lavadas puestas a secar. Pasan mujeres con sus cestos sobre la cabeza. Limpias. Me detengo junto a un barco que está cargando. Hay varias cargadoras. Limpias. Quiero fotografiar a una, y me dice que espere. Se quita los cajones de la cabeza y se peina. Le digo que por los cajones no se distinguirá el peinado pero la cargadora sonrío y continúa peinándose. Gasta buenas medias.

Los cines son pequeños y modernos. Nada de sillas de paja de cocina. El público trabajador es muy asiduo de los espectáculos públicos. La función se desarrolla en silencio. Me acuerdo de los "gallineros" andaluces y de la algarabía que se arma allí. Aquí se observan las ordenanzas. No se fuma.

Hay un teatro, el Rosalía de Castro. Monumental.

Doy vuelta en torno de las fábricas de conservas de pescado. Limpio todo. Lavado. Por la tarde la gente baja a la orilla del mar y se pasea por la cinta asfaltada que corre entre el puerto y las fábricas. Las mujeres, con sus cochecitos donde llevan los niños, los veraneantes, las obreras. Lo único molesto para el que no está acostumbrado es el permanente olor a sardina flotando en el paisaje. La gente de Vigo está habituada a él, y

conversam, e na realidade estou procurando a razão desse contraste social tão grande que Galiza oferece com Andaluzia. Porque a cidade andaluza, nos seus bairros operários, está repleta de lixo e aqui, na Galiza, os bairros operários são limpos. Porque o andaluz se embriaga e o galego não bebe. Porque o café andaluz, apesar da sua grande concorrência, carece de orquestra e, em Vigo, os cafés menos importantes, com menos clientela, mantêm sua orquestra. Por que as crianças andaluzas são tão barulhentas e atrevidas e as crianças galegas são mais quietinhas, ou suas formas de alegria se desenvolvem em relação a sua idade?

Aqui, na pensão onde vivo, há um centro artístico. Reúnem-se nele moças e rapazes. Tem piano. Ensaiam coros. Qualquer dia destes irei participar de uma festa que organizam, pois uma noite me detive na porta para observá-los ensaiar e me convidaram para entrar, e penso assistir ao primeiro canto coral que darão.

Vigo, cidade. Vigo, cidade. Cidade porto. Desço por ruazinhas de pedra até o Mercado do Peixe. Das janelas, pelas cordas, estão dependuradas roupas lavadas para secar. Passam mulheres com seus cestos sobre a cabeça. Limpas. Quero fotografar uma delas e ela me diz que espere. Tira os caixotes da cabeça e se penteia. Digo-lhe que por causa dos caixotes não se distinguirá o penteado, mas a carregadora sorri e continua se penteando. Usa meias de qualidade.

Os cinemas são pequenos e modernos. Nada de cadeiras de palha de cozinha. O público trabalhador é muito assíduo dos espetáculos públicos. A sessão se desenrola em silêncio. Lembro-me dos “puleiros” andaluzes e da baderna que se arma ali. Aqui são respeitadas as advertências. Não se fuma.

Há um teatro, o Rosália de Castro. Monumental.⁷

Dou voltas em torno das fábricas de conservas de peixe. Tudo limpo. Lavado. Pela tarde, as pessoas descem à beira do mar e passeiam pelo caminho asfaltado que há entre o porto e as fábricas. As mulheres, com seus carrinhos onde levam as crianças, os turistas, as operárias. A única coisa que incomoda para aquele que não está acostumado é o permanente fedor de sardinha contaminando a paisagem. As pessoas de Vigo estão habituadas a ele, e

⁷ O teatro ao qual Arlt se refere homenageava a escritora galega Rosalía de Castro (1837-1885), quando foi inaugurado pela primeira vez, em 15 de julho de 1900. No entanto, após um incêndio em fevereiro de 1910, quando o teatro já se encontrava desativado, deu-se início a construção de um novo teatro, o García Barbón, inaugurado no dia 23 de abril de 1927.

se pasea por allí. Pasan las traineras de vela por la rápida llanura de agua azul, y lentamente se ilumina el caserío del monte de La Guía.

La gente es ferozmente honrada. Las casas de pensión dejan la puerta abierta, de modo que por la noche uno puede entrar a la hora que llega sin necesidad de cuestionar con el sereno.

Varias líneas de tranvías cruzan la ciudad que, semejante al lomo de un caballo, está poblada de caserío en sus dos vertientes opuestas. Muchas calles son gradinatas de piedra. Todo es recio y sólido. Los edificios de seis y siete pisos, están contruidos con bloques de piedra. Las campanas de las chimeneas, aquí, en la ciudad, como las piletas, son de granito. Nada se construye de ladrillo, como no ser los tabiques.

Mientras escribo estas líneas, me pregunto a qué hora limpiarán los barrenderos la ciudad, porque aún no les he visto las caras y las calles tan limpias y pulidas.

Una aclaración: he insistido en que me llamaba la atención la seriedad del gallego, pero la seriedad a que me refiero no es la del ceño fruncido, sino a esa gravedad reflexiva, disuelta en la expresión del semblante, por el hábito de la meditación. Es decir, gente franca y con la preocupación del ser humano, y para el cual la naturaleza es una permanente incitación al combate. Las mujeres, terriblemente femeninas, aún las que se ocupan de trabajos pesados. Digo esto porque uno ha conformado el pensamiento al falso concepto de que la mujer que trabaja en labores masculinas se torna hombruna. Y observo aquí, que hablo más de la gente de Galicia que de sus ciudades... en compensación de que en Andalucía he hablado más de las ciudades que de los seres humanos.

passeiam por ali. Passam as traineiras⁸ de vela pela rápida superfície de água azul e lentamente se ilumina o casario do Monte de La Guía.⁹

As pessoas são verdadeiramente honradas. As casas de pensão deixam a porta aberta, de modo que pela noite alguém pode entrar na hora em que chegar, sem necessidade de discutir com o guarda-noturno.

Várias linhas de bonde cruzam a cidade que, semelhante ao lombo de um cavalo, está povoada de casas em suas duas vertentes opostas. Muitas ruas são formadas por degraus de pedra. Tudo é robusto e sólido. Os edifícios de seis e sete andares estão construídos com blocos de pedra. As lareiras, aqui na cidade, como as pias, são de granito. Nada se constrói de tijolo, a não ser divisórias.

Enquanto escrevo estas linhas, me pergunto a que hora os garis limparão a cidade, porque ainda não vi suas caras e as ruas tão limpas e cuidadas.

Um esclarecimento: tenho insistido que me chama a atenção a seriedade do galego, porém a seriedade a qual me refiro não é a da testa franzida, mas essa gravidade reflexiva, dissolvida na expressão do semblante, devido ao hábito de meditar. Isto é, gente franca e com a preocupação do ser humano, para quem a natureza é um permanente convite ao combate. As mulheres, extremamente femininas, mesmo aquelas que se ocupam de trabalhos pesados. Digo isso porque há aqueles cujo pensamento está preso ao falso conceito de que a mulher que trabalha em serviços masculinos se torna masculinizada. E observo aqui que falo mais das pessoas da Galiza do que de suas cidades... É uma compensação pelo fato de que na Andaluzia falei mais das cidades do que dos seres humanos.

⁸ Embarcação de pesca, seu nome se deve ao uso que se faz das trainas, redes usadas para capturar os peixes neste tipo de embarcação.

⁹ Encontra-se situado no bairro de Teis com vistas de Vigo e sua ria, e as Ilhas de Cíes ao fundo.

A lo largo del Miño - Recuerdo a los gallegos de Buenos Aires - Paisajes puros, suaves y placidos

(El Mundo, 20 de setiembre de 1935)

El tren corre entre un caos de montañas. Montañas verdes, azules, sonrosadas, violetas. De tanto en tanto, caseríos recios, de piedra gris. El gallego no encala su casa. Las tejas son de piedra negra. En los prados, "as vaquiñas". Me acuerdo de todos los gallegos de Buenos Aires evocando este paisaje y "as vaquiñas"... El río corre formando meandros perezosos, los viñedos retrepan las montañas. Viñedos altos, bajo los cuales caminan mujeres con cestos en las cabezas. Las montañas tienen escalones de sembradío. Yo pienso con amargura cómo me las arreglaré para caminar por aquí. Porque una cosa es mirar el paisaje, y otra sudarlo. Se necesitan para estas alturas piernas de acero. Y yo tengo piernas de hombre de ciudad. El Miño corre abajo. Caudaloso, formando en ciertos trechos espejos tan cristalinos que la montaña azul y las nubes sonrosadas, se reflejan en él. Me acuerdo de los gallegos de Buenos Aires. Canturreo la "Alborada", de Velga (sic)¹⁰. Me acuerdo de los gallegos de Buenos Aires. "As vaquiñas". ¡Cómo se les debe apretar el corazón cuando recuerdan a su Galicia!

Estos valles frescos y profundos empenachados de castaños y nogales. Pasan las estaciones, los pueblecillos... Pueblos de casas de piedra oscura de dos pisos, con tejado de piedra negra, estampados en manchas verdes. Porque éste es el paisaje más hermoso y más dulce de España. Panorama donde flota un velo de melancolía tierna, la misma ternura tan femenina y dulce de las mujeres gallegas. Y aunque mi cuerpo está aquí, bloqueado por el paisaje gallego, mi pensamiento se destrenza allá en Buenos Aires, junto a todos los gallegos, junto a todas las mujeres gallegas que han cruzado el gran océano, y me digo:

-Cómo se les ha de encoger el corazón cuando, en un momento de soledad, se acuerdan de estas aldeas tan bonitas, tan envueltas en cortinados verdes, y cuando se acuerdan de la caída de la tarde, y del sol en el río, y de las voces de las gaitas, y de los bailes en los calveros, y de las vacas que atadas con una cuerda llevaban a beber a un río,

¹⁰ No original, é provável que o autor esteja se referindo a Pascual Veiga Iglesias.

Ao longo do rio Minho¹¹ - Recordo os galegos de Buenos Aires - Paisagens puras, suaves e plácidas.

(*El Mundo*, 20 de setembro de 1935)

O trem corre entre um caos de montanhas. Montanhas verdes, azuis, rosadas, violetas. De tanto em tanto, casarios resistentes, de pedra cinza. O galego não caia sua casa. As telhas são de pedra negra. Nos prados, as “*vaquiñas*”¹². Lembro-me de todos os galegos de Buenos Aires evocando esta paisagem e as “*vaquiñas*”... O rio corre formando recantos preguiçosos, os vinhedos tomam as montanhas. Vinhedos altos, sob os quais caminham mulheres com cestos na cabeça. As encostas das montanhas possuem degraus cultivados. Penso com amargura como conseguirei caminhar por aqui. Porque uma coisa é olhar a paisagem e outra encará-la. Para estas alturas são necessárias pernas de aço. E eu tenho pernas de homem da cidade. O Minho corre abaixo. Caudaloso, formando em certos trechos espelhos tão cristalinos que a montanha azul e as nuvens rosadas se refletem nele. Lembro-me dos galegos de Buenos Aires. Cantarolo a “*Alvorada*”, de Velga¹³. Lembro-me dos galegos de Buenos Aires. “*As vaquiñas*”. Como lhes deve apertar o coração quando recordam sua Galiza!

Estes vales frescos e profundos repletos de castanheiras e noqueiras. Passam as estações, os pequenos povoados... Aldeias de casas de pedra escura de dois andares, com telhado de pedra negra, estampados com manchas verdes. Porque esta é a paisagem mais bela e mais doce da Espanha. Paira neste panorama um véu de terna melancolia, a mesma ternura tão feminina e doce das mulheres galegas. E embora meu corpo esteja aqui, bloqueado pela paisagem galega, o meu pensamento se dilui lá em Buenos Aires, juntamente com todos os galegos, junto com todas as mulheres galegas que tem atravessado o grande oceano, e digo a mim mesmo:

“Como lhes deve encolher o coração quando, em um momento de solidão, se lembram destas aldeias tão lindas, cercadas por paisagens verdes e quando eles se lembram do final da tarde, do sol no rio, do som das gaitas, dos bailes nas clareiras, das vacas que amarradas com

¹¹ Com um curso de mais de trezentos quilômetros e situado no noroeste da península ibérica, o rio Minho percorre quase completamente pela Galiza, ainda que seu curso final forme a fronteira entre Espanha e Portugal antes de desembocar no oceano Atlântico.

¹² Em galego, no original: as “*vaquinhos*”. Um dos elementos básicos da economia familiar galega, as vacas acabaram sendo incorporadas na paisagem da região.

¹³ Pascual Veiga Iglesias (1842-1906) músico e compositor é o autor da *Alborada Gallega*, também conhecida como *Alborada de Veiga* e da música do hino da Galiza, criado pela imigração usando como letra as primeiras estrofes do poema “*Queixumes dos pinos*”, de Eduardo Pondal (1835-1917).

y de los viñedos tan tupidos, y de sus casonas suspendidas sobre los abismos...

Galicia emociona como un dulcísimo llanto. Su paisaje es tan puro, que el corazón se arremansa en él. Su montaña no es brutal, sino idílica. Y yo sé cómo los seres humanos, que han nacido en la montaña, aman a la montaña. Es el amor de toda su vida. Yo sé que aquí el trabajo es rudo, más rudo que en ninguna otra parte de España; pero sé también que el ojo del varón o de la mujer, que han bebido el paisaje de montaña, lo llevan tan esculpido dentro del corazón que todas las lágrimas que en la soledad vertieron en un momento, en Buenos Aires, los ojos gallegos tienen algo de la misma sustancia que las aguas de estos ríos, el Sil, el Cabrera y el Miño. Y aunque quiero deshacerme del recuerdo de los gallegos de Buenos Aires, no puedo. Sé hasta qué profundidad tienen metido el amor de su Galicia, en los tuétanos; y el paisaje hermoso, en vez de serme agradable, se traduce en emoción, me siento gallego, pero gallego no en España, sino en Buenos Aires, dependiente de almacén, peoncito de panadería, o gran señor comerciante, que para todos es lo mismo.

El tren corre a las orillas del Miño y entrecierro los ojos, me acuerdo del paisaje gallego que está a un paso de mi cuerpo, y me represento el sufrimiento de esta raza heroica y concentrada, en tierras extrañas, y me digo, que el gallego que abandonó sus montañas debe sufrir bárbaramente. Porque en Galicia el paisaje no es independiente del hombre. No es un decorado donde la vida se desliza con prescindencia de la naturaleza. En Galicia, el hombre y la naturaleza forman una soldadura racial. El gallego es celta, y en los primeros tiempos del cristianismo adoraba las piedras, una montaña misteriosa que se cree sea el Pico Sacro y las cascadas de agua. Pertenecen a la misma raza que los hombres de Bretaña, Irlanda, Cornualls y Armórica. Por eso tienen muchos los ojos verdes y el cabello rubio. Inmolaban víctimas humanas al dios de la guerra. Danzaban antes de entrar en batalla.

uma corda levavam para beber em um rio, dos vinhedos tão densos, de suas casonas suspensas sobre os abismos...”

A Galiza emociona como um doce lamento. Sua paisagem é tão pura que o coração se acalma diante dela. Sua montanha não é brutal, mas idílica. E eu sei como os seres humanos, que nasceram na montanha, amam a montanha. É o amor de toda a sua vida. Eu sei que aqui o trabalho é duro, mais duro que em qualquer outra parte da Espanha. Mas sei também que o olhar do homem ou da mulher que usufruíram da paisagem da montanha, a levam tão esculpida dentro do coração como todas as lágrimas que derramaram em um momento de solidão, em Buenos Aires. Os olhos galegos possuem algo da mesma substância que as águas destes rios, o Sil¹⁴, o Cabrera¹⁵ e o Minho. E ainda que queira me desfazer da recordação dos galegos de Buenos Aires, não posso. Sei o quão profundo carregam o amor por sua Galiza, no mais íntimo de si. E a bela paisagem, em vez de agradável, se traduz em emoção. Sinto-me galego, galego não na Espanha, mas em Buenos Aires. Vendedor, padeiro ou grande comerciante, que para todos é a mesma coisa.

O trem corre às margens do Minho. Cerro os olhos, lembro-me da paisagem galega que está a um passo de meu corpo e imagino o sofrimento desta raça heróica e concentrada, em terras estranhas. E digo a mim mesmo que o galego que abandonou suas montanhas deve sofrer muito. Porque na Galiza, a paisagem não é dependente do homem. Não é uma decoração na qual a vida se desliza independente da natureza. Na Galiza, o homem e a natureza formam um amálgama racial. O galego é celta e nos primeiros tempos do cristianismo adorava as pedras, uma montanha misteriosa que se acredita que seja o Pico Sacro¹⁶ e as cascatas. Pertencem à mesma raça dos homens da Bretanha¹⁷, Irlanda¹⁸, Cornúlia¹⁹ e Armórica²⁰. Por isso muitos possuem os olhos verdes e o cabelo loiro. Sacrificavam vítimas humanas ao deus da guerra. Dançavam antes de entrar em batalha.

¹⁴ Rio da Galiza, principal afluente do rio Minho.

¹⁵ Rio da Galiza, forma o Sil inferior desde a sua confluência com a bacia do rio Sil até à foz do rio Minho.

¹⁶ Monte de 530 metros de altitude, o Pico Sacro tem um grande valor simbólico e popular devido à grande quantidade de lendas que existem sobre o local. É a última parada dos peregrinos que chegavam a Santiago de Compostela pela Via da Prata.

¹⁷ Região do oeste da França. É a região francesa que se beneficia de uma maior costa litoral, entre o Canal da Mancha e o Oceano Atlântico. Nessa região, bem como na Galiza e em algumas partes das ilhas britânicas, nota-se, ainda hoje uma forte presença de elementos da ancestral cultura celta, que ocupava essas regiões antes da chegada dos romanos e das posteriores invasões de povos germânicos.

¹⁸ Ilha localizada no noroeste da Europa, nas Ilhas Britânicas, atualmente ocupada pela República da Irlanda, em sua maior parte, e pela Irlanda do Norte, território vinculado à Grã-Bretanha.

¹⁹ Região localizada no sudoeste da Inglaterra, que assim como Bretanha, Irlanda, Ilha de Man, Escócia e Gales, é considerada parte da grande nação celta.

²⁰ Localizada na costa noroeste da antiga região da Gália, constitui atualmente os territórios da Bretanha e Normandia.

Navegaban en barcos de cuero. Miles y miles de años han vivido siempre en estas montañas, en este paisaje dulce. El cristianismo no ha podido desterrar aún de ellos la creencia supersticiosa en el beneficio mágico de ciertas piedras. Son gente de montaña. De allí su naturaleza concentrada, ese perfil limpio y bárbaro, la mirada de un cristalino tan vitrificado que sería cruel si la ternura vegetal contagiada por el panorama verde, no pusiera en el fondo de la mirada de las mujeres esa dulzura tan ardientemente femenina. Ahora comprendo una palabra que me dijeron los andaluces de Granada:

-Las mujeres gallegas son de miel.

Sí; dulces como esa palabra que expresa nostalgia y langor: "morriña". Y bajo la miel, la nervadura de acero que ha estratificado la montaña: su voluntad, la voluntad decidida, que les permite dar el gran salto a las Américas.

Corre el tren por las orillas del Miño. Los viñedos retrepan las laderas, la montaña tiene escalones de verdura, los tejados de piedra negra sobre las casas de piedra gris, se amontonan defensivamente. Las aldeas pasan, se renuevan. Una chica baja hacia el río con una "vaquiña" atada a una cuerda. Y yo me acuerdo de todos los gallegos de Buenos Aires.

Navegavam em barcos de couro. Vivem nestas montanhas há milhares e milhares de anos, nesta paisagem doce. O cristianismo não foi capaz de eliminar a crença supersticiosa no poder mágico de certas pedras. São gente da montanha. Daí sua natureza concentrada, esse perfil limpo e bárbaro, o olhar de um cristalino tão vitrificado que seria cruel se a ternura vegetal contagiada pelo panorama verde não colocasse no fundo do olhar das mulheres essa doçura tão ardentemente feminina. Agora compreendo uma frase que me disseram os andaluzes de Granada:

- As mulheres galegas são de mel.

Sim, doces como essa palavra que expressa nostalgia e fraqueza: “*morriña*”²¹. E sob o mel, nervos de aço que sedimentaram a montanha: sua vontade, vontade decidida, que lhes permite dar o grande salto às Américas.

Corre o trem pelas margens do Minho. Os vinhedos sobem pelas encostas, a montanha possui patamares cultivados, os telhados de pedra negra sobre as casas de pedra cinza se amontoam defensivamente. As aldeias passam, se renovam. Uma garota desce até o rio com uma “*vaquiña*” atada a uma corda. E lembro-me de todos os galegos de Buenos Aires.

²¹ Em galego, no original: *morrinha*, uma espécie de melancolia que os galegos colocam como marca essencial de sua identidade, num processo similar ao que o português faz com a palavra “saudade”.

El gallego como trabajador del mar - Un pueblo que vive de la pesca - Hombres de mar y tierra

(El Mundo, 23 de setiembre de 1935)

La tercera parte de todos los puertos de España se encuentra repartida en las doscientas cincuenta millas de costa gallega.

Ello nos explica por qué el gallego es simultáneamente hombre de tierra y de mar. Cuando los negocios marchan mal en el océano, el gallego se mete en sus campos y montañas, y trajina allí. La ventaja de esta doble personalidad, lo coloca favorablemente frente a la lucha por la vida. Ejemplo: hace tres años, hubo una huelga de trabajadores de mar. Los patrones no querían ceder. Los marineros se metieron en sus campos y, al cabo de seis meses, ganaron la huelga.

A diferencia del andaluz, que practica la navegación de cabotaje, el gallego la realiza de altura. Antiguamente, el gallego se lanzaba al mar en barcos de cuero, costumbre que sustituyó por las naves de madera, cuando entró en contacto con la civilización romana.

Podría afirmarse que es el océano el que va a buscar al gallego a su casa. Durante el siglo XV, se pescaba la ballena en San Cipriano, Burelas, Malpica y Cayón. Cuenta el historiador Fray Martín Sarmiento que los cetáceos llegaban hasta la “ría” de Pontevedra, pero como no había arponeros, “nadie las ofendía y dejaban recorrer pacíficamente aquellas aguas”.

Actualmente, los descendientes de aquellos hombres que despeñaban a los criminales por los abismos, y que en los plenilunios honraban con danzas a una divinidad desconocida, se lanzan al mar en chalupas y traineras, a distancias tales que se puede afirmar que noruegos y gallegos son los navegantes más audaces del mundo.

¡Y en qué llanuras de agua! En las costas gallegas, el Atlántico y el Cantábrico, bajo la acción de los vientos y de la mar de fondo, levantan olas de seis a ocho metros de altura. Montañas de agua que no intimidan a estos aventureros, que se largan hasta las costas de Irlanda a pescar en lo que ellos denominan muy bonitamente el Mar del Gran Sol.

O galego como trabalhador do mar – Um povoado que vive da pesca – Homens de mar e terra

(*El Mundo*, 23 de setembro de 1935)

Um terço dos portos da Espanha encontra-se espalhado pelas duzentas e cinquenta milhas de costa galega.

Isso nos explica por que o galego é ao mesmo tempo homem da terra e do mar. Quando os negócios vão mal no oceano, o galego se mete em seus campos e montanhas, e trabalha ali. A vantagem desta dupla personalidade o coloca favoravelmente frente à luta pela vida. Por exemplo, há três anos, houve uma greve de trabalhadores do mar. Os patrões não queriam ceder. Os marinheiros se meteram em seus campos e, após seis meses, ganharam a greve.

Diferentemente do andaluz, que pratica a navegação de cabotagem, o galego a realiza em alto mar. Antigamente, o galego se lançava ao mar em barcos de couro, costume que foi substituído pelos barcos de madeira, quando entrou em contato com a civilização romana.

Se poderia afirmar que é o oceano que vai buscar o galego em sua casa. Durante o século XV, pescava-se a baleia em San Cipriano, Burelas, Malpica e Cayón²². Conta o historiador Fray Martín Sarmiento²³ que os cetáceos chegavam até a “ria”²⁴ de Pontevedra, mas como não havia arpoadores, “ninguém as incomodava e deixavam-nas nadarem pacificamente aquelas águas”.

Atualmente, os descendentes daqueles homens que lançavam os criminosos nos abismos, e que na lua cheia honravam com danças uma divindade desconhecida, se lançam ao mar em chalupas e traineiras, a distâncias tais que se pode afirmar que noruegueses e galegos são os navegantes mais audazes do mundo.

E em que planícies de água! Nas costas galegas, o oceano Atlântico e o mar Cantábrico, sob a ação dos ventos e das correntes submarinas, levantam ondas de seis a oito metros de altura. Montanhas de água que não intimidam esses aventureiros, que avançam até as costas da Irlanda para pescar no que eles denominam de modo poético Mar do Grande Sol.

²² Regiões da costa galega em cujos portos a pesca é uma atividade que se destaca devido ao tamanho dos peixes que ali se encontrava. Também são tradicionais regiões de pesca de baleia, que abundava na zona.

²³ Pedro José García Balboa (1695-1772), mais conhecido como Fray Martín Sarmiento, escritor e religioso espanhol, realizou um trabalho muito importante de análise da língua galega para sua normalização como tal.

²⁴ Canal ou braço do mar, que geralmente se presta à navegação. Costa onde o mar é raso e os recortes são profundos.

Barquichuelos que no dejan de ser cáscara a pesar de sus sesenta toneladas de desplazamiento. Hasta hace tres años iban a pescar al Mar del Gran Sol simples prácticos; pero el gobierno intervino y ahora les obliga a llevar un capitán y un radiotelegrafista, con gran descontento de los marineros, que afirman que ni el capitán ni el radiotelegrafista entienden absolutamente una palabra de navegación y que, por el contrario, desde que aquéllos meten las manos en el terrible negocio del mar, ocurren más desgracias que antes.

Es muy posible que los marineros y prácticos tengan razón. ¿Qué puede hacer un capitán contra oleajes de seis y ocho metros de altura? El Mar del Gran Sol y el Cantábrico se tragan todos los años de cuarenta a cincuenta hombres. Gente entendida me ha asegurado que por los meses de diciembre, enero y febrero, ellos no se embarcarían en una trainera pesquera, ni aun se les pusiera a los pies, embolsada, una arroba de oro. Y, sin embargo, estos hombres se largan.

En Vigo, atracan todos los días de sesenta a setenta barcos pesqueros, descargando cestas de sardinas y otros pescados. El total de la flotilla pesquera inscrita para amarrar en el puerto de Vigo, alcanza a 640 barcos, involucrando en dicha cifra la modesta trainera de dos toneladas de desplazamiento, hasta las más modernas naves pesqueras, y que absorben en conjunto el trabajo de 7.000 hombres.

El sueldo de cada marinero es de sesenta duros mensuales durante ocho meses al año, y de cuatrocientas pesetas durante otros cuatro meses. Hay barcos donde el personal trabaja a “tanto” con el patrón. En el Mar del Gran Sol, donde se reúnen numerosas parejas de flotillas pesqueras, los marineros del barco que no está de guardia se dedican a pescar por su cuenta y esta pesca, que se reparte por partes iguales entre la tripulación, hace subir en dichas circunstancias hasta quinientas pesetas el sueldo del marinero.

Las hermanas y mujeres de los trabajadores del mar, se ocupan en las fábricas de conservas de pescado, desparramadas por toda la costa de Galicia.

Aquí, en Vigo, la industria del encajonamiento y preparación de conservas da vida a treinta y cinco fábricas de conserva, a tres de estampado y fabricación de envases de hoja de lata, a una de goma para cierre hermético de cajas, a seis fábricas de hielo, a cuatro cordelerías, a ocho almacenes de efectos navales, a nueve astilleros,

Barquinhos que não deixam de ser uma casca apesar de suas sessenta toneladas em movimento. Até três anos atrás, iam pescar no Mar do Grande Sol simples práticos²⁵. Mas o governo interveio e agora os obriga a levarem um capitão e um radiotelegrafista, com grande descontentamento por parte dos marinheiros, segundo os quais nem o capitão nem o radiotelegrafista entendem absolutamente uma palavra de navegação e, pelo contrário, desde que eles se meteram no terrível negócio do mar, ocorrem mais desgraças do que antes.

É bem possível que os marinheiros e práticos tenham razão. O que pode fazer um capitão contra ondas de seis a oito metros de altura? O Mar do Grande Sol e o Cantábrico devoram todos os anos de quarenta a cinquenta homens. Gente entendida me assegurou que durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, eles não embarcariam em uma traineira pesqueira, sequer pisariam numa delas, nem que fosse a troco de uma arroba²⁶ de ouro. E, no entanto, estes homens o fazem.

Em Vigo, atracam todos os dias, entre sessenta e setenta barcos pesqueiros descarregando cestas de sardinhas e outros peixes. A frota total registrada para atracar no porto de Vigo chega a 640 barcos, incluindo desde a mais modesta traineira de duas toneladas de capacidade, até as mais modernas embarcações pesqueiras, que absorvem em conjunto o trabalho de 7.000 homens.

O salário de cada marinheiro é de sessenta duros²⁷ mensais durante oito meses ao ano e de quatrocentas pesetas²⁸ durante os outros quatro meses. Há barcos onde o pessoal trabalha mediante acordos informais com o patrão. No Mar do Grande Sol, onde se reúnem numerosas frotas pesqueiras, os marinheiros do barco que não estão de guarda se dedicam a pescar por conta própria, e esta pesca, que se divide em partes iguais entre a tripulação, faz subir em até quinhentas pesetas o salário do marinheiro.

As irmãs e mulheres dos trabalhadores do mar se ocupam nas fábricas de conservas de peixe, espalhadas por toda a costa da Galiza.

Aqui, em Vigo, a indústria de empacotamento e preparação de conservas dá vida a trinta e cinco fábricas de conserva; três de impressão e fabricação de latas; uma de borracha para lacrar hermeticamente as caixas; seis fábricas de gelo; quatro cordoarias; oito armazéns

²⁵ Refere-se àqueles que exercem a praticagem, atividade baseada no profundo conhecimento de navegação e manobra de navios, bem como peculiaridades locais da área onde se desenvolve a função, sem usar praticamente nenhum instrumento de navegação.

²⁶ Unidade de peso antiga, a arroba corresponde a 32 arráteis, 14,7 quilos aproximadamente.

²⁷ Antiga moeda espanhola de prata, equivalente a cinco pesetas. Seguiu sendo, na linguagem popular, a moeda de cinco pesetas.

²⁸ A peseta substituiu o Escudo Espanhol na proporção de 2½ pesetas = 1 escudo, a partir de 1869, constituindo-se assim a unidade monetária da Espanha antes do euro, moeda adotada em 2002, com a integração do país à União Européia.

a siete depósitos de carbón, cuatro mil mujeres trabajan en las fábricas de los alrededores. El importe anual de venta de pescado y conservas, asciende a más de 33.000.000 de pesetas para Vigo, solamente.

Pero ni el hedor del pescado, ni la cúbica armazón de las fábricas, le quita poesía y belleza al panorama del puerto gallego. Sorpresivamente bonito, no le separa de la tierra un dilatado arenal, sino que aparece casi cortado a pico, a la sombra de los viñedos, o encajonado en un valle, donde los maizales alternan con los parrales, y una vieja o una chiquilla sentadas en una roca, vigilan a la vaca que pasta bajo los pámpanos.

Tierra, mar y montaña, forman un conglomerado tan íntimo, que el gallego es por tal razón de simultaneidad, hombre de llanura, de montaña y de mar. Para él, ensarmentar una viña, tender una vela, rotular la tierra con el arado o escuadrar una piedra, es lo mismo. Triple actividad que no sólo refleja su fortaleza, sino que le concede además una conciencia de su alto valor humano. A tal punto, que mientras el sur de España se debate entre la miseria, el norte vive casi en la prosperidad. Filosóficamente musculoso, el gallego no tolera la miseria, antes de estirar la mano limosneando se expatría. Y éste es el aspecto más notable de su dignidad, que quizá nosotros no hemos sabido comprender.

de instrumentos navais; nove estaleiros; sete depósitos de carvão. Quatro mil mulheres trabalham nas fábricas dos arredores. A venda anual de peixe e enlatados, somente em Vigo, excede 33 milhões de pesetas.

Mas nem o fedor de peixe, nem a cúbica estrutura das fábricas tiram a poesia e a beleza do panorama do porto galego. Surpreendentemente bonito, não está separado da terra por um prolongamento de areia, mas parece quase entalhado, à sombra das videiras. Ou encaixado em um vale, onde os milharais alternam com os vinhedos, e uma velha ou uma menina sentadas em uma rocha observam a vaca que pasta sob as ramagens.

Terra, mar e montanha formam um conglomerado tão íntimo que o galego é, por razão desta simultaneidade, homem de planícies, de montanha e de mar. Para ele, podar uma vinha, estender uma vela, mexer a terra com o arado ou esquadrejar uma pedra é o mesmo. Tripla atividade que não só reflete sua fortaleza como lhe concede também uma consciência de seu alto valor humano. A tal ponto que, enquanto o sul da Espanha se debate na miséria, o norte vive quase na prosperidade. Filosoficamente musculoso, o galego não tolera a miséria, e em vez de estender a mão para pedir esmola, prefere expatriar-se. Este é o aspecto mais notável de sua dignidade que talvez nós não soubemos compreender.

El encanto del paisaje gallego - Montañas azules y bosques de terciopelo - Una escenografía mágica

(El Mundo, 24 de setiembre de 1935)

Tomando el tranvía eléctrico para ir a Bouzas, Caños o Bayona, durante el tránsito no se puede dejar de asociar el paisaje gallego al teatro de Wagner, a *Parsifal* o a *El Crepúsculo de los Dioses*, tan perfectamente se identifica la mitología nórdica con la naturaleza nigromántica de la tierra gallega.

Paisaje de brujería. De magia blanca, roja y negra. Bosques de terciopelo oscuro y montañas de papel azul. Valles que son bahías de sonrosados mares de nubes. Neblinas azuladas flotando sobre los viñedos. Quebradas verdes, con oscuridades verticales que nos recuerdan a Don Xigante. Alturas rocosas con castillos de piedra disimulados por bosquecillos. La atmósfera feérica, de madreperla, flota en torno de la vegetación quieta, estática. Se pueden contar los troncos de los árboles separados; cada colina tiene a la mitad de su pendiente, un bosque ovalado; las montañas no son muy elevadas, pero todas se desgarran en valles donde se cree poder ver legiones de espíritus, surgidos del fondo de la tierra.

El paisaje gallego es fresco, espiritual. Y hacia donde se mire, o en lo alto de una pendiente, o en el fondo agreste donde corre un riachuelo, casas de piedras. Escenografía terrestre, permanentemente adornada de sociedad humana, bajo cuyos techos de tejas de piedra, humean los troncos en la “lareira”, piedra del hogar en la típica cocina gallega.

Por la noche, las neblinas atlánticas flotan aquí hasta en los más calurosos meses del verano. Los puertecillos de las “rías” penetran hasta los valles. La superposición de bosque, piedra y agua, es quiméricamente fantástica. Las innumerables leyendas de duendes, tesoros

O encanto da paisagem galega - Montanhas azuis e bosques de veludo - Uma cenografia mágica

(*El Mundo*, 24 de setembro de 1935)

Tomando o bonde elétrico para ir a Bouzas, Caños ou Bayona, não se pode deixar de associar, durante o trajeto, a paisagem galega ao teatro de Wagner²⁹, *Parsifal*³⁰ ou *O Crepúsculo dos deuses*³¹, em razão da perfeita identificação da mitologia nórdica e a natureza mística da terra galega.

Paisagem de bruxaria. De magia branca, vermelha e negra. Bosques de veludo escuro e montanhas de papel azul. Vales que são baías de rosados mares de nuvens. Neblina azulada flutuando sobre os vinhedos. Verdes desfiladeiros, com obscuridades verticais que nos recordam Dom Gigante. Elevações rochosas com castelos de pedra escondidos no meio do bosque. A atmosfera feérica, perolada, flutua em torno da vegetação quieta, estática. Dá para contar os troncos das árvores separados, cada colina possui, na metade de sua encosta, um bosque ovalado, as montanhas não são muito altas, mas todas terminam em vales onde se acredita poder ver legiões de espíritos, surgidos do fundo da terra.

A paisagem galega é fresca, espiritual. E para onde se olhe, no alto de uma encosta ou no fundo agreste onde corre um riozinho, há casas de pedra. Cenografia terrestre, permanentemente adornada de sua sociedade humana, debaixo dos tetos de telhas de pedra, crepitam os troncos na “lareira”, pedra do lar na típica cozinha galega.

À noite, a neblina atlântica flutua aqui até nos mais quentes meses do verão. Os pequenos portos das “rías” avançam até os vales. A superposição de bosque, pedra e água, é quimericamente fantástica. As inumeráveis lendas de duendes, tesouros

²⁹ Compositor, poeta, dramaturgo e ensaísta alemão, Wilhelm Richard Wagner (1813-1883) é conhecido por suas óperas, ou "dramas musicais", dentre as quais se destaca o *Parsifal*, ou *O crepúsculo dos deuses*. Também produziu obras escritas, como *Arte e Revolução*, *A Arte do Futuro* e *Ópera e Drama*, traçando um tipo de teatro musical novo para a época.

³⁰ Última obra do compositor Richard Wagner, o *Parsifal* é um drama musical em três atos. Profundamente religiosa, e baseada na lenda do Santo Graal, a obra começou a ser escrita em 1864 e o poema publicado no ano de 1877. Sua estréia ocorreu no dia 26 de julho de 1882, em Bayreuth, na Alemanha.

³¹ Letra e música de Richard Wagner e representada pela primeira vez no dia 17 de agosto de 1876, no teatro Bayreuth, o *Crepúsculo dos Deuses* é um drama lírico composto por prólogo e três atos, sendo a última parte da tetralogia *O anel dos Nibelungos*, baseada na mitologia germânica, cujos dramas anteriores que a compõe são: *O Ouro do Reno*, *A Valquíria* e *Siegfried*.

enterrados, “xorguinas” (persona ducha en sortilegios o hechicerías) y espíritus de la naturaleza, no sólo se justifican ampliamente, sino que si tales leyendas y tradiciones no existieran, su falta constituiría una grave laguna para el estudio de la psicología montañesa. El reino de lo maravilloso es complemento inevitable del paisaje gallego. Lo más singular y contradictorio de él son sus accidentes, porque accidente presupone brutalidad, y el paisaje gallego, roto, quebrado, irregularísimo, carece en absoluto de dureza. Su finura estética, la pureza de las líneas, variedad de sus montes azulencos, ora vagorosos, ya nítidos como triángulos de cartulina azul, el verdor cambiante del sembradío tierno en los prados, ácueo en los viñedos, grave en el monte, componen una armonía plástica tan delicada, que por materialista que sea el espectador, acaba por aceptar que en el panorama gallego sólo puede ser rigurosamente verosímil un teatro de magia.

Al autor de estas líneas no se le oculta que el teatro de magia es una escapatoria a las responsabilidades que involucra la realidad. Sin embargo, colocado en el centro de esta escenografía natural, tan prodigiosamente espiritual, llega a la conclusión de que el paisaje tiene sus leyes teatrales de física astral, y así, como *El amor brujo* jamás entona mejor que en el fondo rojo de la montaña andaluza, aquí, en el monte gallego, un “solo de pandeiro” bruscamente nos precipita en los tiempos rúnicos, aquellos en que el gallego rubio adoraba espíritus de las aguas levantando los menhires, los dólmenes, los cronlechs. Y es que el paisaje gallego es, como ya lo he dicho, nórdico. En él, los recuerdos mitológicos de las brumosas figuras de los Eddas y el Kalevala, se nos tornan familiares y próximos. No en balde uno de los primeros herejes que hubo que combatir en España fue el gallego Prisciliano,

enterrados, “*xorquinas*”³² (pessoa hábil em sortilégios e feitiçarias) e espíritos da natureza, não só se justificam amplamente, como, se tais lendas e tradições não existissem, sua falta constituiria uma grave lacuna para o estudo da psicologia montanhesa. O reino do maravilhoso é complemento inevitável da paisagem galega. O mais singular e contraditório dela são seus acidentes, porque acidente pressupõe brutalidade, e a paisagem galega, partida, quebrada, irregular, carece absolutamente de dureza. Sua delicadeza estética, a pureza das linhas, a variedade de seus montes azulados, ora vagarosos, ora nítidos como triângulos de cartolina azul, o verdor cambiante dos canteiros tenros nos prados, aquoso nos vinhedos, grave no monte, compõem uma harmonia plástica tão delicada que, por mais materialista que seja o espectador, acaba por aceitar que no panorama galego só pode ser rigorosamente verossímil um teatro de magia.

O autor destas linhas não ignora que o teatro de magia é uma escapatória às responsabilidades que envolvem a realidade. No entanto, colocado no centro desta cenografia natural, tão prodigiosamente espiritual, chega à conclusão de que a paisagem possui suas leis teatrais de física astral e, assim como *O amor bruxo*³³ nunca canta melhor do que no fundo vermelho da montanha andaluza, aqui, no monte galego, um “solo de pandeiro” bruscamente nos remete a tempos rúnicos, aqueles nos quais o galego loiro adorava espíritos das águas levantando os menires³⁴, os dólmenes³⁵, os cromeleques³⁶. E ocorre que a paisagem galega é, como já disse, nórdica. Nela, as recordações mitológicas das brumosas figuras dos Eddas³⁷ e o Kalevala³⁸ tornam-se familiares e próximas. Não admira que um dos primeiros hereges que teve que combater na Espanha foi o galego Prisciliano³⁹,

³² Palavra de origem basca, cuja grafia aparece também como *jorguina* ou ainda *sorgina*, refere-se à pessoa que faz feitiçarias; feitiçarias, bruxas.

³³ Último romance escrito por Arlt, em 1932, e publicado pela editora Losada. Nesta obra Arlt critica as relações burguesas, sobretudo as mulheres. Apesar de reiterados anúncios de um segundo volume de *Amor brujo*, este nunca foi publicado.

³⁴ Monumento megalítico do período neolítico de pedra bruta geralmente alongada, de altura variável, cerca de até 11 metros, e fixada verticalmente ao solo, cuja finalidade acredita-se que seja em razão de culto a deuses, marcos astronômicos e territoriais.

³⁵ Monumento neolítico, formado por dois ou mais megalitos, também denominado anta ou orca. Embora haja divergência quanto a sua utilização, é geralmente considerado como espaço sepulcral, típico da Europa, mas também encontrado em certas regiões da África e da Ásia.

³⁶ Termo adotado do inglês para denominar monumentos pré-históricos compostos de diversos menires que formam um ou vários círculos ou elipses.

³⁷ Nome dado ao conjunto de textos originalmente em verso encontrados na Islândia. Os Eddas são a principal fonte de informações sobre as histórias e os personagens da mitologia nórdica.

³⁸ Refere-se à epopéia nacional da Finlândia, compilada por Elias Lönnrot. A obra é composta por poemas e canções populares na tradição oral finlandesa e versos da autoria de Lönnrot, e sua primeira versão foi publicada em 1835.

³⁹ Prisciliano de Ávila (340-385) foi um bispo da cidade de Ávila e fundador do priscilianismo. Condenado pela Igreja Católica como herege através de uma instituição civil, há quem diga que Prisciliano não foi um herege, mas um católico místico e que sua execução foi injusta.

cuyo cristianismo panteísta complicado con las prácticas de la magia, tardó mucho tiempo en ser desterrado del norte de la península. Y es que este panorama céltico, y por consiguiente su morador, están tan íntimamente ligados que aunque la razón se oponga, el hombre termina por ceder a la sugestión de la escenografía, y poblar las fuentes, los ríos, los montes, cuyos cortinados parecen cerrar la entrada a un mundo encantado, de espíritus, cuya existencia bruja está en contradicción con la sequedad romana del credo católico.

El paisaje gallego fatalmente tiene que engendrar sus Parsifales, sus Damas Blancas, sus Santos Griaes, sus espíritus guardadores de oro. Para destruir el remanente pagano que vive en el fondo del montañés, la melancolía de sus moradores, la dulzura tan penetrante de su idioma, habría que volar con dinamita el paisaje.

Ni el hedor de la sardina consigue destruir el embrujo. Ni las fábricas cúbicas.

Pasear por un camino gallego al caer de la tarde, entre bardales de piedra revestidos de hiedra, a lo largo de los viñedos, frente a los festones de montaña azul que circundan el horizonte de espejismos brumosos, con sus bosquecillos escalonados, es recibir una tal inyección de ensueño y espiritualidad, que de pronto se exclama:

- Ahora se explica la dulce melancolía de la música gallega. No tristeza, sino melancolía. Y también esa depresión nerviosa, fina y sutil que le hace exclamar a la campesina gallega, entre sus amigas, al tiempo que se ríe de ella misma:

- Eu teño ganas de chorar.

Y dirigiéndose a su hijuelo, le dice:

- Chora, meu filliño, chora, que tua nay (sic)⁴⁰ ten ganas de chorar.

⁴⁰ No original. Se refere a “nai” ou “mai”, em galego, que se refere à mãe.

cujo cristianismo panteísta, misturado com as práticas da magia, demorou muito tempo para ser banido do norte da península. Este ambiente céltico e, por consequência, seu morador estão tão intimamente ligados que, ainda que a razão se oponha, o homem acaba cedendo à sugestão da cenografia e povoa as fontes, os rios, os montes, cujas cortinas parecem fechar a entrada para um mundo encantado de espíritos, cuja existência bruxa é contrária à segura romana do credo católico.

A paisagem galega fatalmente tem que produzir seus Parsifais⁴¹, suas Damas Brancas⁴², seus Santos Graais⁴³, seus espíritos guardiões de tesouro. Para destruir o resquício pagão que vive no fundo do montanhês, a melancolia de seus moradores, a doçura tão penetrante de seu idioma, seria necessário explodir com dinamite a paisagem.

Nem o cheiro forte de sardinha consegue destruir o feitiço. Nem as fábricas cúbicas.

Passear por um caminho galego ao cair da tarde, entre cercas de pedra revestidas de heras, ao largo das vinhas, frente aos festões de montanha azul que circundam o horizonte de miragens brumosas, com seus bosques de plataformas cultivadas, é receber tal injeção de sonho e espiritualidade que imediatamente se exclama:

“Agora se explica a doce melancolia da música galega. Não tristeza, mas melancolia. E também essa depressão nervosa, fina e sutil que faz com que a camponesa galega diga, entre suas amigas, enquanto ri de si mesma”:

- *Eu teño ganas de chorar.*⁴⁴

E dirigindo-se a seu filhinho, diz:

- *Chora, meu filhiño, chora, que tua nay tem ganas de chorar.*⁴⁵

⁴¹ Personagem da mitologia galesa. “No seio da floresta de mitos que a literatura medieval põe diante de nós, Parsifal oferece-nos a imagem do exemplo mais perfeito, que, ao mesmo tempo, se constitui em notável exceção. Realmente, o mito de Parsifal está inscrito no coração do vasto conjunto de textos consagrados à busca do Graal, participando assim do mais original e decisivo edifício mítico da Idade Média. [...] Mito totalmente singular, Parsifal afirma-se também como autoridade, já que é um verdadeiro mito literário, um mito da palavra escrita. Chrétien de Troyes e Wolfram Von Eschenbach, seus pais fundadores, privam-se da virtude da invenção para atribuí-la a um autor e a um livro anteriores a eles – cuja natureza alegórica é praticamente incontestável. Isolado de qualquer referência, o conto de Parsifal apresenta-se, portanto, como um mito original da Idade Média.” (BRUNEL, 2000, p. 776)

⁴² Personagem de uma lenda popular de origem européia. A sua aparição estava associada ao prenúncio da morte de algum personagem ou acontecimento notável.

⁴³ Como se denomina o cálice no qual bebeu Jesus Cristo durante a última ceia com seus apóstolos, o mesmo com que depois, José de Arimatea colheu o sangue de suas feridas durante a crucificação. No entanto, o Graal já aparecia antes nos livros de cavalaria.

⁴⁴ Em galego, no original: “Eu tenho vontade de chorar.”

⁴⁵ Em galego, no original: “Chora, meu filhinho, chora, que tua mãe tem vontade de chorar.”

Los fantasmas en el paisaje gallego - Supersticiones, leyendas y maleficios - El ensueño es inevitable

(El Mundo, 26 de setiembre de 1935)

El brumoso temperamento gallego es inexplicable sin el paisaje, como la dulzona psicología andaluza es ininterpretable, si no acudimos a las raíces moriscas, salvadas de los rescoldos de todas las hogueras inquisitoriales.

El folklore gallego es tan rico como el nórdico. Y, además, semejantísimo. El paisaje quebrado, agreste, delicado, horizontalmente recortado por el mar que se mete entre hendiduras y verticalmente penetrado por honduras de cielo y de bosque, es el origen de la astral espiritualidad galaica, que en el campesinado se traduce en numerosas leyendas y supersticiones de carácter poético para el civilizado, y místico para el que las vive.

La escenografía gallega está poblada de espíritus. Si no existieran leyendas, habría que inventarlas. En determinadas circunstancias, la espiritualidad es una consecuencia de las exigencias estéticas del temperamento. Y el temperamento, producto del medio ambiente.

Tan es así, que el campesino gallego ha poblado las "veigas", los "soutos", los "piñeiros", de hadas y espíritus benéficos y maléficos. Los espejismos y misteriosos recovecos del paisaje, para el imaginativo trabajador de la montaña boscosa, son transitados por espíritus de muertos. El mismo reino animal no se libra de su concepto panteísta y demoníaco de la existencia. En la romería al santuario de San Andrés de Teixido, los peregrinantes jamás matan las serpientes que encuentran en el camino, porque para ellos son almas de muertos que van a cumplir "seu romaxe". Ya lo dice el verso popular:

*A San Andrés de Teixido
o que non vai de morto
vai de vivo.*

La imaginación del campesino no se ha detenido en este umbral. Los espíritus de los muertos revisten múltiples apariencias. A veces no son serpientes, sino mariposas blancas, si

Os fantasmas da paisagem galega - Superstições, lendas e malefícios – O sonho é inevitável

(*El Mundo*, 26 de setembro de 1935)

O brumoso temperamento galego é inexplicável sem a paisagem, como a doce psicologia andaluza é ininterpretável, se não recorremos às raízes mouras, que sobreviveram às brasas de todas as fogueiras inquisitoriais.

O folclore galego é tão rico como o nórdico. Além disso, muito semelhante a ele. A paisagem quebrada, agreste, delicada, horizontalmente recortada pelo mar que se mete entre rachaduras e verticalmente penetrada pela profundidade do céu e do bosque, é a origem da astral espiritualidade galaica, que entre os camponeses se traduz em numerosas lendas e superstições de caráter poético para o civilizado, e místico para os que a vivem.

A cenografia galega está povoada de espíritos. Se não existissem lendas, teriam que inventá-las. Em determinadas circunstâncias, a espiritualidade é uma consequência das exigências estéticas do temperamento. E o temperamento, produto do meio ambiente.

Tanto é assim que o camponês galego povoou as “*veigas*”⁴⁶, os “*soutos*”⁴⁷, os “*piñeiros*”⁴⁸, de fadas e espíritos benéficos e maléficos. As miragens e os misteriosos meandros da paisagem, para o imaginativo trabalhador da montanha boscosa, são transitados por espíritos de mortos. E mesmo o reino animal não se livra de seu conceito panteísta e demoníaco da existência. Na peregrinação ao santuário de San Andrés de Teixido⁴⁹, os peregrinos nunca matam as serpentes que encontram no caminho, porque, para eles, elas são as almas dos mortos que vão cumprir “*seu romaxe*”⁵⁰. Diz o verso popular:

*A San Andrés de Teixido
o que não vai de morto
vai de vivo.*⁵¹

A imaginação do camponês não se deteve neste limiar. Os espíritos dos mortos revestem-se de múltiplas aparências. Às vezes não são serpentes, mas borboletas brancas, se

⁴⁶ Em galego, no original: várzeas, veigas.

⁴⁷ Em galego, no original: bosques de castanheiros, castanhais.

⁴⁸ Em galego, no original: pinheiros.

⁴⁹ Aldeia localizada em A Coruña, onde se encontra o santuário de mesmo nome, famoso lugar de peregrinação.

⁵⁰ Em galego, no original: “sua romaria.”

⁵¹ Dito popular em galego, no original: “A Santo Andrés de Teixido, vai de morto quem não foi quando vivo”.

han recibido el perdón de sus pecados; negras, si aún viven en penitencia. Otra es la abeja. "Mataches unha abella. Tes sete anos de penitencia". El que mata una abeja tiene siete años de penitencia.

En este panorama de montaña, coronada de bosques ovalados, con cascadas de agua, las almas de los muertos merodean como en vida. Las encrucijadas, los bardales, el camino hacia los viñedos, el sendero que se abre en el bosque, el fondo de los lagos que reflejan ciudades lacustres o las ciudades de nubes del espacio, están poblados de almas de muertos. Por la noche no se barre el fuego que arde en la losa de granito, bajo la campana de piedra de la enorme cocina, porque en la obscuridad acuden las almas de los muertos a calentarse. Los ruidos misteriosos que producen la polilla en los muebles, la madera reseca, las juntas de las vigas, son voces de almas de muertos.

La "meiga" o sea la bruja, es un ser malvado, de cuidado. En los bosques viven hadas, "boas fadas", "malas fadas". El campesino a la que más teme es a la "meiga zugona", la que chupa la sangre de los niños, la vampiro. Para evitar su embrujo, es necesario quemar el pelo de la criatura que se teme atacada por la "zugona" en una encrucijada, a medianoche.

Las fuentes de agua también están pobladas de espíritus. En el día de San Juan, el que no tema "a os encantos" y beba agua de nueve fuentes distintas, a medianoche, podrá curar el bocio.

¿Se ha detenido aquí la imaginación del campesino gallego rodeado de una naturaleza substantivamente poética, y que puebla su imaginación de medias luces wagnerianas? No. Los espíritus se encuentran en todas partes. Pueblan la casa, merodean en torno de la "eira", se meten en el "alpendre", merodean al amor de la lumbre, "carón do lume"; revolotean en torno de la "gramalleira", la cadena que pende en el centro del hogar y de la cual se suspende la marmita sobre el fuego. Unos, como los demonios de Hoffmann, lo echan todo a perder,

receberam o perdão por seus pecados. Pretas, se ainda vivem em penitência. Outras vezes é a abelha. “*Mataches unha abella. Tes sete anos de penitencia*”⁵². O que mata uma abelha tem sete anos de penitência.

Neste panorama de montanha, coroada de bosques ovalados, com quedas d’água, as almas dos mortos vagueiam como em vida. As encruzilhadas, as cercas, o caminho até os vinhedos, os atalhos que se abrem no bosque, o fundo dos lagos que refletem cidades lacustres ou as cidades de nuvens do espaço, estão povoadas de almas de mortos. À noite, não se varre o fogo que arde na pedra de granito, debaixo da coifa de pedra da enorme lareira, porque na escuridão reúnem-se as almas dos mortos para se esquentar. Os ruídos misteriosos que a traça produz nos móveis, a madeira seca, as juntas das vigas, são vozes de almas de mortos.

A “*meiga*”⁵³, ou seja, a bruxa, é um ser malvado, que inspira cuidado. Nos bosques vivem fadas, “*boas fadas*”⁵⁴, “*malas fadas*”⁵⁵. É a “*meiga zugona*”⁵⁶, à qual o campesino mais teme, a que chupa o sangue dos meninos, a vampiro. Para evitar seu feitiço, é necessário queimar o pelo da criatura que se teme atacada pela “*zugona*” em uma encruzilhada, à meia noite.

As fontes de água também estão povoadas de espíritos. No dia de São João, aquele que não tema “*a os encantos*”⁵⁷ e beba água de nove fontes distintas, à meia noite, poderá curar o bócio.

Deteve-se aqui a imaginação do camponês galego rodeado de uma natureza substantivamente poética e que povoa sua imaginação de meias luzes wagnerianas? Não. Os espíritos se encontram em todas as partes. Povoam a casa, vagueiam em torno da “*eira*”⁵⁸, se metem no “*alpendre*”⁵⁹, vagam ao amor do fogo, “*carón do lume*”⁶⁰. Flutuam em torno da “*gramalleira*”⁶¹, a corrente que pende no centro da lareira e da qual se suspende o caldeirão sobre o fogo. Uns, como os demônios de Hoffmann⁶², colocam tudo a perder,

⁵² Dito popular em galego, no original: *Mataste uma abelha, terás sete anos de penitência*.

⁵³ Em galego, no original: *bruxa* ou *fada*.

⁵⁴ Em galego, no original: “*fadas boas*”.

⁵⁵ Em galego, no original: “*fadas más*”.

⁵⁶ Em galego, no original. Da família das bruxas, a *meiga xuxona*, *chuchona* ou ainda *zugona* é um vampiro feminino da mitologia galega que enfraquece as crianças chupando-lhes o sangue.

⁵⁷ Em galego, no original: *aos encantos*.

⁵⁸ Em galego, no original: *eira*, espaço plano onde se trabalha os cereais.

⁵⁹ Em galego, no original: *beiral*, *varanda*.

⁶⁰ Em galego, no original: *junto ao fogo*, *fogueira*.

⁶¹ Em galego, no original: *sarilho*.

⁶² É provável que o autor esteja se referindo ao escritor alemão Ernst Theodor Wilhelm Hoffmann (1776-1822), cuja obra se insere na chamada literatura fantástica.

hacen diabluras y se denominan "perello", o sea, el trasgo clásico; otros, como "o tardo", acuden al durmiente, le sugieren pesadillas o sueños agradables.

Los castillos de piedra, de las montañas; los menhires levantados por los primitivos gallegos, las ruinas romanas y drúidicas, íntegramente el paisaje gallego está poblado de espíritus y de hechizos. Estéticamente, psicológicamente, el espíritu, los hechizos, los demonios, son las formas humanas, con que el ser viviente puede "traducir" con palabras la emoción de belleza que le produce el paisaje, la "fontela", el bosque, el valle oscuro, la montaña, el castillo donde merodea la "dama Gelda".

El ensueño es inevitable en el fondo del paisaje gallego. El prodigio, su razón de ser. Hay curas que gozan fama para exorcizar las terribles tempestades, participan de condiciones del brujo cristiano. Cuando amenaza una gran tormenta, se les va a buscar a las aldeas donde ejercen su curato.

Y es que en este paisaje diabólicamente fantástico, el temperamento más razonable y frío acaba por dejarse captar por los espíritus de la naturaleza, y termina por creer en ellos. Yo diría, parodiando las palabras de otro escritor, que este paisaje es un secreto que no se puede comunicar a nadie. En cuanto se abandona la ciudad, y se entra en él, el prodigio comienza, al punto que uno piensa que las primitivas fuerzas de la tierra están aún en la superficie del panorama gallego.

fazem diabruras e se denominam “*perello*”⁶³, ou seja, o trasgo clássico⁶⁴, outros, como “o *tardo*”⁶⁵, acodem aos que dormem, lhes sugerem pesadelos ou sonhos agradáveis.

Os castelos de pedra, das montanhas; os menires levantados pelos primitivos celtas, as ruínas romanas e druídicas, toda a paisagem galega está povoada de espíritos e de feitiços. Esteticamente, psicologicamente, o espírito, os feitiços, os demônios, são formas humanas, com as quais o ser vivo pode “traduzir” com palavras a emoção de beleza que produz a paisagem, a “*fontela*”⁶⁶, o bosque, o vale escuro, a montanha, o castelo onde ronda a “dama Gelda”⁶⁷.

O sonho é inevitável no fundo da paisagem galega. O prodígio, sua razão de ser. Há padres que possuem fama de exorcizar as terríveis tempestades, participam de condições do bruxo cristão. Quando uma grande tormenta ameaça, vão buscá-los nas aldeias onde exercem seu sacerdócio.

Nesta paisagem diabolicamente fantástica, o temperamento mais razoável e frio acaba por deixar-se captar pelos espíritos da natureza e termina por crer neles. Eu diria, parodiando as palavras de outro escritor, que “esta paisagem é um segredo que não se pode contar a ninguém”. Tão logo se deixa a cidade, e se entra na paisagem, o prodígio começa, a tal ponto que a gente pensa que as primitivas forças da terra estão ainda na superfície do ambiente galego.

⁶³ Em galego, no original: trasgo noturno galego, diabinho.

⁶⁴ Pequeno duende. Segundo a crença popular, esse ser mítico pode adotar a forma de um cavalo.

⁶⁵ Vampiro galego que ataca as crianças para roubar o sopro vital, causando terríveis pesadelos que as deixam enfermas, levando-as a morte.

⁶⁶ Em galego, no original: fonte pequena.

⁶⁷ Personagem da tradição galega de romarias e encantamentos. A Dama Gelda simboliza a sábia, aquela que consegue desfazer o feitiço da bruxa.

El trabajo de la mujer en el norte - Mínimo por ciento de analfabetos - Cintas de castaño
(*El Mundo*, 28 de setiembre de 1935)

En Galicia, la mujer trabaja en las faenas pesadas con la misma intensidad que el hombre. La encontramos en el campo, cavando la tierra, sembrando, conduciendo legumbres a la ciudad en enormes cestos, así como la leche, en tarros cónicos que cargan sobre la cabeza. En los pueblos reparten el pan, en los puertos ayudan en la descarga de las traineras pescadoras o los barcos de cabotaje, en las fábricas de conservas de pescado se ocupan en diversas secciones. Yo he intentado, inútilmente, mover con los brazos un cesto circular “faneca”, cargado de sardinas, que estas mujeres forzudas cargan sobre un rodillo de paño encima de la cabeza. Éste es el sistema de transporte de la trabajadora gallega. Es un poco difícil explicarse cómo mantienen semejantes cargas, en equilibrio, sobre la cabeza.

Así las vemos transportar tonelillos de agua, lecheras, descomunales fardos de verdura, muebles, cajones, y están tan habituadas a este procedimiento de conducción que, por los caminos de los pueblos, se encuentra uno con mujeres que soportan, gravemente, una botella en la cabeza. Les resulta más cómodo que llevarla en la mano. Estas trabajadoras son impresionantemente forzudas, pues la costumbre de cargar con la cabeza, las obliga a mantenerse derechas. Algunas ofrecen tipos estatutarios, de una capacidad torácica extraordinaria. No escasean aquellas trabajadoras en la descarga de pescado, que llevan sobre la cabeza hasta ciento veinte kilos “y ningún hombre las puede”. Revelan un carácter recio, independiente y humor festivo. De muchas de ellas, el marido está ausente en América o trajinando en los mares de pesca. El porcentaje de analfabetos entre los gallegos es mínimo y todos visten limpiamente. El progreso les interesa vivamente.

Donde se las puede ver trabajar y observar de cerca es en el puerto de Vigo. Cuando llegan las traineras pesqueras, las mujeres forman un cordón que se extiende desde la fábrica hasta el puente de la barca. Calzando gruesos zuecos, al descubierto los membrudos brazos, reciben pesadas cestas de sardinas que se pasan ágilmente hasta que llegan a destino. Otras cargan las fanecas en la cabeza y salen corriendo. Trabajan en plazoletas inundadas de agua, al aire libre, o en antiguos pasadizos abovedados, recovas de piedra, criptas negras con techumbre de gruesos troncos encalados. El aire apesta de hedor a sardina. Rápidamente cortan la cabeza de los pescados, los destripan, lavándolos en tinajones, los alinean en el

O trabalho da mulher no norte - Mínimo por cento de analfabetos – Fitas de castanho
(El Mundo, 28 de setembro de 1935)

Na Galiza, a mulher trabalha nas lidas pesadas com a mesma intensidade que o homem. Nós a encontramos no campo, cavando a terra, semeando, levando legumes à cidade em enormes cestos, assim como leite, em vasilhas cônicas que carregam sobre a cabeça. Nos povoados elas repartem o pão, nos portos ajudam na descarga das traineiras de pesca ou dos barcos de cabotagem, nas fábricas de conservas de pescado se ocupam em diversas atividades. Tentei, inutilmente, mover com os braços um cesto circular, a “*faneca*”⁶⁸, carregada de sardinhas, que estas mulheres forçadas carregam sobre um rolo de pano encima da cabeça. Este é o sistema de transporte da trabalhadora galega. É um pouco difícil explicar como mantêm semelhantes cargas, em equilíbrio, sobre a cabeça.

Assim as vemos transportar vasilhas de água, leiteiras, descomunais fardos de verdura, móveis, caixotes. Estão tão habituadas a este procedimento de condução que, pelos caminhos das aldeias, é possível encontrar-se com mulheres que suportam, gravemente, uma garrafa na cabeça, pois é mais cômodo que carregá-la na mão. Estas trabalhadoras são impressionantemente forçadas, pois o costume de carregar com a cabeça as obriga a manter a postura. Algumas possuem tipos de estatura de uma capacidade torácica extraordinária. Não faltam trabalhadoras no descarregamento de peixe, que levam sobre a cabeça até cento e vinte quilos “e nenhum homem consegue competir com elas”. Revelam um caráter forte, independente e humor festivo. O marido de muitas delas está ausente, na América, ou trabalhando nos mares de pesca. A porcentagem de analfabetos entre os galegos é mínima e todos se vestem de forma muito asseada. O progresso os interessa vivamente.

No porto de Vigo pode-se vê-las trabalhar e observá-las de perto. Quando chegam as traineiras, as mulheres formam um cordão que se estende da fábrica até a ponte da barca. Calçando grossos tamancos, com os braços fortes descobertos, recebem pesadas cestas de sardinhas que são passadas agilmente até chegar ao destino. Outras carregam as “*fanecas*” na cabeça e saem correndo. Trabalham em pracinhas inundadas de água, ao ar livre, ou em antigas passagens abobadadas, arcadas de pedra, criptas negras com telhado de grossos troncos caiados. O ar sempre infestado pelo cheiro de sardinha. Rapidamente cortam a cabeça dos peixes, os destripam lavando-os em grandes tinas, os alinham no

⁶⁸ Em galego, no original: refere-se a uma cesta confeccionada com o entrelaçamento de tiras vegetais de madeira de castanheira que são retiradas desta antes de se cumprir os quatro anos de idade.

fondo de cajas de madera y, tomando puñados de sal, cubren los pescados de capas de nieve. Cuando el cajón está lleno, aderezan la última capa con ramitas de conífera, y de algunos martillazos lo cierran. Todas estas operarias llevan pañuelo ceñido a la cabeza, y medias de seda artificial. Algunas, zapatos de caña alta y otras botas, y las más zuecos, sobre las alpargatas de caucho. Rara es la que no gasta medias de seda. Puntualizo el detalle, porque resulta sumamente llamativo para el espectador de un trabajo tan sucio y penoso, semejante exteriorización de coquetería femenina.

Entre sí conversan en gallego. Cuando me les acerco con el aparato fotográfico, se ríen y me llaman; me piden lo que deseo, es decir, que las fotografíe. Son cordiales, me imponen un tremendo respeto con el cuchillo pequeño y triangular que no se les cae de la mano. Pienso que en huelga, estas mujeres deben ofrecer un espectáculo maravilloso y terrible. Trabajan a destajo hasta catorce y dieciséis horas diarias, y ganan sueldos mensuales que oscilan entre trescientos y cuatrocientas pesetas. Bajo una bóveda, veo algunas mujeres tejiendo y remendando fanecas. La faneca, como aclaré anteriormente, es una cesta cuya particularidad consiste en que, en vez de estar tejidas con mimbres, lo está con franjas vegetales de tres centímetros de anchura. Me acerco y les pregunto qué clase de “junco” es el que tejen. Se ríen y me explican. Las cintas vegetales no son de junco, sino de madera de castaño. Abro los ojos ante la novedad, y entonces me aclaran que el castaño, antes de cumplir los cuatro años de edad, puede ser reducido en mérito de su fibra vertical en cintas flexibles con las que entretejen los cestos.

Al final de las criptas, delante de las que se extienden panzudas columnas románicas, de piedra, y arquitrabe bárbaro, se encuentran las campesinas que venden combustible. Pañuelos rojos y ocre en la cabeza; en el suelo, pirámides de piñas, cuyos pétalos leñosos tamborilean casi metálicamente cuando se entrechocan los conos.

Paso a la Lonja del Pescado, es decir, la Bolsa. Un salón en forma de herradura, con sillas numeradas, y en su centro una mesa de mármol, como de disecciones. Aquí es donde se remata la pesca, colocándose en la tabla de mármol la muestra a comerciar. La venta del pescado encierra una particularidad tan novedosa, que dificulto se dé caso semejante en otros países. El remate se efectúa al revés. El subastador fija el precio más alto de la mercadería, y comienza a rebajar el precio, mientras los interesados escuchan.

fundo das caixas de madeira e, com punhados de sal, cobrem os peixes como se fossem camadas de neve. Quando o caixote está cheio, salpicam a última camada com galhinhos de conífera, e com algumas marteladas o fecham. Todas essas operárias levam um lenço amarrado na cabeça, e meias de seda artificial. Algumas, sapatos de cano alto, e outras, botas. A maioria delas, no entanto, usa tamancos, sobre as alpargatas de borracha. Rara é a que não usa meias de seda. Chamo atenção para este detalhe porque se torna chamativo, para o espectador de um trabalho tão sujo e penoso, semelhante exteriorização de delicadeza feminina.

Conversam entre si em galego⁶⁹. Quando me aproximo com a máquina fotográfica, riem e chamam-me, pedem-me o que desejo, ou seja, que as fotografe. São cordiais, me impõem um tremendo respeito com uma faca triangular pequena que não cai das mãos. Penso que, em dias de greve, estas mulheres devem oferecer um espetáculo maravilhoso e terrível. Trabalham sem descanso por até catorze, dezesseis horas diárias, e ganham salários mensais que variam entre trezentas e quatrocentas pesetas. Debaixo de uma abóbada, vejo algumas mulheres tecendo e remendando “*fanecas*”. A “*faneca*”, como disse anteriormente, é uma cesta cuja particularidade consiste em ser confeccionada com o entrelaçamento de tiras vegetais de três centímetros de largura em vez de vime. Aproximo-me e lhes pergunto que classe de “junco” é aquele. Elas riem e me explicam. As tiras vegetais não são junco, mas de madeira de castanheira. Abro os olhos diante da novidade, e então me esclarecem que a castanheira, antes de cumprir os quatro anos de idade, pode ser transformada, devido a sua fibra vertical, em fitas flexíveis com as quais trançam os cestos.

Ao final das criptas, diante das quais se estendem volumosas colunas românicas de pedra e arquitrave bárbaras, se encontram as camponesas que vendem combustível. Lenços vermelhos e ocres na cabeça, no solo, pirâmides de pinhas, cujas pétalas lenhosas tamborilam quase que metalicamente quando se entrechocam com os cones.

Passo ao Mercado de Peixe, ou seja, à Bolsa. Um salão em forma de ferradura com cadeiras numeradas. Em seu centro uma mesa de mármore, como de disseções. É aqui onde se arremata o pescado, colocando em uma placa de mármore a amostra a ser comercializada. A venda do peixe traz detalhes tão peculiares que eu não saberia dizer se presenciei algo parecido em outros países. O arremate se desenvolve ao contrário. O leiloeiro fixa o preço mais alto da mercadoria, e começa a baixar o preço, enquanto os interessados escutam.

⁶⁹ Língua neolatina, o galego era a língua falada no antigo Reino da Galiza. O galego, mencionado por Arlt como dialeto, assim como o basco e o catalão em outras regiões, atualmente é reconhecido como língua co-oficial da Galiza, juntamente com a língua castelhana. A Real Academia Galega, fundada em 1906, celebra o dia das Letras Galegas a cada 17 de maio, forma de potencializar seu uso e reconhecimento como língua oficial.

El que está interesado en comprar una partida de pescado, enchufa su oferta, en cualquier cifra decreciente, y el artículo queda para él, sin que haya posibilidad de pujar. Este sistema ofrece la ventaja de evitar pérdidas de tiempo, de decidir al interesado y de evitar los aumentos irreflexivos de cotización. Al mismo tiempo el vendedor sabe que su producto se avalúa en su justo precio, puesto que la escala de ofertas decrecientes, abarca décimas pesetas.

Aquele que estiver interessado em comprar uma quantia de peixe coloca sua oferta, em qualquer cifra decrescente, e o artigo fica para ele, sem que haja possibilidade de se fazer um novo lance. Este sistema oferece a vantagem de evitar perdas de tempo, de o interessado decidir e de evitar os aumentos irreflexivos de cotação. Ao mesmo tempo, o vendedor sabe que seu produto está sendo avaliado por um preço justo, visto que a escala de ofertas decrescentes abarca até centavos.

Pontevedra, la solitaria

(*El Mundo*, 30 de setiembre de 1935)

Pontevedra es triste y solitaria, a pesar de sus recovas antiguas, en las que retumba el mazo de los toneleros, mientras los cordeleros, inclinados en sus cuevas, entretejen las mallas de las redes.

Pontevedra abre sus callejuelas en aportaladas plazuelas triangulares, embaldosadas (sic)⁷⁰ de chapas de piedra, lindadas por fachadas de las que se desprenden horizontalmente anillos de piedra nobiliarios, rematando escudos de armas.

Sus calles bajan y suben desigualmente, se bifurcan. En algunos trechos, la casa antigua, de dos pisos, cargando el saledizo del primero en columnas románicas, chatas y panzudas, techan las veredas con losas encaladas. En estas aceras tortuosas, las gallinas picotean las hierbas que crecen en las juntas de las grandes losas de granito.

Pasan mujeres, cargando en la cabeza, en equilibrio estático, tonelillos verdes, llenos de agua. Vienen de la fuente. En alguna encrucijada, cuyos altos bordales de piedra gris conducen a las aldeas, se forman grupos de campesinas, con vestidura negra, manto tapizando la espalda y pañuelo a la cabeza. Bajo el pico del pañuelo, escapan gruesas trenzas.

Veo a una muchacha campesina, tan hermosa, que me explico cualquier pasión. Corregidores que pierden a veces la vida, por quitar el honor a la más hermosa aldeana del pueblo. Esta que miro es tan bella como no he visto aún mujer alguna. Justifica los limados adjetivos de la literatura clásica: la tez de nata, los labios como pétalos de rosa, los párpados pestañudos y sombrosos, la mirada grave, perfecta, el continente honesto, pudoroso. Bajo el pico de su pañuelo bronceado, se escapan dos trenzas gruesas, doradas. Calza alpargatas, y al brazo lleva un cesto.

Cercan las tierras de viñedo, sombríos muros de piedra. Camino a lo largo de antiguas casas señoriales. Arcos sostenidos por columnas panzudas, rematando en primitivos capiteles, con escudos de armas en las fachadas, lises en los Maldonado, higuera de los Figueroa. El viento sacude las hierbas en los bardales, y a pesar de que a lo lejos resuena el martillo de los picapedreros, flota una soledad tan mortal, tan sin ruidos en esta hora siestera de lagartos, que

⁷⁰ No original, é provável que se trate de um erro de publicação da palavra *embaldosada*.

Pontevedra⁷¹, a solitária**(*El Mundo*, 30 de setembro de 1935)**

Pontevedra é triste e solitária apesar de suas arcadas antigas, nas quais retumba o martelo dos toneleiros, enquanto os cordoeiros, inclinados nas suas cavernas, entretecem as malhas das redes.

Pontevedra abre suas ruazinhas a partir de praças triangulares, assoalhadas de placas de ardósia, delimitadas por fachadas das quais se desprendem anéis horizontais de pedra nobre, rematando brasões.

Suas ruas descem e sobem irregularmente. Bifurcam-se. Em alguns trechos, a casa antiga, de dois andares, suportando a sacada do primeiro com colunas românicas, achatadas e volumosas, que cobrem as calçadas com lajes caiadas. Nestas calçadas tortuosas, as galinhas bicam as ervas que crescem nas juntas das grandes lajes de granito.

Passam mulheres, carregando na cabeça, em equilíbrio estático, pequenos tonéis verdes, cheios de água. Vêm da fonte. Em alguma encruzilhada, cujas altas bordas de pedra cinza conduzem às aldeias, se formam grupos de camponesas, com vestimenta negra, manto bordado às costas e lenço na cabeça. Debaixo da ponta do lenço, escapam grossas tranças.

Vejo uma garota camponesa, tão bela, que é suficiente para explicar qualquer paixão. Corregedores que perdem às vezes a vida, por tirar a honra da mais bela aldeã do povoado. Esta que olho é tão bela como nunca vi ainda mulher alguma. Justifica os desgastados adjetivos da literatura clássica: o rosto de nata, os lábios como pétalas de rosa, as pálpebras com cílios grossos e negros, o olhar grave, perfeito, a expressão honesta, pudica. Debaixo da ponta de seu lenço dourado, escapam duas tranças grossas, douradas. Calça sapatos e leva no braço um cesto.

Cercam as terras de vinhedos, sombrios muros de pedra. Caminho ao longo de antigas casas senhoriais. Arcos sustentados por volumosas colunas, culminando em primitivos capitéis com brasões de armas nas fachadas, lírios nos Maldonado, figueira dos Figueroa. O vento sacode as ervas nos beirais e, apesar de ressoar ao longe o martelo dos pedreiros, flutua uma solidão tão mortal, tão sem ruídos nesta hora da sesta⁷² dos lagartos, que

⁷¹ Uma das quatro províncias que compõem a Galiza.

⁷² Derivada do latim, a *siesta*, em espanhol e “sesta”, em português, se referia à sexta hora do dia a partir da saída do Sol, em torno do meio dia, e passou a denominar o período de sono após o almoço, comum em algumas culturas, como é o caso da Espanha. O verbo *sestar* se refere a passar a sesta dormindo ou descansando.

aunque batieran los badajos de todas las campanas de España, en este recinto de Pontevedra continuaría pesando el silencio. La vida se ha paralizado aquí. Definitivamente. La ciudad está muerta.

Entro a portales ruinosos, para examinar las columnitas que en los descansillos rematan las escaleras. Cabezales de nogal, fantásticas piñas talladas a lo fino, lustradas por el roce de innumerables manos, orladas de dragones con cabezas de podenco y escamosos cuerpos de sirena.

Llego hasta la iglesia de Santa María la Grande, que fue costeada en el siglo XVI por las hermandades de marineros gallegos. En el atrio encajonado de la iglesia, varios pollos se buscan la vida; una mujer de violeta cruza el atrio con un rosario en la mano, y el sol baña las gárgolas ennegrecidas, de verde lengua viperina.

Desde la gradinata que mira a la "ría" se domina una cuchilla de agua azul; montes escarpados de bosquecillos ovalados. Desde el pie de la gradinata, la fachada principal del templo puede ser abarcada en su total altura, y marea a los ojos su carga churriguerescamente orfebrada. Las estatuas, los medallones, los nichos con pétreas imágenes evangélicas, las estatuas de Santa Bárbara y Catalina, patronas de marinantes; las figuras de bulto representando el Misterio de la Trinidad y el Tránsito de la Virgen; los ángeles de piedra, y más arriba aun, la crestería tanafiligranada y cenicienta rematando el conjunto de figuras espanta la vista con la suma de sus detalles, de manera que cuando el visitante se aleja, en su retina no queda sino un informe retorcimiento de piedra torturada, más nebulosa que el vago recuerdo de una pesadilla en gris mayor.

Entro a la iglesia, paso a lo largo de columnas funiculares, rematadas de bolas que soportan bóvedas nervadas, y tengo la sensación de encontrarme en el interior de una desmesurada casa de compra y venta de muebles usados.

Tablas pendientes de los muros, púlpitos deslucidos; el altar mayor borroso y polvoriento; a los costados de las capillas, con sepulcros ojivados, hay sillas de feligreses, sillas de tijera, sillas de playa, sillas de cocina, sillas de reclinatorio con cojines rojos y amarillos, pegados a las garitas de los confesionarios; largos sofás de sala, lilas. Sobre una columna un reloj de comedor da tres campanadas; bajo el reloj, una chapa de bronce indica que el artefacto es regalo de un ex rector de la parroquia.

ainda que batessem os badalos de todos os sinos da Espanha, neste recinto de Pontevedra continuaria pesando o silêncio. A vida se paralisou aqui. Definitivamente. A cidade está morta.

Entro em portais em ruínas para examinar as colunas que nos patamares encerram as escadas. Cabeçotes de nogueira, fantásticas pinhas talhadas cuidadosamente, lustradas pelo roçar de inumeráveis mãos, adornadas por dragões com cabeças de cachorro e escamosos corpos de sereia.

Chego até a igreja de Santa Maria a Grande⁷³, que foi custeada no século XVI pelas irmandades de marinheiros galegos. No átrio da igreja, vários frangotes tratam de sobreviver, uma mulher de violeta cruza o átrio com um rosário na mão, e o sol ilumina as gárgulas enegrecidas, de verde língua viperina.

Da escadaria que se volta para a “*ría*”, a visão domina uma lâmina de água azul, montes inclinados de bosques ovais. Do pé da escalinata, a fachada principal do templo pode ser abarcada em sua total altura, o estilo churrigueresco⁷⁴ da ourivesaria faz marejar os olhos. As estátuas, os medalhões, os nichos com pétreas imagens evangélicas; as estátuas de Santa Bárbara e Santa Catarina, padroeiras dos marinheiros, as figuras de vulto representando o Mistério da Trindade e o Trânsito da Virgem; os anjos de pedra, e, mais acima ainda, a crista tão filigranada e cinzenta dando acabamento ao conjunto de figuras espanta a vista com a soma de seus detalhes, de maneira que, quando o visitante se distancie, em sua retina não fica senão um informe distorcido de pedra torturada, mais nebulosa que a vaga recordação de um pesadelo em cinza maior.

Entro na igreja, passo ao longo das colunas funiculares, arrematadas com bolas que suportam abóbodas nervadas, e tenho a sensação de estar no interior de uma ultrajante casa de compra e venda de móveis usados.

Os quadros dependurados nas paredes, púlpitos opacos; o altar maior nebuloso e poeirento; nas laterais das capelas, com sepulcros ogivados, há cadeiras de paroquianos, cadeiras dobráveis, cadeiras de praia, cadeiras de cozinha, cadeiras de genuflexório com almofadas vermelhas e amarelas, encostadas fora das guaritas dos confessionários; compridos sofás de sala, lilás. Sobre uma coluna, um relógio de cozinha dá três campanadas. Abaixo do relógio, uma placa de bronze indica que o artefato é um presente de um ex-reitor da paróquia.

⁷³ Igreja edificada a princípios do século XVI. Trata-se de um templo de três naves, capelas laterais com ricas abóbodas de arestas, entre as quais se destaca a de Diego Gil (1522), ao lado do Evangelho, e uma única abside poligonal.

⁷⁴ Estilo arquitetônico dominante na Espanha e nas colônias espanholas desde mediados do século XVI e durante os cem anos seguintes, pertence ao barroco. O nome se origina de uma famosa família de arquitetos espanhóis, os Churriguera.

El enorme espesor de los muros abunda de blasones. Me acerco a un cura que termina de rezar y le pregunto qué significan esos escudos de armas en una iglesia, y me responde que adornan las sepulturas de antiguos nobles; aún sus familias y descendientes se reúnen a rezar al borde de las sepulturas de granito, sentados en los sofás mirando las dos pesas del reloj de comedor. Salgo.

La ciudad está muerta. Definitivamente muerta. No la sustraen de su sopor ni los preparativos que se hacen para recibir y escuchar esta noche, en la plaza de toros, un discurso del señor Lerroux. Entro a los cafés. Figuras de bulto en los rincones soportan globos esmerilados. Pajes de madera con un laúd en la mano, cantándole a doncellas vestidas a la usanza romana. Las fichas de los jugadores de dominó tabletean en las mesas de mármol. Un vendedor de libros, libertario ambulante, diserta frente a unos monárquicos que apañan el enjuague que se trae el presidente del Consejo de Ministros:

-No me replique usted, don Celestino. Azaña y Lerroux son dos granujas con distinta careta y la misma garrota.

Los monárquicos, de tardía digestión, escuchan sin decir oste ni moste. El libertino se aleja con su carga de librotes por la calle muerta. Pontevedra duerme.

A enorme espessura dos muros possui uma abundância de brasões. Aproximo-me de um padre que termina de rezar e lhe pergunto qual o significado desses brasões de armas em uma igreja, e me responde que enfeitam as sepulturas de antigos nobres e que suas famílias e descendentes ainda se reúnem para rezar ao redor das sepulturas de granito, sentados nos sofás, olhando os dois pesos do relógio de sala de jantar. Saio.

A cidade está morta. Definitivamente morta. Não a tiram de seu marasmo sequer os preparativos que fazem para receber e escutar esta noite, na praça de touros, um discurso do senhor Lerroux⁷⁵. Entro nos cafés. Imagens pesadas nos cantos suportam globos esmerilados. Pajens de madeira com um alaúde na mão cantam para donzelas vestidas à romana. As fichas dos jogadores de dominó se chocam na mesa de mármore. Um vendedor de livros, libertário ambulante, disserta para um grupo de monarquistas que recolhem o eco das conversas do presidente do Conselho de Ministros:

- Não me conteste senhor, dom Celestino. Azaña⁷⁶ e Lerroux são dois patifes com distintas máscaras e a mesma estrutura.

Os monarquistas mais lerdos escutam sem dizer nada. O liberal se afasta com sua carga de livros pela rua morta. Pontevedra dorme.

⁷⁵ Alejandro Lerroux (1864-1949) figura da política espanhola de direita durante o período de repressão das esquerdas e da rebelião de Astúrias em 1934.

⁷⁶ Manuel Azaña Díaz (1880-1940), político e escritor espanhol. Após a proclamação da Segunda República, no dia 14 de abril de 1931, Azaña se tornou Ministro de Guerra do Governo Provisório e, no mesmo ano, passou a ser Presidente do Governo da Espanha (1931-1933 e 1936). Em 1936 foi nomeado Presidente da República Espanhola (1936-1939), em substituição a Niceto Alcalá Zamora.

**Trabajador gallego en campo americano - Mar bravo y montaña empinada -
Reciedumbre gallega**

(El Mundo, 2 de octubre de 1935)

Nuestro desapego por el trabajo físico, es tan evidente que de él ha nacido la desestima que cierto sector de nuestro pueblo experimenta hacia la actividad del gallego. Convertimos en síntoma de superioridad la falta de capacidad. Razonamos equivocadamente así: "Si el gallego trabaja tan brutalmente, y no le imitamos, es porque nosotros somos superiores a él". En este disparate, índice de nuestra supuesta superioridad, nos apoyamos para hacerle fama al gallego de bruto y estólido, sin darnos cuenta que esa superioridad es, precisamente, síntoma de debilidad.

Visitemos una aldea gallega, de los alrededores de Vigo, Persibilleira, Panjon, La Bouza, Corujo.

El gallego trabaja en piedra. No en ladrillo. No en madera: piedra.

De piedra son los hórreos donde pone a orear el trigo. De piedra las casas. De piedra las piletas y las campanas bajo las cuales arde el fuego. De piedra los techos, de piedra las fuentes, de piedra los postes que sostienen las viñas, de piedra los muros que cercan los sembradíos, de piedra los puentes y los caminitos que corren entre los maizales y de piedra los troncos que sostienen las alambradas. Sin embargo, el monte gallego negrea de bosques. Le sobra madera. Levantemos la cabeza. Allá arriba, donde únicamente pueden andar las cabras, en la cima del monte, en un retazo de tierra, avanza la sembradura. Esto no es un juguete. Aquí, en Galicia, aunque se esté entrenado para subir pendientes, hay que hacer un alto cada cien metros.

Pero estas parcelas dificultosas, estas fincas gallegas, a pesar de estar construidas de piedra gris y negra, no son tristes, sino alegres. Se levantan entre golfos de verdura, sobrepasan los techadillos del viñedo, sesgan barrancos, permanecen en las alturas, a un costado de un cortinado de bosque, suspendidas misteriosamente frente a la montaña azul.

Cuando el gallego no trabaja la piedra o la tierra, se lanza al mar. Al Atlántico, al Cantábrico. En sus traineras y barcos de vela, llega hasta las costas de Irlanda por el llamado Mar del Gran Sol.

Pero ha de trabajar. O en la piedra, o en el océano. Su naturaleza aventurera, no le deja quieto. Ni la necesidad tampoco. La piedra o el océano. Estos reversos de medalla no son fiorituras de literatura impresionista sino el bajorrelieve de un hombre de acción.

Trabalhador galego em campo americano - Mar bravo e montanha empinada - Resistência galega

(*El Mundo*, 2 de outubro de 1935)

Nosso desapego pelo trabalho físico é tão evidente que dele surgiu a rejeição que certa parcela de nosso povo possui em relação à atividade do galego. Transformamos em sintoma de superioridade a falta de capacidade. Pensamos equivocadamente que, “se o galego trabalha tão brutalmente e não o imitamos, é porque nós somos superiores a ele”. Nesse disparate, demonstração de nossa suposta superioridade, nos apoiamos para reiterar no galego a fama de bruto e estúpido. Não percebemos que essa superioridade é, precisamente, sintoma de debilidade.

Visitemos uma aldeia galega, próxima a Vigo, Persibilleira, Panjon, La Bouza, Corujo. O galego trabalha na pedra. Não em tijolo. Não em madeira: na pedra.

De pedra são os celeiros onde guardam o trigo. De pedra as casas. De pedra os tanques e as lareiras onde arde o fogo. De pedra os tetos, de pedra as fontes, de pedra os postes que sustentam as vinhas, de pedra os muros que cercam os campos semeados, de pedra as pontes, calçadas de pedra entre os milharais. De pedra os troncos que sustentam os alambrados. No entanto, o monte galego enegrece de bosques. Sobra-lhe madeira. Levantemos a cabeça. Lá em cima, onde somente as cabras podem andar, em cima do monte, num pedaço de terra, avança a plantação. Isto não é brinquedo. Aqui, na Galiza, ainda que se esteja acostumado a subir encostas inclinadas, é necessário parar a cada cem metros.

Mas estas parcelas dificultosas, estas quintas galegas, apesar de estarem construídas de pedra cinza e negra, não são tristes. São alegres. Levantam-se entre golfadas de verde, ultrapassam a ponta dos vinhedos, cortam barrancos, permanecem nas alturas, ao lado de uma cortina de bosque, misteriosamente suspensa frente à montanha azul.

Quando o galego não trabalha a pedra ou a terra, se lança ao mar. Ao Atlântico, ao Cantábrico. Em suas traineiras e barcos de vela, chega até as costas da Irlanda pelo chamado Mar do Grande Sol.

Mas tem que trabalhar. Ou na pedra, ou no oceano. Sua natureza aventureira não o deixa quieto. Muito menos a necessidade. A pedra e o oceano. Estes reversos da medalha não são enfeites de literatura impressionista, mas características de um homem de ação.

El mar se mete en Galicia, como en los fiordos noruegos. Con la diferencia, que en Galicia no se les llama fiordos, sino "rías".

Adentramiento del mar en los valles terrestres. Superficies de agua en zig zag, en serpentina, que siguen la ley del flujo y reflujo. A tal punto que hasta la ría de Pontevedra, en otros siglos, llegaban ballenas. El océano va a buscar al gallego a su casa de piedra. De allí esas sorpresas maravillosas que reserva el litoral gallego al turista desprevenido. Corre el tren por entre los campos de viñedos, en el fondo de un valle y de pronto, en medio de los viñedos, el océano. Un puerto. Es la ría. El panorama es idílico, pero cuando el hombre se abandona en él, el monstruo muestra la cara. El Cantábrico y el Atlántico se tragan todos los años muchas vidas humanas. Razón dramática en la cual hay que buscar la reserva observadora del gallego, aun cuando éste se encuentre en presencia de formas de vida amables y seductoras. Doble género de vida, montaña y océano, que le han entrenado para los esfuerzos más recios.

De allí que en las Américas la vida sea fácil para el gallego. No se siembra sobre piedras. La tierra es tan tierna que en verano se la cruza en ferrocarril entre grandes nubes de polvo. Aquí, en España, la tierra es tan dura, que en pleno verano, cruzando la llanura de la Mancha, que no es llanura sino una sucesión de suaves colinas, después de seiscientos kilómetros de travesía, conservamos la ropa limpia.

El gallego trabaja en América con facilidad. Tierra llana y tierna, ríos quietos y anchos. ¿Qué significa el esfuerzo en la gran llanura, comparado con la lucha en la mar traidora o en la montaña empinadísima?

Nosotros no valoramos al gallego por una subconsciente razón de envidia. En las tierras donde nosotros continuamos siendo pobres, él se enriquece. Si nosotros, los argentinos, tuviéramos que emigrar a Galicia a ganarnos la vida, moriríamos de hambre. Y erróneamente definimos con estolidez lo que es temperamento de hombre de acción. Con un agregado curioso y emocionante: siendo el gallego, por su género de vida, un aventurero positivo, a quien le es indiferente combatir con la montaña o el océano, es, además, un hombre profundamente de hogar, de intimidad. Cádiz, en Andalucía, con la misma población que Vigo e idénticas características de puerto continental, tiene veinte veces más tabernas y cafés que Vigo. Pero en Cádiz el "standard" de vida proletaria es infinitamente más bajo que el del trabajador campesino o marítimo gallego. En los días de fiesta, en Vigo, se reconoce al trabajador por sus manos deformes, porque su vestir ciudadano es idéntico al del pequeñoburgués.

O mar se mete na Galiza, como nos fiordes noruegueses. Com a diferença de que, na Galiza, não se chamam fiordes, mas “*rias*”.

Adentramento do mar nos vales terrestres. Superfícies de água em ziguezague, em serpentina, que seguem a lei do fluxo e refluxo. A tal ponto que até à “*ria*” de Pontevedra, em outros séculos, chegavam baleias. O oceano vai buscar o galego em sua casa de pedra. Daí essas surpresas maravilhosas que reserva o litoral galego ao turista desprevenido. Corre o trem pelos campos de vinhedos, no fundo de um vale e de repente, no meio dos vinhedos, o oceano. Um porto. É a “*ria*”. O panorama é idílico, mas quando o homem se abandona nele, o monstro mostra a cara. O Cantábrico e o Atlântico tragam todos os anos muitas vidas humanas. Razão dramática que justifica a reserva observadora do galego, ainda que se encontre na presença de formas de vida amáveis e sedutoras. Duplo gênero de vida, montanha e oceano, que o treinaram para os esforços mais duros.

Daí que na América a vida seja fácil para o galego. Não se cultiva sobre pedras. A terra é tão terna que no verão cruza-a a bordo de um trem, entre grandes nuvens de pó. Aqui, na Espanha, a terra é tão dura, que em pleno verão, cruzando a planície de La Mancha, que não é planície, mas uma sucessão de suaves colinas, depois de seiscentos quilômetros de travessia, conservamos a roupa limpa.

O galego trabalha na América com facilidade. Terra plana e terna, rios quietos e largos. O que significa o esforço na grande planície, comparado com a luta no mar traidor ou na montanha inclinadíssima?

Nós não valorizamos o galego por uma questão subconsciente de inveja. Nas terras onde nós continuamos sendo pobres, ele enriquece. Se nós argentinos tivéssemos que emigrar para a Galiza para ganhar a vida, morreríamos de fome. E erroneamente definimos como estupidez o que é temperamento de homem de ação. Com um acessório curioso e emocionante: sendo o galego, por seu modo de vida, um aventureiro positivo, a quem é indiferente combater com a montanha ou o oceano, é, também, um homem profundamente do lar, de intimidade. Cádiz, na Andaluzia, com a mesma população que Vigo, e idênticas características de porto continental, possui vinte vezes mais tabernas e cafés que Vigo. Mas em Cádiz o “standard” da vida proletária é infinitamente mais baixo que o do trabalhador do campo ou do mar galego. Nos dias de festa, em Vigo, se reconhece o trabalhador por suas mãos deformadas, pois o modo de se vestir é idêntico ao do pequeno-burguês.

Tal es el carácter del norte de España. Y tan bravoso que Asturias hace una revolución y en ella, a pesar de las ocultaciones oficiales, cuesta cinco mil muertos. ¡Y para sofocarla es menester poner en acción las más modernas armas de guerra!

Esse é o caráter do norte da Espanha. Tão bravo, que Astúrias faz uma rebelião e nela, apesar das ocultações oficiais, resultam cinco mil mortos⁷⁷. E para sufocá-la é necessário colocar em ação as mais modernas armas de guerra!

⁷⁷ Movimento ocorrido em 1934 tem seu início no dia 4 de outubro, quando os socialistas declaram greve geral, numa tentativa de impedir a ascensão da direita ao poder. Em Astúrias, essa luta durou mais de quinze dias, apesar dos ataques das tropas do governo. Após sua passagem por Galiza, Arlt percorre as cidades de Oviedo e Gijón, na Astúrias, oito meses após a rebelião armada dos mineiros e é acerca desse contexto histórico-político, ou melhor, dos resquícios dos acontecimentos decorrentes deste, que ele tratará nas águas-fortes asturianas que produz.

Apuntes marginales a Galicia - Finura de sensibilidad - Mujeres apasionadas y mimosas
(*El Mundo*, 4 de octubre de 1935)

He subido hasta el pueblecito de Bayona por el tren eléctrico. Cordones de montañas y la ría defendida por malecones, poblada de velámenes de barcas. Me dice un comerciante, a quien sus negocios no le fueron muy bien en Buenos Aires, y que ahora atiende un bar, frente a la playa:

-Lo que a nosotros los españoles nos choca en Buenos Aires, es esa palabra "gallego", que en vez de definir un origen provinciano, encierra un fondo despectivo.

Comprendo la razón de mi interlocutor. Los argentinos hemos sido tremendamente injustos (sin la intención de serlo) con los gallegos. No les conocemos. Ignorábamos el calado de su profunda sensibilidad, esa sensibilidad que hoy, por la tarde, le hace decir a la sombra de unos cipreses, a una campesina que está rodeada de sus amigas:

- Eu adoexo por chorar.

Las otras, sonriendo, le responden:

- E chora, entón.

A esta mujer no le ocurre nada desagradable. La exuberancia de su emoción necesita verterse en lágrimas.

Es la sensibilidad gallega, fina, pulida por el espectáculo perpetuo de un panorama tan rico de bellezas, como el paisaje brasileño.

Me interno en aldehuelas gallegas. Tomo la precaución de cambiar una peseta en cobres, porque me acuerdo que en Andalucía, en las callejuelas pobres, los chicos en jauría asaltan al turista, pidiéndole limosna.

Pero los chicos gallegos no limosnean. Me siento en una plazuela, junto a la pileta común del pueblo, donde las mujeres van a lavar las ropas. Los pequeños salen tras de las piedras, me miran, forman grupos que cuchichean y se ríen entre ellos. Se me acercan con precaución, pero ninguno me pide absolutamente nada. Algunas mujeres se acercan; converso con ellas de América; unas tienen parientes trabajando en la tienda San Juan,

Apontamentos marginais à Galiza - Fineza de sensibilidade - Mulheres apaixonadas e meigas

(*El Mundo*, 4 de outubro de 1935)

Subi até a aldeia de Bayona⁷⁸ pelo trem elétrico. Cabos de montanhas e a “ria” defendida por diques, povoada de velas de barcas. Um comerciante, cujos negócios não foram muito bem em Buenos Aires, e que agora atende em um bar frente à praia, me diz:

- O que a nós espanhóis nos choca, em Buenos Aires, é essa palavra ‘galego’, que em vez de definir uma origem provinciana, encerra um fundo depreciativo.

Compreendo a razão de meu interlocutor. Nós argentinos fomos tremendamente injustos (sem a intenção de o ser) com os galegos. Não os conhecemos. Ignorávamos o motivo de sua profunda sensibilidade, essa sensibilidade que hoje, à tarde, na sombra de uns ciprestes, faz a uma camponesa que está rodeada de suas amigas dizer:

- “*Eu adoexo por chorar.*”⁷⁹

As outras, sorrindo, respondem:

- “*E chora, entón.*”⁸⁰

A essa mulher não passa nada desagradável. A exuberância de sua emoção necessita converter-se em lágrimas.

É a sensibilidade galega, fina, educada pelo espetáculo perpétuo de um panorama tão rico de belezas, como a paisagem brasileira⁸¹.

Entro em pequenas aldeias galegas. Tomo a precaução de trocar uma peseta em cobres, porque me recordo que na Andaluzia, nas suas ruas pobres, os garotos, em conjunto, assaltam os turistas, pedindo-lhe esmola.

No entanto, os garotos galegos não pedem. Sento em uma pracinha, ao lado de um tanque coletivo da aldeia, onde as mulheres vão lavar as roupas. Os pequenos saem atrás de pedras, me olham, formam grupos que cochicham e riem entre eles. Aproximam-se de mim com precaução, mas nenhum me pede absolutamente nada. Algumas mulheres se aproximam, converso com elas sobre a América, algumas possuem parentes trabalhando na loja San Juan,

⁷⁸ Município localizado na província de Pontevedra.

⁷⁹ Em galego, no original: Eu tenho vontade de chorar.

⁸⁰ Em galego, no original: Chora, então.

⁸¹ No ano de 1930, Arlt realizou uma viagem ao Uruguai e ao Brasil, sobre o qual foram publicadas no jornal *El Mundo* quarenta e duas crônicas intituladas *Notas de a bordo*, *Notas de Viaje* e *De Roberto Arlt*.

otras en la Ciudad de Londres; una vieja me nombra Bragado, otra Chivilcoy, Laboulaye, Villa María. La Argentina es para ellas un mapa familiar, casi una continuación de Galicia. Son más los gallegos que conocen nuestro país de norte a sur, que aquéllos que han visitado Madrid. En el fondo, a los gallegos, España les interesa sentimentalmente, patrióticamente, pero su dinamismo les impide fijar largo tiempo la atención en parajes donde las formas de civilización no son susceptibles de evolucionar.

Visito la Playa América. En el balneario se mezcla en maillot, la pequeña burguesía con el proletariado. Mientras que en Andalucía el llamado "bajo pueblo" no se mezcla jamás en los lugares de diversión con la burocracia y pequeña burguesía. En Galicia la convivencia es un hecho. Al menos en Vigo.

Anoto detalles diferenciales de multitud. Mientras que las ciudades andaluzas son excesivamente ruidosas, las ciudades gallegas resultan mortalmente silenciosas. Acercarse a la masa andaluza es situarse sobre un volcán en erupción. El ruido es su primera exteriorización de satisfacción. La muchedumbre gallega es silenciosa, reposada. Se pasea, charla, pero lo hace con discreción. ¿Influencia de la montaña? No lo sé. En el café, nadie levanta la voz, ni canturrea. En los barandales de las cuestas que lindan con el mar, se detienen los obreros que salen de las fábricas, conversan entre ellos, en idioma gallego, pero en voz baja, como si el no alborotar fuera una consigna que se ha extendido hasta la comprensión de los niños.

Anoto insistentemente estos detalles, porque la suma de ellos, compone el semblante psicológico de la raza. La única definición que se me ocurre es ésta: "gente mayor de edad".

La mujer gallega es una combinación de apasionada y mimosa. El drama calderoniano del honor sexual, es poco frecuente en Galicia. La vida se desplaza por cauces más humanos, predomina la sensatez. Mientras que Andalucía nos recuerda vehementemente el Islam, Galicia, con sus grupos de muchachas y muchachos sueltos en amistosa vagancia por las calles y playas, nos recuerda los cuadros de las costumbres americanas ofrecidos en las películas.

El gallego experimenta la atracción de lo moderno, con un empuje que espanta a los timoratos y reaccionarios. Hasta hace tres años, las playas eran poco concurridas. Actualmente multitudes humanas se vuelcan en ellas, y la prensa mojigata pone el grito en el cielo, por la excesiva brevedad de los *maillots*⁸².

⁸² Grifo nosso.

outras na Cidade de Londres, uma velha me fala de Bragado⁸³, outra de Chivilcoy⁸⁴, de Laboulaye⁸⁵, de Villa Maria⁸⁶. A Argentina é para elas um mapa familiar, quase uma continuação da Galiza. Há mais galegos que conhecem nosso país de norte a sul do que aqueles que visitaram Madri. No fundo, para os galegos, Espanha interessa sentimentalmente, patrioticamente, mas seu dinamismo os impede de fixar longo tempo a atenção em lugares onde as formas de civilização não são suscetíveis de evoluir.

Visito a Praia América. No balneário se mistura em maiô a pequena-burguesia e o proletariado. Enquanto na Andaluzia a chamada “classe baixa” não se mistura nunca nos lugares de diversão com a burocracia e a pequena-burguesia, na Galiza a convivência é um fato. Pelo menos em Vigo.

Observo detalhes das diferenças entre as multidões. Enquanto as cidades andaluzas são excessivamente barulhentas, as cidades galegas são mortalmente silenciosas. Aproximar-se da massa andaluza é situar-se sobre um vulcão em erupção. O barulho é sua primeira exteriorização de satisfação. A população galega é silenciosa, repousada. Passeia, conversa, mas o faz com discrição. Influência da montanha? Não sei. No café, ninguém levanta a voz, nem cantarola. Nos parapeitos das costas que se abrem para o mar, se detêm os operários que saem das fábricas, conversam entre eles, em idioma galego, mas em voz baixa, como se o não alvoroço fosse uma ordem, compreendida inclusive pelas crianças.

Anoto insistentemente estes detalhes porque a soma deles compõe o semblante psicológico da raça. A única definição que encontro é esta: “gente maior de idade”.

A mulher galega é uma combinação de apaixonada e meiga. O drama calderoneano de honra sexual é pouco frequente na Galiza. A vida se desenrola de maneira mais humana, predomina a sensatez. Enquanto a Andaluzia nos faz recordar veementemente o Islã, a Galiza, com seus grupos de moças e rapazes soltos em amistoso perambular pelas ruas e praias, nos lembra os quadros dos costumes americanos oferecidos nos filmes.

O galego experimenta a atração pelo moderno, com uma força que espanta os tímidos e reacionários. Até três anos atrás, as praias eram pouco frequentadas. Atualmente multidões humanas se dirigem a elas e a imprensa moralista eleva seu grito aos céus, pelo minúsculo tamanho dos *maillots*⁸⁷.

⁸³ Município da província de Buenos Aires, na Argentina.

⁸⁴ Município da Argentina, localizado na província de Buenos Aires.

⁸⁵ Município da província de Córdoba, na Argentina.

⁸⁶ Município da Argentina, localizado na província de Córdoba.

⁸⁷ Do francês, no original: maiôs.

**Santiago de Compostela - Ciudad triste, sin árboles, que se alegra en invierno bajo lluvia
(*El Mundo*, 6 de octubre de 1935)**

La Edad Media. Sí; la Edad Media con sus vastos lienzos de sombra y de piedra, tal la imaginamos, después de leer un cronicón y cerrar los ojos.

Invernal, ascética.

Galicia la bucólica, se borra en los extramuros pétreos de Santiago de Compostela. La violenta presencia de la ciudad medieval es tan intensa, que de pronto se experimenta el terror de olvidar que aún existen ciudades alegres en la tierra. Se gira la cabeza, con medrosidad, como si el mundo acabara aquí, en este confinamiento granítico, en el cual, a las tres de la tarde, podemos salir desnudos a la calle sin que nadie se entere. Las grises casonas de piedra, de tres pisos con vastas escaleras oscuras, parecen un pretexto para rellenar el espacio que dejan entre sí los cuarenta y seis edificios religiosos, monumentales y siniestros. Los comercios, bajo las torcidas recovas, cobran apariencia de madrigueras, muchos mostradores son de granito, y es inútil buscar muchedumbres caminando bajo sus arcadas pulidas por el viento o artesonadas. Soledad. Soledad de muerte, de despoblamiento, de tedio y de penitencia.

Digo que Santiago de Compostela enfría el corazón. Calles oblicuas y en pendiente, con nombres taciturnos: Angustia, Lagarto, Pescadería Vieja, Ánimas, Sal-si-puedes, Calderería. Monstruosos cubos de piedra, lisos, con altos ventanales enjaulados por cestones de hierro, puertas verdes, escudos de armas en las fachadas, retablos con niños desconchados, radiando saetas de oro muerto, vírgenes desteñidas a la grupa de un borrico, iluminadas a los costados por fanales de hierro, suspendidos como ahorcados de cadenas de hierro, y una mariposa ardiendo al sol en un vaso de aceite. Blasones, campanas que resuenan, truenos, pilares de piedra en el centro de las calzadas, desniveladas, rejas mordidas por el óxido de los siglos. En los huecos de los muros ciclópeos, imágenes de tortura y sufrimiento, atalayando una puerta verde. Frente a un fanal de hierro, un santo con una daga clavada a la garganta y la palma del martirio en una mano. Las gárgolas asoman horizontalmente de altísimos muros de piedra, cabezas de hiena en busto de mujer. Donde se mira, figuras abominables,

Santiago de Compostela⁸⁸ - Cidade triste, sem árvores, que se alegra no inverno debaixo da chuva

(*El Mundo*, 6 de outubro de 1935)

A Idade Média. Sim, a Idade Média com suas vastas paredes de sombra e de pedra, tal como a imaginamos depois de ler uma crônica e fechar os olhos.

Hibernal, ascética.

Galiza, a bucólica⁸⁹, apaga-se nos extramuros pétreos de Santiago de Compostela. A violenta presença da cidade medieval é tão intensa, que logo se experimenta o terror de esquecer que ainda existem cidades alegres na terra. Gira-se a cabeça, com medo, como se o mundo acabasse aqui, neste confinamento de granito, no qual, às três da tarde, podemos sair sem roupa pela rua sem que ninguém fique sabendo. As casas de pedra cinzenta, de três andares com vastas escadas obscuras, parecem um pretexto para preencher o espaço que deixam entre si os quarenta e seis edifícios religiosos, monumentais e sinistros. Os comércios, debaixo das arcadas retorcidas, adquirem aparência de esconderijos; muitas vitrines são de granito e é inútil buscar multidões caminhando abaixo de suas arcadas polidas pelo vento ou adornadas. Solidão. Solidão de morte, de despovoamento, de tédio e de penitência.

Digo que Santiago de Compostela esfria o coração. Ruas oblíquas e inclinadas, com nomes taciturnos: Angustia, Lagarto, Pescadería Vieja, Ánimas, Sal-si-puedes, Calderería⁹⁰. Monstruosos cubos de pedra, lisos, com altas janelas enjauladas por grandes grades de ferro, portas verdes, escudos de armas nas fachadas, retábulos com crianças descascadas, radiando flechas de ouro morto, virgens descoradas na garupa de um burro, laterais iluminadas por faróis de ferro, suspensos como enforcados por correntes de ferro e uma mariposa ardendo ao sol em um copo de azeite. Brasões, sinos que ressoam, trovões, pilares de pedra no centro das ruas, desniveladas, grades corroídas pelo óxido dos séculos. Nos buracos dos muros ciclóticos, imagens de tortura e sofrimento, vigiando uma porta verde. Em frente a uma lâmpada de ferro, um santo com uma adaga cravada na garganta e a palma do martírio em uma mão. As gárgulas assomam-se horizontalmente de altíssimos muros de pedra, cabeças de hiena em busto de mulher. Para onde quer que se olhe, figuras abomináveis,

⁸⁸ Localizada na província de A Coruña, Santiago de Compostela é a capital da Galiza. Centro cultural da região, é reconhecida devido à catedral barroca na qual os peregrinos do Caminho de Santiago encontram o túmulo do apóstolo Santiago.

⁸⁹ Através dos comentários realizados pelo narrador em certos trechos, pode-se notar certa herança “naturalista”, que tenta explicar o caráter do homem pelo meio em que vive.

⁹⁰ Angústia, Lagarto, Peixaria Velha, Almas, Sai-se-podes, Caldeiraria.

enclaustradas, enrejadas como en leoneras, ataúdes de piedra, relieves de monjes con barbas anilladas que los asemejan a reyes asirios.

Ni un árbol

Entre la junta de los bloques de piedra, a veces una mancha, lila y violeta. Pompón siniestro que nace de una hierba. A los flancos de la catedral, se abre una plaza con una gradinata tan ancha, que parece entrar a un mar, y el mar es una llanura de piedra, y no hay un sólo árbol en este corazón de la ciudad señorial, y esta plaza, toda enlosada de piedra y bloqueada por un largo muro de piedra y por recovas en su frente: es la Plaza de los Plateros, con vidrieritas donde lucen sombrías talladuras de plata, relieves de motivos religiosos, y en lo muy alto del muy largo muro de hierro, y después que se baja una escalera de piedra, como cruzando un corredor, se descubre otra plazuela, también embalsada de losas de piedra, y no hay un sólo árbol en ella, que lo verde pareciera sacrilegio aquí, que todo es de piedra, y en su centro una fuente de piedra con caballos de piedra, y las palomas picotean en la junta de las grandes losas, o en los ojos de las estatuas. Doquier se fija la mirada, hierro y piedra, y si se levanta la cabeza, no se distinguen copas de árboles, sino torres piramidales de piedra, ennegrecidas por el musgo y los detritos de los pájaros, y blasones cuarteados, de piedra, con horizontales coronas. Y el viento corre en este desierto de piedra, siniestro como si soplara en la ciudad de los espectros, que aquí los debe haber, entubándose bajo las bóvedas que techan las veredas, y las mismas personas se pierden como fantasmas bajo los arcos de piedra, porque las columnas, redondas o cuadradas, y los arcos de las columnas son de piedra, y el sol parece un sol de lluvia, un sol mojado y triste, venido quizá del purgatorio, de tan cruel manera, que los hierros verdes, y los faroles esquinados, y los monjes que se pierden tras las arcadas, y las manchas de sol lívido y el tañido de las campanas, nos hacen pensar en una humanidad consagrada exclusivamente a los trabajos de la penitencia religiosa, arrodillada, únicamente arrodillada.

La ciudad silenciosa

enclausuradas, gradeadas como em jaulas, ataúdes de pedra, relevos de monges com barbas encaracoladas que os assemelham a reis assírios.

Nenhuma árvore

No vão da junta dos blocos de pedra, às vezes uma mancha, lilás ou violeta. Pompom sinistro que nasce de uma planta. Ao lado da catedral⁹¹, uma praça com uma escadaria tão larga que parece entrar em um mar, e o mar é uma planície de pedra, e não há uma só árvore neste coração da cidade senhorial. Esta praça, toda de pedra e bloqueada por um alto muro de pedra e por arcadas em sua frente, é a Praça dos Plateros⁹², com pequenos vitrais nos quais luzem sombrias esculturas de prata, relevos de motivos religiosos, e no mais elevado do mais alto muro de ferro e, depois que se desce uma escada de pedra, como cruzando um corredor, descobre-se outra pracinha, também ladrilhada de pedra. Não há uma só árvore nela. O verde parece sacrilégio aqui: tudo é de pedra e em seu centro uma fonte de pedra com cavalos de pedra, e as pombas bicam a junta das grandes placas de pedra, ou nos olhos das estátuas. Aonde quer que se olhe, ferro e pedra. E se levantamos a cabeça, não encontramos copas de árvores, mas torres piramidais de pedra, enegrecidas pelo musgo e os detritos dos pássaros, e brasões rachados, de pedra, com horizontais coroas. O vento corre neste deserto de pedra, sinistro como se soprasse na cidade dos espectros, que aqui deve haver, circulando debaixo das abóbadas que cobrem as veredas, e até pessoas se perdem como fantasmas debaixo dos arcos de pedra, porque as colunas, redondas ou quadradas, e os arcos das colunas são de pedra, e o sol parece um sol de chuva, um sol molhado e triste, vindo talvez do purgatório, de modo tão cruel que os ferros verdes, e os faróis das esquinas, e os monges que se perdem depois das arcadas, e as manchas de sol lívido e o tanger dos sinos nos fazem pensar em uma humanidade consagrada exclusivamente aos trabalhos de penitência religiosa, ajoelhada, unicamente ajoelhada.

A cidade silenciosa

⁹¹ Mais notável monumento da arquitetura românica espanhola, começou a ser construída no fim do século XI, pelo bispo Diego Peláez, e terminada no começo do século XIII. Sofreu várias transformações entre os séculos XVI e XVIII, afetando o formato inicial de cruz latina. Em 1168 começou a ser construída a Catedral velha e o Pórtico da Glória, um coro de pedra e seu claustro correspondente, sob a direção do mestre Mateo. Posteriormente o coro de pedra foi substituído por um coro de madeira, o pórtico da Azabachería foi restaurado e o Pórtico da Glória, que antes constituía a fachada exterior da Catedral, foi coberto no século XVIII, e está logo após do que atualmente é a fachada do Obradoiro.

⁹² Provavelmente o autor se refira à Praça das Platerías, uma das quatro praças que rodeiam a Catedral de Santiago de Compostela, juntamente com a Praça do Obradoiro, a Praça da Azabachería e a Praça da Quintana.

Y es inútil que los niños rían enmarcados por las ciclópeas arcadas, y es inútil que las mujeres pasen luciendo floreados vestidos; la muerte ha extendido de tal manera su imperio en Santiago de Compostela que las voces humanas resuenan extemporáneas, como la de los pájaros enjaulados, que cada vez que pían, desde su cárcel, nos recuerdan que no debían estar allí.

Silencio. No resuenan las bocinas de los automóviles, ni los altoparlantes de las radios, ni las membranas de victrolas, tampoco el shotis (sic)⁹³ madrileño, ni el canto de los ciegos en las guitarras, ni las orquestas callejeras de judíos alemanes. Silencio, apagamiento, muerte. Dicen que Santiago, en invierno, se anima con la bulla de los estudiantes; pero es invierno cuando en esta ciudad llueve días y días, hasta que la piedra de gris se torna negra, de manera que sí Santiago, ahora, en verano, es tan sombrío como un purgatorio, en invierno debe parecer un sepulcro, el sepulcro de los vivos.

⁹³ No original. É provável que o autor esteja se referindo ao gênero musical e dança que em Madri é denominado de *chotis*.

É inútil que as crianças riam enquadradas pelas enormes arcadas. É inútil que as mulheres passeiem exibindo vestidos floridos. A morte estendeu de tal maneira seu império em Santiago de Compostela que as vozes humanas ressoam extemporâneas, como a dos pássaros engaiolados que, cada vez que piam do seu cárcere, nos recordam que não deveriam estar ali.

Silêncio. Não ressoam as buzinas dos automóveis, nem os alto-falantes das rádios, nem as membranas de vitrolas, tampouco o *chotis* madrilenho⁹⁴, nem o canto dos cegos nas guitarras, nem as orquestras de rua dos judeus alemães. Silêncio. Apagamento. Morte. Dizem que Santiago, no inverno, se anima com o murmúrio dos estudantes, mas é no inverno quando nesta cidade chove dias e dias, até que as pedras cinza tornam-se negras, de maneira que, se Santiago, agora, no verão, é tão sombrio como um purgatório, no inverno deve parecer um sepulcro, o sepulcro dos vivos.

⁹⁴ Palavra de origem alemã, atualmente castelhanizada como "chotis" e em português como "xote" ou "xótis", que se refere a uma espécie de música dançante, muito popular no início do século XX.

El sepulcro de piedra - Hacia la sombría Edad Media - La fuerza oscura
(El Mundo, 7 de octubre de 1935)

Dos de la tarde. Camino al azar por las solitarias calles de Pontevedra. Altas chimeneas de piedra humean en los tejados superpuestos. A la vuelta de la esquina, enrejados, cinco ábsides de piedra festoneados por cortinas de hiedra, calados por largos ventanales sin cristales. Melancolía de muerte. No he visto jamás ruinas tan delicadas ni siniestras. Las ojivas dentadas, cenicientas, se recortan finas en el obscuro terciopelo vertical. Un guardián me abre la puerta y entro a las ruinas del templo de Santo Domingo. Del ábside central, suspendido de larga cadena de hierro oxidado, se balancea un lampadario de hierro. En la tierra herbosa, enormes ataúdes de piedra. Me acerco despacio a los muros cenicientos, musgosos. Los tallos de la hiedra, extendiendo sus retoños tiernos, oscilan siluetas de tinta china en la cremallera de las ojivas. Estoy junto a un descomunal ataúd de granito, en cuya cubierta duerme, tallada en la piedra, una mujer, con acanalada vestidura monjil, entre las grises manos un misal de piedra. Leo: "Aquí descansa Doña María Gómez, hija de un infante de Hungría, mujer de don Payo Gómez de Sotomayor".

Enfrente, a dos pasos, en otro féretro de piedra, la cubierta con un yacente, vestido con cota de mallas y yelmo de piedra. Me acerco y leo:

"Aquí descansa Don Payo Gómez de Sotomayor".

Jamás he tenido la sensación de la proximidad de la muerte, como en estos instantes, a la sombra de los ábsides del convento derruido. Se percibe la frialdad de los huesos de los antiguos muertos. Parece que en este paraje en ruinas se hubiera detenido la respiración del mundo. El sol filtrando sus rayos por los ventanales, baña los ataúdes de piedra; y allí abajo yacen los despojos de seres humanos que vivieron, amaron, trenzaron inquietudes, mataron, fueron temidos. Una mano de hielo nos empuja hacia la umbría edad media.

¡Ah! Estos rostros horizontales, duramente lapidados en las cubiertas de los féretros de piedra. Estas manos de dedos recuadrados, cruzadas para la eternidad; estas armaduras de granito encamadas. En otro rincón, frente a las columnas donde nace el medio huevo de los ábsides de ojiva dentada, cantos romanos. Inscripciones latinas, juveniles. Nos encontramos en la infancia del planeta:

O sepulcro de pedra – Rumo à sombria Idade Média – A força escura
(*El Mundo*, 7 de outubro de 1935)

Duas da tarde. Caminho ao acaso pelas solitárias ruas de Pontevedra. Altas chaminés de pedra fumegam nos telhados sobrepostos. Próximo à esquina, cercados, cinco absides de pedra, adornados por cortinas de heras, separados por altas janelas sem cristais. Melancolia de morte. Jamais vi ruínas tão delicadas, nem tão sinistras. As ogivas dentadas, cinzentas, se recortam finas no obscuro veludo vertical. Um guardião me abre a porta e entro nas ruínas do templo de Santo Domingo⁹⁵. Da abside central, suspenso numa longa cadeia de ferro oxidado, balança um lampadário de ferro. Na terra cheia de mato, enormes ataúdes de pedra. Aproximo-me devagar dos muros cinzentos, cobertos de musgo. Os caules da hera, estendendo seus tenros brotos, oscilam silhuetas de tinta nanquim na cremalheira das ogivas. Estou junto a um descomunal ataúde de granito, no qual dorme, talhada na pedra, uma mulher, enrolada em vestimenta monacal, entre as mãos cinzentas, um missal de pedra. Leio: "Aqui descansa Dona María Gómez, filha de um infante da Hungria, mulher de dom Payo Gómez de Sotomayor"⁹⁶.

Em frente, a dois passos, em outro féretro de pedra, a tampa com um jacente, vestido com cota de malhas e elmo de pedra. Aproximo-me e leio:

"Aqui descansa Dom Payo Gómez de Sotomayor".

Jamais tive a sensação de proximidade da morte como nestes instantes, à sombra das absides do convento destruído. Percebe-se a frieza dos ossos dos antigos mortos. Parece que neste lugar em ruínas deteve-se a respiração do mundo. O sol, filtrando seus raios pelas janelas, banha os ataúdes de pedra e, ali debaixo, jazem os despojos de seres humanos que viveram, amaram, tramaram inquietações, mataram, foram temidos. Uma mão de gelo nos empurra à sombria Idade Média.

Ah! Estes rostos horizontais, duramente lapidados nas tampas dos féretros de pedra. Essas mãos de dedos enquadados, cruzadas para a eternidade, essas armaduras de granito acamadas. Em outro canto, frente às colunas onde nasce a ogiva semi-oval das absides das ogivas dentadas, cantos romanos. Incrições latinas, juvenis. Encontramo-nos na infância do planeta:

⁹⁵ Pertence ao convento fundado por Santo Domingo quando veio em peregrinação a Santiago.

⁹⁶ Nobre galego que viveu entre os séculos XIV e XV, foi embaixador de Enrique III, rei de Castilha, junto à corte do Imperador mongol Tamerlão.

"Cayo Antonio Flovo, a las Ninfas". Más allá otro: "A los Dioses Manes de Severo, muerto a los cuarenta y cinco años". Más allá otro: "Severo Adriano, a los Dioses Manes de su mujer Corialis".

Aquí, austeros lechos de muerte; allí, recuerdos de graciosas formas. Inútil que el sol caliente y que la ojiva de los derruidos ventanales muestre el azul de baraja del cielo. Un aliento bárbaro escapa de la juntura de estos sepulcros de piedra, fuerza oscura que nos empuja hacia siglos lluviosos, batallas de peones en prados cuadrados como tableros de ajedrez, con castillejos oscuros y favorables a todas las penitencias.

"Cayo Antonio Flovo, a las Ninfas". Dos civilizaciones mezcladas en la fosa común de la arqueología. Mientras el canto romano, rústico, asoma en el verdor de los helechos, con circulares inscripciones de paganía tierna y confiada, los féretros de piedra, con sus moradores esculpidos en la tapa, revestidos de pétreos trajes de guerra o penitencia, dan elocuencia de posteridad terrible.

En siesta de las dos de la tarde, bajo el sol de España, la Edad Media se nos adentra en el alma. Golpe de crepúsculo. Castillos fríos. Coluda vestidura de castellanas recuadradas por la ojiva de los ventanales. Colinas que verdean. Tañido de campanas. Inútil es que el sol alumbre y los pájaros canten. Bajo las dentadas líneas de las bóvedas derrumbadas, los muertos de piedra, con espada de piedra, con yelmo de piedra, las muertas con dedos de granito entrelazados sobre misales de granito, asocian frente a la dulce paganía de "Cayo Antonio Flovo, a las Ninfas", un bárbaro contraste.

Las ojivas se pueblan de espectros. La cadena de hierro oxidada balancea al compás de la eternidad. Me siento en el canto de un ataúd de piedra. Toco despacio la escamosa armadura, el rostro del doble muerto de piedra y de hueso, y el terror sin miedo y el miedo sin espanto, la proximidad misteriosa que apareja entre las cosas vivas y las muertas un sentimiento indefinido de trasmundo, entra en mi corazón. Percibo el hedor carnívoros de sus vidas bárbaras, la oscura línea de sus pensamientos geométricos e inflexibles.

Por un ventanal pasa la Muerte Católica y la Gracia Pagana:

"Cayo Antonio Flovo a las Ninfas". ¿Quién fue este Cayo Antonio Flovo? ¿Qué gracia recibió de los botánicos espíritus que pueblan las fuentes y los bosques? ¿Qué satisfacción profunda de amor sensual?

Camino soslayando las ruinas del convento. Cuarteles con torres dentadas, leones quiméricos, pájaros bifrontes de los escudos de armas. La Honra. Gárgolas carriludas, de lengua viperina. Vírgenes campesinas, pequeñas como muñecas, con peto

"Cayo Antonio Flovo, às Ninfas". Mais adiante, outro: "Aos Deuses Manes de Severo, morto aos quarenta e cinco anos". E mais outro: "Severo Adriano, aos Deuses Manes de sua mulher Corialis".

Aqui, austeros leitos de morte, ali, recordações de graciosas formas. Inútil que o sol es quente e que a ogiva das janelas destruídas mostre o azul de baralho do céu. Um alento bárbaro escapa das juntas destes sepulcros de pedra, força obscura que nos empurra aos séculos chuvosos, batalhas de peões em prados quadrados como tabuleiros de xadrez, com armações escuras e favoráveis a todas as penitências.

"Cayo Antonio Flovo, às Ninfas". Duas civilizações mescladas na fossa comum da arqueologia. Enquanto o canto romano, rústico, assoma no verdor das samambaias, com circulares inscrições de paganismo tenro e confiado, os féretros de pedra, com seus moradores esculpidos na tampa, revestidos de pétreos trajes de guerra ou penitência, dão eloquência de terrível posteridade.

Na sesta das duas da tarde, debaixo do sol da Espanha, a Idade Média penetra por nossa alma. Golpe do crepúsculo. Castelos frios. Longa vestidura de castelhanas recortada pela ogiva das janelas. Colinas que verdeiam. Tanger de sinos. É inútil que o sol ilumine e os pássaros cantem. Debaixo das dentadas linhas das abóbadas derrubadas, os defuntos de pedra, com espada de pedra, com elmo de pedra, as defuntas com dedos de granito entrelaçados sobre missais de granito, se associam à doçura pagã de "Cayo Antonio Flovo, às Ninfas", um bárbaro contraste.

As ogivas povoam-se de espectros. A corrente de ferro oxidada balança ao compasso da eternidade. Sento-me no canto de um ataúde de pedra. Toco devagar a escamosa armadura, o rosto do duplo morto de pedra e de osso, e o terror sem medo e o medo sem espanto, a proximidade misteriosa que emparelha entre as coisas vivas e as mortas, um sentimento indefinido de trasmundo entra no meu coração. Percebo o cheiro carnicheiro de suas vidas bárbaras, a escura linha de seus pensamentos geométricos e inflexíveis.

Por uma janela passa a Morte Católica e a Graça Pagã:

"Cayo Antonio Flovo às Ninfas". Quem foi este Cayo Antonio Flovo? Que graça recebeu dos botânicos espíritos que povoam as fontes e os bosques? Que satisfação profunda de amor sensual?

Caminho esquivando-me das ruínas do convento. Quartéis com torres dentadas, leões quiméricos, pássaros bifrontes dos escudos de armas. A Honra. Gárgulas com volumosas bochechas e língua viperina. Virgens camponesas, pequenas como bonecas, com peitilho

celeste y sayo marrón. En la cabeza, una corona desdorada por los cuatro vientos de los cruces en los caminos de las aldeas.

Por los ábsides de piedra, dentados, calados por largos ventanales, entra el sol de Pontevedra. El paralelogramo del cielo azul, es tan vertical, que niega toda esperanza.

celeste e saião marrom. Na cabeça, uma coroa desdourada pelos quatro ventos dos cruzamentos nos caminhos das aldeias.

Pelas absides de pedra, dentadas, crivadas por longas janelas, entra o sol de Pontevedra. O paralelogramo do céu azul é tão vertical que nega qualquer esperança.

Reminiscencias de Compostela - Ciudad de milagro y veneración

(*El Mundo*, 10 de octubre de 1935)

Jerusalén, Roma y Santiago, tres vías que en la Edad Media canalizan los rumbos de las multitudes penitentes.

Desde el año 844, en que el Papa León III, da conocimiento a todos los obispos de la cristiandad, que en Compostela se han descubierto los restos de Santiago Apóstol, predicador de las Españas y mártir de Herodes Agrippa, las peregrinaciones se suceden tan copiosas, que en el término de cien años, Santiago compite con Roma. En Valcárcel se levanta un monasterio para atender exclusivamente a los peregrinos ingleses; en Compostela, los Reyes Católicos, dolidos de los peregrinos que duermen bajo los pórticos, muchos enfermos de los trabajos sufridos en su romería, ordenan que se levante un hospital; masas de viajeros desembarcan de las carabelas en Muros, Finisterre, la Mugia y Coruña; las peregrinaciones terrestres cruzan por Aspes y Roncesvalles, siguiendo las veredas de quebradas losas, restos de la dominación romana. Con un bordón en la mano, ancho sombrero de paja y manto caído sobre las espaldas, hombres de naciones extrañas y bárbaras, cruzan los caminos hacia Compostela.

Se escuchan los dialectos más disonantes, el de los francos, aquitanos, frisonos, sardos, chipriotas, elamitas, capadocios, navarros, armenios, flamencos, eslavones, paflagenios, milaneses, africanos. La nobleza de toda Europa, los barones forajidos, los duques gerifaltes, los marqueses rampantes, los capitanes de aventura y riesgo, los príncipes que detentan un reinado, los criminales arrepentidos, los ciegos y las damas de tierras

Reminiscências de Compostela - Cidade de milagre e veneração
(*El Mundo*, 10 de outubro de 1935)

Jerusalém, Roma e Santiago, três vias que na Idade Média canalizam os rumos das multidões penitentes.

Desde o ano 844, quando o Papa Leão III⁹⁷ dá conhecimento a todos os bispos da cristandade que em Compostela foram descobertos os restos do Apóstolo Santiago, predicante das Espanhas e mártir de Herodes Agripa⁹⁸, as peregrinações são tão numerosas que, no término de cem anos, Santiago compete com Roma. Em Varcárcel levanta-se um monastério para atender exclusivamente os peregrinos ingleses. Em Compostela, os Reis Católicos, sensibilizados com os peregrinos que dormem debaixo dos pórticos, muitos enfermos dos trabalhos sofridos de sua romaria, ordenam que se construa um hospital. Massas de viajantes desembarcam das caravelas em Muros, Finisterre, la Mugia e A Coruña; as peregrinações terrestres cruzam Aspes e Roncesvalles, seguindo os caminhos de pedras quebradas, restos da dominação romana. Com um cajado nas mãos, largo sombreiro de palha e manto caído sobre as costas, homens de nações estranhas e bárbaras cruzam os caminhos até Compostela.

Escutam-se os dialetos mais dissonantes, o dos francos⁹⁹, aquitanos¹⁰⁰, frísios¹⁰¹, sardos¹⁰², cipriotas¹⁰³, elamitas¹⁰⁴, capadócius¹⁰⁵, navarros¹⁰⁶, armênios¹⁰⁷, flamengos¹⁰⁸, eslavos¹⁰⁹, paflagônios, milaneses¹¹⁰, africanos. A nobreza de toda a Europa, os barões foragidos, os duques chefões, os marqueses ascendentes, os capitães de aventura e risco, os príncipes que detêm um reinado, os criminosos arrependidos, os cegos e as damas de terras

⁹⁷ Papa Leão III (750-816) foi nomeado papa em 26 de dezembro de 795, após a morte do Papa Adriano. Foi o responsável por comunicar ao mundo cristão a descoberta do sepulcro do apóstolo Santiago, durante o reinado de Afonso II, no território da Galiza.

⁹⁸ Foi rei da Judéia e o responsável pela ordem para decapitar o apóstolo Santiago, no ano 44 d. C..

⁹⁹ Povo germânico que invadiu o norte da Gália nos séculos III e IV.

¹⁰⁰ Natural ou habitante da Aquitânia, região da Gália, atual região do Sudoeste da França.

¹⁰¹ Natural ou habitante da antiga Frísia, ao norte da Germânia, entre o rio Reno e o oceano.

¹⁰² Natural ou habitante da Sardenha, na Itália.

¹⁰³ Natural ou habitante da ilha de Chipre, Mediterrâneo oriental.

¹⁰⁴ Natural de Elam, antiga região da Ásia.

¹⁰⁵ Natural ou habitante da Capadócia, região central da Ásia Menor.

¹⁰⁶ Natural ou habitante da Navarra, território localizado nos Pirineus, mais tarde dividido entre a França e a Espanha. O antigo reino de Navarra espanhol, atualmente é uma região autônoma espanhola.

¹⁰⁷ Natural ou habitante da República da Armênia.

¹⁰⁸ Natural ou habitante de Flandres, região localizada parte na França, parte na Holanda e na Bélgica.

¹⁰⁹ Povo indo-europeu que habita a Europa central e oriental, provavelmente há uns cinco mil anos, e cujos descendentes atuais são: russos, bielo-russos, ucranianos (ramo oriental), búlgaros, sérvios, croatas, macedônios, eslovenos (grupo meridional), tchecos, eslovacos, poloneses e lusácios (grupo ocidental).

¹¹⁰ Natural ou habitante de Milão, na Itália.

nebulosas, cruzan las veredas romanas; los santos y fundadores de órdenes religiosas se encaminan a Compostela, San Evermaro, San Teobaldo, Santa Brígida de Suecia con su marido Ulf Gdmanson, Santa Isabel de Hungría, Santo Domingo tostador de herejes, San Francisco, abogado de pobres, todos ellos cruzan las calles enlosadas de piedra de Compostela, a lo largo de las bóvedas donde hay caminos huraños. Y, con cirios encendidos en las manos, van a caer de rodillas frente al Sepulcro de la Catedral. El arzobispo Gelmírez, nervio del renacimiento compostelano, hace fabricar el palacio arzobispal, para poder hospedar a los grandes señores. Siglo de milagrería y de fe encendida. Los culpables de tremendos delitos, los enfermos de dolencias incurables, se arrastran por los caminos, para poder llegar a Compostela. El Duque de Aquitania, cruza tan maltrecho Santiago, que un bardo de rúa⁷, al verle pasar, improvisa esta copla:

*A onde irá aquel romeiro,
meu romeiro a onde irá.
Caminho de Compostela.
Non seis s'alí chegará*

El Duque de Aquitania alcanza a entrar a la catedral y muere frente al altar mayor.

El Papa Calixto, que visita Compostela, se maravilla de la diversidad de lenguas y cánticos de extranjeros que se escuchan.

En el interior de la Catedral arden tantos cirios en manos de los romeros, que bajo sus bóvedas no se diferencia la noche del día. Muchos cantan en sus idiomas patrios, acompañándose de cítaras, de tímpanos, de pífanos, de trompetas y salterios. La afluencia de peregrinos es tan extraordinaria, que un sacerdote versado en lenguas, va llamando a los romeros por sus tribus. Estos se acercan al altar mayor, y el sacerdote con una caña, golpea al penitente en las espaldas, exclamando al mismo tiempo:

"-Beton a trom San Giama. A atrom de labre", que expresa: "Bien toma el trueno Santiago, el trueno del labio". Otras veces, es menester instalar altares en los pórticos y placeta de la Catedral, porque las multitudes medioevales sobrepujan todo cálculo. Y se

nebulosas cruzam as trilhas romanas. Os santos e fundadores de ordens religiosas se encaminham a Compostela, São Evermaro, São Teobaldo, Santa Brígida de Suécia com seu marido Ulf Gdmanson, Santa Isabel de Hungria, Santo Domingo queimador de hereges, São Francisco, advogado dos pobres, todos eles cruzam as ruas pavimentadas de pedra de Compostela, ao longo das abóbadas onde há caminhos tortuosos. E, com círios acesos nas mãos, vão cair de joelhos diante do Sepulcro da Catedral.

O arcebispo Gelmírez, nervo do renascimento compostelano, fez construir o palácio arcebispal, para poder hospedar os grandes senhores. Século de milagres e de fé acesa. Os culpados de tremendos delitos, os enfermos de doenças incuráveis, arrastam-se pelos caminhos, para poder chegar a Compostela. O Duque de Aquitânia atravessa tão sofrido Santiago que um bardo de rua, ao vê-lo passar, improvisa esta copla:

*A onde irá aquel romeiro,
meu romeiro a onde irá.
Caminho de Compostela.
Non seis s`alí chegará.¹¹¹*

O Duque de Aquitânia consegue entrar na catedral e morre em frente ao altar maior.

O Papa Calisto, que visita Compostela, fica maravilhado com a diversidade de línguas e cânticos estrangeiros que ali se escutam.

No interior da Catedral ardem tantos círios nas mãos dos romeiros que debaixo de suas abóbadas não se distingue a noite do dia. Muitos cantam em seus idiomas pátrios, acompanhados de cítaras, de tímpanos, pífanos, de trompetes e saltérios. A afluência de peregrinos é tão extraordinária que um sacerdote versado em línguas vai chamando os romeiros por suas tribos. Estes se acercam do altar maior e o sacerdote, com uma vara, golpeia o penitente nas costas, enquanto exclama:

"-Beton a trom San Giana. A atrom de labre", que expressa: "Bien toma el trueno Santiago, el trueno del labio"¹¹². Outras vezes, é necessário instalar altares nos pórticos e praças da Catedral, porque as multidões medievais superam todo cálculo. E se

¹¹¹ "Aonde irá aquele romeiro,/ meu romeiro aonde irá / a caminho de Compostela / não sei se ali chegará."

¹¹² Arlt se refere às palavras pronunciadas pelo sacerdote, cuja descrição seria "Betom a atrom ¡San Giana! A atrom de labro", cuja interpretação expressa pelo autor, segundo Sánchez e Barreiro (1885), se refere a dizer "Recibe benignamente, Apóstol Santo, este grito atronador que en todas las lenguas del mundo pronuncia el lábio."

explica. Una vez, en el Año Santo, en Santiago, pueden ser absueltos por cualquier confesor los delitos más atroces, aún aquellos cuya indulgencia se reserva para sí la Silla Apostólica.

Los Caballeros de Santiago (guardiaciviles de la Edad Media) merodean por los caminos, con ceñido casquete de cuero a la cabeza, largo escudo y más larga lanza, y la enseña de la cruz bordada en la capa.

Se confeccionan guías para penitentes, algunas en verso, como la de Herman Kuening de Vach, editada en 1495, en inglés y en latín, y titulada "El Camino de Santiago".

La ciudad es rica, fuerte y arisca. La burguesía se disputa con la nobleza el gobierno comunal. El hermano del arzobispo muere apuñalado por la multitud de artesanos sublevados; doña Urraca, cuyo hijo Alfonso será más tarde coronado, tiene que huir desnuda por las calles y refugiarse en la iglesia de la Corticela; el arzobispo Gelmírez intriga y conspira; un Legado del Papa es degollado; los prelados ciñen cota de malla; las fiestas de las corporaciones llenan la ciudad de estrépito y de dolor; el oro y la plata se trabajan en los talleres de los Concheiros, artífices de las veneras que según bula de los Papas no pueden ser sino fabricadas en Compostela, y el día más glorioso de Gelmírez, es aquel en que corona al niño Alfonso, rodeado de su espléndido Cabildo Eclesiástico. La personalidad de Gelmírez resulta apasionante. Bajo su empuje, la ciudad prospera, las posadas son innumerables, los artesanos trabajan en barrios según su especialidad, se labra el azabache, la plata; los espaderos templan puñales y espadas para los caminantes; algunos siglos después ciento catorce campanarios se levantan en Compostela, cuando las campanas baten, las aves huyen de los cielos; frente a los doscientos ochenta y ocho altares de la ciudad se arrodillan hombres de todas las naciones, de los pórticos de sus cuarenta y seis edificios religiosos, entran y salen obispos, cardenales, coadjutores y los blasones, rampantes y feroces que decoran las fachadas, dan testimonio que la señoría de la ciudad es bravosa y opulenta.

explica. Uma vez, no Ano Santo, em Santiago, podem ser absolvidos por qualquer confessor os delitos mais atrozes, mesmo aqueles cuja indulgência a Cadeira Apostólica reserva para si.

Os cavaleiros de Santiago (uma espécie de guardas civis da Idade Média) perambulam pelos caminhos, com chapéu de couro na cabeça, largo escudo e mais longa lança e o símbolo da cruz bordado na frente.

Confeccionam-se guias para penitentes, alguns em verso, como o de Herman Kuening de Vach, editado em 1495, em inglês e em latim, e intitulado "O Caminho de Santiago".

A cidade é rica, forte e arisca. A burguesia disputa com a nobreza o governo comunal. O irmão do arcebispo morre apunhalado pela multidão de artesãos revoltados; dona Urraca, cujo filho Alfonso será mais tarde coroado, tem que fugir desnuda pelas ruas e refugiar-se na igreja da Corticela; o arcebispo Gelmírez intriga e conspira; um Legado do Papa é degolado; os prelados usam cota de malha, mais próprias em guerreiros. As festas das corporações enchem a cidade de ruído e dor, o ouro e a prata são trabalhados nos ateliês da rua dos Concheiros, artífices das vieiras¹¹³ que, segundo bula dos Papas, não podem ser fabricadas senão em Compostela, e o dia mais glorioso de Gelmírez é aquele em que coroa o menino Alfonso, rodeado de seu esplêndido Cabildo Eclesiástico. A personalidade de Gelmírez resulta apaixonante. Com sua administração, a cidade prospera, as pousadas são inumeráveis, os artesãos trabalham em bairros de acordo com sua especialidade, se lavra o azeviche, a prata. Os espadeiros aquecem punhais e espadas para os caminhantes; alguns séculos depois cento e catorze campanários se levantam em Compostela; quando os sinos dobram, as aves fogem dos céus. Diante dos duzentos e oitenta e oito altares da cidade se ajoelham homens de todas as nações, dos pórticos de seus quarenta e seis edifícios religiosos, entram e saem bispos, cardeais, coadjutores e brasões, rampantes e ferozes que decoram as fachadas dão testemunhos de que a senhoria da cidade é brava e opulenta.

¹¹³ Trata-se de uma concha que transformou-se em símbolo de representação do peregrino de Santiago de Compostela.

La campesina gallega - Rudas jornadas en el campo - La tarea bajo la lluvia
(El Mundo, 11 de octubre de 1935)

La literatura española no nos permite formarnos una idea de cuán ruda es la vida de la campesina gallega. El literato que más leemos en América, don Ramón del Valle Inclán, famoso por sus pinturas de ambiente gallego, nos ha transmitido de Galicia un paisaje grotesco, con personas y atmósfera de leyenda y milagrerío, tan despojado de realidad y tan abundante de chocarrería tabernaria, que uno aquí, en estas ciudades gallegas, no puede menos de preguntarse a qué Galicia se refiere el señor Valle Inclán.

No mencionemos a los poetas. Todos, sin distinción, han mentado el paisaje gallego, encajando en el panorama al campesino, como un eficiente elemento decorativo, y en cuanto al paisaje, tenemos que convenir que parece confeccionado por un técnico en jardines, para regalo de la mirada. El turista que cruza Galicia no puede menos de pensar que los más famosos jardines de la tierra palidecen junto a esta natural disposición del bosque, del prado, del cortijo y de la casona de piedra, que con su chimenea que humea entre un cortinado de árboles, muestra ante los troncos lagunas de cielo y serpenteantes caminos de ensueño.

¿Pero, y el elemento humano? Pareciera que en la poesía de "buen gusto" el elemento humano está condenado a un simple y humillante papel decorativo, a semejanza de las gargelas que disimulan los desagües de los techados con sus bárbaras apariencias. Salgo hoy, caminando hacia el pueblo de Rojo, a pocos kilómetros de Santiago de Compostela. Camino entre tierras de sembradío, por una cinta de camino festoneada de cercas de rosas silvestres y murallones bajos de piedra, soldados por tentáculos de hiedra. Separadas por poca distancia, casonas de piedra, con galería natural formada por el encañizado de la viña, y doquier miro no veo en el campo sino a mujeres que trabajan. Las provincias gallegas, se puede afirmar sin quedarse largo en el cálculo, son trabajadas en el setenta y cinco por ciento de su extensión, por mujeres. Hablar del campesino gallego es casi inventar al campesino. El hombre, en Galicia, trabaja el campo en un porcentaje mínimo. El hombre está afuera, buscándose la vida en Perú, Cuba, la Argentina, California o en el mar.

A camponesa galega - Árduas jornadas no campo – O trabalho debaixo de chuva
(*El Mundo*, 11 de outubro de 1935)

A literatura espanhola não nos permite formar uma ideia de como é dura a vida da camponesa galega. O escritor que mais lemos na América, Don Ramón del Valle Inclán¹¹⁴, famoso por suas pinturas de ambiente galego, nos transmitiu da Galiza uma paisagem grotesca, com pessoas e atmosfera de lenda e milagres, tão despojada de realidade e tão abundante de piadas de bar, que a gente aqui, nestas cidades galegas, não pode senão perguntar à qual Galiza se refere o senhor Valle Inclán.

Não mencionemos os poetas. Todos, sem distinção, mencionaram a paisagem galega, ajustando o panorama ao camponês, como um eficiente elemento decorativo, e no que se refere à paisagem, temos que convir que parece confeccionada por um jardineiro, para presentear o olhar. O turista que cruza a Galiza não pode deixar de pensar que até os mais famosos jardins da terra se esvaem diante desta natural disposição do bosque, do prado, da fazenda e da casa de pedra, cuja chaminé solta fumaça entre as árvores, mostrando fragmentos de céu e serpenteantes caminhos de sonho por entre seus troncos.

Mas, e o elemento humano? Parece que na poesia de “bom gosto” o elemento humano está condenado a um simples e humilhante papel decorativo, à semelhança das gárgulas que dissimulam o escoar das águas dos telhados com suas bárbaras aparências. Saio hoje, caminhando até o povoado de Rojo, a poucos quilômetros de Santiago de Compostela. Caminho entre terras cultivadas, por um trecho de caminho enfeitado com cercas de rosas silvestres e baixos muros de pedra, amalgamados por tentáculos de pedra. Separadas por pouca distância, casas de pedra, com galeria natural formada pelo trançado do vinhedo, e para onde quer que olhe, só vejo nos campos mulheres que trabalham. As províncias galegas, pode-se afirmar sem exagerar no cálculo, são trabalhadas em setenta e cinco por cento de sua extensão por mulheres. Falar do camponês galego é quase inventar o camponês. O homem, na Galiza, trabalha no campo em uma porcentagem mínima. O homem está fora, buscando a vida no Peru, em Cuba, na Argentina, na Califórnia ou no mar.

¹¹⁴ Ramón Maria del Valle Inclán (1866-1936) foi um escritor espanhol autor de romances, peças teatrais e poemas. Dentre sua obra poética, está *Aromas de leyenda. Versos em loor de un santo ermitaño* (1907), na qual trata de aspectos da paisagem galega e suas superstições.

Converso con campesinas. Me responden irónicas, apesadumbradas. ¿Es vida la que ellas hacen? Maridos ausentes hace cinco años, diez, quince. Escribiendo. Nada más que escribiendo y girando escasas pesetiñas. ¡Sus tierras! Apenas para vivir malamente.

En Galicia, las extensiones de tierra han quedado reducidas a parcelas tan mínimas que dudo sea cierto lo que me dice una campesina: el predio en el cual ella está trabajando mide seis pasos de ancho por treinta de largo.

Más tarde, conversando con un abogado, confirmo este dato, con el agregado siguiente, sumamente curioso: hubo en Redondela una tentativa de pleito, en la cual los catorce propietarios de catorce terrenos, cuyos vértices incidían en un árbol maderero, se disputaban la posesión del mismo. Aquí, encontramos que ciertas tierras están afectadas de servidumbre de carro, es decir, que un dueño no puede oponerse a que circule un carro por sus tierras; en cambio, otros terrenos, disfrutaban únicamente de servidumbre de persona, y toda carga que hay que pasar por él, por ejemplo, el estiércol de abono, debe efectuarse en cestas cargadas sobre la cabeza. Los odios y las rencillas que provocan estos privilegios, son incontables.

Mientras camino a lo largo de los sembradíos de hortalizas, patatas y maíz, comienza a llover. Me refugio bajo un soportal, y me quedo mirando cómo a través del agua se difuma el paisaje de colinas y cortinas de bosque. Las campesinas no abandonan el campo. Continúan trabajando bajo la lluvia. Yo, de caminar cien metros bajo la lluvia, tengo el traje calado, y desde allí, bajo el soportal de piedra, a cuyo pie hoza un cerdo sonrosado, miro a las mujeres. Descargan un carro de estiércol. Una desunce los bueyes, otra, arriba del monte negro del carro, con una horquilla descarga el abono; se las ve caminar borrosas a través de los hilos de agua, distribuir en la lonja achocolatada de tierra, montecillos de guano. Pienso que deben tener las ropas completamente empapadas, porque la poca lluvia que he recibido me ha calado la ropa, y bajo el soportal de piedra, mirando de mal humor el cerdo rosado, que gruñe y escarba la tierra con su hocico, me sacudo de los escalofríos. Las campesinas continúan en el campo. Algunas recolectan patatas, y otras siegan con una guadaña, una tercera avanza por el camino, la cabeza cargada de un monte de hierba, otra, al frente de un carro de bueyes, se pierde por el camino, que se hunde en la tierra, serpentea en los maizales y se tuerce hacia una casona de piedra.

El invierno gallego es cruel. A veces llueve dos meses continuos y las campesinas no por eso interrumpen sus labores agrícolas. Examinándolas de cerca, cubiertas de tierra, las manos callosas, el rostro avellanado, surcado de tremendas arrugas, es imposible atribuirles

Converso com as camponesas. Respondem-me irônicas, entristecidas. É vida a que elas têm? Maridos ausentes há cinco, dez, quinze anos. Escrevendo. Nada mais do que escrevendo e enviando escassas pesetas. Suas terras! Apenas para viver mal.

Na Galiza, as extensões de terra foram reduzidas a parcelas tão mínimas que duvido que seja verdade o que me diz uma camponesa: o terreno no qual ela está trabalhando mede seis passos de largura por trinta de comprimento.

Mais tarde, conversando com um advogado, confirmo este fato, acrescido de uma curiosidade. Houve em Redondela uma tentativa de demand, na qual os quatorze proprietários de quatorze terrenos, cujos vértices incidiam em uma árvore madeireira, disputavam a posse da mesma. Aqui, observamos que certas terras estão afetadas de servidão de carroça, ou seja, que o dono não pode se opor à circulação de carroças nas mesmas; enquanto outros terrenos desfrutam unicamente de servidão de pessoas, e toda carga que há que passar por ele, por exemplo, o esterco de adubo, deve ser efetuado em cestas carregadas sobre a cabeça. O ódio e as desavenças que provocam estes privilégios são incontáveis.

Enquanto caminho ao longo das plantações de hortaliças, batatas e milho, começa a chover. Refugio-me debaixo de uma arcada, e fico observando como, através da água, se esfuma a paisagem de colinas e cortinas do bosque. As camponesas não abandonam o campo. Continuam trabalhando debaixo da chuva. Eu, de caminhar cem metros debaixo da chuva, tenho a roupa molhada, e da arcada de pedra, em cujo pé fossa um porco rosado, observo as mulheres. Descarregam um carro de esterco. Uma delas desarreia os bois, outra, em cima do monte negro do carro, descarrega o esterco com uma forquilha. Pode-se vê-las caminhar por entre os fios de água, distribuir na fatia achocolatada de terra montes de adubo. Penso que devem estar com as roupas completamente empapadas, porque a pouca chuva que tomei molhou-me a roupa, e debaixo da arcada de pedra, observando o porco rosado, que grunhe e cava a terra com seu focinho, me sacudo com calafrios. As camponesas continuam no campo. Algumas colhem batatas, e outras ceifam com uma gadanha. Uma terceira avança pelo caminho, a cabeça carregada por um monte de grama, outra, diante de um carro de bois, se perde pelo caminho, que afunda na terra, serpenteia entre os milharais e vai em direção da casa de pedra.

O inverno galego é cruel. Às vezes chove dois meses contínuos e as camponesas nem por isso interrompem seus trabalhos agrícolas. Examinando-as de perto, cobertas de terra, as mãos calejadas, o rosto aveludado, sulcado de rugas, é impossível atribuir-lhes

edad. Hasta las viejas, trajinan en el campo. Cierro los ojos y recuerdo *La Tierra*, de Emilio Zola. ¡Qué grande, qué verídico era el maestro de Medán!

Por la tarde, cuando vienen a la ciudad, estas campesinas entran a la iglesia, y entonces es un espectáculo curioso verlas sentadas gravemente en los bancos, con la cabeza cubierta por pañuelos reticulados de mosaicos de colores. Sus botas suenan en las losas de piedra, y con continente taciturno, van a ocupar sus puestos. Todas estas mujeres tienen una expresión dolorosa, sus cuerpos y sus brazos son recios, fortísimos, pero sus rostros reflejan un cansancio doloroso, que me recuerdan el poema de Rosalía de Castro:

*Este vaise e aquel vaise
e todos, todos se van:
Galicia, sin homes quedas
que te poidan traballar.
Tes, en cambio, orfos e orfas
e campos de soledá;
e nais que non teñen fillos,
fillos que non téñ pais.
E tes corazós que sufren
longas ausencias mortás.
Viudas de vivos e mortos
que ninguén consolará.*

Es el grito más dramáticamente verdadero que ha engendrado el corazón de una mujer.

idade. Até as velhas trabalham no campo. Fecho os olhos e recordo *A Terra*¹¹⁵, de Emilio Zola¹¹⁶. Que grande, que verídico era o mestre de Medán!

À tarde, quando vêm à cidade, estas camponesas entram na igreja, e então é um espetáculo curioso vê-las sentadas gravemente nos bancos, com a cabeça coberta por lenços reticulados de mosaicos coloridos. Suas botas ressoam no chão de pedra, e com semblante taciturno, vão ocupar seus lugares. Todas essas mulheres possuem uma expressão dolorosa, seus corpos e seus braços são fortes, fortíssimos, mas seus rostos refletem um cansaço doloroso, que me recorda o poema de Rosália de Castro¹¹⁷:

*Este vaise e aquel vaise
e todos, todos se van:
Galicia, sin homes quedas
que te poidan traballar.
Tes, en cambio, orfos e orfas
e campos de soledá;
e nais que non teñen fillos,
fillos que non téñen pais.
E tes corazós que sufren
longas ausencias mortás.
Viudas de vivos e mortos
que ningún consolará.*¹¹⁸

É o grito mais dramaticamente verdadeiro que gerou o coração de uma mulher.

¹¹⁵ Romance do escritor francês Émile Zola, publicado em 1887, descreve a desintegração de uma família de camponeses durante o Segundo Império na França, no ano anterior ao estouro da guerra franco-prussiana de 1870.

¹¹⁶ Émile Zola (1840-1902) foi um importante escritor francês, considerado criador da escola naturalista e seu representante mais expressivo.

¹¹⁷ A escritora galega Rosália de Castro (1837-1885) é considerada a fundadora da literatura galega moderna devido à publicação de *Cantares gallegos* (1863), livro escrito em galego numa época em que este se encontrava extinto como língua escrita.

¹¹⁸ “Este se vai e aquele se vai / e todos, todos se vão: / Galiza, sem homens fica / que te possam trabalhar. / Tens, no entanto, órfãos e órfãs / e campos de solidão; / e mães que não têm filhos, / filhos que não têm pais. / E tens corações que sofrem / longas ausências mortais. / Viúvas de vivos e mortos / que ninguém consolará.” (Tradução livre)

"El pórtico de la Gloria" - Un prodigio de arte en veinte años de trabajo
(*El Mundo*, 13 de octubre de 1935)

Hace 767 años, es decir en el año 1168, un humilde escultor, en Santiago, llamado el maestro Mateo, comienza a tallar los troncos de mármol de aquel que denominará El Pórtico de la Gloria, y durante veinte inviernos, veinte veranos, veinte primaveras y veinte otoños, durante veinte años, ciegos y obstinados, labra un árbol bíblico que luce CIENTO TREINTA Y CINCO figuras, bosque de piedra y encantamiento, que lega su nombre a la posteridad, con grandeza tal, que en *Apolo*, Salomón Reinach, escribirá siete siglos después:

"Cuando se compara El Pórtico de la Gloria no sólo con las mejores obras del románico español, sino con aquellas excelentes que produjo Francia en el siglo XII y aun en el XIII, la inferioridad de todas ellas es palpable".

Sermón de piedra, imprevista creación, que espanta por la potencia humana que revela, valiosa ella sola por toda la Catedral de Santiago.

Para el caminante que ha visitado Andalucía, y se ha sentido perdido en esa tremenda ciudad de piedra que es la Catedral de Sevilla, el templo compostelano no deja de ser una iglesia más. En cambio, el Pórtico de la Gloria, abriendo la entrada de una nave que sostienen catorce columnas, reflejándose en un piso como un tablero de ajedrez, y en cuyo fondo se levantan las molduras de oro muerto de los órganos laterales, y abajo, en un altar, sobre fondo escarlata, un cuadro de Cristo, y otro de la Virgen.

El Pórtico de la Gloria sorprende tan inesperadamente al visitante, que éste se detiene, dudando si es posible que dos manos de carne terrestre hayan labrado tal masa de mármol. El Pórtico...

Tres arcos. El central simboliza la Iglesia Católica, el de la izquierda la Iglesia de los paganos, y el de la derecha la Iglesia de los judíos. El aviejado mármol de las columnas ha tomado un lívido color de carne de pulpo, y está bordado hasta el zócalo de figuras de alucinación.

El eje de esta humanidad de mármol es un Cristo de tres metros de estatura, cuya triple dimensión, con las restantes figuras que le rodean, responde a los fines didácticos del

"O pórtico da Glória" - Um prodígio de arte em vinte anos de trabalho
(*El Mundo*, 13 de outubro de 1935)

Há 767 anos, isto é, no ano de 1168, um humilde escultor, em Santiago, conhecido como mestre Mateo¹¹⁹, começa a talhar os troncos de mármore daquele que denominará O Pórtico da Glória¹²⁰ e, durante vinte invernos, vinte verões, vinte primaveras e vinte outonos, durante vinte anos, cegos e obstinados, ele lavra uma árvore bíblica que exhibe CENTO E TRINTA E CINCO figuras. Um bosque de pedra e encantamento, que lega seu nome à posteridade, com grandeza tal que em *Apolo*, Salomón Reinach¹²¹ escreverá sete séculos depois:

“Quando se compara O Pórtico da Glória não só com as melhores obras do românico espanhol, mas com aquelas excelentes produzidas na França no século XII e ainda no XIII, a inferioridade de todas elas é palpável”.

Sermão de pedra, imprevista criação, que espanta pela potência humana que revela, valiosa ela mesma por toda a Catedral de Santiago.

Para o viajante que visitou a Andaluzia, e se sentiu perdido nessa tremenda cidade de pedra que é a Catedral de Sevilha, o templo compostelano não deixa de ser mais uma igreja. Por outro lado, o Pórtico da Glória, abre a entrada de uma nave que sustenta quatorze colunas, refletindo em um piso como um tabuleiro de xadrez, e em cujo fundo se levantam as molduras de ouro morto dos órgãos laterais, e abaixo, em um altar, sobre o fundo escarlate, um quadro de Cristo, e outro da Virgem.

O Pórtico da Glória surpreende tão inesperadamente o visitante, que este se detém, duvidando se é possível que duas mãos de carne terrestre tenham lavrado tamanha massa de mármore. O Pórtico...

Três arcos. O central simboliza a Igreja Católica, o da esquerda a Igreja dos pagãos, e o da direita a Igreja dos judeus. O envelhecido mármore das colunas ficou com uma lívida cor de carne de polvo e está bordado até o rodapé de figuras de alucinação.

O eixo desta humanidade de mármore é um Cristo de três metros de estatura, cuja tripla dimensão, com as restantes figuras que o rodeiam, responde aos fins didáticos do

¹¹⁹ Escultor e arquiteto espanhol, responsável pelo trabalho que deu origem ao Pórtico da Glória, na Catedral de Santiago de Compostela.

¹²⁰ Construído de 1168 a 1188 na Catedral de Santiago de Compostela pelo mestre Mateo, era a antiga fachada da catedral compostelana e atualmente se encontra logo após a entrada do Obradoiro.

¹²¹ Historiador e arqueólogo francês.

sermón de piedra. Este Cristo labrado y enorme yace sentado, mostrando sus miembros taladrados por los clavos. Le rodean los cuatro evangelistas, tiesos en el lomo de sus bestias emblemáticas, el águila, el toro y el león, a excepción de San Mateo, que, sentado, escribe sobre un pergamino de piedra.

Cuando se levanta la vista de este conjunto, sumergido en claridad crepuscular, y se la deja moverse en torno a las nervaduras de los arcos, donde se encuentran distribuidas las ciento treinta y cinco figuras de mármol, conservando algunas el rastro borroso de los colores en que fueron teñidas estrellas de oro en pliegues de mármol negro, el abultamiento disforme se entra de tal manera por los ojos, que aunque la altura de las bóvedas aojivadas resulta escasa, se torna dificultoso seguir ordenadamente el perfil de aquella multitud de figuras, acopladas e injertadas unas en otras como los monstruos de un templo indio. Es menester un dominio poco común de la historia sagrada para penetrar en la simbología de este apeñuscamiento lívido, en la intención simbólica de estas figuras enredadas, con cabezas de negro y barbas asirias, que nos recuerdan las extraordinarias multitudes grises que se revuelcan en el fondo de las cavernas de pesadilla.

Ya es Daniel, mirando irónicamente a una matrona; ya es Isaac, con el hacha de su padre sobre la nuca, y ni los capiteles se han librado del delirio del maestro Mateo, cuyo cincel ha bordado en la piedra escenas de edificación y monstruosidad. Ya es un señor que está por meterse a la cama y conversa con un jovencito que se supone es su criado; en otra, un doncel imperativo, que con su dedo de mármol levantado le da instrucciones a un doméstico, y si nos detenemos en el arco que representa la Iglesia de los paganos, vemos a la Trinidad con tarjetas de visita en la mano, que cada una de ellas representa los Evangelios, y a partir de aquí el panorama tórnase sombrío. La Violencia, la Crueldad, la Rapiña, la Gula y la Lascivia están representadas por reptiles enredados, por demonios con cabezas de negro, cuyos hocicos de hipopótamos trituran el cráneo de terrestres penitentes; del cuello de un monstruo penden cuatro ahorcados. La locura ha soldado aquí cabezas de aves con troncos de perros, dos águilas con los cuellos trenzados se destrozan los ojos; algunas gallinas con cabeza de toro devoran unas calabazas; un diablo le ofrece piedras a Jesús para que las convierta en panes; una mujer, con cabeza de hombre, le hace muecas indecentes a dos ancianos; cuatro cabezas lanudas en un solo cuello devoran simultáneamente una empanada; dos serpientes estrangulan los senos de una desdichada; un demonio le tira con una tenaza la lengua a un penitente; un hombre lucha cuerpo a cuerpo con un león, y en un fuste, dos palomas picotean un racimo de uvas. En el arco central, que corona la estatua del apóstol Santiago, están representados los veinticuatro ancianos del Apocalipsis, con instrumentos musicales apoyados en las rodillas, y

sermão de pedra. Este Cristo lavrado e enorme encontra-se sentado, mostrando seus membros perfurados pelos pregos. Rodeiam-no os quatro evangelistas, firmes no lombo de suas bestas emblemáticas, a águia, o touro e o leão, com exceção de São Mateus, que, sentado, escreve sobre um pergaminho de pedra.

Quando se levanta a vista deste conjunto, submergido em claridade crepuscular, e se deixa mover-se em torno às nervuras dos arcos, onde se encontram distribuídas as cento e trinta e cinco figuras de mármore, conservando algumas o rastro borrado das cores em que foram tingidas estrelas de ouro em pregas de mármore negro, a saliência disforme entra de tal maneira pelos olhos, que ainda que a altura das abóbodas ogivadas resulte escassa, torna-se difícil seguir ordenadamente o perfil daquela diversidade de figuras, acopladas e enxertadas umas nas outras como os monstros de um templo hindu. É necessário um domínio pouco comum da história sagrada para penetrar na simbologia deste agrupamento lívido, na intenção simbólica destas figuras enredadas, com cabeças de negro e barbas assírias, que nos recordam as extraordinárias multidões cinza que se chafurdam no fundo das cavernas de pesadelo.

Seja Daniel, olhando ironicamente a uma parteira; seja Isaac, com o machado de seu pai sobre a nuca; e nem os capitéis se livraram do delírio do mestre Mateo, cujo cinzel bordou na pedra cenas de edificação e monstruosidade. Seja um senhor que está por meter-se na cama e conversa com algum juvenzinho que se supõe ser seu criado. Em outra, um jovem imperativo, que com seu dedo de mármore levantado dá instruções a um criado e, se nos detemos no arco que representa a Igreja dos pagãos, vemos a Trindade com cartões de visita na mão, que cada uma delas representa os Evangelhos e a partir daqui o panorama torna-se sombrio. A Violência, a Crueldade, a Rapina, a Gula e a Lascívia estão representadas por répteis enredados, por demônios com cabeças de negro, cujos focinhos de hipopótamos trituram o crânio de terrestres penitentes. Do pescoço de um monstro pendem quatro enforcados. A loucura soldou aqui cabeças de aves com troncos de cachorros, duas águias com os pescoços trançados se destroçam os olhos; algumas galinhas com cabeça de touro devoram umas abóboras; um diabo oferece pedras a Jesus para que as converta em pães; uma mulher, com cabeça de homem, faz expressões indecentes a dois anciãos; quatro cabeças felpudas em um só pescoço devoram simultaneamente uma empanada; duas serpentes estrangulam os seios de uma desgraçada; um demônio arranca com um alicate a língua de um penitente; um homem luta corpo a corpo com um leão, e em um fuste, dois pombos bicam um cacho de uvas. No arco central, que coroa a estátua do apóstolo Santiago, estão representados os vinte e quatro anciãos do Apocalipse, com instrumentos musicais apoiados nos joelhos, e

excelentes caras de prestamistas. Los instrumentos de la Pasión, el Ángel con la corona de espinas, el otro con la lanza y los clavos, el tercero con los azotes y el cuarto con la caña y la esponja, enfilan sus curvaturas en el capitel de la columna central.

El visitante contempla el Pórtico de la Gloria y piensa en el maestro Mateo, en su laboriosidad infinita, en su genio demoníaco, atormentado y sensual, que en la ciudad de piedra, hace siete siglos, sembró la semilla de un árbol de mármol, cuyo fruto invulnerable a los dientes de todos los demonios, es su genio.

excelentes caras de prestamistas. Os instrumentos da Paixão, o Anjo com a coroa de espinhos, o outro com a lança e os cravos, o terceiro com os açoites e o quarto com a cana e a esponja, alinham suas curvaturas no capitel da coluna central.

O visitante contempla o Pórtico da Glória e pensa no mestre Mateo, em seu trabalho infinito, em seu gênio demoníaco, atormentado e sensual, que na cidade de pedra, há sete séculos, semeou a semente de uma árvore de mármore, cujo fruto, invulnerável aos dentes de todos os demônios, é seu gênio.

Fortalezas de la desesperación - Una ciudad en la que impera el sentimiento de la muerte

(*El Mundo*, 14 de octubre de 1935)

Yo denominaría a Santiago de Compostela, fortaleza de la desesperación. Ausencia de alegría. Anticipo del invierno. Callejuela de la muerte.

No se vive en Santiago, se perece. Agoniza el alma, frente a estas murallas de bloques grises, amarillentos otros, oscuros en mosaico de antigüedad y acabamiento. No se vive en Santiago, se muere. ¡Oh, esos faroles encendidos en el ángulo de piedra de una iglesia, esas campanas inmóviles incrustadas en gruesos troncos, esas imágenes de piedra, en nichos de piedra, que extienden una mano!

Como un alma en pena se anda por aquí. Las calles juntan en confines próximos la altura de sus fachadas, la noche gris cae sobre la ciudad silenciosa en estrecho crepúsculo de piedra, los ojos giran, buscando un aliciente, un motivo de alegría o de sonrisa, y siempre, siempre esta tiesura señorial y tétrica.

Cada cuarenta pasos la muralla de un templo, una torre en cuyas cornisas crece la hierba; un ángulo de piedra con un farol encendido, que mancha la piedra de luz. Y mientras el resto se dibuja severo en la oscuridad, y esto es hermoso y fúnebre, os persigue por donde camináis, como un castigo. ¿Dónde ir por dentro de estos laberintos, que no se tropiece con esta vida condenada, con esta negación de la existencia feliz? Porque aquí todo niega a la vida. La piedra es fría y rugosa como las paredes del sepulcro; la luz de los fanales de hierro, lúgubre como las que lucen en torno a los ataúdes; las imágenes de piedra, cubiertas de ropas talaras, con los brazos extendidos, con instrumentos de martirio a los costados, os recuerdan constantemente que morir habemos, y allí hacia donde se avanza está la advertencia de la muerte carnal; una es el frontispicio del templo de las Ánimas, con su dintel de mármol, donde entre llamas de mármol, arden despeinadas almas de mármol, mujeres de rostro fino, con el cabello de mármol suelto sobre las espaldas. Y si entráis en una plaza, es una plaza vasta como un mar muerto de piedra, desierta, bloqueada de murallas crestadas, con cimborrios que recortan su silueta negra en un gris cielo de atardecer, y el doble frío de la piedra y del hierro os cala el tuétano, como una llovizna de muerte os empapa el alma, y aunque se quiera resistir a tan terrible melancolía, no se puede. La ciudad, que es fortaleza de la desesperación, se os adentra con sus almenas en el alma, las callejuelas por donde camina la muerte os agotan el ánimo.

Fortalezas de desespero - Uma cidade na qual impera o sentimento da morte
(*El Mundo*, 14 de outubro de 1935)

Eu denominaria Santiago de Compostela como fortaleza do desespero. Ausência de alegria. Chegada do inverno. Alameda da morte.

Não se vive em Santiago, se perece. Agoniza a alma, frente a estas muralhas de blocos cinza, amarelados outros, escuros em mosaico de antiguidade e acabamento. Não se vive em Santiago, morre-se. Oh, esses faróis acesos no ângulo de pedra de uma igreja, esses sinos imóveis incrustados em grossos troncos, essas imagens de pedra, em nichos de pedra, que estendem a mão!

Por aqui, caminha-se como uma alma penada. As ruas juntam-se em confins próximos à altura de suas fachadas, a noite cinza cai sobre a cidade silenciosa em estreito crepúsculo de pedra, os olhos giram, buscando um incentivo, um motivo de sorriso e alegria, e sempre, sempre esta rigidez senhorial e tétrica.

A cada quarenta passos, a muralha de um templo, uma torre em cujas cornijas cresce a hera; um ângulo de pedra com um farol aceso, que mancha a pedra de luz. E, enquanto isso, o restante é desenhado na escuridão, e isto é belo e fúnebre, lhes persegue por onde caminham como um castigo. Aonde ir por dentro destes labirintos, que não se tropece com esta vida condenada, com esta negação da existência feliz? Porque aqui tudo nega a vida. A pedra é fria e áspera como as paredes do sepulcro; a luz das lamparinas de ferro, lúgubre como as que iluminam em torno aos ataúdes; as imagens de pedra, cobertas de roupas tálares, com os braços estendidos, com instrumentos de martírio nas laterais, lhes recordam constantemente que havemos de morrer, e ali até onde se avança está a advertência da morte carnal; uma é a fachada do templo das Almas, com seu umbral de mármore, onde, entre chamas de mármore, ardem despenteadas almas de mármore, mulheres de rosto fino, com o cabelo de mármore solto sobre as costas. E se vocês entram em uma praça, é uma praça vasta como um mar morto de pedra, deserta, bloqueada de muralhas cristadas, com cúpulas que recortam sua silhueta negra em um entardecer de céu cinza, e o frio em dobro, frio da pedra e do ferro lhes cala até os ossos, como uma garoa de morte lhes empapa a alma, e ainda que se queira, não é possível resistir a tão terrível melancolia. A cidade, que é fortaleza de desespero, cujas muralhas penetram almas adentro, pelas alamedas por onde caminha a morte, esgota seu ânimo.

¿Es posible sustraerse a tamaña incitación a morir? El Greco, que era un temperamento armonioso, que se formó en una escuela de pintura luminosa bajo la influencia de Tiziano, se identificó, contra su voluntad, tan fielmente con el siniestro panorama de Toledo, absorbió tan profundamente la taciturna atmósfera española, que quizá nadie como él ha pintado dentro de sus trajes negros, a hombres, mujeres y niños, recios de convicción religiosa y sombríos de vivir, casi lacerados por austeridades monásticas.

Y es que este siniestro aparato de ciudad española, elevando la piedra en murallas hasta las nubes, dejándola oscura para que su oscuridad ciña más naturalmente el cuerpo con negruras de muerte; esta ciudad española es tan fuerte, que dentro de ella, o se aniquila el alma en la desesperación o, si sobrevive, queda apartada para siempre de los goces de la tierra.

Porque no hay aquí una sola concesión al placer, ni a la felicidad. Es inútil buscar un detalle tierno, una calle, una sola, donde la alegría esté pintada en la arquitectura. Pareciera que un gesto terminante, ha barrido de la piedra la posibilidad del jardín, que una voz ha gritado en el horizonte su orden de callar y morir, y aquí se calla y se muere. Sólo por la mañana, cuando el sol alumbraba, la piedra aparece mojada de una cierta luz de ingenuidad, pero en cuanto el sol traspone el cenit, y los grandes lienzos de sombras comienzan a caer a lo largo de las fachadas, y algunas luces se encienden tras de los ventanales, el alma se llena de horror al vivir, el entendimiento se cubre de telarañas de meditación, abiertas de par en par, las tremendas puertas de las iglesias, más oscuras abajo que si anoheciera, con los vitrales altos, con las pinturas de pasión color bermejo, y se sale...

Aquí, en Santiago de Compostela, la muerte está presente. Aquí, en Santiago de Compostela, el lúgubre panorama de piedra incita al aniquilamiento de todo impulso. La ciudad misma es un templo de cada uno de cuyos muros se escapa la terrible voz de "Morir habemos".

Y si uno, siguiendo melancólicamente una larga calle, llega al deslinde de la ciudad, donde se distinguen colinas verdes y azules en cielos que comienzan a estrellarse, es menester esforzarse para no gritar de alegría. Parece que sólo entonces descubrimos que el campo y las colinas que tienen la forma del seno de una mujer, y la luna como una uña plateada, y los caminos que serpentean en cuesta, son alegres. Y respiramos, respiramos como si saliéramos de una cárcel.

É possível fugir de tamanha incitação à morte? El Greco¹²², que era um temperamento harmonioso, que se formou em uma escola de pintura luminosa sob a influência de Tiziano¹²³, se identificou, contra sua vontade, tão fielmente com o ambiente sinistro de Toledo, absorveu tão profundamente a taciturna atmosfera espanhola, que talvez ninguém como ele pintou, dentro de seus trajes negros, homens, mulheres e crianças, fortes de convicção religiosa e sombrios de viver, quase lacerados por austeridades monásticas.

E é este sinistro aparato de cidade espanhola, elevando a pedra em muralhas até as nuvens, deixando-a escura para que sua obscuridade tinja mais naturalmente o corpo com negruras de morte; esta cidade espanhola é tão forte, que dentro dela, ou se aniquila a alma no desespero ou, se sobrevive, fica apartada para sempre das alegrias da terra.

Porque não há aqui uma só concessão ao prazer, nem à felicidade. É inútil buscar um detalhe terno, uma rua, uma só, onde a alegria esteja pintada na arquitetura. Parece que um gesto definitivo retirou da pedra a possibilidade do jardim, que uma voz gritou no horizonte sua ordem de calar e morrer, e aqui se cala e se morre. Somente pela manhã, quando o sol ilumina, a pedra aparece molhada de certa luz de ingenuidade, mas enquanto o sol transpõe o zênite, e os grandes fios de sombras começam a cair ao longo das fachadas, e algumas luzes se acendem atrás das janelas, a alma se enche de horror ao viver, o entendimento se cobre de teias de meditação; abertas de par em par, as tremendas portas das igrejas, mais obscuras durante a noite, com os vitrais altos, com as pinturas de paixão de cor castanho-avermelhado, e sai...

Aqui, em Santiago de Compostela, a morte está presente. Aqui, em Santiago de Compostela, o lúgubre panorama de pedra incita ao aniquilamento de qualquer impulso. A cidade em si é um templo de cada um de cujos muros escapa a terrível voz de “Teremos de morrer”.

E se alguém, seguindo melancolicamente uma longa rua, chega aos limites da cidade, onde se distinguem colinas verdes e azuis em céus que começam a estrelar-se, é necessário se esforçar para não gritar de alegria. Parece que só então descobrimos que o campo e as colinas que têm a forma do seio de uma mulher, e a lua como uma unha prateada, e os caminhos que serpenteiam a costa, são alegres. E respiramos, respiramos como se tivéssemos saído de uma prisão.

¹²² Doménikos Theotokópoulos (1541-1614), pintor, escultor e arquiteto grego, trabalhou desde 1577 até sua morte em Toledo, na Espanha, local onde produziu a maior parte de suas obras.

¹²³ Tiziano Vecellio (1473/1490-1576) é um pintor da escola veneziana, um dos principais representantes do Renascimento.

**La vida paralizada - Carros primitivos arrastrados por bueyes - Los españoles y España
(*El Mundo*, 16 de octubre de 1935)**

Siglo XX en Santiago de Compostela. Carros primitivos, con ejes de madera, arrastrados por yuntas de bueyes, siluetas en tinta china de monjes y sacerdotes, fachadas grises de templos.

Trabe usted amistad con un sacerdote, o con un burócrata, o con un hijo de campesinos acomodados, y pregúntele de España, y en cuanto le habéis nombrado el tópico, cualquiera de los tres, os hablará de la "misión providencial de España" sin darse cuenta que repite las palabras pronunciadas por el conde de Lemos, siglos atrás; os dirá que "España es aborrecida en el extranjero por ser la mejor provincia de Europa", otro, os mentará la superioridad racial ibérica; el sacerdote, después de suspirar profundamente, os hablará de los perniciosos efectos de la "infección extranjerizante"; otros, como menciona Santos Oliver, os citarán una especie de "conjuro universal contra las glorias de España"; el liberal, pero orgulloso de ser Judas y Cristo al mismo tiempo, repetirá las palabras de Joaquín Costa: "Somos un pueblo de profetas que anuncian al Mesías del progreso, a reserva de desconocerlo, y tal vez crucificarle si luego aparece"; el hijo del campesino acomodado, responderá a vuestras conjeturas catastróficas: "El jefe ya piensa por nosotros. Dejarle." (El "jefe" es Gil Robles), confirmando con estas palabras la exactitud del perfil psicológico, que con tanta perfección ha diseñado Jiménez de Asúa: "La conciencia política se reduce al sentimiento de lealtad al caudillo, y tiene como fin predominante, un imperio, una religión y una espada, que sirve a la crueldad y a la intolerancia, hija de la pobreza de crítica y de ideas", mientras que, el fascista madrileño, admirador del señor Ortega y Gasset, que se lamenta de la ausencia de una "aristocracia directora", os repetirá la frase de

A vida paralisada – Carros primitivos arrastados por bois – Os espanhóis e Espanha
(*El Mundo*, 16 de outubro de 1935)

Século XX em Santiago de Compostela. Carros primitivos, com eixos de madeira, arrastados por juntas de bois, silhuetas de tinta nanquim de monges e sacerdotes, templos com fachadas cinza.

Faça amizade com um sacerdote, com um burocrata, ou com um filho de prósperos camponeses, e lhes pergunte da Espanha, e enquanto lhe nomeia o tema, qualquer um dos três falará sobre a “missão providencial da Espanha” sem se dar conta que repete as palavras pronunciadas pelo conde de Lemos¹²⁴, séculos atrás; dirá que a “Espanha é reconhecida no estrangeiro por ser a melhor província da Europa”; outro mencionará a superioridade racial ibérica; o sacerdote, depois de suspirar profundamente, falará dos efeitos prejudiciais da “infecção estrangeirizante”; outros, como menciona Santos Oliver, citarão uma espécie de “conjuro universal contra as glórias da Espanha”; o liberal, mas orgulhoso de ser Judas e Cristo ao mesmo tempo, repetirá as palavras de Joaquín Costa¹²⁵: “Somos um povo de profetas que anunciam o Messias do progresso, a reserva de desconhecê-lo, e talvez crucificá-lo caso apareça”; o filho do camponês abastado responderá a vossas conjeturas catastróficas: “O chefe já pensa por nós. Deixemos que ele pense” (O “chefe” é Gil Robles¹²⁶), confirmando com essas palavras a exatidão do perfil psicológico que com tanta perfeição Jiménez de Asúa¹²⁷ projetou: “A consciência política se reduz ao sentimento de lealdade ao chefe, e tem como fim predominante um império, uma religião e uma espada, que serve à crueldade e à intolerância, filha da pobreza de crítica e de ideias”. Enquanto o fascista madrilenho, admirador do senhor Ortega y Gasset¹²⁸, que se lamenta da ausência de uma “aristocracia

¹²⁴ O condado de Lemos, existente desde o século XVI, é um título de nobreza associado à cidade galega de Monforte de Lemos.

¹²⁵ Joaquín Costa Martínez (1846-1911), jurista, economista historiador e político espanhol associado ao grupo chamado Regeneracionista que defendia reformas radicais na política espanhola, principalmente no âmbito da educação, como forma de modernizar o país.

¹²⁶ José María Gil Robles y Quiñones (1898-1980), fez parte do Governo Lerroux, em 1935, como ministro de Guerra, colocando em postos de responsabilidade militares como Franco, Fanjul ou Goded, mais tarde protagonistas da revolta que culminaria na Guerra Civil.

¹²⁷ Luis Jiménez de Asúa (1889-1970), jurista e político espanhol, foi professor universitário de direito penal e publicou diversas obras sobre o assunto. Durante a ditadura franquista, exilou-se na Argentina e, em 1962, foi designado presidente da República Espanhola no exílio, cargo que ocupou até sua morte.

¹²⁸ José Ortega y Gasset (1883-1955), filósofo e político espanhol, exilou-se na França em 1936, quando começou a Guerra Civil Espanhola, voltando para a Espanha em 1945, onde continuou exercendo as funções de professor e escritor, apesar da forte vigilância da ditadura franquista.

"España Invertebrada": "Venimos, pues, a la conclusión de que la historia de España entera, y salvas fugaces jornadas, ha sido la historia de la decadencia".

Estos son los juicios de las luminarias de España, sobre España, aunque por instantes se me ocurre que media una confusión de términos. En España no descubrimos decadencia, sino parálisis. Dilatadas franjas de pequeña burguesía y campesinado, estacionados en los ideales de la Edad Media. En cuanto nos alejamos unos pocos kilómetros de la costa atlántica o mediterránea, la rigidez de la parálisis social, se nos aparece tan impresionantemente fijada a la tierra, como los pétreos relieves de los templos. Y a la divagación palabrera en torno de cuáles serán los motivos de la parálisis, si el paisaje o la falta de misticismo, es lo que el intelectual español define como "temperamento soñador español".

Rarísimo es el intelectual español que no haga hincapié en esta decadencia o parálisis de España. Pero todos evitan, cuidadosamente, de poner el dedo en la llaga: las dos patriarcales formas de economía peninsular: la del Sur y la del Norte. El español cree (o finge creer) que la civilización es una realidad tan desconectada del progreso económico, que jamás se preocupa en pensar si la mentalidad de un campesino que conduce su cereal al mercado en un tractor, es distinta a la mentalidad del campesino que conduce su trigo a la estación en un carro arrastrado por bueyes. Y de esta dislocación brutal con la realidad del tractor, nace ese tipo de intelectual español, del cual Unamuno es su más brillante y anárquica expresión: un subjetivo que por la noche piensa todo lo contrario de aquello que afirmó por la mañana.

Y si me detengo en Unamuno es porque Unamuno expresa más fielmente que ningún intelectual español, la desesperación profunda de la clase media española, desorientada, invocando a Sancho y a don Quijote, traspasando su ideal de un hombre a otro hombre, porque con criterio estrecho, cree aún en el individuo-providencia, que ayer se llamó Azaña, hoy Lerroux y mañana Gil Robles, y pasado mañana quizá Alfonso XIII.

¡El tractor! ¿Para qué pensar en el tractor? Es antipoético, ningún clásico le hubiera utilizado en sus comedias...

Se razona de tal manera, que los diarios derechistas afirman que si en la España de los bueyes existe crisis, también, y más aguda, la encontramos en el país de los tractores, sin reparar, quizá, que la crisis de un país industrial, financieramente ordenado al modo clásico, es una etapa inevitable a las funciones del capital, que se va concentrando paulatinamente,

diretora”, repetirá a frase de “Espanha Invertebrada”¹²⁹: “Chegamos, pois, à conclusão de que a história de toda a Espanha, salvas fugazes jornadas, tem sido a história da decadência”.

Estas são as crenças das luminárias da Espanha, sobre a Espanha, ainda que por instantes me ocorre que estão permeadas por certa confusão de termos. Na Espanha, não descobrimos decadência, mas paralisia. Dilatadas parcelas de pequena burguesia e campesinato, estacionados nos ideais da Idade Média. Enquanto nos distanciamos uns poucos quilômetros da costa atlântica ou mediterrânea, a rigidez da paralisia social se mostra tão impressionantemente fixada à terra, como os pétreos relevos dos templos. E à divagação prolixa em torno de quais seriam os motivos da paralisia, se a paisagem ou a falta de misticismo, é o que o intelectual espanhol define como “temperamento sonhador espanhol”.

Raríssimo é o intelectual espanhol que não insista nessa decadência ou paralisia da Espanha. Mas todos evitam, cuidadosamente, colocar o dedo na ferida: as duas formas patriarcais de economia peninsular: a do Sul e a do Norte. O espanhol acredita (ou finge acreditar) que a civilização é uma realidade tão desconectada do progresso econômico, que jamais se preocupa em pensar se a mentalidade de um camponês que conduz seu cereal ao mercado em um trator é diferente da mentalidade daquele que conduz seu trigo à estação em um carro arrastado por bois. E deste deslocamento brutal com a realidade do trator, nasce esse tipo de intelectual espanhol, do qual Unamuno¹³⁰ é a mais brilhante e anárquica expressão: um subjetivo que à noite pensa tudo ao contrário daquilo que afirmou pela manhã.

E, se me detenho em Unamuno, é porque Unamuno expressa com mais fidelidade que nenhum outro intelectual espanhol o desespero profundo da classe média espanhola, desorientada, invocando a Sancho e a Dom Quixote, transferindo seu ideal de um homem a outro, porque, com critério estreito, crê ainda no indivíduo-providência, que ontem se chamou Azaña, hoje Lerroux, amanhã Gil Robles, e depois de amanhã, quem sabe, Alfonso XIII.

O trator! Para que pensar no trator? É antipoético, nenhum clássico o utilizou em suas comédias...

Pensa-se de tal maneira que os diários direitistas afirmam que, se na Espanha dos bois existe crise, também, e mais aguda, a encontramos no país dos tratores, sem reparar, talvez, que a crise de um país industrial, financeiramente organizado ao modo clássico, é uma etapa inevitável às funções do capital, que vai se concentrando paulatinamente,

¹²⁹ Obra escrita por Ortega y Gasset em 1921, em cujo prólogo o autor comenta que seu principal objetivo é definir a grave enfermidade que sofre a Espanha e na qual analisa o estado de dissolução da sociedade espanhola, que, segundo o autor, possui características encontradas em outros países do continente europeu. (ORTEGA Y GASSET, 1922)

¹³⁰ Miguel de Unamuno y Jugo (1864-1936), escritor e filósofo espanhol, um dos principais representantes da chamada “Geração de 98”.

hasta determinar la rotura de viejos moldes. Mientras que las crisis europeas revelan el intenso movimiento centrípeto del capital financiero, la crisis español evidencia hasta la saciedad, horizontalmente, la parálisis del capital español, involuntaria en el Norte, voluntaria en el Sur.

En torno de este estancamiento físico, que refleja un apagamiento espiritual, el intelectual español entreteje conjeturas, que si no fueran ingenuas, parecieran burlerías. ¿A quién achacar la depresión psicológica? ¿Al árbol, a la montaña, a los ríos o a los mosquitos? Mientras que el derechista de la pequeña ciudad española, el honesto ciudadano de la clase media, se refugia desesperadamente en la religión, y mira hacia su catedral, buscando su salvación y lamentando que los tiempos del Santo Oficio hayan desaparecido, el izquierdista centrista español, se entrega a la vergonzosa verborrea, que para estos universitarios se piensa que Joaquín Costa escribió las palabras que siguen:

"Si algún día hay que principiar la regeneración científica de este pobre país, no hay más remedio que tapar a cal y canto las Universidades".

até determinar o rompimento com velhos moldes. Enquanto as crises europeias revelam o intenso movimento centrípeto do capital financeiro, a crise espanhola evidencia, até a saciedade, horizontalmente, a paralisia do capital espanhol, involuntária no Norte, voluntária no Sul.

Ao redor deste estancamento físico, que reflete um apagamento espiritual, o intelectual espanhol entretece conjecturas que, se não fossem ingênuas, pareceria piada. A quem culpar a depressão psicológica? À árvore, à montanha, aos rios ou aos mosquitos? Enquanto o direito da pequena cidade espanhola, o cidadão honesto da classe média, se refugia desesperadamente na religião, e olha em direção à catedral buscando sua salvação e lamentando que os tempos do Santo Ofício tenham desaparecido, o centro-esquerdista espanhol se entrega ao vergonhoso palavrório; pensa-se ter sido para estes universitários que Joaquín Costa escreveu as seguintes palavras:

“Se algum dia há de se iniciar a regeneração científica deste pobre país, não há outro remédio senão fechar as Universidades”.

La vida paralizada - Dos españoles distintos: el de América y el de España
(*El Mundo*, 18 de octubre de 1935)

España es un problema económico sin aparente solución actual, dentro de su actual superestructura. Aquí radica el enigma de la Esfinge.

Mientras Unamuno trata de explicar al español por el paisaje, interpretación que puede ser acertada cuando se refiere a ciertas exteriorizaciones secundarias de la sensibilidad, yo creo que al español hay que tratar de explicárselo por su economía regional.

Dos españoles distintos

Para precisar los cambios psicológicos que determina la economía en estas masas taciturnas del Norte, y en el sopor orgulloso en que yace la clase media, esquematizaré algunos tipos de españoles.

Tomemos al español que conocemos, es decir, al español de América. El español de América se caracteriza por el desarrollo de una actividad paciente y en muchos casos extraordinaria. Su adaptación psicológica al medio, es rapidísima. Y tan intensa, que su fusión con los ambientes indígenas, es clásica. De lo poco cómodo que se encontraba en su país, da una idea este hecho particular y precioso. Son numerosos los españoles que han hecho fortuna en América y han tratado de volver a radicarse en sus provincias natales. El esfuerzo ha sido inútil, el hombre no se “hallaba”. No porque careciera de amor a su patria, sino porque en ella no puede desarrollar la actividad normal a su dinamismo. Este español que nosotros conocemos, el español de América, es un hombre sesudo, razonable, prudente, jovial, y se nos aparece en todas las exteriorizaciones de la vida cotidiana, por completo desligado de los tipos literarios que desfilan en las obras de autores españoles, escritas en España. Exterioriza cierto orgullo por las obras de arte que embellecen España y que no existen en América; pero salvo este recuerdo apasionado, único bagaje que conserva de su país, es en todo semejante a nosotros. Sin embargo, nosotros, y aquí radica lo extraordinario, no podemos explicarnos el carácter del español en España, porque el español que nosotros conocemos es un hombre de acción, mientras que las descripciones de españoles radicados en España, nos presentan un tipo estático de español, aguafuerte de cobre, roída por ácido, y más enjuta que un cuadro del Greco.

A vida paralisada - Dois espanhóis distintos: o da América e o da Espanha
(*El Mundo*, 18 de outubro de 1935)

Espanha é um problema econômico sem aparente solução atual, dentro de sua atual superestrutura. Aqui está enraizado o enigma da Esfinge.

Enquanto Unamuno trata de explicar o espanhol pela paisagem, interpretação que pode ser acertada quando se refere a certas exteriorizações secundárias da sensibilidade, creio que o espanhol se deve explicar a partir de sua economia regional.

Dois espanhóis distintos.

Para precisar as mudanças psicológicas que determinam a economia nessas massas taciturnas do Norte e no torpor orgulhoso no qual jaz a classe média, esquematizarei alguns tipos de espanhóis.

Tomemos o espanhol que conhecemos, ou seja, o espanhol da América. O espanhol da América se caracteriza pelo desenvolvimento de uma atividade paciente e em muitos casos extraordinária. Sua adaptação psicológica ao meio ambiente é rapidíssima. E tão intensa, que sua fusão com os ambientes indígenas é clássica. Do pouco cômodo que se encontrava no seu país, dá uma ideia deste feito particular e precioso. São numerosos os espanhóis que fizeram fortuna na América e trataram de voltar a radicar-se em suas províncias natais. O esforço foi inútil, o homem não se “encontrava”. Não porque faltava amor a sua pátria, mas porque nela não se pode desenvolver a atividade normal de seu dinamismo. Este espanhol que nós conhecemos, o espanhol da América, é um homem sisudo, razoável, prudente, jovial e nos aparece em todas as exteriorizações da vida cotidiana, completamente desligado dos tipos literários que desfilam nas obras de autores espanhóis, escritas na Espanha. Exterioriza certo orgulho pelas obras de arte que embelezam Espanha e que não existem na América, mas exceto por essa recordação apaixonada, única bagagem que conserva de seu país, é em tudo semelhante a nós. No entanto, nós, e aqui reside o extraordinário, não podemos explicar o caráter do espanhol da Espanha, porque o espanhol que nós conhecemos é um homem de ação, enquanto as descrições de espanhóis radicados na Espanha nos apresentam um tipo estático de espanhol, água-forte de cobre, roída por ácido, e mais enxuta que um quadro de El Greco.

Detengámonos ahora en el español que no ha salido de España. Nos encontramos con un hombre concentrado, más que triste disconforme con esta realidad gris, con la mirada fija en el pasado, en supuestos siglos de esplendor, y áspero, porque la aspereza es la consecuencia de una sed de acción y de gloria no satisfecha. Si nos detenemos frente a un campesino, descubrimos a un hombre, a quien la preocupación de la tierra ha rechupado las facultades, y entonces, si comparamos el español de América con el español de España, ambos parecen pertenecer a dos naciones distintas.

Y es que el español en estado natural, es un hombre de acción. No recurramos a antecedentes históricos. Los manuales lo pintan como un extraordinario trabajador de guerra y de paz. Pero España no es América. En la península, la economía tiene metido al español en un chaleco de fuerza, que lo obliga a resumir en sí mismo la potencialidad remanente. Obligatoria condensación de fuerza, cuyas exteriorizaciones violentas calificamos de fanáticas. Pero no puede menos de ser así. El movimiento, cuando traspone un límite, se convierte en velocidad. La musculosa psicología del español está prensada en agujero de piedra, con un guardiacivil de centinela. En estas circunstancias, mencionar la influencia del paisaje es pueril. La rispidez española, su orgullo, esa obstinación que lucha en un pequeño círculo de piedra, nace de la falta de campo de acción. Tome usted a estos campesinos, póngales ante los ojos veinte o cien hectáreas de tierra, láncelos a trabajar y que puedan disfrutar del producto de su trabajo y verá usted cómo el cuadro del Greco se difuma en el vacío, y de un hombre, que el pintor ha retratado cabizbajo y color de tierra, surge otro lozano y brioso, tremendamente enérgico, a quien sólo de su origen, no resta nada más que un sentimental amor a su patria.

Y es que este vivir sin esperanza en ciudades muertas, donde no hay nada que hacer, este arañar eternamente campos tan parcelados que cubren ya superficies irrisorias, este dolor de vivir malamente, temblando por el granizo, por la tempestad, por la sequía y las inundaciones, esta angustia permanente de no verle escapatoria posible al terrible problema económico (que en Europa es un problema de siglos) ha modelado ese tipo humano sin esperanzas, en quienes la divagación de los intelectuales busca interpretaciones metafísicas.

Detenhamo-nos agora no espanhol que não deixou a Espanha. Encontramo-nos com um homem concentrado, mais que triste, incompatível com esta realidade cinzenta, com o olhar fixo no passado, em supostos séculos de esplendor, e áspero, porque a aspereza é a consequência de uma sede de ação e de glória não satisfeita. Se nos detemos diante de um camponês, descobrimos um homem cujas capacidades foram sugadas devido à preocupação com a terra, e então, se comparamos o espanhol da América com o espanhol da Espanha, ambos parecem pertencer a duas nações distintas.

É que o espanhol em seu estado natural é um homem de ação. Não recorramos a antecedentes históricos. Os manuais pintam-no como um extraordinário trabalhador de guerra e de paz. Mas a Espanha não é a América. Na península, a economia tem enfiado o espanhol em um colete de força que o obriga a resumir em si mesmo toda sua potencialidade restante. Obrigatória condensação de força, cujas exteriorizações violentas qualificamos como fantásticas. Mas não pode ser diferente. O movimento, quando transpõe o limite, se converte em velocidade. A musculosa psicologia do espanhol está prensada em um buraco de pedra, com um guarda-civil de sentinela. Nestas circunstâncias, mencionar a influência da paisagem é pueril. A rispidez espanhola, seu orgulho, essa obstinação que luta em um pequeno círculo de pedra, nasce da falta de campo de ação. Pegue estes camponeses, coloque-lhes diante dos olhos vinte ou cem hectares de terra, deixe que trabalhem e que possam desfrutar do produto de seu trabalho, e verá como o quadro de El Greco desaparece no vazio, e de um homem, que o pintor retratou cabisbaixo e da cor da terra, surge outro, exuberante e animado, tremendamente enérgico, a quem, da sua origem, não resta mais nada além de um sentimental amor a sua pátria.

É que este viver sem esperança em cidades mortas, onde não há nada que fazer, este arranhar eternamente campos tão divididos que ocupam superfícies já irrisórias, esta dor de viver mal, temendo pelo granizo, pela tempestade, pela seca e pelas inundações, esta angústia permanente de não ver escapatória possível ao terrível problema econômico (que na Europa é um problema de séculos) modelou esse tipo humano sem esperança, sobre o qual a divagação dos intelectuais busca interpretações metafísicas.

La ciudad de Betanzos

(*El Mundo*, 20 de octubre de 1935)

Fue un día, la capital del reino de Galicia.

Poco resta de su pasada gloria, pero la variedad que ofrece su paisaje, simultáneamente urbano, campesino y marítimo, es la razón de su encanto.

Se encuentra en ella, la callejuela tan empinada que es menester echarse atrás para descender; un edificio moderno, con tejas de pizarra, la calle ancha, la recova antigua, y un río, el Mandeu, que como una calzada de agua, moja, en las aceras que avanzan hasta él, los pies de las sillas de mujeres que haciendo calceta miran pasar los botes.

Calles de agua. Los rosales se contemplan en su espejo, el declive de la colina sembrada lo corta con su cuchilla verde, los muros del convento de los Agustinos, hunden sus cimientos en la corriente, mostrando negrosos agujeros que reflejan sus pinchudas rejas en el limpio cristal, muchas viviendas tapian sus fondos del río con murallones de granito, que tienen cancela y escalera, cuyos peldaños yacen sumergidos.

Los viñedos se extienden a lo largo del agua abandonándole sus pámpanos; los chicos juegan en los botes embreados, entran y salen del agua como ranas; los hombres, sentados en las traviesas o proas de sus botes, remiendan redes o trenzan cables o zurcen velas; el puente de tres arcos de piedra junta las dos orillas de la ciudad y sembradío; las gallinas picotean junto al agua; algunas barcas flotan olvidadas; patos negros se deslizan en triángulos a sus goces acuáticos; y el paisaje quieto y apacible, tiestos a la orilla, rejas y balcones sobre el agua, recuerdan los tiempos de las poblaciones lacustres.

Se abandona en veinte pasos la orilla y encontramos plazuelas formadas por martillos de casas "cul de sac"¹⁴ campesinas, que alejan el recuerdo del río en muchas leguas, patios vecinos con ventanillas negras, y grandes montes de heno. Los gatos duermen al sol; los niños juegan entre los arcos de los toneles vacíos; las gallinas, trepadas en lo alto de la media puerta, miran pasar al transeúnte sobre las piedras puntiagudas; las viejas, sentadas en troncos de árboles aserrados, apartan semilla en un cedazo, una bocacalle y el sol pone chapas de oro en un charco de agua; las colinas boscosas flotan en un halo

A cidade de Betanzos¹³¹

(*El Mundo*, 20 de outubro de 1935)

Foi um dia a capital do reino da Galiza¹³².

Pouco resta de sua glória passada, mas a variedade que oferece sua paisagem, simultaneamente urbana, camponesa e marítima, é a razão de seu encanto.

Encontra-se nela a viela tão empinada que é necessário inclinar-se para trás para descer, um edifício moderno, com telhas de ardósia, a rua larga, a galeria antiga, e um rio, o Mandeu, que, como uma estrada, molha, nas calçadas que avançam até ele, os pés das cadeiras de mulheres que fazendo meia olham passar os botes.

Ruas de água. As roseiras se contemplam em seu espelho, o declive da colina semeada o corta com sua lâmina verde. Os muros do convento dos Agostinianos fundem seus alicerces na corrente, mostrando buracos negros que refletem suas espinhosas grades no cristal limpo. Muitas vivendas tampam seus fundos do rio com muralhas de granito, que possuem cancela e escada, cujos degraus jazem submersos.

Os vinhedos se estendem ao longo da água abandonando suas folhas, os garotos brincam nos botes encostados, entram e saem da água como rãs. Os homens, sentados nas travessas ou proas de seus botes, remendam redes, trançam cordas ou costuram as velas. A ponte de três arcos de pedra une as duas margens da cidade e do campo. As galinhas bicam junto à água, algumas barcas flutuam esquecidas, patos negros deslizam em triângulos a seus prazeres aquáticos, e a paisagem quieta e suave, vasos à margem, grades e balcões sobre a água, lembram os tempos das populações lacustres.

Abandonando a margem, vinte passos adiante, encontramos pracinhas formadas por fileiras de casas “cul de sac”¹³³ camponesas, que afastam a recordação do rio em muitas léguas, pátios vizinhos com janelinhas negras, e grandes montes de feno. Os gatos dormem ao sol, as crianças brincam entre os arcos dos tonéis vazios, as galinhas, trepadas no alto da meia-porta, observam os transeuntes que passam sobre as pedras pontiagudas; as velhas, sentadas em troncos de árvores serrados, separam sementes em uma peneira; uma travessa, e o sol põe placas de ouro em uma poça de água; as colinas boscosas flutuando em um halo

¹³¹ Uma das sete províncias em que estava dividido o antigo reino da Galiza, atualmente Betanzos constitui-se como um dos municípios que formam a província de A Coruña.

¹³² Refere-se a uma divisão política do século V até meados do século 19, cuja extensão territorial tinha proporções muito maiores que a da atual Galiza.

¹³³ Expressão de origem francesa, se refere a fundo do saco. Pode ser utilizada também para designar rua ou beco sem saída, ou ainda balão de retorno, que são as praças existentes em ruas sem saída.

violeta; los marinantes, con el pantalón remangado hasta las rodillas, achican el agua de sus botes; los patos graznando figonean con sus picos en el fango. Enfrente, la gente se pasea por una alameda. Bajo una ojiva de piedra maniobra un remero. Se sube la calle, un declive penoso. La ciudad asoma sus construcciones sobrepuestas, patios de madera sobre titánicos pilares de piedra, rejas torneadas, declives de techados en direcciones opuestas, chimeneas con cuatro persianas de humo.

Se camina por veredas a cuyo nivel los pies rozan las ramas de jardines tropicales que están abajo, en fincas situadas en otra rampa profunda. Las iglesias son tan viejas, tan viejas, que sus paredes de granito se tuercen, sus nichos en los pórticos muestran estatuas primitivas, amasijos de piedra con un agujero por boca y dos muñecas por manos.

Si se entra se comprueba que los juegos de columnas se han dislocado por el excesivo peso de la bóveda; el espacio que las separa de la base, es más estrecho que en la altura, de manera que se espera, involuntariamente, verlas desplazarse de un momento a otro. La iglesia de Santiago data del siglo XV, y fue construida por el gremio de los sastres y edificada por la familia de los Andrade, cuyas armas, el oso y el jabalí, muerden la piedra con el testimonio de su poderío. No en vano la ciudad era denominada en los siglos pasados Betanzos de los Caballeros.

A veces, cuando menos se espera, en el recodo de una callejuela oscura, se tropieza con los blasones de los Figueroa, Mezquita, Bañobre, y no se puede menos de pensar irónicamente que la nobleza antañona, vivía con menos opulencia que un empleado de banco actual.

Mendigos color de cobre moreno, sobretodo hilachento, pies descalzos, la cabeza rizada descubierta, piden tendidos en los atrios. Mendigos que son obras de arte, la enjundia apostólica impresa en la señorial pedigüeñería, la mueca del rostro evocando artísticamente la agonía del Cristo.

Las paredes medianeras de algunas casas están separadas por tragaluces de veinte centímetros, y en la saetera reverdece una vegetación espinosa que aún sobrevive a los cambios y demoliciones. Algunas puertas de muralla, con arcos ligeramente ojivados y una lámpara de hierro colgada del ábside, mueven la admiración del paseante, que no puede menos de extasiarse frente a su airosa simetría. Las muchachas con sus cántaros de agua a la cabeza se dibujan en el marco y evocan un cuadro antiguo.

La ciudad pequeñísima está en el fondo de una taza, que rodean colinas verdes en el verano, blanqueadas de nieve en el invierno.

violeta; os marinheiros, com as calças arregaçadas até o joelho, tiram a água de seus botes; os patos grasnando bisbilhotam com seus bicos a lama. Em frente, as pessoas passeiam por uma alameda. Debaixo de uma ogiva de pedra manobra um remador. Subindo a rua, um declive penoso. A cidade assoma suas construções sobrepostas, pátios de madeira sobre titânicos pilares de pedra, grades torneadas, declives de telhados em direções opostas, chaminés com quatro cortinas de fumaça.

Caminha-se por calçadas em cujo nível os pés roçam as ramas dos jardins tropicais que estão abaixo, em sítios situados em outra rampa profunda. As igrejas são tão velhas, tão velhas, que suas paredes de granito se torcem, seus nichos nos pórticos mostram estátuas primitivas, argamassa de pedra com um buraco no lugar da boca e duas figuras no das mãos.

Ao entrar, comprova-se que os conjuntos de colunas se deslocaram pelo excessivo peso da abóbada, o espaço que as separa da base é mais estreito que na altura, de maneira que se espera, involuntariamente, vê-las despencar a qualquer momento. A igreja de Santiago data do século XV e foi construída pelo grêmio dos alfaiates e edificada pela família dos Andrade, cujo brasão, o urso e o javali, mordem a pedra com o testemunho de seu poder. Não é em vão que a cidade era denominada nos séculos passados como Betanzos dos Cavaleiros.

Às vezes, quando menos se espera, ao dobrar uma rua escura, tropeça-se nos brasões dos Figueroa, dos Mezquita, dos Bañobre, e não se pode deixar de pensar ironicamente que a nobreza antiga vivia com menos opulência que um empregado de banco atual.

Mendigos cor de cobre escuro, casacos esfarrapados, pés descalços, a cabeça encrespada descoberta, pedem estendidos nos átrios. Mendigos que são obras de arte, importância apostólica impressa na senhorial mendicância, a expressão do rosto evocando artisticamente a agonia de Cristo.

As paredes intermediárias de algumas casas estão separadas por clarabóias de vinte centímetros, e nesse espaço surge uma vegetação espinhosa que ainda sobrevive às mudanças e demolições. Algumas portas de muralha, com arcos ligeiramente ogivados e uma lâmpada de ferro pendurada na abside, chamam a atenção do transeunte que não pode deixar de se sentir extasiado diante de sua graciosa simetria. As moças com seus cântaros de água na cabeça compõem a paisagem e evocam um quadro antigo.

A cidade pequeníssima está no fundo de uma bacia, rodeada por colinas verdes no verão, branqueadas de neve no inverno.

La ciudad vive del campo. La pesca escasea. Los boteros se dedican, con preferencia, al transporte de arena y materiales de construcción, que les reporta más beneficios.

Actualmente Betanzos está en reconstrucción. Sus calles con el pavimento levantado para la construcción de desagües, hace poco menos que imposible circular por ellas. Si se conversa con la gente os sorprende de hallaros en una de las ciudades más argentinizadas de Galicia. Se habla aquí de Buenos Aires como si fuera el pueblo de enfrente. Circulan modismos argentinos: "no sea globero", "macaneador", "che". El tango para sorpresa mía, además de bailarse, se canta con la letra. No en balde, cerca de tres mil habitantes de Betanzos trabajan en la República Argentina.

A cidade vive do campo. A pesca escasseia. Os barqueiros dedicam-se, preferencialmente, ao transporte de areia e materiais de construção, que lhes proporciona mais benefícios.

Atualmente Betanzos está em reconstrução. Suas ruas com o pavimento levantado para a construção de redes de esgoto, o que torna quase impossível circular por elas. Ao conversar com as pessoas, as surpreende o fato de achá-las em uma das cidades mais argentinizadas da Galiza. Fala-se aqui de Buenos Aires como se fosse uma cidade vizinha. Circulam modismos argentinos: “no sea globero”¹³⁴, “macaneador”¹³⁵, “Che”¹³⁶. O tango é uma surpresa para mim, além de dançá-lo, o cantam com a letra. Não é de admirar que cerca de três mil habitantes de Betanzos trabalhem na República Argentina.

¹³⁴ Não seja mentiroso.

¹³⁵ Malandro, charlatão, palhaço.

¹³⁶ Expressão tipicamente argentina, de difícil tradução, que na verdade é um mero reforço do ato comunicativo.

Los benefactores de Galicia - Filántropos desconocidos - La biblioteca América
(El Mundo, 21 de octubre de 1935)

El vizconde de Chateaubriand, que fue el hombre más fino de su época y el escritor de más significación entre los diplomáticos del siglo XVIII, dijo en el tomo VI de sus *Memorias de ultratumba*, que "todos los ingleses del siglo XVIII eran locos y si no lo eran, lo parecían". Los ingleses sonrieron conviniendo en que el autor de *Los mártires*, posiblemente tenía razón. Supongo que los españoles, imitando a los ingleses, no me contradirán si les digo que el desorden de la realización parece presidir a las mejores de sus intenciones. Viene a cuento este artículo donde parece quería ocuparme de los trabajos de filantropía realizados en Galicia, por sus hijos residentes en América, pero tendré que limitarme a anécdotas que dan la razón de mi cita y afirmación.

Hállase en Santiago de Compostela, en el mismo edificio de la Universidad, la llamada Biblioteca América, obra de un patriota gallego residente en Buenos Aires, don Gumersindo Busto, quien tuvo la feliz idea de fundar la Universidad Libre Hispano Americana. De ese proyecto quedó la biblioteca, que don Gumersindo, durante muchos años de trabajo, reunió en su casa de Buenos Aires, remitiéndola luego a la Universidad. Encontramos en la biblioteca trabajos legislativos referentes al continente, colecciones documentales, colecciones de revistas científicas, bustos de Bolívar, Rivadavia, Moreno, Rivera y otros políticos sudamericanos. ¿Pero se ha limitado a esto la obra de don Gumersindo? No. En la Biblioteca América encontramos colecciones y fotografías de las principales muestras de nuestro país, un archivo fotográfico que se conceptúa el mejor de la península, colecciones de la fauna americana, de mineralogía y además... además gente que no puede informar absolutamente ni con una palabra quién es el señor Gumersindo Busto. El bibliotecario, no sólo ignora quién es

Os benfeitores da Galiza - Filantropos desconhecidos - A biblioteca América
(El Mundo, 21 de outubro de 1935)

O visconde de Chateaubriand¹³⁷, que foi o homem mais fino de sua época e o escritor mais significativo entre os diplomatas do século XVIII, disse no tomo VI de suas *Memórias de ultratumba* que “todos os ingleses do século XVIII eram loucos e se não eram, pareciam”. Os ingleses sorriram concordando que o autor de *Los mártires* possivelmente tinha razão. Creio que os espanhóis, imitando os ingleses, não me contradiriam se lhes dissesse que a desordem da realização parece presidir às melhores de suas intenções. Veio-me à mente este artigo no qual gostaria de me ocupar dos trabalhos de filantropia realizados na Galiza por seus filhos residentes na América. No entanto, terei que me limitar a histórias que confirmarão o que disse.

Encontra-se, em Santiago de Compostela, no mesmo edifício da Universidade, a chamada Biblioteca América, obra de um patriota galego residente em Buenos Aires, dom Gumersindo Busto¹³⁸, que teve a feliz ideia de fundar a Universidade Livre Hispano-americana. Desse projeto originou a biblioteca, que dom Gumersindo, durante muitos anos de trabalho, reuniu em sua casa de Buenos Aires, enviando-a depois à Universidade. Encontramos na biblioteca trabalhos legislativos referentes ao continente, coleções de documentos e de revistas científicas, bustos de Bolívar¹³⁹, Rivadavia¹⁴⁰, Moreno¹⁴¹, Rivera¹⁴² e outros políticos sul-americanos. Mas se limita a isso a obra de dom Gumersindo? Não. Na Biblioteca América encontramos coleções de fotografias das principais mostras de nosso país, um arquivo fotográfico considerado o melhor da península, coleções da fauna americana, de mineralogia e também... também gente que não sabe informar absolutamente nada sobre o senhor Gumersindo Busto. O bibliotecário não só ignora quem é

¹³⁷ François-René de Chateaubriand (1768-1848), escritor e político francês, considerado o fundador do romantismo na literatura francesa.

¹³⁸ Gumersindo Busto Villanueva (1872-1937) criador da Biblioteca América compostelana. Com quinze anos se traslada a Montevideu e, em 1892, a Buenos Aires. Em 1898 conclui o curso de Direito. Esteve ligado a várias sociedades galegas de Buenos Aires e integrou o núcleo fundador da União Redencionista Galega, em 1911. Embora Arlt comente o desconhecimento do senhor Busto durante sua estadia em Compostela, pode-se hoje ter acesso a toda a documentação da obra de Gumersindo Busto no Arquivo da Emigração Galega.

¹³⁹ Simon José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios (1783-1830), venezuelano tido como o idealizador do movimento de independência da América Espanhola, tendo dedicado boa parte de suas atividades na tentativa de unificar a região em um único país.

¹⁴⁰ Bernardino de la Trinidad González Rivadavia y Rivadavia (1780-1845), primeiro presidente da Argentina.

¹⁴¹ Gabriel Gregorio Fernando José María García y Moreno y Morán de Buitrón (1821-1875), político equatoriano, duas vezes presidente do Equador.

¹⁴² José Fructuoso Rivera (1784-1854), político uruguaio.

el señor Busto, sino que, a pesar de mi pedido, no puede facilitarme estadísticas de los libros que se consultan en la biblioteca.

Converso con el vicerrector suplente de la Universidad, un señor que lleva su amabilidad al punto de regalarme una *Historia de la Universidad* y varios libros con su dedicatoria. Tampoco sabe nada del señor Busto. Me presenta a los empleados de la administración para que me faciliten datos sobre el alumnado de la Universidad; los muchachos, amablemente, me facilitan cifras vagas. Les pregunto el porcentaje de alumnos que concurren a los estudios superiores, y me responden que "le pregunte al portero, él debe saberlo". Como no es posible fundamentar un artículo con la estadística bienintencionada que pudiera facilitar un bedel, me abstengo de escribir sobre la Universidad, sin extrañarme de lo que ocurre, pues en la Universidad de Sevilla, para obtener algunos datos, me hicieron esperar más de diez días.

En Betanzos tropieza uno con la obra de los hermanos Juan y Jesús García Naveira. Las donaciones que estos dos comerciantes (ya fallecidos y que se enriquecieron en la Argentina) hicieron al pueblo de Betanzos, son asombrosas por la cifra en metálico que representan. Va aquí la lista:

Asilo para ancianos, con capacidad para ochenta personas.

Escuela García Hnos., concurrida por 400 alumnos.

Refugio de niños anormales. Capacidad para cien retardados.

Sanatorio de San Miguel (destinado a todas las monjas inválidas de España).

Un lavadero público de mampostería, sobre el río, para las mujeres del pueblo.

Escuelas en San Francisco. Concurridas por doscientas niñas.

Casa del Pueblo. Edificio social destinado para las organizaciones trabajadoras. Huerta del Pasatiempo. Diminuto Jardín Zoológico, cuyos ingresos se dedicaban al Asilo de Ancianos. El capital total de las escuelas asciende a cerca de dos millones de pesetas... pues en Betanzos no encuentro a nadie que me pueda informar concretamente sobre la vida de estos dos señores don Juan y don Jesús García Naveira. Sus descendientes radican en Betanzos, pero se encuentran veraneando. Traté de entrevistarme con el presidente de la Junta de Patronato; se trata de un señor anciano, achacoso, que me remite una memoria de fundación por intermedio de un maestro de las escuelas.

Hablé con las hermanas de caridad, y las angélicas no saben nada de estos asuntos terrestres, ni tampoco están obligadas. Voy al Ayuntamiento para entrevistarme con el alcalde; éste está ausente y me recibe su secretario; le explico cuál es el objeto de mi visita; y lo único que sabe el señor secretario es que los edificios están aún en Betanzos. De los

o senhor Busto, mas também, apesar de meu pedido, não pode me dar estatísticas dos livros que são consultados na biblioteca.

Converso com o vice-reitor suplente da Universidade, um senhor que leva sua amabilidade ao ponto de me presentear com uma *História da Universidade* e vários livros com sua dedicatória. Também desconhece o senhor Busto. Apresenta-me aos empregados da administração para que me facilitem cifras vagas. Pergunto-lhes a porcentagem de alunos que concorrem aos estudos superiores e me respondem que “pergunte ao porteiro, ele deve saber”. Como não é possível fundamentar um artigo com a estatística bem intencionada fornecida por um porteiro, me abstenho de escrever sobre a Universidade, sem estranhar o que ocorre, pois na Universidade de Sevilha, para obter alguns dados, me fizeram esperar mais de dez dias.

Em Betanzos encontramos a obra dos irmãos Juan y Jesús García Naveira. As doações que estes dois comerciantes (já falecidos e que enriqueceram na Argentina) fizeram ao povoado de Betanzos são assombrosas pelo montante que representam. Vejamos a lista:

Asilo para idosos, com capacidade para oitenta pessoas.

Escola García Hnos., frequentada por 400 alunos.

Abrigo para crianças deficientes. Capacidade para cem crianças.

Sanatório de San Miguel (destinado a todas as freiras inválidas da Espanha).

Um lavadouro público de alvenaria, sobre o rio, para as mulheres do povoado.

Escolas em São Francisco. Frequentadas por duzentas meninas.

Casa do Povo. Edifício social destinado para as organizações trabalhadoras. Horta do Passatempo. Um pequeno Jardim Zoológico, cujos ingressos são revertidos ao Asilo de idosos. O capital total das escolas chega a cerca de dois milhões de pesetas... e, no entanto, não encontro ninguém em Betanzos que possa me informar concretamente sobre a vida desses senhores dom Juan e dom Jesús García Naveira. Seus descendentes residem em Betanzos, mas se encontram em férias¹⁴³. Tentei entrevistar o presidente da Junta de Patronato; trata-se de um senhor idoso, adoentado, que me envia um memorial da fundação por intermédio de um professor das escolas.

Falei com as irmãs de caridade e as angélicas não sabem nada desses assuntos terrestres, e não são obrigadas. Vou à prefeitura entrevistar o prefeito, que está ausente, e me recebe seu secretário. Explico qual é o objetivo de minha visita e o único que sabe o senhor secretário é que os edifícios ainda estão em Betanzos. Dos

¹⁴³ O período de férias na Espanha ocorre entre o fim do mês de julho e o começo de setembro, que é quando acaba o verão.

señores Jesús y Juan García Naveira, que descansen en paz. El escritor que certificó "el hombre es una máquina de olvidar" consignó una verdad sobrehumana. Pero no me ha ocurrido lo mismo en Santiago de Compostela. ¿Por qué asombrarme?

Converso con mi hotelero del asunto. El hombre es sesudo y discreto. Me dice:

-Ha llegado usted en mal tiempo. Todo el mundo está veraneando. De los hermanos García, yo sé únicamente esto:

"Cuando eran pequeños, trabajaban en Betanzos, como arqueros. Arqueros es un oficio que casi se ha perdido, y consistía en fabricar aros de madera para los toneles. Un día se marcharon a la Argentina; creo que entraron de dependientes en una tienda del pueblo de Dorrego o Chivilcoy; trabajaron, juntaron unos pesos, pusieron una casa de ramos generales, compraron después campos, que una línea de ferrocarril valorizó; organizaron en la capital una gran casa, que creo que es la de Naveira y Sangrador, y uno de ellos murió en La Coruña al irse a embarcar". Éstos son los informes aproximados que he recibido; las fotografías son más elocuentes.

senhores Jesús e Juan García Naveira, que descansem em paz. O escritor que certificou “o homem é uma máquina de esquecer” se apropriou de uma verdade sobre-humana. Mas não me ocorreu o mesmo em Santiago de Compostela. Por que me assombrar?

Converso com meu hoteleiro sobre o assunto. O homem é sensato e discreto. Diz-me:

- O senhor chegou em má hora. Todos estão de férias. Dos irmãos García, sei apenas isso:

“Quando eram pequenos, trabalhavam em Betanzos, como “arqueiros”. “Arqueiro” é um ofício que quase se perdeu, e consistia em fabricar aros de madeira para os tonéis. Um dia se mudaram para a Argentina, creio que entraram como balconistas em uma loja da cidade de Dorrego ou Chivilcoy. Trabalharam, juntaram uns pesos, abriram um armazém, compraram depois campos, que uma linha de trem valorizou, organizaram na capital uma grande casa, que acredito que seja a Naveira y Sandrador, e um deles morreu em A Coruña ao ir embarcar”. Essas são as informações aproximadas que recebi, as fotografias são mais eloquentes.

El ferial de Betanzos - Hormiguea la multitud bajo el sol - Ruido y color

(El Mundo, 22 de octubre de 1935)

No habráse visto tumulto igual, y tan desaforada algarabía de voces humanas y bestiales, y tan disparatado contraste de mercancías, y tan numeroso colorido, y variedad de figuras, y presencia de gentes de aldeas, como aquí en Betanzos, ferial de San Roque.

Han venido gentes de todas las aldeas, de aquellas que yacen en las montañas, y en las orillas de los ríos, y a la vera de los bosques, vecinos de Obre, sembradores de Paderne, pastores de Souto, Bergondo, Sada, Miño; aldeanas de Santa Cruz, Oza de los Ríos, Villade, Abegondo; campesinos de Crendes, San Tirso, Cortiñán, Guisemo; viejas de Infeste, San Roque, Limiñon, Uiña, Portomillo, Callobre y muchos otros cantones.

Ferial de San Roque de Betanzos de los Cabaleiros, de fiesta y granjería. La multitud con sus fardos de verdura, con sus cofres a la cabeza, sus cestos de semilla, sus cajas de trebejos, sus bolsas de panes, sus carros de marranos, sus nidales de huevos, se ha desparramado a lo largo de todas las fachadas de las rúas de Betanzos, en la empinada de Sánchez Breguas, en la escalinata de Santa María, en el Campo de la Feria, a la sombra de los altos plátanos amurallados por rampas de piedra, bajo las bóvedas de acacia detrás del Archivo del Reyno de Galicia.

Hay prenderos, tahoneros, fotógrafos con trajes de luces de toreros, vinateros y vendedores de agua. El sol inunda de oro los oscuros de esta multitud, mientras truenan los estampidos de las bombas de pirotecnia, y las calzadas de la ciudad se ennegrecen y se tornan estrechas de anchas que son, para contener esta muchedumbre. Se la encuentra en torno de los troncos de los árboles, en redor de las fuentes, a los costados de los kioscos de los músicos.

Donde se pone el pie, se tropieza con la variedad de sus cestos, redondos o cuadrados, con cargas de patatas y cebollas, guardados por mujeres que tienen un pañuelo anudado bajo el mentón, o una toalla, plegada en cuadro sobre la cabeza.

Se distingue a los aldeanos que han venido desde lejos, por sus cónicos sombreros abollados, sus regatones asidos por el gancho a los hombros, los pantalones con enormes remiendos de paño de distinto color y las botas cargadas de tierra.

Hacia donde se mira, no se ve nada más que campesinas tocadas con pañuelos de fondo metálico, como espolvoreados de limaduras y bordados de flores, vendedoras de semillas con cestillos chatos cargados de municiones violáceas y cuartillos de estaño al costado, aldeanas con quesos frescos, húmedos y amarillos, grandes como ruedas de carro,

A feira de Betanzos – A multidão se agita debaixo do sol – Barulho e cor
(*El Mundo*, 22 de outubro de 1935)

Ainda não vi tumulto igual, tão desaforada tagarelice de vozes humanas e bestiais, tão disparatado contraste de mercadorias, tão diversificado colorido, variedade de figuras e presença de pessoas de aldeias, como aqui em Betanzos, na Feira de São Roque.

Vieram pessoas de todas as aldeias, que estão nas montanhas, às margens dos rios e à beira dos bosques. São moradores de Obre; agricultores de Paderne; pastores de Souto; Bergondo, Sada, Minho; aldeães de Santa Cruz, Oza de los Rios, Villade, Abegondo; camponeses de Crendes, San Tirso, Cortiñan, Guisemo; senhoras de Infeste, San Roque, Limiñon, Uiña, Portomillo, Callobre. E de muitos outros rincões.

A Feira de São Roque de Betanzos dos Cavaleiros, de festa e de comércio. A multidão com seus fardos de verdura, com seus cofres na cabeça, seus cestos de grãos, caixas de utensílios, suas bolsas de pães, seus carros de porcos, seus cestos de ovos, se esparramou ao longo de todas as fachadas das ruas de Betanzos, na ladeira de Sanchéz Breguas, na escadaria de Santa Maria, no Campo da Feira. À sombra das altas bananeiras amuralhadas por rampas de pedra, debaixo das abóbadas de acácia atrás do Arquivo do Reino da Galiza.

Há penhoristas, moleiros, fotógrafos com trajes de luzes de toureiros, vinhateiros e vendedores de água. O sol inunda de ouro o obscuro desta multidão, enquanto trovejam os estouros das bombas de pirotecnia, e as calçadas da cidade se enegrecem e se tornam estreitas de largas que são, para conter esta multidão. Estão ao redor dos troncos das árvores e das fontes, em torno dos coretos dos músicos.

Onde quer que se coloque o pé, se tropeça com a variedade de seus cestos, redondos ou quadrados, com cargas de batatas e cebolas, guardados por mulheres que possuem um lenço atado debaixo do queixo ou uma toalha dobrada em quatro sobre a cabeça.

Os aldeães que vieram de longe se diferenciam por seus cônicos chapéus amassados, suas mercadorias presas pelo gancho aos ombros, as calças com enormes remendos de tecido de outra cor e as botas sujas de terra.

Para onde se olhe não se vê mais nada senão camponesas com lenços de fundo metálico, como polvilhados de limalha e bordados de flores. Vendedoras de sementes com cestos chatos carregados de munições violáceas e quartilhos de estanho nas costas; aldeães com queijos frescos, úmidos e amarelos, grandes como rodas de carro,

aplastados como galletas. Otras venden quesos que parecen trompos, enormes y cónicos. También hay viejitas albinas, de párpados inflamados, con huevos en el regazo de la saya, y caballitos lanudos, pequeños, de largo flequillo sobre el testuz; vendedoras de fruta, que cubren sus cestos de peras y manzanas con ropas viejas que humedecen de agua, mientras tañen las campanas y los bronces de las bandas rayan la mañana de un pasodoble torero.

Ferial de Betanzos, con aldeanas de Cortiñan, de Limiñon, de Bergondo; con mujeres que bajaron de las montañas, que subieron de las rías.

Permanecen a la sombra de las recovas medioevales en la mañana soleada, a la sombra de las torres muertas, blasonadas de escudos de piedra, en cuyos yelmos crecen las ortigas, a la sombra verde de las acacias y plátanos, a lo largo de los balcones del Ayuntamiento en la sombra rojiza que reflejan las franjas de terciopelo escarlata frente a la hilera de magnolios lustrosos y enjutos.

Han acudido de todos los horizontes de Galicia. Vendedores de relojes de bolsillo, monstruosos relojes de caja de bronce que el sol recalienta, charlatanes parsimoniosos engalanados con pellejos de serpientes, tahoneras, prodigiosas tahoneras viejas que, como bucaneros, llevan la cabeza envuelta en piráticos pañuelos bermejos, cuya cola les cae a la espalda y que venden panes primitivos de corteza dorada y miga gris, panes enormes semejantes a ruedas de molino, ampulosos como roquedales, y junto a ellas, permanecen las aldeanas que han traído marranitos muy pequeños, arropados en bolsas y trapos, como recién nacidos en mantillas, y que cuando descubren el hocico rugoso, ellas amorosamente se lo vuelven a cubrir. Esta multitud bañada de sol dorado, pregona su hacienda. Están allí, además, los vendedores de gruesos zapatos, los prenderos, aquellos que mercan chapas de hierro, y las señoritas de Betanzos, cogidas del brazo, bajo las flores de papel rojo y verde que engalanan la plaza, se pasean tomadas del brazo.

Con el ferial de San Roque han acudido catervas de mendigos, desarrapados prodigiosos con caras de Cristos de bronce mate, metidos en gabanes que pierden flecos y mostrando el pecho desnudo, ciegos monstruosos con ojos que son saltonas pelotas de vidrio blanco, que hacen resonar el regatón en la piedra. También los lisiados, aquellos que tienen las piernas tan encogidas que se pueden sentar sobre ellas, y algunos que llevan una pierna desnuda, enteca, con los dedos inertes en el pie muerto, otros de jeta barbuda y un hilo de baba corriendo por el vértice de los belfos, y unos con un muñón de brazo chamuscado, y otros sin piernas, tirados al sol, con la pierna de palo a un costado, para que se constate que no es mentira, ni adulteración, ni falso testimonio la pata de palo, y la gente

amassados como bolachas. Outras vendem queijos que parecem piões, enormes e cônicos. Há também velhinhas albinas, de pálpebras inflamadas, com ovos no colo da saia, e cavalos lanudos, pequenos, de longa crina sobre a testa; vendedoras de fruta, que cobrem seus cestos de peras e maçãs com roupas velhas que umedecem de água, enquanto os sinos dobram e os bronzes das bandas arranham a manhã com um *pasodoble*¹⁴⁴ toureiro.

Feira de Betanzos, com aldeãs de Cortiñan, de Limiñon, de Bergondo¹⁴⁵; com mulheres que desceram as montanhas, que subiram o rio. Estas permanecem à sombra dos arcos medievais na manhã ensolarada, à sombra das torres mortas, adornadas em escudos de pedra, em cujos elmos crescem as urtigas, à sombra verde das acácias e plátanos, ao longo das sacadas da Prefeitura na sombra avermelhada que refletem as franjas do tapete vermelho diante da fileira de magnólias lustrosas e esbeltas.

Vieram de todos os horizontes da Galiza. Vendedores de relógios de bolso, monstruosos relógios de caixa de bronze que o sol superaquece, charlatães parcimoniosos enfeitados com peles de serpentes, moleiras, prodigiosas moleiras velhas que, como piratas, têm a cabeça coberta por um lenço avermelhado, cuja cauda cai sobre as costas e que vendem pães primitivos de crosta dourada e miolo cinza; pães enormes semelhantes a rodas de moinho, pomposos como rochas, e junto delas permanecem aldeãs que trouxeram leitõezinhos muito pequenos, envoltos em bolsas e trapos, como recém nascidos em mantilhas, e que quando eles descobrem o focinho enrugado, elas amorosamente voltam a cobri-lo. Esta multidão banhada de sol dourado proclama seus produtos. Também se encontram ali vendedores de sapatos, os penhoristas, aqueles que compram chapas de ferro. E as senhoritas de Betanzos, levadas pelo braço, debaixo de flores de papel roxo e verde que enfeitam a praça, passeiam de braço dado.

Com a notícia da feira de São Roque, vieram muitos mendigos, esfarrapados e prodigiosos com cara de Cristos de bronze mate, metidos em casacos que se perdem em franjas, deixando à mostra o peito desnudo; cegos monstruosos com olhos que são bolas salientes de vidro branco, que fazem ressoar o cajado na pedra. Também os aleijados, aqueles que possuem as pernas tão encolhidas que podem sentar sobre elas, e alguns que têm uma perna desnuda, enferma, com os dedos inertes no pé morto, e outros de cara barbuda e um fio de baba correndo pelo vértice dos lábios. Alguns com um coto de braço chamuscado e outros sem pernas, atirados ao sol, com a perna de pau ao lado, para que se constate que não é mentira, nem adulteração, nem falso testemunho, essa prótese de madeira. Um verdadeiro

¹⁴⁴ Música e dança de origem espanhola, em ritmo de marcha, porém não muito vibrante.

¹⁴⁵ “Paroquias” de A Coruña.

hormiguea bajo las arcadas, en torno de los columpios, alrededor de los braseros de los churreros, al borde de las mesas con frascos de refrescos, junto a las aspas con cestillos que levantan a los niños hasta las balconadas de los segundos pisos de ventanales con galerías de madera y vidrio, y en torno de la fuente con la estatua de Diana Cazadora y cuatro grifos, donde se pegan las bocas de la multitud. Y si se continúa caminando, se llega hasta el prodigioso mercado del ganado.

formigueiro humano sob as arcadas, em torno aos balanços, em volta dos braseiros dos churreiros, em volta das mesas com frascos de refrescos, junto às varetas com cestinhas que levantam para as crianças até as sacadas do segundo andar de janelas com galerias de madeira e vidro, ao redor da fonte com a estátua de Diana Caçadora e das quatro torneiras disputadas pela boca da multidão. E, seguindo o caminho, chega-se até o prodigioso mercado de gado.

Ferial de Betanzos (segunda parte) - Bueyes inmensos y apacibles – Fiesta al concluir las ventas

(*El Mundo*, 24 de octubre de 1935)

Un toro apasionado es sacado a bastonazos de entre las vacas, por dos viejecitos y el toro se deja pegar.

Es en un bosquecillo de plátanos, entre cuyos lechos de hojas secas yacen enormes bueyes, de hocico húmedo, pitones inmensos, piel replegada y tan tierna como la de los cachorros. Dan tentaciones de morderlos. Las bestias entornan la cabeza para seguir vuestros pasos, o mordisquean cañas de maíz y hortalizas. Bueyes inmensos y mansos como las fuerzas de la naturaleza en reposo. Que este es el Campo de las Ferias, y aquí se trae el ganado en Betanzos de los Caballeros. Las hojas tamizan la luz, los altos troncos tienen la corteza manchada como serpientes.

El sol festonea de manchas a los grupos de aldeanos, de guardia junto a sus vacas; las campesinas aisladas o en compañía, aguardan comprador. Las siluetas de las hojas se mueven en el pelaje de los rumiantes dulces, otras campesinas están de pie inmóviles como estatuas frente a sus toros; se acercan compradores y friccionan el pelo del cogote de los rumiantes; los aldeanos charlan apoyados en los flancos de las bestias, con los brazos estirados sobre sus agudos cuernos.

Flota en el aire suavísima fragancia de heno; en los carros primitivos, de bruces, duermen pequeños sobre haces de paja; las vacas menean continuamente sus colas; a veces, los campesinos, hablándoles como si fueran personas, les dan estacazos para que se retiren porque meten el hocico sobre sus chalecos adornados de cadenas de oro. Algunas aguardan a mercar sus becerros mascando pan y queso; los compradores sentados en los murallones de piedra, que rodea al bosquecillo, miran a las bestias durante tiempo muy prolongados. Muchas campesinas, fatigadas por el trajín de la noche, duermen tendidas en haces verdes de maíz; han salido de sus pueblos con estrellas fulgurantes aún en el firmamento; durante toda la noche han seguido a lo largo de caminos, han cruzado puentes de arcos romanos, han pasado junto a bosques, se han detenido en la orilla de ríos, y ahora, junto a sus tiernos rumiantes, junto a las bestias inmensas y dulces, permanecen inmóviles a la sombra de los grandes árboles, mientras cantan los pájaros de la mañana.

Rondan los campesinos y feriantes, unos con sacos de terciopelo negro, otros con rústico blusón hasta las rodillas y gafas montadas en las corvas narices; otros con sacos de

Feira de Betanzos (segunda parte) - Bois imensos e tranquilos – Festa ao concluir as vendas

(*El Mundo*, 24 de outubro de 1935)

Um touro apaixonado é tirado a pauladas do meio das vacas, por dois velinhos. E o pobre touro se deixa apanhar.

Ocorre em um bosquezinho de plátanos, onde, em montes de folhas secas, estão deitados enormes bois, de focinho úmido, chifres imensos, pele tão plissada e tão terna como a dos filhotes. Causam tentação de mordê-los. Os animais giram a cabeça para seguir seus passos ou mordiscam os pés de milho e hortaliças. São bois imensos e mansos como as forças da natureza em repouso. Aqui é o Campo da Feira, para onde se traz o gado na Betanzos dos Cavaleiros. As folhas filtram a luz, os altos troncos possuem a casca manchada como serpentes.

O sol adorna com manchas os grupos de aldeãos, de guarda junto a suas vacas, as camponesas sozinhas ou acompanhadas aguardam o comprador. As silhuetas das folhas se movem na pelagem dos mansos ruminantes, enquanto outras camponesas estão em pé e imóveis como estátuas diante de seus touros. Os compradores se aproximam e massageiam o pelo do cangote dos ruminantes. Os aldeãos conversam apoiados nos flancos dos animais, com os braços estirados sobre seus chifres pontudos.

Flutua no ar uma suave fragrância de feno; nos carros primitivos, de bruços, crianças dormem sobre fardos de palha. As vacas mexem continuamente a cauda, às vezes, os camponeses falam com elas como se fossem pessoas e as golpeiam para que se retirem, pois elas metem o focinho sobre seus casacos adornados de correntes de ouro. Algumas aguardam a venda de seus bezerros mascando pão e queijo. Os compradores sentados nos muros de pedra, que rodeiam o bosque, olham os animais durante longos períodos. Muitas camponesas, cansadas devido ao trabalho da noite, dormem estendidas nos feixes verdes de milho: saíram de seus povoados com estrelas fulgurantes ainda no firmamento, durante toda a noite seguiram um longo caminho, cruzaram pontes de arcos romanos, passaram por bosques, detiveram-se às margens de rios. Agora, junto a ternos ruminantes, junto às vacas imensas e doces, permanecem imóveis à sombra de grandes árvores, enquanto os pássaros da manhã cantam.

Camponeses e feirantes rondam: uns com casacos de veludo negro, outros com rústico blusão até os joelhos e óculos nos narizes, outros com casacos de

vuelta de piel de gato, y bajo las arcadas y los pozos verdes, y las ramazones moteadas y las hojas que se desprenden dulcemente para sus tallos, las campesinas esperan compradores para sus becerros y sus vacas que les lamen lentamente los troncos, y es de mirar las cabezas de estas aldeanas, envueltas en pañuelos violetas con discos de oro, o negros con capullos de rosas, y la gente circula entre las bestias, los terneros se echan sobre sus rodillas delanteras, hay concierto de mugidos, un círculo de paisanos habla junto a una vaca que permanece tendida a sus pies y que parece participara de la conversación; circulan vendedores de agua con un tonecillo suspendido al costado. Un poco apartados de las vacas, están los vendedores de cerdos, los marranos de largo hocico rosado y rugoso están echados en lechos de hojas secas, en el fondo de carros que reproducen toda la escala de la primitiva locomoción humana.

Aquí se ven armatostes de cuatro ruedas pequeñas y macizas como las de una carretilla y que van uncidos a un solo buey, y cuya caja parece la de un bote, tejida con juncos; otros con ruedas de madera de rayos muy anchos y eje de madera, y clavazón de madera. Las mujeres sentadas a las orillas de los carros, abren sus cestas y preparan la merienda. En otros parajes, los compradores, con las bolsas escarlatas del tabaco en la mano, disputan reales y onzas.

Al caer la tarde, a las cuatro, se puede ver todo el aldeanaje sentado en las gradas de las iglesias. Tienen toallas plegadas sobre las rodillas y los fardos de verdura a un costado; otros dormitan, vigilando sus cofres y sus cestos o sus bolsas teñidas de colores violentos.

Bajo los árboles de la plaza, en torno de mesas cargadas de botellas de refrescos, las viejas, con el pañuelo atado bajo el mentón, permanecen calladas, tiesas, inmóviles, mientras que las mozas, con una flor en la boca y los zapatos quitados, retuercen los pies adoloridos. Los campesinos que han hecho fructíferas operaciones, beben garrafas de cerveza y se limpian la espuma de los bigotes pasándose vigorosamente el dorso de la mano. Algunas ancianas duermen con la cabeza apoyada en el respaldar de sus sillas, y hay cajones atados con nudos de sogas, más complicados que aquellos con que trabó su cofre el sutil Ulises.

En la plaza aún se trafican láminas de hierro y botas de grueso cuero. En torno de la fuente con Diana Cazadora, los cuatro grifos están atestados de mujeres, y el suelo está manchado de agua y hojas de árboles. En los columpios se mecen los novios de las aldeas; y hacia donde se mira, reposa una multitud de pañuelos amarillos. Un fotógrafo,

pele de gato ao revés. Debaixo das arcadas e dos poços verdes, das ramas mosqueadas e folhas que se desprendem docemente de seus galhos, as camponesas esperam os compradores para seus bezerros e suas vacas que os lambem lentamente. É um belo espetáculo olhar as cabeças destas aldeãs, cobertas por lenços violeta com discos de ouro, ou negros com botões de rosas. As pessoas circulam entre os animais, os bezerros se equilibram sobre os joelhos dianteiros, há um concerto de mugidos. Um círculo de pessoas conversa ao lado de uma vaca que permanece estendida aos seus pés e parece participar da conversação. Circulam vendedores de água com um barrilzinho suspenso ao lado. Um pouco apartados das vacas, estão os vendedores de porcos, os suínos de largo focinho rosado e rugoso estão deitados em leitos de folhas secas, no fundo de carros que reproduzem toda a escala da primitiva locomoção humana.

Aqui se veem trastes de quatro rodas pequenas e maciças como as de um carrinho de mão e que vão atados a um só boi e cuja caixa parece a de um bote, trançada com juncos; outros com rodas de madeira de raios grossos, haste e pregos de madeira. As mulheres sentadas na beira dos carros abrem seus cestos e preparam o lanche. Em outras paragens, os compradores, com as bolsas escarlates de tabaco na mão, disputam reais¹⁴⁶ e onças¹⁴⁷.

Ao cair da tarde, lá pelas quatro, pode-se ver toda a população sentada nos degraus das igrejas. Toalhas dobradas sobre os joelhos e os fardos de verdura ao lado, outros cochilam, vigiando seus cofres e seus cestos ou suas bolsas tingidas de várias cores.

Sob as árvores da praça, em torno de mesas lotadas de garrafas de refrescos, as velhas, com lenços atados debaixo do queixo, permanecem em silêncio, tensas, imóveis, enquanto as moças, com uma flor na boca e os sapatos tirados, retorcem os pés doloridos. Os camponeses que fizeram frutíferas negociações bebem cerveja e limpam a espuma dos bigodes passando vigorosamente o dorso das mãos. Algumas senhoras dormem com a cabeça apoiada no respaldar de suas cadeiras, e há caixotes atados com dois nós de corda, mais complicados do que aqueles com que trancou seu cofre o sutil Ulisses.

Na praça ainda se comercializam lâminas de ferro e botas de couro grosso. Em torno à fonte de Diana Caçadora, as quatro torneiras estão lotadas de mulheres, e o chão está manchado de água e folhas de árvores. Nos balanços estão os casais de namorados das aldeias, e onde quer que se olhe, repousa uma multidão com lenços amarelos. Um fotógrafo,

¹⁴⁶ Antiga base monetária circulante na Espanha, em Portugal e mesmo no Brasil.

¹⁴⁷ Unidade de medida de massa, a onça possui dois valores diferentes que variam de acordo com o sistema em que é utilizada.

con traje de luces, colgado de un perchino, no da abasto a fotografiar aldeanas que ríen con gruesas carcajadas al verse retratadas.

En las tabernas frescas y oscuras, sentados a lo largo de toneles, sobre mesas negras y lustrosas, se bebe el vino en tazas de porcelana, y las mujeres, con los pies fuera de los zapatos miran a sus maridos que charlan frente a un trozo de pan y queso, golpeando las tablas con sus pesados puños.

com traje de luzes pendurado em um cabide, não dá conta de fotografar aldeãs que riem com altas gargalhadas ao se verem retratadas.

Nas tavernas frescas e escuras, sentados ao longo dos tonéis, sobre as mesas negras e lustrosas, bebe-se o vinho em taças de porcelana. E as mulheres, com os pés descalços, observam seus maridos que conversam diante de um pedaço de pão e queijo, golpeando as mesas com seus pesados punhos.

Betanzos se divierte - Baile y frasea la multitud - Merienda bajo los árboles
(*El Mundo*, 26 de octubre de 1935)

El murmullo de la multitud, que simultáneamente baila frente al Archivo del Reyno de Galicia (cincuenta pasos de distancia) y la plaza, unos al acorde de un pasodoble y otros al de un tango, llega hasta mi cuarto como el ruido del mar en las rocas. Alboroto confuso, compuesto de voces, campanillas, batir de tambores, quejidos de gaitas, risas, gritos, rozamientos de suelas en las piedras, estampidos de cohetes. El 14 han comenzado las fiestas de los “Caneiros”. Excuso decir, que las festividades religiosas en ciertos pueblos de España, salvo el ceremonial indispensable destinado a justificarlas, carecen por completo de religiosidad. A través del tiempo se han transformado en motivo de regocijo popular. La gente se divierte en estas ocasiones, concienzudamente, sin parar un instante, apurando su gran vaso de alegría hasta la última gota. Para el turismo, curioso de costumbres diferentes a las de su país, la única decepción que produce estos festivales es la falta casi completa de trajes tradicionales y música regional. Como lo hago notar en un artículo anterior, ciertas regiones de Galicia están argentinizadas en exceso. O nosotros españolizados más de lo que creemos.

Se baila en la plaza. Alternan mayores y pequeños. Las niñas de ocho años bailan con chicos de su edad, pero cuando la banda termina de tocar, se apresuran a deshacerse de sus galanes. No son escasas las parejas formadas por muchachas, que bailan entre sí. Las mariposas de papel de seda, rojo y verde, sombrean de coloreados reflejos esta multitud que baila apretada.

Al atardecer sacaron a San Roque y a la Virgen, en procesión, hasta el convento de San Francisco. San Roque, con capa y sombrero a lo mosquetero, y más aspecto de perdonavidas que de habitante de la corte celestial; la Virgen, tiesa en una bola de plata, y conducida por campesinos de corto pantalón de terciopelo negro, faja roja y camisa blanca. La clase media, con cirios encendidos, seguía tras de las imágenes por las calles empinadas. Acercándose se descubría que los campesinos de pantalón de terciopelo iban armados con antiguos sables, de empuñadura de bronce, recuerdos de las guerras napoleónicas, cuando, para sorprender a los franceses, y degollarles, los hombres de la montaña bajaron hasta un pueblo danzando.

Betanzos, en el fondo de la taza verde de las colinas que la circundan, a esta hora del crepúsculo que torna tan verdosos los pastos y tan blancas las fachadas de las casas, con balcones enjaulados en armazones de madera y de vidrio, toma un aspecto teatral, acentuado

Betanzos se diverte – A multidão baila e conversa – Lanche debaixo das árvores
(El Mundo, 26 de outubro de 1935)

O murmúrio da multidão, que simultaneamente baila diante do Arquivo do Reino da Galiza (cinquenta passos de distância) e da praça, alguns ao som de um *pasodoble* e outros ao de um tango, chega a mim como o ruído do mar nas rochas. Alvorço confuso, composto por vozes, sinos, bater de tambores, gemidos de gaitas, risos, gritos, roçar das solas nas pedras, estouro de fogos. No dia 14 começaram as festas dos “Caneiros”. Devo dizer que as festividades religiosas em certos povoados da Espanha, com exceção do cerimonial indispensável destinado a justificá-las, carecem por completo de religiosidade. Com o tempo, transformaram-se em motivo de diversão popular. As pessoas se divertem nessas ocasiões, completamente, sem parar um instante, esgotando seu grande copo de alegria até a última gota. Para o turista, curioso para ver costumes diferentes dos de seu país, a única decepção que produz estes festivais é a falta quase que completa de trajes tradicionais e música regional. Como mencionei em um artigo anterior, certas regiões da Galiza estão argentinizadas em excesso. Ou nós estamos mais espanholizados do que cremos.

Baila-se na praça. Alternam adultos e crianças. As meninas de oito anos dançam com meninos da sua idade, mas quando a banda termina de tocar, se apressam a desfazer-se de seus galãs. Não são poucos os pares formados por moças que dançam entre si. As borboletas de papel de seda, roxo e verde, sombreiam de coloridos reflexos esta multidão que dança apertada.

Ao entardecer trouxeram São Roque e a Virgem, em procissão, até o convento de São Francisco. São Roque, com capa e chapéu estilo mosqueteiro, com mais aspecto de valentão do que de habitante da corte celestial; a Virgem, firme em uma bola de prata, conduzida por camponeses de calças curtas de veludo negro, faixa vermelha e camisa branca. A classe média, com círios acesos, segue atrás das imagens pelas ruas inclinadas. Ao se aproximar, descobria-se que os camponeses com calças de veludo iam armados com antigos sabres, de empunhadura de bronze, lembranças das guerras napoleônicas, quando, para surpreender os franceses, e degolá-los, os homens da montanha desciam até um povoado dançando.

Betanzos, no fundo da taça verde das colinas que a circulam, a esta hora do crepúsculo que torna tão verdes os pastos e tão brancas as fachadas das casas, com sacadas gradeadas em armações de madeira e vidro, toma um aspecto teatral, acentuado

por las hileras de cirios, que suben la pendiente entre bultos negros Avanzan los estandartes celestes y rojos, baten las campanas de la torre y en el cielo verdoso recorta la negra figura del campanero, que tira de la cuerda amarrada a un badajo.

Betanzos se divierte.

Frente a la ventana de mi cuarto resaltan oscuros instrumentos de tortura, las ruedas y coronas clavadas en postes de los fuegos de artificio. Más allá, como aspas de molinos de viento, giran las cestas con su tripulación humana, y en torno de los árboles de la plaza en mesas cubiertas de manteles blancos, cenan los campesinos, las aldeanas, los ambulantes comerciantes feriales.

Se baila y se pasea. Hay música de calesitas, bandas, orquestas, gaitas. No sé desde dónde, atruena, sordo con ritmo de tambor africano, un redoblado golpe de parche. Las muchachas danzan, corren, palmean a sus galanes, se escuchan las letras de tangos, cuyos nombres ignoro, y de pronto la multitud canta a coro, con una música tristísima, la copla que comienza así:

El vino que tiene Asunción,
no es blanco ni tinto
ni tiene color.

La multitud llena los cantones; en torno de las lámparas de acetileno se iluminan violentamente perfiles y brazos; los chicos rodean los armatostes de los fuegos artificiales, y de pronto, más poderoso, estalla el coro multiforme:

El vino que tiene Asunción,
no es blanco ni tinto
ni tiene color.

La aldeana merienda en las mesas de la plaza, bajo los árboles, extrayendo comida de sus bolsas y cestos. Las viejecitas, la cabeza empañolada, el rostro surcado de profundísimas arrugas, los ojos mortecinos, miran, con las manos inmóviles en las faldas, esta multitud a la cual sus ojos están desacostumbrados. Hay rústicos que duermen, apoyada la cabeza en el hombro de sus mujeres, con el pelo revuelto y los labios entreabiertos. Tres gaiteros, en un kiosco de madera, hacen resonar sus bolsas de aire. Por entre la multitud de la plaza, cruzan

pelas fileiras de círios, que sobem a encosta entre vultos negros. Avançam os estandartes celestes e vermelhos, batem os sinos da torre e o céu esverdeado recorta a negra figura do sineiro, que puxa a corda amarrada a um badalo.

Betanzos se diverte.

Diante da janela do meu quarto, como se ressaltassem escuros instrumentos de tortura, as rodas e coroas cravadas nos postes dos fogos de artifícios. Mais adiante, como aspas dos moinhos de vento, giram cestas com tripulação humana, e ao redor das árvores da praça em mesas cobertas de toalhas brancas, os camponeses, as aldeãs e os vendedores ambulantes jantam.

Baila-se e passeia-se. Há música de carrosséis, bandas, orquestras, gaitas. Não sei de onde, atordoado surdo com ritmo de tambor africano, um redobrado golpe de parche. As moças dançam, correm, palmeiam seus companheiros, escutam as letras de tango, cujos nomes ignoro e, de repente, a multidão canta em coro uma música triste, os versos que começam assim:

O vinho que tem Assunção,
não é branco nem tinto
não tem cor.

A multidão ocupa os espaços. Em torno das lâmpadas de acetileno se ilumina violentamente perfis e braços. Os garotos rodeiam as armações dos fogos de artifício e, de repente, mais poderoso, estoura o couro multiforme:

O vinho que tem Assunção,
não é branco nem tinto
não tem cor.

A aldeã come sua merenda nas mesas da praça, debaixo das árvores, tirando comida de suas bolsas e cestos. As velhinhas, a cabeça coberta, o rosto sulcado de profundas rugas, os olhos mortiços, olham, com as mãos imóveis nas saias, esta multidão à qual seus olhos estão desacostumados. Há camponeses que dormem, com a cabeça apoiada nos ombros de suas mulheres, com o cabelo revoltado e os lábios entreabertos. Três gaiteiros, em um coreto de madeira, fazem ressoar suas bolsas de vento. Por entre a multidão da praça, cruzam

parejas de campesinos que han venido de Ferrol; ellas con sus mantones de flecos amarillos sobre la acampanada pollera de terciopelo negro; ellos, con el pico de la boina caído a un costado.

En la torre de piedra de la iglesia, el disco de vidrio iluminado del reloj pone, con su esférico ojo, una insólita pulcritud de progreso, mientras que abajo se repite la melancólica embriaguez de este canto pegadizo:

El vino que tiene Asunción,
no es blanco ni tinto
ni tiene color.

casais de camponeses que vieram de Ferrol, elas com seus xales de franjas amarelas sobre a saia em forma de sino de veludo negro, eles com a ponta da boina caída ao lado.

Na torre de pedra da igreja, o disco de vidro iluminado do relógio coloca, com seu esférico olho, um insólito asseio de progresso, enquanto abaixo se repete a melancólica embriaguez deste canto contagiante:

O vinho que tem Assunção,
não é branco nem tinto
não tem cor.

La fiesta de los "Caneiros" - Bailes en el bosque y merienda en el río - Escenas de Doré
(El Mundo, 27 de octubre de 1935)

Las fiestas del Ferial de San Roque, terminan en Betanzos con el paseo de la población a lo largo del río Mandeu, en botes adornados de máscaras, empavesados de ramas y alumbrados con faroles chinescos, hasta el campo de los Caneiros, en la parroquia de Armea, el día 18 de agosto.

Se baila en el bosque y se merienda en el centro del río.

La mañana del día, Betanzos, después de cuatro jornadas de baile, despierta furioso para el holgorio. Se tropieza en la calle con muchachas de veinte años, tomadas de la cintura. Van cantando. Muchos se cubren con campanudos sombreros de paja, y otros con sombreritos japoneses. El mercado instalado en las calles, se ha convertido en hormiguero de compradores de vituallas. A las dos de la tarde, es imposible encontrar en ninguna tahona de Betanzos un trozo de pan. Para atravesar la plaza, hay que zigzaguear entre los radiadores de los automóviles y camionetas, venidas de Santiago de Compostela, Ferrol, La Coruña, Lugo.

Los barandales del puente del Mandeu negrean de personas que miran partir las embarcaciones. Los botes van adornados con mascarones de cartón, engendros de nariz puntiaguda, o disfrazados de dragones celestes, con redondos pompones de hortensia. En algunos, aún se están cargando meriendas. Nosotros llevamos para nueve personas, una damajuana de vino, nueve medias botellas de sidra, tres botellas de coñac, dos botellas de ponche gallego y un pastel de conejo de medio metro de diámetro. Preveo que al día siguiente estaremos enfermos. Suenan las guitarras, estallan cohetes, los botes se apartan lentamente de la orilla enlozada, avanzan por el río estrecho, a lo largo de las tapias de piedra cuya portezuela yace semisumergida, o al costado de veredas con jardines cuyas macetas rozan las ondas de agua. El Mandeu está poblado de embarcaciones. El eco de los cantos surge de todos los horizontes; mujeres ancianas, sentadas en las puertas de sus casas, con las patas de las sillas hundidas en el río, miran pasar.

El panorama cautiva por la pureza de sus líneas. La calle del río aparece cortada por colinas verdes. Las ramas festonean el vidrio líquido; en algunas embarcaciones, de pie en la popa, un mozo toca el violín; los sembradíos descienden sus tapices verdes sumergiéndolos en el agua; el céfiro dobla las hierbas; se distingue gente con el saco bajo el brazo,

A festa dos "Caneiros"¹⁴⁸ - Bailes no bosque e lanche no rio - Cenas de Doré¹⁴⁹
(*El Mundo*, 27 de outubro de 1935)

As festas da Feira de São Roque terminam em Betanzos com o passeio da população ao longo do rio Mandeu, em botes decorados de máscaras, empavesados de galhos e iluminados com lanternas chinesas, até o campo dos Caneiros, na paróquia de Armea, no dia 18 de agosto.

Baila-se no bosque e come-se no centro do rio.

Na manhã desse dia, Betanzos, depois de quatro jornadas de baile, desperta animada para a folia. Tropeça-se nas ruas com moças de vinte anos, de braços dados. Vão cantando. Muita gente traz pontudos chapéus de palha cobrindo a cabeça, e outros com chapeuzinhos japoneses. A feira instalada nas ruas converteu-se em formigueiro de compradores de mantimentos. Às duas da tarde é impossível encontrar em qualquer padaria de Betanzos um pedaço de pão. Para atravessar a praça, é necessário ziguezaguear por entre os radiadores dos carros e caminhonetes vindos de Santiago de Compostela, Ferrol, A Coruña, Lugo.

O parapeito da ponte do Mandeu escurece de pessoas que observam as embarcações partirem. Os botes vão enfeitados com mascarões de papelão, caretas de nariz pontudo, ou mascarados de dragões celestes, com redondos pompões de hortênsia. Em alguns, ainda estão carregando a comida. Nós levamos, para nove pessoas, um garrafão de vinho, nove meias garrafas de sidra, três garrafas de conhaque, duas garrafas de ponche galego e uma torta de coelho de meio metro de diâmetro. Pressinto que no dia seguinte estaremos doentes. Soam os violões, estouram fogos de artifício. Os botes se distanciam lentamente da margem calçada e avançam pelo rio estreito, ao longo das muretas de pedra cuja entrada fica submergida ou ao lado das calçadas com jardins cujos vasos roçam as ondas da água. O Mandeu está coalhado de embarcações. O eco do canto surge de todos os horizontes, mulheres velhas, sentadas nas portas de suas casas, com os pés das cadeiras enfiadas no rio, observam o movimento.

O panorama cativa pela pureza de suas linhas. O caminho do rio aparece cortado por colinas verdes. Os ramos enfeitam o vidro líquido; em algumas embarcações, de pé na popa, um moço toca violino. Os campos descem seus tapetes verdes submergindo-os na água. O zéfiro dobra as folhagens. Distinguem-se pessoas com o paletó embaixo do braço,

¹⁴⁸ Festa celebrada entre os dias 18 e 25 de agosto, ocorre no bosque às margens do rio Mandeu, de onde parte duas excursões fluviais em direção ao campo dos Caneiros, regada de muita comida e bebida.

¹⁴⁹ O pintor e desenhista francês Paul Gustave Doré (1832-1883) ilustrou, com suas peculiares gravuras em branco e preto, diversos livros, dentre os quais estão o *Dom Quixote* e a obra de Dante Alighieri.

caminando por altísimas veredas paralelas a la hilera de árboles de los bosques de la sierra. De las embarcaciones parte tumultuosa diversidad de cantos. A medida que nos acercamos al bosque de Armea, se encuentran familias recostadas en los prados de la orilla, bebiendo en círculo, durmiendo cara al cielo, batas rojas se mueven entre los troncos. Un hombre nada desnudo, con una botella en la mano, su cabeza sale del agua como una bola negra.

La orilla abunda de muchachas despeinadas. Los botes ahora van y vienen. El aire está impregnado de intenso olor a orégano. Cuando llegamos al campo de los Caneiros, en la orilla encontramos tendido un muchacho con el torso desnudo, que duerme con los pies en el agua. Un círculo de gente comenta la escena.

La multitud baila entre los troncos de los plátanos, pasea a lo largo de los caminitos que bordean los montes, se recuesta fatigada a la orilla de los maizales. Hay sonido de gaitas, de guitarras, de mandolinas, de tamboril, de trompetas y violines. Cada instrumento está cercado de grupos humanos que bailan desaforadamente. Se ríe, se grita, se llama a las personas por su nombre; la multitud se apretuja y tropieza en las ramas caídas.

Al anochecer comienza la fiesta en el río. El sol torna violetas las moteadas crestas de los montes de piedra; los árboles de los bosques cimeros aparecen sonrosados; la multitud oscurecida camina a lo largo del río, salta dentro de los botes, estallan petardos; un vocerío inmenso cubre las dos orillas; el agua bajo las enramadas parece un óleo verde; los botes se deslizan con los remos inmóviles; en muchas mesas de las embarcaciones, los tripulantes arrojan papel picado, hortensias mojadas, serpentinas. El papel picado borrona el aire de cárdenas neblinas; la gente se tira rabiosamente ramos de flores, vanse encendiendo los esféricos faroles japoneses y dibujan en el agua verticales acordeones de luz.

El papel picado cae en las ánforas de tierra cocida, llenas de vino. Algunos botes, excesivamente cargados, amenazan zozobrar entre carcajadas y gritos; los barqueros maniobran amostazados. En un recodo del río, ocho embarcaciones oscilan violentamente, juntan sus proas, entrechocan sus flancos, no se distingue nada más que un confuso amontonamiento humano braceando, forcejeando, mientras los chinoscos globos de luz saltan en los cordeles que los amarran.

En la anochecida, el espectáculo cobra tintes infernales. Las multitudes humanas, deslizándose en las orillas y moviéndose como fantasmas al pie de los altos montes que cierran con su muralla dentada y negra la lívida tersura del río, los gritos de las mujeres arrojando ramilletes, las flores muertas deslizándose cárdenos manchones por la corriente, los

caminhando por altíssimas veredas paralelas à fileira de árvores dos bosques da serra. Das embarcações parte uma variedade enorme de cantares. À medida que nos aproximamos do bosque de Armea¹⁵⁰, encontram-se famílias encostadas nos prados da margem, bebendo em círculos, dormindo ao ar livre. Batas vermelhas movem-se entre os troncos. Um homem nada pelado, com uma garrafa na mão, sua cabeça sai da água como uma bola negra.

A margem está repleta de moças despenteadas. Os botes agora vão e vêm. O ar está impregnado de um cheiro intenso de orégano. Quando chegamos aos campos dos Caneiros, na margem encontramos estendido um rapaz com o torso nu, que dorme com os pés na água. Uma roda de pessoas comenta a cena.

A multidão baila entre os troncos dos plátanos, passeia ao longo das trilhas que contornam os montes, descansa à margem dos milharais. Há sons de gaitas, de violões, bandolins, tamborins, trombetas e violinos. Cada instrumento está rodeado de grupos humanos que dançam freneticamente. Riem, gritam, chamam uns aos outros pelo nome. A multidão se espreme e tropeça nos ramos caídos.

Ao anoitecer começa a festa no rio. O sol tinge de violeta os salpicados cumes dos picos de pedra. As árvores dos bosques cimeiros aparecem rosadas. A multidão escurecida caminha ao longo do rio, salta dentro dos botes, estouram foguetes. Um vozerio imenso cobre as duas margens. A água debaixo das enramadas parece óleo verde. Os botes deslizam com os remos imóveis. Em muitas mesas das embarcações, os tripulantes jogam papel picado, hortênsias molhadas, serpentinas. O papel picado mancha o ar com uma neblina avermelhada. As pessoas jogam ramos de flores umas nas outras. Acendem então esféricas lanternas japonesas e desenham na água verticais acordeões de luz.

O papel picado cai nas ânforas de barro, cheias de vinho. Alguns botes, excessivamente carregados, ameaçam virar entre gargalhadas e gritos. Os barqueiros manobram irritados. Em uma curva do rio, oito embarcações oscilam violentamente, emparelham suas proas, entrechocam seus flancos, não se distingue nada mais do que um confuso aglomerado humano dando braçadas, debatendo-se, enquanto os globos chineses de luz saltam nos cordões que os amarram.

No anoitecer, o espetáculo adquire tintas infernais. A multidão humana, deslizando-se pelas margens, se movimenta como fantasmas ao pé dos altos montes que fecham com sua muralha irregular e negra a lívida lisura do rio. Ouvem-se os gritos de mulheres atirando ramalhetes. As flores mortas deslizam lívidas manchas avermelhadas pela corrente. Os

¹⁵⁰ Aldeia da Galiza, localizada na província de Lugo.

farolillos chinos avanzando y retrocediendo, las castañuelas que tabletean, y de pronto aquella cancioncilla triste, colectiva:

El vino que tiene Asunción
no es blanco, ni tinto,
ni tiene color.

nos transportan a los paisajes dantescos que Doré ha ilustrado en la *Divina Comedia*.

Finalmente, cuando los jugadores han agotado el papel y las flores, comienzan a cenar.

Los botes, con sus mesitas rústicas cargadas de vituallas y rodeadas de comensales, se deslizan por el río. De una banda a otra resuenan los gritos de "que aproveche"; las botellas, las garrafas, los cántaros, las tazas circulan de boca en boca; se bebe tan desaforadamente, que de la vuelta sólo guardo este recuerdo. Con medio cuerpo fuera de la barca, voy tendido en la popa, cara al agua que platea un reguero de luna entre montes de tinta china.

faroizinhos chineses avançam e retrocedem. As castanholas matraqueam e de repente soa aquela cançãozinha triste e coletiva:

O vinho que tem Assunção,
não é branco nem tinto
não tem cor.

E somos, então, transportados para as paisagens dantescas que Doré ilustrou na *Divina Comedia*.

Finalmente, quando acabam com o papel e as flores, todos começam a jantar.

Os botes, com suas mesinhas rústicas carregadas de comida e rodeadas de comensais, deslizam pelo rio. De todos os lados, ressoam gritos de “bom proveito”. As garrafas, as botelhas, os cântaros, os copos circulam de boca em boca. Bebe-se tão freneticamente que da volta guardo apenas esta recordação. Com meio corpo fora da barca, vou estendido na popa, de cara para a água que prateia um jorro de lua entre montes pintados de tinta nanquim.

La alegría de Betanzos - Mitad América, mitad España - Reminiscencias de la Argentina
(El Mundo, 30 de octubre de 1935)

¡Oh, alegría de Betanzos! ¡Quién te encarecerá con palabras suficientes, después de morir de antigüedad, en aquel sepulcro de piedra barrido por el viento y que se llama Santiago de Compostela! Alegría de Betanzos, empavesada por la fiesta de San Roque, con el cielo de las diez de la mañana rayando de bombas pirotécnicas; y las muchachas de las aldeas y del pueblo, bailando, tomadas de la cintura, bajo los árboles de los paseos, y las calesitas azules, girando en la plaza; y las comparsas de niños, con pantalón blanco y boina roja, bailando bajo los aros de los toneles, que sostienen sus manos, la danza de los "mariñeiros", mientras tabletea sordo el tamboril, y pone melancolía de montaña la bolsa inflada de los gaiteros, paseando con pantalón blanco y polainas de terciopelo negro.

Alegría de Betanzos, pastoril y marinera, las muchachas caminando desde temprano por la plaza, los vasos de cerveza desbordando en las mesas de mármol, donde se mueven las siluetas de las hojas de los plátanos, la torre de piedra de la iglesia, entre el verdor de los árboles, poniendo la jovialidad de su reloj campanero y los niños meciéndose en los botes de los columpios, y las bombas retumbando en el espacio, y las aldeanas haciendo círculos con los tonelillos en torno de la fuente comunal, rematada con la estatua de Diana Cazadora.

Betanzos, pueblo verde. Betanzos con hoteles, donde encuentro en los frescos comedores cuadros criollos, parejas en tres colores, bailando el pericón, un resero enseñándole a un chico (el hijo del estanciero) sentado en una cabeza de buey, el manejo de las boleadoras, un paisano junto a una palmera, hablándole de amor a una gauchita.

¡Gente, gente, que me habla de la calle Caracas, de la calle San Juan, de la calle Jonte! Betanzos, mitad América, mitad España. Los hombres que cruzaron el mar, reuniéndose al caer de la tarde, poniendo en hilera sus sillones de esterilla, frente al Hotel Comercio, o al Archivo del Reyno de Galicia. Buenos Aires, Cuba...

Fenomenales algunas de estas ciudades gallegas. Fenomenales por su proximidad con la Argentina. Por momentos se duda. En una de cada tres casas se nombra la Argentina con una proximidad que hace absurda la noción de un viaje real de quince días de

A alegria de Betanzos - Metade América, metade Espanha - Reminiscências da Argentina

(*El Mundo*, 30 de outubro de 1935)

Oh, alegria de Betanzos! Quem te exaltará com palavras suficientes, depois de morrer de antiguidade naquele sepulcro de pedra varrido pelo vento que se chama Santiago de Compostela? Alegria de Betanzos, enfeitada pela festa de São Roque, com o céu das dez da manhã raiando de fogos pirotécnicos, e moças das aldeias e do povoado, dançando, tomadas pela cintura, debaixo das árvores dos passeios públicos. Os carrosséis azuis, girando na praça, os blocos de meninos, com calças brancas e boina vermelha, dançando debaixo dos aros dos tonéis, que sustentam suas mãos, a dança dos “*mariñeiros*”¹⁵¹, enquanto o tamboril repica surdo e a bolsa inflada dos gaiteiros, passeando com calças brancas e polainas de veludo negro, traz a melancolia da montanha.

Alegria de Betanzos, pastoril e marinheira. As moças caminhando desde cedo pela praça, os copos de cerveja transbordando nas mesas de mármore, onde se movem as silhuetas das folhas dos plátanos. A torre de pedra da igreja, entre o verde das árvores, marcando com a jovialidade de seu relógio campainha. As crianças movimentando-se nos botes dos balanços, e os fogos de artifício retumbando no espaço. E as aldeãs fazendo círculos com pequenos tonéis ao redor da fonte comunal, adornada com a estátua de Diana Caçadora.

Betanzos, povoado verde. Betanzos com hotéis, onde encontro, nas salas de jantar, quadros crioulos: casais em três cores, dançando o pericón¹⁵², um vaqueiro ensinando a um garoto (o filho do estancieiro) sentado em uma cabeça de boi o manejo das boleadeiras; um caipira junto a uma palmeira, falando de amor a uma gauchita.

Gente, gente que me fala da rua Caracas, da rua San Juan, da rua Jonte¹⁵³! Betanzos, metade América, metade Espanha. Os homens que cruzaram o mar reúnem-se ao cair da tarde, colocam em fileira suas cadeiras de pano, em frente ao Hotel Comércio, o Arquivo do Reino da Galiza. Buenos Aires, Cuba...

São admiráveis algumas destas cidades galegas. Admiráveis por sua proximidade com a Argentina. Há momentos de dúvida. Em uma de cada três casas fala-se da Argentina com uma proximidade que faz parecer absurda a noção de uma viagem real de quinze dias no

¹⁵¹ Em galego, no original: marinheiros.

¹⁵² Trata-se de um tipo de baile popular argentino, de origem espanhola, cuja música é composta em compasso ternário e movimento vivo. O pericón era a forma como antigamente chamava o maestro do baile.

¹⁵³ Ruas de Buenos Aires.

océano. En cada una de estas casas gallegas, la República Argentina no es una nación geográfica, sino un país tan concreto en el conocimiento popular, que son familiares los nombres de calles, los derroteros de sus líneas de ómnibus, la numeración de sus casas. La exactitud de las menciones es tan asombrosa, que el entendimiento vacila. ¿No encontraremos al salir a la calle, en vez del Archivo del Reyno de Galicia, la Torre de los Ingleses?

La República Argentina es la segunda patria del gallego. Porque la patria sentimental, la de morriña, es Galicia. Con sus mujeres tan apasionadas y dulces, que sólo el dialecto (sic)¹⁵⁴ gallego puede reproducir ese susurro mimoso que requiere la inquietud amorosa.

Por la ventana entreabierta, sobre la plaza, mientras escribo, llega un tango, que ejecuta la banda municipal venida de La Coruña. Parejas de chicas bailan junto a una calesita azul. La música popular argentina ha penetrado tan profundamente aquí en Galicia, que en cualquier pueblo, a la hora de la siesta, escucharéis a la muchacha del hotel que lava los platos, canturrear un tango. Los gallegos que han estado en la Argentina, con la vista en América; los otros, esperando de España.

Baten las campanas en Betanzos de los Cabaleiros. Paz aldeana. El sol baña las recovas de piedra; las golondrinas detienen su vuelo en el campanario de piedra, con caracoles en cuyas volutas crece la hierba. Callejuelas trucas con escaleritas de piedra, mujeres que pasan con un tonelillo de agua cargado a la cabeza. Betanzos con su río, sus barqueros, comienzan a humear las calderas de las churrerías montadas en la plaza. Algunos hombres de guardapolvo blanco, clavan los postes para los fuegos nocturnos de artificio. Cuando me asomo al balcón, casi podría tocar con la punta de los dedos la torre de piedra de la iglesia, de tres pisos, y un bonito reloj que por la noche muestra su esfera iluminada.

Sones de gaita. Espaldas de terciopelo negro de los gaiteros, con gatos, gallos o lobos, cosidos en las camisas. Redobles de tamboril, danzas de campesinos con sables napoleónicos, tañido de cuarto de hora en el campanario. Desde mi balcón miro los tejados rojos, las fachadas encajonadas de madera blanca y vidrio. Bajo los arcos de piedra de las recovas se pasean parejas; salen de las tahonas mujeres con la cabeza cargada de un cesto, viejas con la cabeza envuelta en un pañuelo y un nieto de la mano se detienen frente a los hombres que clavan los postes de los fuegos de artificio, y la banda, con trompas de bronce, tocando un pasodoble, pasa hacia el Archivo del Reyno de Galicia, mientras la gente se aproxima a los

¹⁵⁴ No original. Arlt utiliza de forma equivocada denominando o galego como dialeto quando em realidade este se trata de uma língua.

oceano. Em cada uma dessas casas galegas, a República Argentina não é uma nação geográfica, mas um país tão concreto no conhecimento popular, que são familiares os nomes das ruas, as rotas de suas linhas de ônibus, a numeração de suas casas. A exatidão das referências é tão assombrosa, que o entendimento vacila. Não encontraremos, ao sair na rua, em vez do Arquivo do Reino da Galiza, a Torre dos Ingleses¹⁵⁵?

A República Argentina é a segunda pátria do galego. Porque a pátria sentimental, a da “*morriña*”, é a Galiza. Com suas mulheres tão apaixonadas e doces, que somente o dialeto galego pode reproduzir esse sussurro mimoso que requer a inquietude amorosa.

Pela janela entreaberta, sobre a praça, enquanto escrevo, chega um tango executado pela banda municipal vinda de A Coruña. Pares de moças dançam junto a um carrossel azul. A música popular argentina penetrou tão profundamente aqui na Galiza, que em qualquer povoado, na hora da sesta, pode-se escutar a moça que lava os pratos do hotel cantarolar um tango. Os galegos que estiveram na Argentina, com a vista na América; os outros, esperando da Espanha.

Batem os sinos em Betanzos dos Cavaleiros. Paz aldeã. O sol banha as arcadas de pedra, as andorinhas detêm seu vôo no campanário de pedra, com caracóis em cujas volutas cresce a grama. Ruazinhas truncadas com escadas de pedra, mulheres que passeiam com uma barrica de água na cabeça. Em Betanzos com seu rio, e seus barqueiros, começam a fumar as caldeiras das barracas de churros montadas na praça. Alguns homens de guarda-pó branco arrumam os postes para os fogos de artifício noturnos. Quando assomo à sacada, quase poderia tocar com a ponta dos dedos a torre de pedra da igreja, de três andares, e um bonito relógio que durante a noite mostra sua esfera iluminada.

Sons de gaita. As costas de veludo preto dos gaiteiros, com gatos, galos ou lobos costurados nas camisas. Repicar de tamboril, danças de camponeses com sabres napoleônicos, toque de quarto de hora no campanário. Da minha sacada olho os telhados vermelhos, as fachadas de madeira branca e vidro. Sob os arcos de pedra das arcadas, passeiam casais. Saem das padarias mulheres com cestos na cabeça, senhoras com a cabeça envolta em lenços e levando pela mão um neto se detêm diante dos homens que arrumam os postes para os fogos de artifício. A banda, com trombetas de bronze, tocando *pasodoble*, passa em direção ao Arquivo do Reino da Galiza, enquanto a população se aproxima dos

¹⁵⁵ A Torre Monumental, como passou a ser chamada a antiga Torre dos Ingleses, é um monumento situado no bairro do Retiro, em Buenos Aires. Foi inaugurada em 1916 em comemoração ao centenário de independência pelos imigrantes ingleses.

cestos cargados de racimos de uva, que en torno a las casillas rojas de los churreros, han alineado las campesinas que han venido a la Feria de San Roque de Betanzos.

cestos cheios de uvas, que as camponesas que vieram à Feira de São Roque de Betanzos arrumaram ao redor das casinhas vermelhas dos churreiros.

La Coruña - Una ciudad que vive alegremente - Pasan las muchachas en dirección a la playa

(*El Mundo*, 31 de octubre de 1935)

Lllaman a La Coruña, el Madrid de Galicia y ciertamente no les falta razón a los fabricantes de una proximidad que a pesar de sus desigualdades, ofrece evidentes puntos de contacto. Un Madrid pequeño, vivaracho, cosmopolita, cuya jovialidad contrasta rudamente con la reposada gravedad de Vigo, y el taciturno empaque de la Compostela medieval.

Manchada de numerosos edificios modernos que alternan sus frentes lisos al costado de casonas grises de piedra, La Coruña corre a lo largo del muelle como un enorme transatlántico, en cuyos millares y millares de cristales se incendia un sol apagado por una atmósfera de humedad. Sin embargo, no despierta en nuestro recuerdo de lecturas ninguna imagen relacionada con los tiempos clásicos.

Entonces la ciudad respondía al nombre de Magnus Portus Artobrun, y sus habitantes, la tribu de los brigantinos, se largaban en barcazas de cuero hasta las costas de la Verde Eirin. Los descendientes de los desaforados hombres rubios son ahora jóvenes con bigotitos a lo Menjou, y las muchachas se pasean en traje de baño por las playas donde retumbaban los cañonazos del corsario Drake. Los chicos bañan sus compungidos perros en el bravoso océano verde, y a la hora del copetín estas jovencitas gallegas, de piernas cruzadas en sillón cesto, encienden un pitillo y miran subir las espirales de humo. Cambian los tiempos. En las iglesias encuentro algunas pobres viejas que aún creen en el diablo, y ninguna pareja se emociona ya frente al sepulcro del general Moore, que tan amado fue por la romántica lady Stanhope. Nadie repara en él, de no haber leído *La circe du désert*. Cambian los tiempos.

**A Coruña¹⁵⁶ – Uma cidade que vive alegremente - Moças que passam em direção à praia
(*El Mundo*, 31 de outubro de 1935)**

Chamam A Coruña de Madri da Galiza, e certamente não falta razão aos criadores desta aproximação, pois apesar de suas desigualdades, elas oferecem evidentes pontos de contato. Uma Madri pequena, viva, cosmopolita, cuja jovialidade contrasta rudemente com a repousada gravidade da Vigo e o taciturno empaque da Compostela medieval.

Manchada de numerosos edifícios modernos que alternam suas frentes lisas ao lado de casarões de pedra cinza, A Coruña ergue-se ao longo do cais como um enorme transatlântico, em cujos milhares e milhares de cristais se reflete um sol apagado por uma atmosfera de umidade. No entanto, não desperta em nossa memória de leituras, nenhuma imagem relacionada com os tempos clássicos.

Naqueles tempos a cidade respondia pelo nome de Magnus Portus Artobrun, e seus habitantes, a tribo dos brigantinos¹⁵⁷, se lançavam em barcas de couro até as costas da Verde Eirin¹⁵⁸. Os descendentes dos desaforados homens loiros são agora jovens com bigodinhos a lo Menjou¹⁵⁹ e as moças passeiam em trajes de banho pelas praias onde ressoavam os canhões do corsário Drake¹⁶⁰. As crianças banham seus compungidos cachorros no brávia oceano verde. Na hora do lanche, essas jovens galegas, de pernas cruzadas nas cadeiras de praia, acendem um cigarro e observam subir as espirais de fumaça. Mudam-se os tempos. Nas igrejas encontro algumas pobres velhas que ainda creem no diabo. Nenhum casal se emociona mais em frente ao túmulo do general Moore¹⁶¹, que tão amado foi pela romântica lady Stanhope¹⁶². Ninguém repara nele, por não ter lido *La circe du désert*. Mudam-se os tempos.

¹⁵⁶ Uma das quatro províncias da Galiza, situada no noroeste espanhol.

¹⁵⁷ Natural de Betanzos, A Coruña.

¹⁵⁸ A “verde Erin” foi o nome utilizado por poetas e navegantes para se referir a Eire, nome local da Irlanda, devido ao extenso território coberto de vegetação.

¹⁵⁹ Refere-se ao estilo de bigode que assim ficou conhecido por ser usado pelo ator norte-americano Adolphe Jean Menjou (1890-1963).

¹⁶⁰ Francis Drake (1543-1596), corsário inglês que participou do comando da frota inglesa contra a Armada Espanhola, em 1588.

¹⁶¹ John Moore (1761-1809), general inglês, morreu durante a Batalha de A Coruña, na Galiza, onde as tropas francesas, comandadas pelo general Nicolas Jean-de-Dieu Soult venceram as tropas britânicas lideradas pelo general Moore.

¹⁶² Lady Hester Lucy Stanhope (1776-1839), aristocrata inglesa.

La ciudad vive alegremente, con resolución. Las muchachas contestan a los piropos, se ríen, los provocan, resultan encantadoras y desenfadadas. Hay que hacer un esfuerzo para creerse en España.

Desde las once de la mañana los cafés (y por donde se pone el pie se tropieza con uno) se abarrotan de personas. Las muchachas pasan hacia las playas. A la una y media de la madrugada aún se pasea por la calle Galán y, sin embargo, corre una brisa fresca que recuerda nuestros días otoñales.

Animación insólita remueve el antiguo puerto donde anclaban las galeras de la república de Génova. Toda la Galicia pequeñoburguesa, los profesores, magistrados de tercer orden, curas y comerciantes, se largan a veranear a La Coruña. En la pensión donde vivo, tengo un vecino de mesa, que es sacerdote. Él se aparece unos días con hábito y otras vestido de particular, con un aire de jovialidad que no se puede pensar que tan mundanamente metamorfoseado ha ido a suministrarle la extremaunción a alguien. Por otra parte, las costumbres de los curas aquí en España, son sumamente liberales.

Funcionan algunos cinematógrafos, algunos cafés de variedad, y en las playas, desde la mañana a la noche, abundan de una humanidad semidesnuda que se refocila en las aguas y la arena. Las muchachas de lindo cuerpo se pavonean dichosas de mostrar sus torneadas piernas. Pienso que no pasarán muchos años, en que el nudismo deje de ser una moda para convertirse en una sana costumbre, que destruirá esa inquietud de los sexos, creada por el vestido. Desgracia inmensa, no vivir para entonces.

Poco antiguo queda por ver en La Coruña. Las murallas que levantó Enrique III han sido demolidas; quedan, aún, algunas calles antiguas, muy estrechas ellas, como las del Papagayo. Algunas plazas, de enormes losas de granito, quebradas por los siglos, desniveladas por transeúntes que ya son cenizas, obligan al viajero a bendecir la invención de la suela de caucho.

A lo largo del muelle, La Coruña es una fotografía de nuestro paseo Leandro Alem, con la diferencia que la Avenida de La Marina no está apestada de esos chiribitiles que infestan la nuestra.

La travesía más animada y central de La Coruña, es la del Capitán Galán, y muy parecida a nuestra calle San Martín. No digo Florida, porque Florida abunda de vidrieras tan estupendas que ni en el mismo Madrid las hallamos, sino por excepción. En cambio, los cafés de La Coruña, pueden competir exitosamente con los de Madrid. Se observa en ellos el

A cidade vive alegremente, com resolução. As moças respondem aos gracejos, riem, provocam. São encantadoras e despreocupadas. É necessário fazer um esforço para acreditar que se está na Espanha.

Desde as onze da manhã, os cafés (e por onde quer que se ande, se tropeça em um deles) estão cheios. As moças passam em direção à praia. À uma e meia da madrugada ainda se passeia pela Rua Galán e, no entanto, corre uma brisa fresca que recorda nossos dias de outono.

Animação insólita movimenta o antigo porto onde ancoravam as galeras da república de Gênova. Toda a Galiza pequeno-burguesa, os professores, magistrados de terceira ordem, padres e comerciantes vão passar o verão em A Coruña. Na pensão onde estou hospedado, tenho um vizinho de mesa que é sacerdote. Ele aparece às vezes com hábito e outras vestido com trajes comuns, com um ar de jovialidade que não se pode pensar que tão mundanamente metamorfoseado tenha ido dar a extrema unção a alguém. Por outro lado, os costumes dos padres aqui na Espanha são sumamente liberais.

Funcionam alguns cinemas, alguns cafés de variedade e, nas praias, desde cedo até a noite, abunda uma multidão semi-desnuda que se distrai nas águas e na areia. As moças de lindo corpo se pavoneiam alegres por exhibir suas torneadas pernas. Penso que não passarão muitos anos para que o nudismo deixe de ser moda e se converta em um saudável costume que destruirá essa inquietude dos sexos, criada pelo excesso de vestimentas. Será imensa desgraça não viver o suficiente para tal.

Pouco do antigo resta para ver em A Coruña. As muralhas que Henrique III¹⁶³ levantou foram demolidas. Restam, ainda, algumas casas antigas, muito estreitas, como as do Papagaio. Algumas praças, de calçadas com enormes lajotas de granito, quebradas pelos séculos, desniveladas por pedestres que já são cinzas, obrigam o viajante a agradecer a invenção da sola de borracha.

Ao longo do cais, A Coruña é uma fotografia de nosso passeio Leandro Alem, com a diferença de que a Avenida de La Marina não está empestada desses cubículos que infestam a nossa.

A travessia mais animada e central de A Coruña é a do Capitão Galán, muito parecida com a nossa Rua San Martín. Não digo Florida, porque Florida está cheia de vitrines tão estupendas que nem mesmo em Madri há iguais, com poucas exceções. Por outro lado, os cafés de A Coruña podem competir exitosamente com os de Madri. Observa-se neles o

¹⁶³ Henrique III de Castela (1379-1406), proclamado rei de Castela e Leão, e também da Galiza, em 1390.

mismo lujo, la misma variedad de sillones de paja, para satisfacer las más sibaríticas poltronerías, varios cabarets y elegantes cocotes dan testimonio que La Coruña marcha en el concierto de las ciudades civilizadas.

Por la noche, a las dos de la madrugada, aún se encuentran grupos de familias charlando en las mesas de café y en las aceras, imprecisas si irse a dormir o amanecer bajo el cielo. Las deudas no preocupan y los medios de vida de muchos son un misterio.

mesmo luxo, a mesma variedade de poltronas, para satisfazer os apreciadores do descanso; vários cabarés e elegantes cocotes dão testemunho que A Coruña caminha no mesmo ritmo das cidades civilizadas.

À noite, às duas da madrugada, ainda se encontram grupos de famílias conversando nas mesas dos cafés e nas calçadas, indecisas se vão dormir ou se amanhecem na rua. As dívidas não preocupam e os meios de vida de muitos são um mistério.

“La torre de Hércules” - una atalaya del mar - Por el camino de las legiones de Julio César

(*El Mundo*, 1 de noviembre de 1935)

En La Coruña, para ir a la Torre de Hércules, sigo el mismo derrotero que los legionarios de Julio César. Un promontorio de granito en cuyas escarpas la violencia de las olas es semejante al impulso de la garra romana clavando sus uñas en todas las geografías estratégicas del mundo antiguo.

Sigo el mismo derrotero que los legionarios de Julio César, pero canturreando para mis adentros con cierta jovialidad irónica. El está bien muerto y yo estoy vivo. Las rocas emergen del agua. En un islote de los alrededores se desmorona un castillejo que posiblemente perteneció a una factoría; en las diminutas ensenadas se balancean cascos alquitranados de dos palos; una chiva amarrada ronda una piedra, su círculo monótono, no es mucho mayor que el nuestro. Una fila de chalets como reclutas que bajan un sendero, se apelotonan sobre el océano. Los caminos se bifurcan hacia el Atlántico entre humildes tierras de sembradío. En el horizonte, sobre las colinas que están separadas de la tierra por una cuchilla de agua azul, se extiende un reflejo de nubes algodonosas. Este mar, estas casas y este paisaje es siniestro como una novela de Luis de Val, leída junto al lecho de un enfermo en una tarde de invierno.

La torre de Hércules. Respaldada por un horizonte iluminado en exceso, su superficie, a contraluz, se recorta oscurecida y geométrica. Atalaya del Mar, la llama Paulo Orosio.

Avanzo hacia ella por el mismo camino que siguieron los soldados de Julio César, en una carretera lindada por poyos de tierra, entre los maizales, cuyas cañas hace rugir el viento. Las vertientes de piedra se hunden en el océano. Las olas se estrellan allí rabiosamente y proyectan en los aires neblinas de oro que lentamente decoloran en un arco iris. Los grandes rodillos de espuma roncan sordamente en el acantilado. "Él está bien muerto y yo estoy vivo."

“A torre de Hércules”¹⁶⁴ - uma atalaia do mar – Pelo caminho das legiões de Julio César¹⁶⁵

(*El Mundo*, 1 de novembro de 1935)

Em A Coruña, para ir à Torre de Hércules, sigo a mesma rota que os legionários romanos de Julio César. Um promontório de granito em cujas escarpas a violência das ondas é semelhante ao impulso da garra romana cravando suas unhas em todas as geografias estratégicas do mundo antigo.

Sigo a mesma rota que os legionários de Julio César, mas cantarolando com certa jovialidade irônica. Ele está bem morto e eu estou vivo. As rochas emergem da água. Em uma ilha dos arredores desmorona uma torre que possivelmente pertenceu a uma fábrica. Nas diminutas enseadas balançam cascos alcatroados de dois mastros, uma cabrita amarrada ronda uma pedra, seu círculo monótono não é muito maior que o nosso. Uma fila de chalés, como recrutas que descem uma trilha, se amontoa sobre o oceano. Os caminhos se bifurcam até o Atlântico entre humildes campos cultivados. No horizonte, sobre as colinas que estão separadas da terra por uma lâmina de água azul, estende-se um reflexo de nuvens de algodão. Este mar, estas casas e esta paisagem, sinistros como um romance de Luis de Val¹⁶⁶, lido junto ao leito de um enfermo em uma tarde de inverno.

A torre de Hércules. Respaldada por um horizonte iluminado em excesso, sua superfície, a contraluz, se recorta escurecida e geométrica. Atalaia do Mar, a chamava Paulo Orosio¹⁶⁷.

Avanço em direção a ela pela mesma rota que seguiram os soldados de Julio César, em uma estrada limitada por bancos de terra, entre milharais, cujas canas o vento faz rugir. As vertentes de pedra fundem-se no oceano. As ondas colidem ali impactantes e projetam no ar uma neblina dourada que lentamente se desvanece em um arco íris. Os grandes círculos de espuma roncam surdos no alcantilado. “Ele está bem morto e eu estou vivo.”

¹⁶⁴ Desconhece-se sua origem. Em tempos romanos, se reedificou. Uma inscrição traz o nome de C. Sevius Lúpus, arquiteto lusitano, e sua dedicação a Marte Augusto. Em tempos de Carlos III, foi iniciada a obra de reparação e revestimento por Eustaquio Giannini, encerrada em 1791.

¹⁶⁵ Caio Julio César (100 a.C. – 44 a.C.), militar e governante romano, teve um papel importante na transformação da República Romana em Império Romano e tornou-se popular devido aos seus triunfos militares.

¹⁶⁶ Conhecido escritor espanhol de literatura por entrega, o valenciano Luis de Val (1867-1930) escreveu *Los ángeles del arroyo*, *El hijo de la obrera*, *El triunfo del trabajo*, *La explotación humana*, *La honra del hogar*, *La mujer de ellos*, *Sola en el mundo* o *El manuscrito de una huérfana*, entre outras.

¹⁶⁷ Escritor eclesiástico.

Simple y dura, su rectángulo vertical de piedra gris, hace de la Atalaya del Mar, un centinela sordo y ciego. Aquí es tradición que se guardaba un espejo de Hércules, tan maravilloso, que mirándolo permitía ver todos los sucesos que acaecían en el mundo. A este propósito escribió muy gravemente don Florián de Ocampo: "Lo que dicen del espejo encantado que Hércules allí puso, fue tan gran desvarío que no puede ser mayor, porque dejando aparte la burla del encantamiento, es averiguado que la torre no se hizo con otro fin que para que de noche pusieran en ella fuego para los maleantes".

Obra del emperador Augusto, sus gruesas paredes miden cuatro pies y medio de espesor y su altura es de treinta y seis varas castellanas. Subiendo la rampa que nos conduce a ella, nos detiene el bravío paisaje marítimo. Los roquedales color hoja seca reciben las descargas del océano. Rompe en las proas de granito. Sus masas de agua compacta retrepan con hervorosos rollos de blancura verde, las escarpas, sus polvaredas cristalinas se las lleva el viento y la costa se extiende montuosa y sombría al otro lado del océano. De pronto vuelan unas rocas por el aire, escapa un abanico de humo negro y resuena un estampido. Son barrenos de una cantera frontera. Durante algunos minutos la tierra fermenta y se remueve, las rocas cruzan en ramilletes por los aires, las polvaredas negruzcas se arrastran lentamente, llueven cascotes y los truenos se suceden rítmicos.

Las puertas de la Torre de Hércules están cerradas. En el faro no vela ningún torrero. Algunos curiosos cuentan las ventanas que hay en cada una de las cuatro fachadas de la torre. Es una torre simple. En tiempos de Carlos III se revistió de un alud de hiladas de piedra la antigua atalaya.

En el poniente, el sol ha trastocado la llanura de agua en una concha de plata incandescente. Los montes embetunados se recortan negros y siniestros en la orilla de este mar fúlgido. Me siento en una roca. No experimento esa melancolía romántica que es de rigor sufrir en presencia de antiguallas.

La torre se me importa un pepino. Florecillas cárdenas y amarillas crecen entre el pasto; la marea traza ríos de espuma en las zonas de agua azulencia. La torre recorta su

Simples e dura, seu retângulo vertical de pedra cinza faz da Atalaia do Mar um sentinela surdo e cego. É tradição que aqui estava guardado um espelho de Hércules, tão maravilhoso, que nele se poderiam ver todos os eventos que aconteciam no mundo. A este propósito escreveu gravemente Don Florián de Ocampo¹⁶⁸: “O que dizem do espelho encantado que Hércules ali colocou, foi tão grande delírio que não pode ser maior, porque deixando de lado a brincadeira do encantamento, pode-se constatar que a torre não se fez com outro fim que o de colocar fogo nela à noite para os bandidos.”

Obra do imperador Augusto¹⁶⁹, suas grossas paredes medem quatro pés¹⁷⁰ e meio de espessura e sua altura é de trinta e seis varas¹⁷¹ castelhanas. Subindo a rampa que nos conduz a ela, nos detém a rude paisagem marítima. As rochas cor de folha seca recebem descargas do oceano que rompem nas proas de granito. Suas massas de água compacta se chocam com fervorosas ondas de brancura verde. As escarpas, suas poeiradas cristalinas são levadas pelo vento e a costa se estende montanhosa e sombria para o outro lado do oceano. De repente voam rochas pelo ar, escapa um leque de fumaça negra e ressoa um estampido. São as obras em uma pedreira vizinha. Durante alguns minutos a terra fermenta e se mexe lentamente. Chovem cascalhos e os trovões se sucedem ritmicamente.

As portas da Torre de Hércules estão fechadas. Não há nenhum faroleiro. Alguns curiosos contam as janelas que há em cada uma das quatro fachadas da torre. É uma torre simples. Nos tempos de Carlos III¹⁷² a antiga atalaia foi reforçada por uma avalanche de fileiras de pedra.

No poente, o sol transformou a planície de água numa concha de prata incandescente. Os montes escurecidos se recortam negros e sinistros na margem deste mar fúlgido. Sento-me em uma rocha. Não experimento, porém, essa melancolia romântica que normalmente se sente diante de velharias.

A torre não me interessa nada. Florzinhas roxas e amarelas crescem no pasto; a maré traça rios de espuma nas zonas de água azulada. A torre recorta sua

¹⁶⁸ Historiador e escritor espanhol, Ocampo foi nomeado cronista de Carlos V, em 1539. Teria sido o responsável por propagar os mitos e as lendas da história da Espanha primitiva através da obra *Crónica General de España*.

¹⁶⁹ Caio Julio César Otaviano Augusto (63 a.C. – 14 d.C.), herdeiro adotivo de Júlio César, foi o primeiro imperador romano.

¹⁷⁰ Refere-se à unidade de medida de comprimento correspondente a 12 polegadas e equivalente a 30,48 centímetros no sistema métrico decimal. Segue sendo utilizada na aviação, que é regulamentada pelo sistema de medidas dos Estados Unidos.

¹⁷¹ A vara é uma antiga unidade de medida de comprimento. Na Espanha, seu comprimento oscilava de acordo com o território, sendo que o comprimento da vara castelhana, ou vara de Burgos, era de aproximadamente 0,835 metros.

¹⁷² Rei da Espanha de 1759 a 1788. Foi o responsável por implementar as reformas borbônicas, as quais tiveram grande repercussão sobre as colônias espanholas na América.

musculosa piedra enjuta en un cielo quieto, semiverdoso, recorrido por huevos de algodón. Pienso en frío que hace veinte siglos, frente a este mismo horizonte y estas mismas colinas, que el tiempo no ha podido cambiar, se sentaban los legionarios a jugar a los dados y robarse mutuamente los dineros. Pienso que es reglamentario emocionarse frente a estas ruinas desabridas, pero permanezco indiferente.

Indudablemente, mi naturaleza íntima no es poética ni exquisita. Me digo que por la noche se encenderían troncos recogidos en los bosques próximos, y que las llamas escarlatas y doradas se reflejarían en el océano y la piedra matizándolas de largas manchas anaranjadas.

Enfrente estaba el Mar Tenebroso donde la geografía antigua no sabe si situar el Jardín de las Hespérides o el Imperio del Terror, pero a pesar de estas remembranzas a lo Walter Scott no consigo emocionarme. Envidio al señor de Chateaubriand, que lloriqueaba frente a cada ruina.

Una embarcación ondula sobre las olas. Sube y baja, en su avance solitario, hacia el roquedal. Me acuerdo de Guillaud el Maligno. Doy vuelta a la torre. Un robusto toro, amarrado con una cuerdecilla, pasta en la pendiente. Describo una amplia curva prudentísima, pensando en qué dirección me largaré a correr si la bestia embiste hacia mí, pero la fuerza de la naturaleza no se digna verme, tranquila, cuchichea con sus belfos junto a las piedras. Me marchó, al tiempo que me digo: Al diablo con las antigüedades.

musculatura de pedra enxuta num céu quieto, semiesverdeado, percorrido por manchas de algodão. Penso friamente que há vinte séculos, em frente a este mesmo horizonte e estas mesmas colinas, que o tempo não pôde mudar, sentaram-se os legionários para jogar dados e roubar-se mutuamente. Penso que é norma emocionar-se diante destas ruínas insípidas, mas permaneço indiferente.

Sem dúvida, minha natureza íntima não é poética nem requintada. Digo a mim mesmo que durante a noite se acenderiam troncos trazidos dos bosques próximos e que as chamas escarlates e douradas se refletiriam no oceano e na pedra, matizando-as de longas manchas alaranjadas.

Em frente estava o Mar Tenebroso¹⁷³, onde a geografia antiga hesita em situar o Jardim dos Hespérides¹⁷⁴ ou o Império do Terror, mas apesar dessas recordações à moda de Walter Scott¹⁷⁵ não consigo me emocionar. Invejo o senhor de Chateaubriand que choramingava diante de cada ruína.

Uma embarcação balança sobre as ondas. Sobe e baixa, no seu avanço solitário em direção às pedras. Lembro-me de Guillat, o Maligno. Dirijo-me à torre. Um robusto touro, amarrado com uma cordinha, pasta pela encosta. Descrevo uma ampla curva prudentíssima, pensando para qual lado correr se a fera resolve avançar contra mim. Mas a colossal força da natureza não se digna a me ver; tranquila, sussurra com seus lábios junto às pedras. Vou embora enquanto digo a mim mesmo: Ao diabo com as antiguidades.

¹⁷³ Forma pela qual os antigos chamavam o oceano Atlântico.

¹⁷⁴ Morada de dessas ninfas, de acordo com a mitologia grega.

¹⁷⁵ Romancista e poeta escocês (1771-1832), é considerado o criador do romance histórico.

Aspectos de la vida en La Coruña

(*El Mundo*, 3 de noviembre de 1935)

Si un escritor escribiera una novela cuyos personajes y acción revelaran la desigualdad de temperamento y geografía que descubrimos en España, posiblemente los críticos le aconsejaran que abandonara el ejercicio de las letras para dedicarse a labores musculares más eficientes.

¡Menudas irregularidades descubren las sociedades provinciales en este país! No digo ya de región a región, que sería verosímil, sino de pueblo a pueblo notamos tales diferencias que cuando pensé en Vigo y La Coruña, dos puertos gallegos, tuve la sensación que saltaba a dos países distintos.

Tomemos el mapa de España. De Vigo a Pontevedra, de Pontevedra a Compostela, de Compostela a Betanzos y de Betanzos a La Coruña, tenemos distancias aproximadas de setenta kilómetros, más o menos. Estamos en Galicia y, sin embargo, en cada población anotamos diferencias substanciales. Veamos:

Vigo, activo y serio. Discreción y parsimonia de gente que rehúye frivolidades. Pontevedra: comercialmente, muerta. No se habla de negocios que no medran, sino de política... y nacional. Santiago de Compostela: taciturno, secular, episcopal. Huele a incienso, tiene oscuridades de refugio para oración. Se enloquece allí. Betanzos: festivo, semimarinero y campesino. Bullanguero. La Coruña: cosmopolita, jovial, con gente que charla por los codos y que no se despegan de las mesas de los cafés, como en Madrid.

¿Qué parangón se puede establecer ahora entre el puerto de Cádiz y el puerto de La Coruña?

En La Coruña, las muchachas salen solas con sus amigas y regresan a su casa a la una de la madrugada. O van en parejas a los bares, o a los bailes. Fuman. Hacerse de amigas entre ellas es facilísimo. Mientras escribo estas líneas, me acuerdo del asombro con que miraba la gente de los cafés, en Cádiz, a las inglesas que fumaban. Me acuerdo de las ventanas acorazadas de Jerez de la Frontera, de la reclusión femenina de Sevilla y de la terminante afirmación de una muchacha gallega:

-En el Sur viven como en África.

Aspectos da vida em A Coruña

(*El Mundo*, 3 de novembro de 1935)

Se um escritor escrevesse um romance cujos personagens e ação revelassem a desigualdade de temperamento e geografia que descobrimos na Espanha, possivelmente os críticos o aconselhariam que abandonasse o exercício das letras para se dedicar a trabalhos físicos mais eficientes.

Quantas irregularidades descobrem as sociedades provinciais neste país! Não digo de região a região, que seria verossímil, mas de povoado a povoado notamos tantas diferenças que quando pensei em Vigo e A Coruña, dois portos galegos, tive a sensação de que saltava a dois países distintos.

Tomemos o mapa da Espanha. De Vigo a Pontevedra, de Pontevedra a Compostela, de Compostela a Betanzos e de Betanzos a A Coruña, temos distâncias aproximadas de setenta quilômetros, mais ou menos. Estamos na Galiza, no entanto; em cada povoado notamos diferenças substanciais. Vejamos.

Vigo, ativa e séria. Discrição e parcimônia de gente que evita frivolidades. Pontevedra: comercialmente morta. Não se fala de negócios que não prosperam, mas de política... e nacional. Santiago de Compostela: taciturna, secular, episcopal. Cheira a incenso, possui a obscuridade dos refúgios para oração. Ali se enlouquece. Betanzos: festiva, semimarinheira e camponesa. Barulhenta. A Coruña: cosmopolita, jovial, com gente que fala pelos cotovelos e que não desgruda das mesas dos cafés, como em Madri.

Que parâmetros de comparação podemos estabelecer agora entre o porto de Cádiz e o porto de A Coruña?

Em A Coruña, as moças saem sozinhas com suas amigas e retornam à sua casa a uma da madrugada. Vão em duplas aos bares ou aos bailes. Fumam. Fazer amizade com elas é muito fácil. Enquanto escrevo estas linhas, lembro-me do assombro com que as pessoas nos cafés, em Cádiz¹⁷⁶, miravam as inglesas que fumavam. Lembro-me das janelas gradeadas de Jerez da Fronteira¹⁷⁷, da reclusão feminina de Sevilha¹⁷⁸ e da terminante afirmação de uma moça galega:

- No Sul vivem como na África.

¹⁷⁶ Cidade localizada ao sul da Espanha, na Andaluzia, capital da província de mesmo nome.

¹⁷⁷ Município da província de Cádiz, na Andaluzia.

¹⁷⁸ Cidade espanhola localizada a sudoeste da Península Ibérica, capital da província de mesmo nome, pertence à Comunidade Autônoma de Andaluzia.

¿Pero se detienen aquí las contradicciones de este país tan singular? ¡Oh, no! Continuamente se repite que España es un país católico y es posible que lo sea, pues por la abundancia de los ministros de su religión podría suponerse que un alto porcentaje de los varones de España se han enrolado en el ejército de Cristo, pero si entramos a las iglesias (y yo entro a todas) descubrimos que las tres cuartas partes de los asientos están vacíos y el resto ocupados por menguadas ancianas, algunas campesinas y señoras de la clase media. El pueblo no frecuenta la Sagrada Mesa. Las fiestas religiosas tienen características de francachelas colectivas, complicadas con algunos actos de histerismo simpático.

No conozco Barcelona, pero ya intimada La Coruña, no me resulta audaz afirmar que debe ser este puerto, la piedra del escándalo de España. Si a La Coruña se le preguntara lo que hace, podría contestar como aquel diputado francés del 93, que respondía a quien le preguntaba qué es lo que había hecho durante los años del Terror. Y él contestó:

-Vivir. ¿Os parece poco?

La Coruña vive, y alegremente. El mañana, se le da una higa. Vive. Playa y café. Bailes y cines. Lo que ocurrirá mañana no parece importarle mucho. Un docto peluquero, erudito en estadísticas de metalurgia y desocupación universal, me dice:

-En Coruña es un poco dificultoso explicar de los medios que vive la mayoría de la gente que en las horas de trabajo y oficina se pasea por las calles. Hace muchos años que se vive así. Nadie se preocupa del mañana; se desea ávidamente vivir bien; es una de las ciudades donde más se edifican casas modernistas y, sin embargo, observe usted: las entradas del puerto en julio del año pasado, eran de 882 mil pesetas; en julio de este año ha disminuido a 603 mil pesetas. La recaudación de las aduanas ha disminuido en un cuarenta por ciento. Nadie se preocupa. Sin embargo, la construcción está paralizada en casi toda España y aquí se edifica locamente. Y la vida es barata.

Cierto, la vida no es cara. El café es barato. La gente se instala tres horas en un bar, frente a una taza de express. Cincuenta céntimos, incluido la propina. En Madrid, en un café donde el mozo no va vestido como un ladrón, el pocillo cuesta una peseta.

Las mujeres visten elegantemente, la burocracia se pavonea en camisas de sport. Se vive, incluso en los barrios pobres. Un alto porcentaje de población, está dispuesto a detenerse en cualquier paraje donde haya algo que ver. Las regatas locales extienden en los murallones del puerto negras cadenas de multitud. Los diarios de Madrid traen

Mas se detêm aqui as contradições deste país tão singular? Oh, não! Continuamente se repete que a Espanha é um país católico e é possível que seja, pois pela abundância de sacerdotes se poderia supor que uma alta porcentagem dos varões da Espanha inscreveu-se no exército de Cristo, mas se entramos nas igrejas (e eu entro em todas) descobrimos que três quartos dos assentos estão vazios e o resto ocupados por minguadas anciãs, algumas camponesas e senhoras de classe média. O povo não frequenta a Sagrada Mesa. As festas religiosas possuem características de patuscadas coletivas, misturadas com alguns atos de histerismo simpático.

Não conheço Barcelona, mas tendo conhecido bem A Coruña, não me parece audaz afirmar que deve ser este porto a pedra do escândalo da Espanha. Se perguntassem a A Coruña o que a cidade faz, poderia responder como aquele deputado Francês de 1793, que respondia a quem lhe perguntava o que é que tinha feito durante os anos do Terror¹⁷⁹. E ele respondeu:

- Vivi. Parece pouco?

A Coruña vive, e vive alegremente. O dia de amanhã pouco lhe importa. Vive. Praia e café. Bailes e cinemas. O que acontecerá amanhã não parece importar muito. Um douto cabeleireiro, erudito em estatísticas de metalurgia e desocupação universal, me diz:

- Em A Coruña é um pouco difícil explicar com que meios vive a maioria das pessoas que nas horas de trabalho e escritório passeia pelas ruas. Há muitos anos que se vive assim. Ninguém se preocupa com o amanhã, se deseja avidamente viver bem. É uma das cidades onde mais se edificam casas modernistas e, no entanto, veja o senhor: a arrecadação do porto em julho do ano passado era de 882 mil pesetas, em julho deste ano diminuiu para 603 mil pesetas. A arrecadação das aduanas diminuiu em quarenta por cento. Ninguém se preocupa. No entanto, a construção está paralisada em quase toda a Espanha e aqui se edifica loucamente. E a vida é barata.

Certo, a vida não é cara. O café é barato. As pessoas ficam três horas num bar, diante a uma xícara de café expresso. Cinquenta centavos, incluindo a gorjeta. Em Madri, em um café onde o garçom não esteja vestido como um ladrão, o cafezinho custa uma peseta.

As mulheres se vestem elegantemente, a burocracia se pavoneia em camisas esportivas. Vive-se bem, inclusive nos bairros pobres. Uma alta porcentagem da população está disposta a parar em qualquer lugar onde tenha algo para ver. As regatas locais estendem ao longo do porto correntes negras para barrar a multidão. Os jornais de Madri trazem

¹⁷⁹ Período entre 1793 e 1794, o mais violento durante a Revolução Francesa (1789-1799).

titulares que dicen "La guerra" y la gente da vuelta la página para enterarse de lo que dijo el señor Azaña o el presidente de la CEDA. Las muchachas pasan tostadas de sol, fuertes y alegres.

Se vive. En las bibliotecas, los bibliotecarios arman pitillos, y en las veredas se extienden hileras de sillas de paja para mirar pasar a los transeúntes. La banda municipal ejecuta pasodobles... y aquí. Aquí no ha pasado nada.

manchetes que dizem “A guerra” e as pessoas viram a página para inteirar-se daquilo que disse o senhor Azaña e o presidente da CEDA¹⁸⁰. As moças passam bronzeadas pelo sol, fortes e alegres.

Vive-se. Nas bibliotecas, os bibliotecários enrolam cigarros, e nas calçadas se estendem fileiras de cadeiras de palha para olhar os transeuntes passarem. A banda municipal executa *pasodobles*... e aqui. Aqui não aconteceu nada.

¹⁸⁰ *Confederación Española de Derechas Autónomas* “constitui-se de pequenos partidos direitistas independentes, os quais se agruparam nas Cortes, sob a chefia de José Maria Gil Robles; fortemente católica, a CEDA não se considerava ligada a qualquer forma de governo particular.” (JACKSON, 1973, p. 13)

REFERÊNCIAS

- ARLT, R. **Aguafuertes gallegas y asturianas**. Comp. y prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires: Losada, 1999.
- _____. **Aguafuertes madrileñas**. Presagios de una guerra civil. Prólogo, comp. y notas de Sylvia Saítta. Buenos Aires: Losada, 2000.
- _____. **Aguafuertes españolas**. Comp. y prólogo de Mirta Arlt. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1971.
- _____. **Aguafuertes porteñas**. Buenos Aires: Losada, 2010.
- _____. **Armadilha mortal**. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- _____. **El amor brujo**. Buenos Aires: Losada, 1980.
- _____. **El jorobadito**. 2. ed. Buenos Aires: Losada, 1973.
- _____. **El paisaje en las nubes**. Crónicas en *El Mundo* 1937-1942. Ed. de Rose Corral. Prólogo de Ricardo Piglia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- _____. **Los siete locos. Los lanzallamas**. Prólogo, edición, vocabulario y cronología de Adolfo Pietro. Caracas: Ayacucho, 1978.
- _____. Palabras del autor. In: ARLT, R. **Los lanzallamas**. Presentación de Mirta Arlt. Buenos Aires: General Fabril, 1972.
- _____. **Viagem terrível**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Diccionario de americanismos**. Lima: Santillana Ediciones Generales, 2010.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Trad. Lahud, M.; Vieira, Y. F. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance**. Trad. A. F. Bernadini, J. Pereira Junior, A. Góes Junior, H. S. Nazário, H. F. de Andrade. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- BERMAN, A. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**. Bauru: EDUSC, 2002.
- _____. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. M.-H. C. Torres, M. Furlan e A. Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BHABHA, H. Locais da cultura. In: BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. M. Ávila, E. L. L. Reis e G. R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 19-42.

BRUNEL, P. (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Trad. de Carlos Susseking et. al. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CARRIZO RUEDA, S. M. Construcción y recepción de fragmentos de mundo. In: CARRIZO RUEDA, S. M. **Escrituras del viaje**. Buenos Aires: Biblos, 2008. p. 9-33.

CARVALHO, R. A. O. R. **Roberto Arlt, cronista e viajero**. Uma leitura das crônicas de viagem à Andaluzia e ao norte de Marrocos. São Paulo: FFLCH-USP, 2009. (Dissertação de Mestrado).

CORRAL, R. Roberto Arlt, cronista y novelista. **Revista de Literaturas Modernas**, n. 32. Mendoza, n. 32, p. 35-48, 2002.

_____. “Un argentino piensa en Europa”: Roberto Arlt en sus últimas crônicas. In: ARLT, R. **El paisaje en las nubes**. Crônicas en *El Mundo* 1937-1942. Ed. de Rose Corral. Prólogo de Ricardo Piglia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 13-35.

DALL’AGNOL, J. A. As mulheres na escrita de Roberto Arlt: exclusão e invisibilidade na Buenos Aires do início do século XX. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 9**, 2010, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. Florianópolis: Mulheres, v. 01, 2010.

DICIONARIO DA REAL ACADEMIA GALEGA. Disponível em: <http://www.realacademiagalega.org/diccionario#inicio.do> Acesso em: 02/02/2012.

ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO AMERICANA. Madrid, Barcelona: Espasa-Calpe, 1958.

ESTEVES, A. R.; MILTON, H. C. Narrativas de extração histórica. In; CARLOS, A. M.; ESTEVES, A. R. (Org.). **Ficção e história**. Leituras de romances contemporâneos. Assis: FCL-UNESP, 2007. p. 9-28.

ESTEVES, A. R.; ZANOTO, S. A.. Literaturas de viagem: viagens na literatura. In: ESTEVES, A. R.; ZANOTO, S. A. (Org.). **Literaturas de viagem: viagens na literatura**. Assis: Triunfal; FCL-Assis-UNESP, 2010. p. 13-28.

FRENKEL-BARRETTO, E.; COSTA, W. Roberto Arlt, do arrabal porteño à academia brasileira. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 32, p. 33-38, jan.-jun. de 2007.

GONZALEZ, H. **Arlt. Política y locura**. Buenos Aires: Colihue, 2008.

GRANATA DE EGÜES, G. La imagen de España en las *Aguafuertes españolas* de Roberto Arlt. **Revista de Literaturas Modernas**, Mendoza, n. 32, p. 117-126, 2002.

HOUAISS, A. VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M.. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JACKSON, G. **A república espanhola e a guerra civil 1931-1939**. Trad. de Luís A. Pereira. Lisboa, Publicações Europa-América 1973.

KULIKOWSKI, M. Z. M. **Lo grotesco en el teatro de Roberto Arlt**. São Paulo: FFLCH, 1991. (Dissertação de Mestrado).

_____. **Seria cômico se não fosse trágico: o discurso grotesco de Roberto Arlt**. São Paulo: FFLCH, 1997. (Tese de Doutorado).

_____. Roberto Arlt: a experiência radical da escritura. **Revista USP**. São Paulo, n. 47, p. 105-111, 2000.

LOJO, M. R. La Argentina Gallega: Más allá de los estereotipos. **Gramma**, Buenos Aires, v. XXII, n. 48, p. 286-297, 2011.

MINISTERIO DE CULTURA. **Monumentos Españoles**. Catálogo de los Declarados Histórico-Artísticos 1844-1953. Madrid: Ministerio de Cultura, 1984. 4 v.

MOLINER, M. **Diccionario de uso del español**. Madrid: Gredos, 1980. 2 v.

ORTEGA Y GASSET, J. **España Invertebrada**. 2. ed. Madrid: Calpe, 1922.

PIGLIA, R. Prólogo. In: ARLT, R. **El paisaje en las nubes**. Crónicas en *El Mundo* 1937-1942. Edição de Rose Corral. Prólogo de Ricardo Piglia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 9-12.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 22. ed. Madrid, 2001.

RIBEIRO, M. P. G. (Org.) Dossiê Roberto Arlt. **Revista CULT**, São Paulo, n. 33, p. 46-61, 2000.

_____. Traduzir Roberto Arlt. **Revista USP**. São Paulo, n. 47, p. 112-115, 2000.

_____. Entrevista possível com Arlt. **Revista USP**. São Paulo, n. 47, p. 121-123, 2000.

_____. **Tradução de Águas fortes portenhas**. São Paulo: FFLCH-USP, 2001. (Dissertação de Mestrado).

ROMERO, L. A. **História contemporânea da Argentina**. Trad. Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

SAÍTTA, S. **El escritor en el bosque de ladrillos**. Una biografía de Roberto Arlt. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

_____. Apuntes para una (auto) biografía de Roberto Arlt. In: ARLT, R. **Aguafuertes gallegas y asturianas**. Comp. y prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires: Losada, 1999. p. 23-35.

_____. Rumo ao Brasil em primeira classe: Roberto Arlt no Rio de Janeiro. **Revista USP**. São Paulo, n. 47, p. 116-120, 2000.

SARLO, B. Ser escritor, ser argentino, ser porteño. In: SARLO, B. **Escritos sobre Literatura Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007. p. 13-56.

SCHLEIERMACHER, F. E. D. “Sobre os diferentes métodos de traduzir”. **Princípios**, Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007.

SÁNCHEZ, M. M. **Seres míticos y personajes fantásticos españoles**. Madri: EDAF, 2002.

SEÑAS: **Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños** / Universidad de Alcalá de Henares. 2. ed. Departamento de Filología; Trad. de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SLOAN, S. P. Roberto Arlt’s Alter-travelogue against the Backdrop of Rio de Janeiro. **A Contra corriente**, v. 6, n. 2, p. 122-143, 2009.

TAMAMES, R. La dinámica histórica de la Segunda Republica. In: **La República. La Era de Franco**. 10. ed. Madrid: Alianza, 1983. p.199-220.

TROUCHE, A. L. G. **América: história e ficção**. Niterói: Ed. UFF, 2006.

VILLORO, J. La crónica: ornitorrinco de la prosa. In: **La Nacion** – Suplemento Cultura. 22 jan. 2006. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/> Acesso em: 22/06/2011.